

30 Sunsets para te Apaixonares

Mercedes Ron

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

30 Sunsets para te Apaixonares

Mercedes Ron

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

MERCEDES RON

DA AUTORA DE *CULPA MINHA*

2 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

30
SUNSETS
PARA TE
Apaixonares

BALI #1

 PRESENÇA

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

MERCEDES RON

DA AUTORA DE CULPA MINHA

2 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS

30 SUNSETS

PARA TE
Apaixonares

BALI #1

 PRESENÇA

Con muchísimo cariño!
Espero que te encuentres
de esta historia!!



[Handwritten signature]
XX

FICHA TÉCNICA

Título: *30 Sunsets para Te Apaixonares – Bali #1*

Título original: *30 Sunsets Para Enamorarte (Bali #1)* Autora: *Mercedes Ron*

Copyright © 2023, Penguin Random House Grupo Editorial, S.A.U.,
Travessera de Gràcia, 47-49, Barcelona 08021

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024

Tradução: *Isabel Andrade*

Revisão: *Filipa Soares/Editorial Presença* Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *So a Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, junho, 2024

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para a minha irmã Belén, Neri, Germán, Romy e Batú.

Por estarem presentes quando o mundo

decidiu virar-se do avesso.

PRÓLOGO

Usava um fato *Armani* e tinha calçados uns sapatos *Bemer*. Na lapela do casaco, um lenço de seda que custava mais de duzentos dólares.

Quem não o conhecesse, caria espantado. Quem o conhecesse, teria suspeitado dele. Não era conhecido pela sua simpatia nem pela paciência, muito pelo contrário. As pessoas receavam-no. Porque seria de outro modo? Possuía terrenos, empresas, aviões e prédios inteiros.

Durante os vinte anos em que tinha sido dono da empresa, tudo

correria muito bem... pelo menos, para ele.

Sentou-se na sua nova poltrona à frente de uma secretária onde podiam almoçar doze pessoas. Olhou para a janela. Apesar de estar em Londres, aquele dia estava muito mais quente do que o habitual. O

mais certo era ligarem-lhe para ir para o hipódromo. Embora já estivesse habituado à sua posição, uma parte dele sentira sempre que alguém acabaria por lhe roubar tudo o que lhe pertencia. Por esse motivo, mantinha tudo fechado a sete chaves. Tinha contratado os melhores detetives privados e os melhores serviços de segurança.

Agiam em seu proveito graças aos enormes subornos que, com tanta naturalidade, aprendera a administrar. Mas, naquela manhã, quando se levantara, sentira algo distinto, um medo diferente... Uma sensação que não se assemelhava à do costume.

O telefone tocou, e ponderou atender. Podia ignorá-lo e ir para o hipódromo. Passaria tempo com uma miúda gira, vangloriar-se-ia com

ela ao lado perante os amigos, comeria e beberia. Depressa a levaria para a cama e passaria o tempo a fazer aquilo de que mais gostava...

Porém, não conseguiu ignorar a chamada. Era do Jeffrey.

Assim que atendeu, por algum motivo, descon ou de que não eram boas notícias.

— O que foi? — questionou.

— Andam a fazer perguntas — disse simplesmente.

Respirou fundo.

— Há sempre alguém a fazer perguntas, Jeffrey. Mais alguma coisa?

— indagou num tom de voz cansado.

— Desta vez é diferente — garantiu, e a pausa que fez deixou-o nervoso. — As questões vêm da Indonésia... mais concretamente, de uma ilha a vinte e seis milhas de Bali.

Apertou o telefone com força.

— Então, chegou o momento de recordar uma certa pessoa do acordo que fez comigo há vinte anos, não te parece?

Jeffrey anuiu.

— Avisa-me se tiveres novidades e... quero o nome e o apelido de quem anda a fazer perguntas sobre coisas que não lhe dizem respeito.

Desligou o telefone e cou a olhar para a janela. Se alguém remexia naquele assunto... Deu um murro no tampo da secretária e praguejou entre dentes. Acabaria com quem quer que pusesse em perigo a vida que tanto lhe tinha custado obter. Acabaria com todos.

CAPÍTULO 1

ALEX

Uma carta, uma chamada e um advogado. A minha vida acabava de dar uma volta de cento e oitenta graus. Um dia, um tipo tem a vida controlada, ou julga que tem. Escolhe um caminho, segue-o, luta para que ninguém o convença de que está enganado nem de que escolheu mal. Porra, enfrenta o mundo inteiro, inclusive as pessoas que mais ama, para estudar e se preparar. Também nos enganamos, claro que nos enganamos. É a única maneira de aprendermos, desde que o façamos num ambiente controlado.

Sou piloto, comandante, para ser mais preciso. Por isso é que cometer erros é melhor em ambientes controlados... No meu caso, nos simuladores que zeram parte da minha vida desde que completei os dezoito anos. Não queremos matar ninguém, sobretudo porque, se o zermos, o mais certo é que também seja a última coisa que fazemos.

Desde que me lembro, cresci a adorar o céu. Ansiava por estar lá em cima, nas estrelas. Queria que as nuvens fossem minhas amigas e desejava ser o primeiro a ver o sol quando surge no horizonte. Em criança, o meu lme preferido era o *Peter Pan*. Não por nunca querer crescer, mas pelos pós mágicos da Sininho. Sonhava poder voar sem asas e ir onde o vento soprasse com mais força.

Claro que essa fase durou pouco tempo. Perdi a inocência bastante depressa, demasiado rápido para o que julgo ser normal em qualquer criança. Comecei a considerar outra maneira mais realista de chegar aos céus e voar quando passei a sentir-me mais atraído pelo físico da Sininho do que pela sua magia.

Não demorei muito a descobrir o que se sente num avião. Aos dez anos, viajei como copiloto na avioneta do meu pai, e, aos doze, praticamente já sabia pilotá-la sozinho. Que sensação! Gostava que

pudessem experienciar exatamente o que senti naquela primeira vez.

Nunca mais me esqueci do barulho do motor a trepidar debaixo de mim, a adrenalina que me percorria o corpo, o vento que me fustigava o rosto, o ruído das hélices antes da decolagem.

Creio que essa foi a primeira vez que me apaixonei por alguma coisa. Apaixonei-me por todas estas sensações, quei viciado em sentir-me cada vez mais distante da terra e mais próximo das estrelas.

Tive sorte. Não é assim tão simples encontrar uma paixão, saber tão bem o que desejamos fazer na vida. Também não é fácil estudar e colocarmo-nos no ponto de partida, munidos com esperança e entusiasmo. Aos catorze anos, enchi-me de coragem. Diante dos meus pais, declarei:

— Papá, mamã... Quero ser piloto.

Muitos poderiam ter demorado anos, ou mesmo uma vida inteira, a descobri-lo, mas eu já sabia o que queria fazer. Quanto ao resto...

Bem, o resto é história.

O meu cérebro sabia que estavam a bater à porta, mas... não podiam deixar-me em paz por dia? Peguei na almofada e pu-la em cima da cabeça. Tentei abafar os ruídos que vinham lá de fora e praguejei baixo em todas as línguas que conhecia, e não eram poucas. Desejei mal à pessoa que não me deixava curar a bebedeira.

— Abre a porta, Alex!

Merda. Era o Nate.

Podia ter-lhe gritado que a maldita da mãe dele lhe ia abrir a porta, mas não podia fazê-lo. Não a ele, que me tinha apoiado desde que eu cara a saber que... caraças, desde que cara a saber «daquilo».

Uma voz interior repreendia-me por não ser capaz de dar um nome e um apelido ao meu problema. Há dois anos que a minha vida tinha mudado drasticamente. Quer dizer, a minha vida e o meu futuro. No entanto, custava-me assimilar que o destino continuava a ser tão lho da puta. Já não tinha sofrido o suficiente?

A ansiedade dos últimos sete dias voltou a apoderar-se de mim. Tive uma sensação horrível, como se quisesse deixar o meu corpo e desatar a correr à procura de um novo. Adorava esta vida que tanto me

custara ter, mas desejava poder trocá-la por outra, porque nunca mais seria a minha vida! Aquela notícia mudara-a para sempre, e não estava preparado para isso.

— Abre, olha que deito a porta abaixo! — insistiu o Nate.

Levantei-me como pude e dirigi-me para a porta do quarto de hotel.

À minha frente, estava o maior cabrão do mundo. Ah, também era o meu melhor amigo: Nate Olivieri. Conhecemo-nos no dia em que z dezassete anos e pude começar a fazer as minhas primeiras horas o ciais de voo. O Nate e eu tirámos as nossas licenças de pilotos privados ao mesmo tempo e, desde então, tornámo-nos unha e carne.

É curioso como, apesar dos anos que passaram e de nos conhecermos tão bem, ele parecer incapaz de perceber certas coisas. Quando lhe digo com toda a clareza «Não me chateies nos próximos dias», é precisamente isso o que quero dizer. Que não me chateie nos dias seguintes.

— Mano... Estás uma lástima.

— Desaparece — respondi-lhe.

Quase lhe fechei a porta na cara, mas ele impediu-me, travando-a com o pé.

— Nada disso — a rmou. Empurrou-a com força e entrou no quarto.

— Porra, que animal morreu aqui?!

Ignorei-o olímpicamente e voltei para a cama. Se tivesse sorte, poderia desfrutar de algumas horas de um sono decente.

— Fecha a porta quando te fartares de dizer parvoíces.

Não me deixou chegar à cama. Pôs-se à minha frente e bloqueou-me a passagem. Apertei a cana do nariz com os dedos. Tentei respirar fundo. *Não posso perder a compostura outra vez, não, não daquela maneira*, disse a mim mesmo.

— Tenho boas notícias para ti — anunciou o meu amigo.

— Vais fazer com que o tempo recue doze anos?

— Quase... — respondeu com um sorriso radiante. — Vou meter o teu cu num avião e vou mandar-te para tão longe que, quando regressares a Londres, serás um homem novo.

— Do que raio estás a falar?

O Nate esboçou um grande sorriso. Percebi que nada de bom podia sair de um entusiasmo tão óbvio.

— Vamos para Bali! — gritou, abrindo os braços.

— O quê? — retorqui.

Era como se tivesse falado em mandarim. É uma língua que sei falar, mas não na perfeição, daí a minha expressão estupefacta.

— Vamos! Os dois! Tentei contactar o Malcolm, para irmos os três, como nos bons velhos tempos, mas aquele cabrão continua a dar voltas pelo mundo.

— Estás louco — respondi. Não estava com paciência para aquilo.

— Vai ser brutal! Vamos desfrutar do sol, do mar, de umas boas ondas, de um delicioso *nasi goreng*... Vamos fazer *snorkeling* e esqui aquático — foi enumerando emocionado enquanto caminhava de um lado para o outro. — Vamos car deitados na praia como se fôssemos marmotas e vamo-nos desligar de tudo. Vamos embebedar-nos à grande e foder com miúdas giras que se queiram divertir, como nós. E

depois... Depois de tudo isso, vamos voltar e vais enfrentar...

— Cala-te, Nate — interrompi-o. — Cala-te, ou juro-te que da próxima vez que fores o meu copiloto, abro a cabina, desço aos dois mil metros e te atiro do avião sem paraquedas. Percebeste bem?

Agarrei-o por um braço, empurrei-o até ao corredor e fechei a porta.

— Que mau humor matinal, meu... — disse ele do outro lado da porta.

Atirei-me para cima da cama e fechei os olhos. Queria que tudo voltasse a ser como antigamente. Porém, uma parte muito pequena de mim sabia que, de facto, não era isso o que eu queria. Precisava que essa pequena parte crescesse, se sobrepusesse e vencesse a batalha.

Horas mais tarde, quando voltei a abrir os olhos, por um instante, senti que tudo continuava na mesma. Foi uma sensação maravilhosa...

bastou-me olhar de relance à volta para saber que isso não podia estar mais longe da realidade. Continuava tudo na mesma.

Quer dizer, quase tudo. O Nate estava sentado à mesa da *suite* a teclar

qualquer coisa no meu portátil. Passei a mão pelos cabelos e despenteei-o, num gesto nervoso. Faço-o sempre que estou stressado, a isto ou preocupado. Naquele momento, sentia tudo isso, mas multiplicado por mil.

— O que estás aqui a fazer? — perguntei.

— Lembras-te de que este hotel é meu? — replicou sem levantar os olhos do ecrã.

— É do teu pai.

O Nate esboçou um sorriso de esguelha.

— Correto.

O Nate é lho do dono da cadeia de hotéis de luxo Olivieri. Sim, esses Olivieri. A sua família tem hotéis espalhados pelo mundo inteiro.

Em contrapartida, o seu primogénito decidiu abandonar o negócio da família e tornar-se piloto de aviões privados de luxo... Como eu, mais ou menos.

— Podes explicar-me o que fazes no meu quarto com o meu portátil?

Por um segundo, o Nate olhou-me por cima do computador. A luz do ecrã intensi cava a cor dos seus olhos azuis.

— Estou a tentar arranjar dois bilhetes de avião em classe executiva.

Os sacanas da Qatar Airways estão cheios, só há lugares na económica.

Revirei os olhos. Não serviria de nada discutir com ele sobre aquela maldita viagem. O Nate é assim. Acha que vai chegar a algum lado a empurrar um carro sem rodas... Naquele instante, concluí que a única coisa que podia fazer era esperar que se cansasse.

Olhei pela janela, já tinha anoitecido. Devia ter dormido uma sesta de cinco horas. Deixei-me cair no sofá e passei a mão pela cara. O que iria fazer?

A minha vida não estava preparada para uma coisa daquelas. Eu não estava preparado para aquilo. Tinha vinte e nove anos, vivia sozinho desde os dezoito. Tinha um trabalho de que gostava muito e viajava bastante, às vezes, mais do que gostaria. Dedicava-me àquilo que me

apaixonava, mas tinha-me custado. Sempre soubera que também não ia durar eternamente, mas desistir de tudo? Tinha começado a viver!

— Acho que devíamos ir depois de amanhã... Sim, assim, chegaremos na segunda-feira. Que lhos da mãe... Lembras-te de quando o Wyatt nos implorou para o levarmos, a ele e à família, a Maui? Lembras-te? Acho que lhe vou ligar, sim. A ver se assim acorda e nos mete no próximo...

Deixei de o ouvir e continuei a olhar pela janela. Ocupava toda a parede, e as luzes dos edifícios, dos automóveis e da noite despertavam-me os sentidos. Adorava Londres. É uma cidade que nunca dorme, como Manhattan. Além disso, tem um toque senhorial de que sempre gostei muito.

A minha mãe sentir-se-ia orgulhosa deste meu pensamento, e, apesar de lho negar se mo perguntasse, o certo é que sou bastante exigente em muitas coisas, e mentiria se dissesse que as coisas mal feitas ou com pouca qualidade não me incomodam. Gostava da ordem, da tranquilidade e da organização. Sentia-me satisfeito por saber onde estavam as coisas, por saber perfeitamente de onde vinham e porque ali estavam. E isto não só em relação aos bens materiais, mas à vida em geral.

Três pessoas tinham cado incumbidas de manter a minha casa de Primrose Hill impecável, em ordem e organizada. A Hannah cou encarregada de me fazer a comida e a deixar perfeitamente acondicionada em recipientes de vidro. Quando chegava a casa, a roupa estava dobrada e passada a ferro impecavelmente, e que Deus tivesse piedade da culpada se eu chegasse e encontrasse alguma coisa fora do lugar. Era louco. Sim, pode parecer horrível, mas isso tinha-me transformado no piloto mais jovem e mais talentoso de Inglaterra.

Não era eu que o dizia, mas sim as condecorações que tinha recebido desde que me formara na Oxford Aviation Academy.

Por isso é que tinha chegado onde estava. Porque toda a minha vida estava sob controlo. Todas as pontas estavam bem atadas, e tinha o futuro bem organizado.

— Vais-te passar quando te levar à minha ilha — disse o Nate, voltando a interromper-me os pensamentos.

— À tua ilha? — Olhei-o com condescendência.

— Ri-te, ri-te. Há quatro anos que visito aquele sítio. Quando te digo

que é o melhor lugar do mundo para desconectar, é porque é mesmo.

O Nate era um betinho com ar de *hippie*. Escolhia uma ilha perdida da mão de Deus para «desconectar», como ele gosta de dizer. Fugia da sua vida quotidiana e regressava com os chacras renovados, o que quer que isso quisesse dizer...

Sinceramente, nem sequer me conseguia lembrar da última vez que tivera umas verdadeiras férias, de mais de quatro dias... Gostava de trabalhar, e muitos dos clientes da empresa queriam-me a mim, especificamente, como piloto, logo, tinha pouco tempo livre e passava muitas noites em hotéis de cinco estrelas espalhados pelo mundo. Não me queixava. O meu trabalho permitia-me levar uma vida bastante confortável. Conhecia pessoas muito importantes, com quem chegara mesmo a fazer verdadeiras amizades.

O telefone do Nate tocou e interrompeu-me os pensamentos.

— Estou? Sim, Wyatt, como vai isso, pá? — disse.

O Nate gesticulou na minha direção, mas voltei a ignorá-lo.

Levantei-me do sofá, dirigi-me ao minibar e servi-me de um copo de uísque puro. Algures, tinha ouvido dizer que se curava a ressaca com

mais álcool... Quem era eu para duvidar de uma a rmação tão prazerosa?

— É urgente — a rmou o Nate —, sim, não, não to pediria. Não...

Claro que não podemos levar um dos aviões.

O seu olhar cruzou-se com o meu. A minha intenção era que isso bastasse para que ele percebesse o que me passava pela cabeça, mas continuou:

— Sim... dois voos em executiva... para Denpasar, sim... Perfeito, meu! Muito obrigado! Resolvido!

Voltei a levar o copo aos lábios.

— Vais mudar essa expressão? Estou a mover o céu e a terra para que...

— Eu não vou, Nate — interrompi-o com brusquidão. — Não insistas... Tenho de te lembrar por que motivo já não posso fugir sem mais nem menos, nem fazer disparates como quando éramos miúdos?

Do sofá, o Nate tou-me com um ar tranquilo e sereno.

— Precisamente devido ao que aconteceu, precisas de te desligar de tudo. Tens de sair de Londres, afastar-te e pensar no que vais fazer a seguir...

— Já não vou fazer mais nada, Nate, porra! — exclamei.

Com toda a raiva que sentia, agarrei no copo de vidro e apertei-o com força. Estilhaçou-se em mil pedaços e cortei a mão. Praguejei entre dentes. O Nate observava-me com um ar impassível.

— Vão ser só trinta dias, Alex. Trinta dias para te encontrares. Trinta dias...

— Trinta dias para tentar aceitar que a minha vida, tal como a conheci até agora, acabou para sempre.

O Nate não disse mais nada, e refugiei-me dentro da casa de banho.

Já estava na altura de aceitar a minha nova realidade.

CAPÍTULO 2

NIKKI

O sol entrou pela janela e acordou-me, como sempre. Como todas as manhãs, praguejei em voz alta. Perguntei-me quando acabaria de coser as cortinas em que andava a trabalhar há mais de dois meses... Poderia dizer que não tinha tempo, que não eram su cientemente importantes entre as mil coisas que fazia diariamente, mas não teriam passado de desculpas reles. Tinha tempo de sobra para as terminar, mas aquilo era tão aborrecido.

Coser cortinas não era um dos meus muitos passatempos, mas sabia que conseguiria fazê-lo sozinha. Poderia tê-las prontas em poucas horas, e, com alguma ajuda do Eko ou até do Gus, até as teria penduradas. Até me daria tempo para me meter na mota e ir ter com o resto do grupo para irmos ver o anoitecer, ou *sunset*, se adotássemos o costume dos turistas de o chamarem assim.

Espreguicei-me como um gato. Bocejei como nunca faria em público e levantei-me da cama. Ainda não me tinha habituado a viver sozinha, nem conseguia acreditar que tudo o que os meus olhos viam era meu e só meu. Tinha vinte e três anos, tornara-me independente há dois meses e mudara-me para uma casa junto a um penhasco. Poderia ter

ido viver sozinha há mais tempo, mas gostava demasiado de viver com a minha avó Kuta e o meu tio Kadek. Sempre me tinham protegido e cuidado de mim. Basicamente, tinham-me criado, porque os meus pais

tinham morrido quando eu tinha apenas três anos. Mal me lembro deles, era muito pequena, mas sei que a sua morte magoou a família. A minha mãe era a menina dos olhos da minha avó e a irmã mais nova do meu tio. Eu, a única neta e sobrinha de ambos, cara órfã...

Custava-me falar dos meus pais. Apesar de os ter conhecido durante um período muito curto da minha vida, tinha imensas saudades deles.

Sentia que os conhecia melhor do que ninguém, graças à minha avó e ao meu tio. Contavam-me sempre histórias engraçadas sobre a minha mãe, embora, às vezes, também fosse difícil para eles falar dela. Sei que o faziam para eu poder ter uma imagem clara de como ela era e de quanto que me amava. Do meu pai, falavam menos, mas tinha sido apenas um fantasma num passado que nem sequer podia vislumbrar com clareza, se não fossem as suas histórias.

Graças a elas, sei muita coisa. Por exemplo, sei que o pequeno sinal que tenho no lóbulo da orelha esquerda é exatamente igual ao que a minha mãe tinha. Sei que as minhas pernas compridas e o meu metro e setenta são uma herança do meu pai, Jacob, que era inglês, o que faz de mim uma «mestiça», visto que toda a minha família materna é asiática e de origem balinesa.

É muito raro pensar que tenho sangue inglês a correr-me nas veias.

Em termos de características, posso garantir-vos que os genes da minha mãe ganharam. É verdade que os meus olhos rasgados não são cor de chocolate, o que predomina no meu povo. Têm um tom esverdeado, que, em pequena, me deu muitas dores de cabeça.

Algumas pessoas da ilha acreditavam que era um sinal de mau agouro, e com isto está tudo dito. Não é todos os dias que se vê uma asiática com olhos esverdeados. O meu tom de pele também é menos amarelado, mas, quanto ao resto, sou tão balinesa como qualquer

outro que viva nesta ilha. Que ninguém se atreva a dizer o contrário.

Enquanto lavava os dentes, comecei a pensar em tudo aquilo que tinha de fazer durante o dia. Desde que terminara o curso de Medicina Veterinária, não tinha voltado a sair da minha pequena ilha. Está situada a poucos quilómetros da ilha principal de Bali. É

su cientemente pequena para que todos os habitantes se conheçam de vista e bastante grande para não sabermos os nomes de toda a gente.

Para mim, tem o tamanho perfeito.

Fui criada aqui. Este sítio é o meu lar, onde cresci rodeada pela natureza, pelos animais, pelos arrozais, pelo oceano, pela areia, pelos desportos náuticos e pela comida caseira. Também pelos muitos turistas, que chegam com a ideia de viver o sonho balinês.

Quando tive de a abandonar para ir estudar para o centro de Bali, passei um mau bocado. Não estava habituada, nem de perto nem de longe, à vida na cidade, apesar de ser minúscula quando comparada com qualquer outra cidade contemporânea. O barulho do trânsito e os centros comerciais deixavam-me inquieta. Foi difícil habituar-me a ir calçada e vestida para todo o lado, como se fosse para uma reunião de trabalho. Embora os quatro anos de curso devessem ter sido tempo suficiente para me adaptar, assim que me vi com o canudo na mão, entrei no meu barco e disse adeus ao mundo exterior com um enorme sorriso de alívio no rosto. Não fora feita para aquele ritmo. A minha vida era aqui, com a minha família e todos os meus cães...

Enquanto vivi na ilha principal, as únicas coisas que me agradaram foi poder ir ao cinema e ter conhecido a minha melhor amiga, Margot, que...

O barulho de um latido abafado captou a minha atenção e interrompeu-me os pensamentos.

Sorri, abri a janela da casa de banho e espreitei. A minha casa cava no cimo do penhasco. Além de ter uma vista belíssima do mar, conseguia ver a encosta onde começavam os degraus que levavam à minha porta. Era aí que, todas as manhãs, me aguardava o meu cão preferido, o meu anjo da guarda, o meu querido *Batú*.

A questão dos animais abandonados nas zonas costeiras de Bali sempre me tinha tirado o sono. Aliás, essa foi uma das razões que me fez querer ser veterinária. É muito triste que esses cães sejam vistos sobretudo como uma praga. Para mim, são os animais mais bonitos, bondosos e éis que já existiram neste mundo tão estranho e volátil a que chamamos Terra.

Existem centenas de animais sem dono que vagueiam pelas praias em busca de carinho e comida. Inclusive, muitos turistas que estão de passagem decidem adotá-los como animais de estimação. Alguns cam com eles durante uns anos, mas abandonam-nos mal chega o momento

de regressarem a casa. Felizmente, nem todos são assim.

Graças ao turismo e à conceção que os ocidentais têm dos animais de estimação, estes cães recebem comida. Isso não invalida o facto de existirem cada vez mais e os autóctones os verem como uma ameaça ou animais infestados de carraças. A crueldade de alguns locais é infame. Fariam qualquer coisa para se livrarem deles, até envenená-los, e era aí que entrava o meu trabalho como veterinária.

Não era fácil nem barato tentar cuidar de tantos animais.

Especialmente quando não paravam de se reproduzir, porque a maioria não estava esterilizada. Eu gastava quase todo o meu ordenado a comprar o que quer que fosse necessário para continuar a cuidar deles, o que era uma redundância bastante curiosa e a razão pela qual passava quase os dias inteiros a trabalhar. Era insustentável, mas ainda não tinha encontrado outra solução.

Tinha tantos empregos que, às vezes, lhes perdia a conta. Portanto, além de ser a única veterinária formada da ilha, dava aulas de ioga todas as manhãs em diferentes alojamentos e complexos habitacionais, três vezes por semana, trabalhava como guia para mergulhadores certificados, e, quando não tinha outro remédio, ajudava na limpeza do complexo hoteleiro mais requintado e xé da ilha. Era espetacular, tinha quartos em frente ao mar e todos os luxos que possam imaginar, embora, de todos os trabalhos que tinha, esse fosse o que mais odiava, porque, apesar de ser o complexo hoteleiro da família da Margot e de ter a sorte de poder ganhar algum dinheiro extra de vez em quando, não havia maneira de me livrar de muitos turistas que se achavam melhores do que toda a gente.

Em sítios como Bali, este género de complexos é muito comum. A minha pequena ilha está voltada para turistas mais *hippies*, que vêm com a intenção de praticar desportos náuticos radicais, participar em retiros de ioga, surfar as melhores ondas da Indonésia... ou quase.

Na maior parte dos casos, é gente que vem passar dois dias à ilha e depois se vai embora quando descobre que não é exatamente o sítio mais luxuoso de Bali. No entanto, aproxima-se cada vez mais disso.

Há investidores que não param de abrir complexos hoteleiros em cada pedaço de terra livre.

Ouvi mais latidos do *Batú* e voltei a concentrar-me no que estava a fazer. Se queria estar às sete na minha primeira aula de ioga, tinha de

me despachar. Saí da casa de banho e peguei no primeiro conjunto de *top* e *leggings* que encontrei. Prendi o cabelo liso num rabo de cavalo bem alto. Pendurei às costas o tapete de ioga, juntamente com o meu saco com o *kit* de sobrevivência: uma muda de roupa, a garrafa de

água e uma banana para comer a meio da manhã.

O *Batú* cou louco assim que me viu descer as escadas. Embora estivesse atrasada, parei uns minutos para o cumprimentar, como Deus manda. A história que partilhávamos era especial. Merecia todo o meu carinho e um tratamento preferencial em relação aos restantes cãesinhos, embora nunca o admitisse em voz alta.

Acaricieei-o com afeto. Deixei que saltasse para cima de mim, tentando não sujar o conjunto branco, e rimo-nos um pouco. Sim, sou da opinião de que os cães riem, sorriem, choram e fazem tudo o que nós, humanos, fazemos, só que na versão canina. Depois de o *Batú* e eu termos partilhado amor su ciente, dirigi-me para a mota.

A coitada tinha mais duas vidas para viver. Fora-me oferecida pelo meu tio quando zera treze anos. Não se assustem, foi tarde para ter uma mota, tendo em conta que, aqui, as crianças já as conduzem a partir dos dez anos. A minha é uma *Vespa* antiga, embora gostasse de dizer que era *vintage*, e devia sê-lo, mesmo antes de me ter sido oferecida, mas levava-me a todo o lado, não me podia queixar, cumpria a sua função. Em contrapartida, repará-la a cada duas ou três semanas custava-me os olhos da cara.

Sempre que arrancava, dava graças aos deuses.

— Anda, *Batú*!

O *Batú* respondeu com um latido, e ambos descemos o caminho até à praia para chegar à minha aula. Ele vinha atrás de mim com a língua de fora e feliz com aquela corrida matinal. Muitos ensinam os animais de estimação a irem sentados no apoio para os pés da mota, mas o *Batú* não era pequeno. Era maior do que a maioria dos cães que viviam na ilha, quase tão grande como um labrador. Era mestiço, como eu, talvez um cruzamento entre um labrador e um podengo, e o

pelo tinha um tom alaranjado. Aliás, tinha quase a certeza de que o *Batú* não era oriundo de Bali. A história de como o salvei é muito triste. Às vezes, as pessoas conseguem ser bastante cruéis.

Apesar das más recordações, sorri ao vê-lo pelo espelho retrovisor.

Tinha muita energia e uma alegria que transmitia a toda a gente.

Quem me dera conseguir transmitir a felicidade que sentia sempre que salvava ou ajudava um cão.

A buzina de um camião assustou-me e quase me fez cair da moto.

— Merda! — exclamei.

Ao mesmo tempo, o *Batú* pôs-se a ladrar como um louco. O camião parou, e surgiu alguém com quem não me apetecia mesmo nada falar.

— Desculpa, Nikki, não te tinha visto!

Então por isso é que me tinha apitado? Por não me ter visto?

— Não faz mal, Jeremy — disse, forçando um sorriso amável.

Ao meu lado, o *Batú* começou a ladrar-lhe e a rosar. Era bastante protetor em relação a mim e tinha uma xação pouco comum com o Jeremy.

— Como estás? — perguntou-me, aproveitando o facto de não passar mais nenhum carro.

A minha relação com o Jeremy era um pouco incómoda. Tínhamos tido uma breve história. Não fora nada do outro mundo, só tínhamos saído algumas vezes. Era outro lho de turistas, que tinha nascido aqui e sido criado connosco, um «adotado», como lhes costumávamos chamar, porque não eram daqui, mas, na verdade, até eram. Não sei se estou a conseguir explicar-me.

— Bem, mas estou atrasada — tentei falar por cima dos latidos do meu cão.

— Ah, claro! Desculpa... — replicou, esboçando um sorriso forçado.

— O ioga, não é? — indagou.

Anuí, abanando a cabeça.

— Um dia destes sou capaz de passar pela tua aula — a rmou.

Tive de me controlar para que a minha expressão não revelasse que não me agradaria voltar a tê-lo nas minhas aulas, porque não havia nada que interessasse menos o Jeremy do que o ioga, mas ele sabia que eu estaria ali a certa altura, e era a única maneira que tinha de

estar comigo sem estar exatamente, e isso era tudo... incómodo, muito incómodo.

— Fantástico — disse. — Até logo, Jeremy. Tem um dia bom! —

acrescentei, acelerando e contornando-o com a mota.

Reparei no olhar irritado que lançou ao *Batú*. Também não quei surpreendida por aqueles dois nunca se terem dado bem. O Jeremy detestava cães. Era outra das razões pelas quais o nosso relacionamento nunca tinha resultado.

Digo outra, porque eram muitas as razões para eu não estar com ele... Podia estar aqui vários dias a enumerá-las, a começar pela pessoa controladora e incrivelmente ciumenta que ele era. Era um rapaz encantador, mas, depois, tornou-se completamente obcecado com a minha agenda. «Onde vais estar hoje às onze horas?», «Porque é que hoje te vi a tomar o pequeno-almoço no Yamu?», «Vamos encontrar-nos hoje à uma ou tens de ir almoçar outra vez com o teu tio?»,

«Porque estavas a falar com o Eko esta manhã, não tinhas de ir trabalhar...?».

Que pesadelo!

Deixá-lo tinha sido a melhor decisão que tinha tomado este ano, até agora, apesar de ele parecer não ter percebido isso. Era uma pena. De todos os rapazes da ilha, sentia-me bastante atraída pelo Jeremy... Os

rapazes ocidentais eram a minha perdição. Atraíam-me muito mais do qualquer rapaz daqui. Isso angustiava-me e agradava-me em igual medida. Agradava-me, porque me fazia sentir mais próxima da minha mãe, já que se tinha apaixonado por um inglês, e angustiava-me, porque os turistas só cá estavam de passagem. Poucos decidiam instalar-se aqui para sempre, e eu não gostava de perder tempo com relações que não fossem a lado nenhum. Por isso é que o Jeremy fora a exceção e parecera a escolha perfeita. Era americano, sem a menor dúvida, com o cabelo louro e os olhos azuis. Tinha corpo de surta e um sorriso branco com o canto da boca ligeiramente repuxado. Ainda por cima, era «adotado», mas claro que não podia ter uma relação séria com alguém cujos atributos se reduzissem a duas frases.

Não demorei mais de dez minutos a chegar à minha aula. Situava-se num dos vários complexos da ilha, sobretudo para turistas, numa cabana de madeira virada para o mar. O melhor das aulas de ioga era obrigarem-me a treinar todas as manhãs, e, entretanto, fazia muito

bons amigos. Normalmente, não cavam muito tempo, apenas dois dias ou, no máximo, três meses, se viessem fazer o retiro de ioga completo.

Era agradável dar aulas de um desporto que amava do fundo da minha alma, e sabia que faria muito bem a quem comesse a praticá-lo. «O ioga é um estilo de vida», sempre me dissera a minha avó,

«ajuda a ter a mente calma e o corpo ativo», uma contradição deliciosa que proporcionava a quem o praticava com assiduidade um corpo escultural e a capacidade de adotar posições incríveis.

— Bom dia! — cumprimentei as pessoas da minha aula, todas mulheres.

Nem sempre era assim. Às vezes, apareciam alguns homens, mesmo

que formassem um casal e viessem obrigados pelas respetivas companheiras. Também aparecia um ou outro curioso com vontade de experimentar, mas, ao perceber que era complicado continuar a assistir às aulas sem exibibilidade, não as repetia. Era uma questão sobre a qual me debruçava com frequência. Uma vez, tinha organizado um dia de ioga masculino, mas não tinha resultado de todo. Ao fazer a posição do cão com a cabeça para baixo, percebi que o cérebro dos rapazes não funcionava muito bem quando tinham uma rapariga com o rabo virado para cima à espera de que eles a imitassem.

As minhas raparigas sorriram com um ar cansado e posicionaram-se de forma organizada para conseguirem ver-me com clareza.

— Vamos começar com umas saudações ao Sol.

Isto era quase literal. Estava programado a aula durar até o sol despontar no horizonte e darmos os bons-dias umas às outras. Era horrível acordarmos tão cedo, mas, quando acabávamos, não havia melhor sensação do que aquela. Valia a pena fazer exercício físico até carmos com os músculos exaustos e depois metermo-nos no mar sob os tons alaranjados e amarelos do amanhecer.

Por vezes, perguntava-me como é que a maioria das pessoas conseguia viver longe do mar, da areia, dos pores do sol incomparáveis e únicos. Como é que as pessoas preferiam estar num arranha-céus em vez de viverem em comunhão com a natureza?

Acho que isso tinha que ver com o facto de ter sido criada numa ilha. A minha perceção do mundo era muito diferente da da restante população mundial. Infelizmente, muita gente acredita que os bens

materiais se sobrepõem a qualquer prazer terreno... Não percebem que o pôr do sol é gratuito? Bem, talvez possa custar um dólar, se pedirem uma cerveja *Bintang* bem fresquinha...

Terminei a aula e despedi-me das minhas alunas com um sorriso.

Depois de todas se irem embora, certi quei-me de que ninguém estava a ver-me e aproximei-me de umas rochas um pouco escondidas que conhecia muito bem. Despi a roupa de desporto e quei completamente nua. Era o meu pequeno prazer secreto, tomar banho nua sob o sol da alvorada. Fazia-o sempre que podia e quase nunca havia ninguém. Para chegar àquelas rochas, tinha de me aventurar por uma zona com musgo que os turistas rejeitavam simplesmente por ser verde. Bem, por isso e por serem sete da manhã.

Desfrutei do meu banho preferido sob os raios matutinos até sentir todos os músculos relaxar depois da atividade física intensa. Em Bali, a água costuma estar morna, algo que é muito bom... em certas alturas. Em contrapartida, logo de manhã, está muito mais fresca do que no resto do dia. Por isso, aproveitava-a como uma menina a quem dão um chupa-chupa. Dei algumas braçadas, depois, sentei-me simplesmente na rocha, embevecida com as cores do céu.

Independentemente de quantos anoiteceres e amanheceres tinha visto com estes olhos, provocavam-me sempre a mesma sensação inexplicável de pequenez e emoção.

Concluí a minha breve meditação privada e saí da água. Ergui-me na rocha para me espreguiçar, como se tivesse acabado de me levantar de uma pequena sesta. Então, aconteceu... os meus olhos moveram-se depressa para a esquerda, como se tivessem chamado pelo meu nome.

No entanto, tudo continuava em silêncio, entrecortado apenas pelo canto dos pássaros e a ondulação.

O meu olhar encontrou o de um homem que me observava a partir de uma das *suites* da Margot. Estava su cientemente longe para não

conseguir discernir as minhas feições, mas conseguia ver que estava nua. Foi estranho. O normal teria sido correr para me tapar e fugir dali à pressa, mas não foi isso que z. Fiquei parada, como Deus me tinha trazido ao mundo, a olhar para aquela pessoa que me observava muito tranquila, sem fazer nenhum reparo. Tinha os braços apoiados no corrimão e conseguia ver o seu cabelo a mover-se um pouco ao vento. Estava vestido, ao contrário de mim. Apesar de não conseguir

distinguir as suas feições, algo nele provocou-me uma sensação de aperto no estômago.

Não sei explicar, mas era emocionante deixá-lo observar-me nua, sem chegar a saber quem eu era... Era como um jogo proibido em que nunca saberíamos quem eram os jogadores.

Não sei quanto tempo cámos a observar-nos mutuamente, mas, por m, tive de começar a vestir-me. Vesti as cuecas e a restante roupa que tinha guardada na mochila. Ele não se mexeu, continuando a observar todos os meus movimentos, sem pestanejar. Bem, essa era a minha suposição. Do sítio onde estava, nem sequer conseguia ver a cor dos seus olhos. Nem como era a sua boca, as suas maçãs do rosto, o seu sorriso, se tinha barba ou se a tinha feita... distinguia apenas o seu corpo inclinado sobre o parapeito da varanda, mas, apesar da distância, parecia grande e escultural.

Por um instante, senti o impulso de levantar a mão num cumprimento. Teria sido ridículo, tendo em conta as circunstâncias do encontro.

Desci da rocha e saí da praia, sentindo que acabava de viver o momento mais erótico e atrevido da minha vida.

CAPÍTULO 3

ALEX

O que faço aqui? , perguntei-me, olhando para o barco que estava à minha frente e do idiota do meu melhor amigo, que conversava num tom amigável com o capitão.

— Vem cá, Alex! — gritou da beira da água.

A ondulação fazia com que o barco oscilasse. Será que ali não existiam cais? Aproximei-me do Nate. Não me faltava mais nada, depois de uma viagem de quinze horas, com escala em Kuala Lumpur, e pouco tempo para descansar. Sim, tínhamos viajado em executiva, mas a minha cabeça não tinha descontraído minimamente. O meu cérebro não parava de fazer a mesma pergunta: «Como é possível?»

Como foi possível ser tão imbecil, tão irresponsável...?»

— Este é o Nero, vai levar-nos até à ilha de que tanto te tenho falado.

Anuí com um aceno de cabeça. Não tinha vontade nenhuma de ter conversas de circunstância com ninguém. Muito menos com esse tal

Nero.

— Quando vamos embora? — perguntei enquanto tava o mar.

A maré não nos era muito favorável, mas recusava-me a dormir num hotel qualquer em Denpasar.

— Vamos já, senhor — garantiu Nero.

Depois, chamou os seus marinheiros, se é que se lhes podia chamar isso, tendo em conta a embarcação, e começaram a preparar tudo.

— Esta bagagem é sua? — perguntou-me, apontando para a mala preta que estava ao meu lado.

Anuí. Olhei para o Nate, que carregava uma mochila imunda, e abanei a cabeça em sinal de desaprovação. «Viajar de mochila às costas», dissera. Nunca compreenderia aquele conceito, ou melhor, aquele estilo de vida. Adorava viajar, já tinha conhecido os sítios mais remotos do mundo, tinha entrado em carros desconhecidos, tinha feito amigos na praia e tinha apostado que me conseguia apaixonar em vinte e quatro horas. Tinha feito todo o tipo de loucuras ao longo da vida, mas agora éramos mais velhos. O Nate, em contrapartida, parecia ter parado nos dezanove anos.

— Lembras-te de quando eras divertido? — questionou ao reparar no olhar de reprovação que lancei à sua mochila.

— Lembras-te de quando começámos a ganhar quinze mil libras por mês?

O Nate sorriu como uma criança.

— Como é que me podia esquecer... Mas isto é divertido! Aqui, em Bali, a vida é diferente, Alex. É outro mundo. Aqui, as coisas materiais não importam, percebes?

— Se as coisas materiais não importam, então, porque reservaste duas *suites* no hotel mais caro da ilha?

O Nate voltou a sorrir, mostrando-me os dentes todos.

— Oh, querido amigo... porque a proprietária é minha amiga. — E, ao a rmar isto, os seus olhos toldaram-se por um instante.

— Ah, está bem. De certeza que foi só por isso — respondi.

— Sabes que venho cá todos os anos. Sabes perfeitamente que fujo do mundo durante um mês e refugio-me sempre aqui.

— Porque não estás bom da cabeça.

— Não é nada disso. Quando lá chegares, quando conheceres as pessoas, a tua opinião vai mudar.

— Não pretendo conhecer ninguém, Nate. Aceitei vir, porque já não te podia ouvir. A verdade é que também não tinha nada melhor para fazer antes de a minha vida mudar para sempre.

— És tão dramático. Já te disse que não...

— Nate, cala-te.

O Nate calou-se, e dei graças a Deus por não ter terminado a frase.

Entrámos no barco. A minha mala era um incómodo quando era necessário movê-la e acomodá-la, mas, sinceramente, o problema não era meu. Olhei para a água cristalina que nos rodeava. Nunca tinha estado em Bali. Já tinha viajado pela Indonésia, mas... Embora me custasse admiti-lo em voz alta, em parte, tinha vontade de conhecer a ilha de que tanto ouvira falar. O Nate era um chato. Uma vez por ano, tornava-se *hippie*. O efeito durava uns meses e, depois, voltava a ser o mesmo de sempre. Quer dizer, o mesmo betinho que vinha comigo ao clube, se divertia nas melhores discotecas da cidade e vestia roupas *Armani*.

No caso dele, tentar ser algo que não era não funcionava. E nem sequer funcionaria comigo, por mais que ele tentasse. Por outro lado, não me faria mal nenhum desligar-me um pouco, ou, pelo menos, tentar fazê-lo.

— Lembras-te de quando éramos jovens, e ansiavas meter-te em sarilhos comigo? — perguntou-me com desconfiança. Tirou um cigarro da mochila maltrapilha e acendeu-o enquanto observava o mar.

Embora soubesse que não o dizia com má intenção, houve ali

qualquer coisa me incomodou. Teria eu deixado de ser essa pessoa?

Tinha vivido todo o tipo de aventuras com o Nate. Existira uma altura em que teria adorado pegar numa mochila para irmos fazer uma viagem improvisada. Teria mesmo participado ativamente na sua

organização.

Antigamente, éramos os três mosqueteiros. O Nate, o Malcolm e eu tínhamos percorrido as melhores praias para fazer *surf*, tínhamos visitado todo o tipo de sítios, tínhamos vivido todo o género de experiências. Há uns anos, porém, as coisas tinham mudado. Só viajávamos juntos em trabalho e não víamos o Malcolm há um ano.

Mais concretamente, desde que decidira que já não queria viajar connosco, mas sozinho. Para se encontrar, dissera-nos.

— Olha, estamos a chegar — anunciou o Nate, levantando-se e olhando em frente.

Dali, conseguia ver as palmeiras e a areia branca. Ancoradas na costa, estavam outras embarcações pequenas, como aquela em que seguíamos. Do sítio onde estávamos, a ilha não parecia ser muito grande. Era curioso que, com todas as viagens que já tínhamos feito, o Nate nunca tivesse insistido para que o acompanhasse àquele sítio.

— Pronto para um mês de desconexão e descontração?

Não lhe respondi, mas houve algo em mim que se agitou, ainda que pouco.

Desembarcámos e dirigimo-nos para um carro que nos aguardava ali próximo. Não estava na areia, mas numa estrada muito mal alcatroada.

— Senhor Lenox? — perguntou-me o homem quando foi buscar a minha mala. — Dá-me licença?

Assenti, e entrámos no carro. Era bastante antigo, apesar de, naquele género de sítios, isso ser normal. Não se via carros novos, e menos ainda de topo de gama.

Percorremos ruas com pouco ou nenhum pavimento, e observei as pessoas que me rodeavam. Havia muitos turistas, sim, mas também inúmeros locais. Via-os na rua, em frente às suas lojas, a vender fruta ou legumes. Havia pontos de venda ambulantes de comida, palmeiras, motas e imensos cães. Tentei captar cada pormenor. O que mais me apaixonava nas viagens que fazia era aprender coisas sobre diferentes culturas, ver as realidades distintas e, sobretudo, conversar com pessoas que pensavam, comiam e viviam de uma forma muito diferente da minha.

O carro continuou a subir uma rua e contornámos uma falésia. O

caminho era bastante estreito, e dali avistava-se o mar.

— Vais passar-te com as *suites*, são um paraíso.

Não tardámos a chegar, e, enquanto as portas do hotel não se abriam, não consegui estar totalmente de acordo com o meu amigo.

Aquilo, sim, era uma mudança.

O chão era de pedra, e havia água entre os paralelepípedos que assinalavam o caminho até à entrada. Fomos recebidos por quatro funcionários. Todos usavam uma espécie de macacão branco com uma faixa roxa presa à cintura, que devia ser o uniforme.

— Bem-vindos — disseram-nos em uníssono.

Já era tarde. Durante o percurso, o sol tinha acabado por se pôr sobre o mar. Embora ainda houvesse alguns laivos de cores alaranjadas no céu, tínhamo-lo perdido em todo o seu esplendor enquanto percorríamos a ilha.

Calculei que ali os anoiteceres fossem algo digno de ser visto. Por um instante, consegui imaginar-me estendido na areia, com uma cerveja

na mão e a observar um bonito pôr do sol... talvez até conseguisse esquecer-me dos problemas.

— Por aqui, por favor — indicou-nos um dos funcionários.

Seguimo-lo até à receção para fazer o *check-in*. Pediram-nos os dados da reserva, a identi cação e um cartão de crédito. Olhei em volta. Aquilo não parecia um hotel, longe disso. Até onde conseguia ver, do outro lado da receção, havia uma sala de jantar incrível que estava aberta. Parecia estar perfeitamente alinhada com o mesmo promontório onde se encontravam as *suites*. Dali, as vistas do oceano eram incríveis.

O Nate, ao meu lado, olhava de um lado para o outro. Parecia comportar-se de uma forma bastante cautelosa, ou, pelo menos, quei com essa impressão. No preciso momento em que me preparava para lhe perguntar o que raio se passava, o rececionista interrompeu-me.

— Aqui têm as chaves das respetivas *suites*. O senhor Lenox ca na *suite* privada de luxo com vista para o mar. O senhor Olivieri, na *suite*

júnior, junto à piscina, como sempre.

Ri-me por não acreditar no que acabava de ouvir.

— *Suite* júnior? Para este?

Quando o Nate se preparava para me responder, uma bela rapariga ruiva surgiu de uma das portas interiores, com acesso para a receção do hotel. Esboçou um sorriso angelical e, ao mesmo tempo, gélido.

— Nathaniel — disse ela, sem desviar os olhos do meu amigo.

— Margot — respondeu ele, e, por incrível que parecesse, de repente, parecia... nervoso?

A rapariga tou-o. Percebo que era a amiga de quem o Nate me tinha falado. Tinha de admitir que era linda. Tinha o cabelo ruivo penteado para trás com uma bandolete que lhe deixava o rosto

sardento à mostra. Os seus olhos eram azuis como o céu e tinha o nariz quase tão arrebitado como o de um desenho animado.

— Bem-vindos ao Paradise Villas — declarou, abrindo os braços e referindo-se ao que nos rodeava. — Senhor Lenox, informaram-me de que esta é a sua primeira visita à nossa querida e adorada ilha. Desejo que a sua estada aqui seja imaculável e satisfatória. Caso precise de alguma coisa, não hesite em pedir a qualquer um dos meus colegas, embora esteja certa de que o Nathaniel saberá fazer-lhe uma visita guiada bastante minuciosa pelos sítios mais bonitos da ilha, não é?

O Nate anuiu com alguns segundos de atraso.

— Claro... Hum, vou mostrar-lhe os sítios mais xes.

— Obrigado, Margot. Posso tratar-te por tu? — perguntei-lhe. Tentei ignorar o novo Nate que tinha à minha frente. Parecia ter a cabeça em mil sítios ao mesmo tempo.

— Claro — respondeu ela com um sorriso lindo de dentes brancos.

— Quer que o acompanhe à sua *suite*? No princípio, pode ser confuso...

— É verdade... Mal me lembro de como se chega à minha —

replicou o Nate, recompondo-se um pouco. Não conseguia desviar o olhar da nossa an triã.

— Komang, acompanha o senhor Olivieri. Vou mostrar ao senhor Lenox onde ca o seu quarto.

Olhei para o Nate. Aquela interrupção da Margot parecia tê-lo desiludido um pouco. No entanto, também não tive tempo para dizer nada, nem para trocar um olhar com o meu amigo.

— Descansa — disse-me. — Encontramo-nos amanhã ao pequeno-almoço — acrescentou enquanto passava uma mão pelo cabelo ruivo.

Despenteou-o com uma expressão distraída.

Anuí em silêncio e segui a rapariga ruiva. Não era muito alta, e a roupa justa marcava-lhe na perfeição as curvas do rabo.

Não era preciso ser muito inteligente para perceber que se passava alguma coisa entre aqueles dois ou já tinha acontecido algo. A tensão era de cortar à faca, embora não fosse uma tensão sexual, e havia mais qualquer coisa. O Nate nunca me tinha falado de nenhuma rapariga da «sua ilha», como gostava de chamar àquele sítio. Obviamente, estava ciente de que quando viera para Bali priorizara a sua diversão acima de qualquer outra atividade produtiva. E, sim, quando falo em

«diversão», re ro-me a fornicar com tudo o que mexe. O mesmo que fazia em Londres ou em qualquer outro maldito lugar para onde viajássemos, mas nunca tinha mencionado a Margot. Pelo menos, até termos posto um pé nesta ilha.

— Esta é a sua *suite*.

— Podes tratar-me por Alex — disse-lhe, observando-a de cima, porque era mais alto do que ela.

A Margot sorriu em resposta.

— Aí dentro tens uma cama, uma casa de banho, uma pequena cozinha e uma piscina privada. Qualquer coisa de que precisas, estamos na receção vinte e quatro horas por dia. Podes ligar para o número nove no telefone que está mesmo ao lado da cama.

Anuí. Desejava estar sozinho e descansar. Estava exausto.

— Obrigado, Margot — respondi.

Ela assentiu e foi-se embora, percorrendo o corredor. Meti a chave na fechadura da porta e entrei no meu oásis pessoal. O meu amigo não

estava enganado... aquilo era incrível.

Toda a *suite*, à exceção do quarto e da casa de banho, estava ao ar livre. Levava diretamente à falésia e, mais adiante, estava o mar, cuja ondulação se conseguia ouvir na perfeição. A decoração era minimalista e moderna, como eu gostava. A pequena piscina in nita cava precisamente à altura onde, em termos visuais, se unia com a cor do mar.

Entrei no quarto. Tinha grandes portas de correr por cima de um chão de granito e uma enorme cama branca decorada com um coração feito com ores. Revirei os olhos. Em cima de um suporte de bagagens, já estava a minha mala, pronta a ser aberta.

Entrei na casa de banho para me lavar. Tinha de me livrar do cheiro do aeroporto e do avião. Era algo que me aborrecia, embora isso zesse parte do meu trabalho. Tomei um duche rápido e, depois, só me apetecia meter-me na cama. O calor lá fora era insuportável, portanto, agradeci que o quarto estivesse preparado, com o ar condicionado ligado.

Vesti uns *boxers* brancos e passei rapidamente a toalha pelo cabelo.

Deixei-o todo despenteado, com cada mecha a apontar numa direção diferente, e atirei-me para cima da cama, sem me importar minimamente que fossem sete e meia da tarde.

Precisava de recuperar para poder gerir e aceitar qualquer que fosse a minha nova realidade a partir daquele momento... ou, pelo menos, nos trinta dias seguintes.

Merda, tinha-me esquecido de fechar as cortinas. A minha mente foi despertando aos poucos, apesar das ordens do meu cérebro, que me incentivava a continuar a dormir. Resmunguei enquanto me virava na cama enorme para tapar a cabeça com uma das almofadas.

Tentei continuar a dormir durante mais algumas horas, mas era impossível, entre o piar dos pássaros, a luz que entrava pela janela e o barulho das ondas.

Olhei para o relógio que estava em cima da mesa de cabeceira. Meu Deus... tinha dormido mais de doze horas? Pestanejei para me certificar de que o relógio não estava avariado, nem marcava a hora errada. Resmunguei outra vez conforme me virava, já não podia fazer nada

para o evitar. Não era cansaço que sentia, mas sim *jet lag*.

Já tinha amanhecido, e espreguicei-me, a bocejar como um animal que acabava de sair do período de hibernação. As vistas eram espetaculares. Abri a porta de correr do quarto. Os vidros estavam embaciados, porque tinha posto o ar condicionado numa temperatura baixa, e, ao sair, uma onda de calor atingiu-me.

Como é que as pessoas da ilha não morriam devido ao calor? Nós, os ingleses, não estamos habituados a este tipo de clima tão quente.

Em Inglaterra, a temperatura máxima só costumava chegar aos trinta graus, e Deus nos livrasse se subisse mais do que isso. No entanto, as probabilidades de termos um tempo tão agradável eram muito promissoras.

Fui até à varanda para poder apreciar a vista incrível. Dali, podia observar o oceano como nunca tinha feito em nenhum outro hotel.

Era incrível, sobretudo ao amanhecer, quando aquelas cores emanavam de forma tão espetacular. Apoiei-me no parapeito com os antebraços e inspirei para encher os pulmões com aquele ar limpo.

Será que o Nate tinha razão? Bastariam alguns dias na ilha para me ajudar a aceitar a minha nova vida?

Enquanto pensava nos meus problemas, algo ao longe captou a minha atenção. Vi uma rapariga a nadar, banhada pela luz do amanhecer. Fiquei a observá-la. Vi-a meter a cabeça debaixo de água e desaparecer por alguns instantes até voltar à superfície. Pôs-se de

barriga para cima, a boiar na água e a deixar à vista... absolutamente tudo, porra. O seu peito nu saía da água com generosidade, como duas pequenas boias. Mergulhou novamente, e, então, nadou até umas rochas.

De súbito, queei nervoso, sem saber ao certo porquê. A minha educação, moral e bons costumes diziam-me para parar de olhar para ela. Achei que lhe devia dar a privacidade que certamente achava que tinha, mas quem decidia tomar banho nu no mar? É verdade, soava muito romântico para as almas livres como o Nate. Não era para gente normal, para pessoas com decoro, com educação, com moral...

por uns instantes, imaginei-me a fazer o mesmo, mas só de pensar naquilo senti-me incomodado.

Apesar disso, os meus olhos recusaram-se a desviar-se. Parecia que tudo o resto tinha desaparecido, e o meu mundo girava para me concentrar apenas naquele momento. Não havia mais nada além dele e da intimidade que partilhava com uma desconhecida.

Subiu para uma rocha e revelou pernas compridas e ventre liso. O

cabelo escuro, comprido e molhado cobria-lhe as costas. Então, apercebeu-se da minha presença. Teria sido pela intensidade com que eu a observava? Contudo, não fez o que seria de esperar. Não cobriu o corpo nu com as mãos. Também não se apressou a pegar na toalha para se esconder, nem na roupa para se vestir. Apenas me viu e cou a olhar para mim.

À distância a que estávamos, era praticamente impossível vermos com clareza os nossos rostos. Pareceu-me que mordida o lábio inferior e as suas pernas se apertavam um pouco enquanto nos observávamos.

Tínhamos invadido a privacidade um do outro. Cada um de nós vivia um momento distinto e uma vida diferente, mas, naquele momento, partilhámos aquele instante único de simplicidade carnal... e visual.

Momentaneamente, permiti-me imaginar um encontro com aquela linda rapariga, uma coisa sem compromisso... imaginei-nos a rir e a partilhar uma cerveja. Vi-nos a banhar ao luar, comigo a acariciar-lhe o corpo com a língua. Imaginei-me a fazê-la rir-se.

Criei uma fantasia muito longínqua de uma realidade que me tivesse a mim como protagonista. Enquanto o fazia, as cores que nos rodeavam deixaram de ser as do amanhecer e tornaram-se uma luz demasiado intensa para poder sonhar e imaginar. Foi como se lhe falasse ao ouvido e lhe dissesse que aquilo estava prestes a acabar.

A rapariga nua desviou o olhar. Agachou-se para pegar nas suas coisas. Vestiu-se e desceu da rocha sem olhar para trás.

Faria qualquer coisa para voltar àquele instante. Não apenas, porque foi o início de uma história digna de ser contada, mas também porque foi o princípio de tudo. Ali começou algo tão especial que tenho dificuldade em encontrar as palavras certas para o contar, porque o meu coração ca apertado quando me lembro de tudo o que aconteceu e o que iria acontecer mais tarde.

Ai, Nikki, como ias perturbar o meu mundo e... como eu ia perturbar o teu.

NATE

Já tinham passado doze meses. Durante todo esse tempo, não a tinha visto, nem tinha tido qualquer notícia dela. Agora, estava ali e, caramba, como era linda. Parecia distante, como sempre. Do que estava à espera? Tinha-lhe partido o coração da pior maneira possível.

A Margot e eu tínhamo-nos conhecido na minha primeira viagem à ilha. Naquela altura, eu era um puto estúpido e idiota. Não sei se mudei muito. Quando cheguei a Bali, queria viver a vida ao máximo.

Era um tipo bonito e rico que queria provar tudo e experimentar o máximo possível. A ilha era encantadora, tinha qualquer coisa que eu não sabia explicar. Era como se nos despojasse de todo o mal e nos deixasse nus para podermos viver emoções que não poderíamos sentir em nenhum outro lugar.

Conheci-a neste mesmo hotel. Naquela época, não era ela quem geria as *suites*, tinha apenas dezanove anos e estava prestes a frequentar o segundo ano da faculdade. Estava em Bali a passar as férias de verão. Lembro-me como se fosse hoje do momento em que vi a sua gura deslizar para debaixo da água. O seu cabelo cor de fogo captou a minha atenção, e depressa a contemplei de alto a baixo. Saiu da piscina encharcada e usava um daqueles fatos de banho de natação.

Não era nada sensual, mas cava-lhe tão bem.

Lembro-me do seu sorriso assim que me viu ali a observá-la. Tinha a toalha pendurada no ombro e esquecera-me de que a minha intenção era nadar na piscina.

— És tu quem está na *suite* do jardim, certo? — perguntou-me enquanto se secava.

Abanei a cabeça, com rmando-o. Voltei à realidade e aproximei-me dela.

— E tu és a lha dos donos ou estou enganado?

— É assim tão óbvio? — retorquiu. Tapou-se com a toalha e torceu o cabelo com uma das suas pontas.

— Acho que tu e o teu pai devem ser os únicos ruivos a gerir um

complexo turístico na Indonésia.

Ela riu-se.

— Nem penses nisso... os turistas conquistaram tudo.

— Sou britânico e nunca tinha visto uma rapariga tão cenoura como tu. Pareces mesmo a Pipi das Meias Altas.

— Não sei quem é — a rmou, ligeiramente ofendida.

Por alguma razão que continuo sem perceber, a sua irritação fez-me sorrir.

— Não te incluístes no grupo dos «turistas». Isso signi ca que és daqui?
— perguntei-lhe.

Observei as múltiplas sardas que lhe enchiam quase toda a cara. Era maravilhoso, como uma galáxia in nita.

— Sou adotada — foi tudo o que respondeu. Fiquei a olhá-la, surpreendido. — É isso que chamam àqueles que nascem aqui, mas que são lhos de estrangeiros — explicou. — Os meus pais mudaram-se para Bali antes de se casarem. Cederam-lhes um terreno para poderem construir isto tudo, e não havia ninguém que os conseguisse afastar. Nasci aqui perto, em Denpasar. Só lá voltei para ir para a

faculdade.

Anuí, interessado, porque aquilo que me contava me parecia fascinante. Sobretudo os modos ligeiramente defensivos que adotara para me explicar as suas origens. Era como se quisesse deixar muito claro que pertencia ali. Nem sequer conseguia imaginar os meus pais a fazerem algo do género, mas parecia-me ser uma aventura alucinante.

Deixarem a vida deles, mudarem-se para Bali, começarem um negócio, terem uma lha e criarem-na tão longe de tudo aquilo que conheciam.

— Posso saber o que estás a estudar?

Ela amarrou a toalha com força à altura do peito. Os meus olhos não puderam deixar de relancear. Fiquei bastante pasmado ao reparar no seu peito volumoso.

— Gestão de empresas. Um dia, serei eu a encarregar-me de tudo isto. Os meus pais querem reformar-se.

Anuí em silêncio.

— E tu? — perguntou-me. — O que estás a estudar, ou o que estudaste, que te permite pagar uma das *suites* mais caras desta ilha?

O seu descaramento surpreendeu-me e agradou-me de igual modo.

— Sou ma oso — respondi-lhe. O seu olhar escureceu de imediato com rejeição. — Estou a brincar, estou a brincar! Sou piloto.

— De aviões?

— Do que havia de ser?

— Brutal!

Ri-me.

— Se uma pessoa gosta de voar, sim, é mesmo.

— Deve ser impressionante, não? Estar lá em cima...

Olhei-a com curiosidade.

— Nunca entraste num avião? — indaguei.

— Claro que sim, não sou nenhuma marciana, mas não tem nada que ver. Uma coisa é uma pessoa ir sentada lá atrás, numa cadeira que mal te deixa esticar as pernas e com uma janela mais pequena do que o gargalo de uma garrafa, outra muito diferente é pilotar um avião...

Isso é brutal, a sério! Alguma vez chocaste com alguma coisa ou tiveste um acidente?

Raios, como falava a cenoura.

— Não, nunca bati em nada. Se isso tivesse acontecido, as minhas probabilidades de ter sobrevivido teriam sido praticamente nulas.

— A sério?

Anuí enquanto despia a blusa e me aproximava das escadas da piscina. Ela seguiu-me com o olhar.

— Então, para que servem os cintos de segurança?

«Para nada», quis replicar.

— São úteis no caso de haver turbulência — respondi.

Mergulhei na água cristalina e soltei o ar, formando bolhinhas, enquanto nadava. Quando voltei ao mesmo sítio, dando algumas braçadas, ela permanecia ali. Desta vez, sentada à beira da piscina a observar-me com mil perguntas na ponta da língua.

— Porque vieste para aqui? — quis saber.

Aproximei-me dela até car mesmo à frente do sítio onde se tinha sentado. Examinei as suas feições, as suas pernas submersas e a maneira como, com o braço direito, se assegurava de que a toalha estava bem presa ao peito incrivelmente volumoso.

— Vim para descansar. Desligar-me e surfar umas quantas ondas...

— Durante quanto tempo vais estar cá?

— Duas semanas. Depois, tenho de voltar a voar — respondi.

Reparei nos seus olhos azuis e nas pestanas bonitas. Eram ruivas e curtas, dando-lhe um ar inocente que mexeu com algo muito profundo em mim. De repente, senti uma necessidade de a levar para lugares tão distantes da pureza que emanava que tive de me controlar. Não que ela conseguisse ver no meu olhar os pensamentos nada inocentes que começavam a formar-se na minha mente.

Porra... Será que alguém conseguia sentir uma atração física tão intensa por outra pessoa de forma tão imediata?

— Gostarias que te mostrasse a ilha? — perguntou-me.

Sorria, embora conseguisse perceber que estava um pouco nervosa.

Soube-o pela maneira como apertava a toalha com força.

Apeteceu-me arrancar-lha para poder voltar a ver o seu corpo atlético e incrivelmente atraente.

— Nada me agradaria mais, cenourinha.

O seu sorriso evaporou-se.

— Não me voltes a chamar isso.

— Está beeeeeem — respondi. Impulsionei-me com os braços e sentei-

me ao seu lado. — Só te chamarei cenoura.

Não consegui evitar que um sorriso lhe escapasse dos lábios.

Olhando para trás, nem acredito que a tratei daquela forma. Em que instante achei que tinha o direito de a deixar destrozada? Em que merda de momento me tornei mais importante do que ela, achei que era o único que tinha de estar bem?

Às vezes, o ser humano faz coisas inimagináveis por causa do medo e das inseguranças. Sempre me tinha visto como uma pessoa forte e estável, mas a vida coloca-nos em situações que nunca poderíamos ter imaginado que teríamos de enfrentar. Fora o destino que me zera conhecer aquela rapariga incrível e também me tinha levado a magoá-la.

A mente humana é complexa, complicada e incomensurável. É um sítio cheio de gavetas dentro de outras gavetas. É um espaço repleto de recantos que nem sabemos que existem, como baús que se abrem repentinamente, sem autorização, e nos fazem agir de maneiras que nunca nos tinham passado pela cabeça. Todo esse espaço deixa de ser virgem no mesmíssimo instante em que abrimos os olhos e nos deixamos invadir pela imensidão que nos rodeia. A partir daí, estamos sujeitos a que alguém nos pegue ao colo e nos embale, nos guie e nos ensine. O problema é que, às vezes, muitas mais do que as que gostaríamos, a pessoa que nos segura não deseja o melhor para nós. É

aí que os problemas começam.

Sim, a mente humana é muito complexa, e a minha estava lixada.

Muito mais do que inicialmente imaginei. A minha primeira vítima foi quem, com todas as suas lindas gavetas abertas, me tinha deixado entrar. Quem me tinha oferecido a chave de todos e de cada um dos seus recantos.

A Margot não fazia ideia de onde se estava a meter ao oferecer-me a sua companhia, e eu nunca pensei que pudesse fazer mal à coisa mais preciosa que tinha aparecido na minha vida.

CAPÍTULO 5

NIKKI

Passei o resto da manhã na clínica veterinária. Era um lugar pequeno, situado no alto da colina e afastado do centro da ilha.

Juntamente com o Gus, um dos meus melhores amigos, tentava fazer com que aquele lugar fosse uma instituição como devia ser. Até à data, tínhamos conseguido limpar o consultório, criar uma sala de espera algo respeitável e colocar quatro prateleiras na zona do armazém. Já vos disse que só tínhamos dinheiro para as despesas? A verdade é que a clínica dependia das ajudas, mas era muito melhor do que não termos nada. O Gus e eu parecíamos ser as únicas pessoas preocupadas com a vida dos animais da ilha. Embora ele não fosse veterinário, apenas um amante acérrimo dos animais. Tentava ajudar-me em tudo o que podia, tendo em conta que também trabalhava num bar ao pé da praia, chamado Mola Mola.

— A cadelinha dos Wayan está prenha — afirmou o Gus, entrando na clínica com uma grande caixa nas mãos. Colocou-a em cima do

«balcão» com um estrondo enorme.

— Eu avisei-o! — disse ao Gus, emitindo um estalido com a língua.

— Era só isso que nos faltava, mais cachorros à solta. Disse-te alguma coisa? Do tipo «Diz à Nikki que tinha razão»?

O Gus tou-me sem dizer nada.

— Pois... — respondi.

Ignorei a exasperação silenciosa do meu amigo. O Gus era um rapaz muçulmano que tinha nascido em Gili Air, na província de Lombok. É

uma ilhota linda e um dos poucos lugares muçulmanos da Indonésia onde é permitido beber álcool devido à grande afluência de turistas. O

Gus tinha abandonado a sua terra natal quando se apaixonara pelo Eko, outro dos meus melhores amigos. O Eko era um rapaz espanhol com uma vida inteira dedicada a viajar pelo mundo apenas com uma mochila às costas, até ter conhecido o Gus. Tinham-se conhecido em Gili, e, desde então, não se tinham conseguido separar. Mudaram-se para a minha ilha quando a família do Gus descobriu que era homossexual e deixou de lhe falar. Fiquei furiosa quando, por entre lágrimas, nos confessou que a sua família nem sequer considerava aceitar a pessoa que ele amava! Naquela altura, já viviam juntos há quatro anos, e, aqui em Bali, tinham obtido a aceitação que nunca tinham encontrado em Lombok.

— Daqui a umas semanas, vais ter de ir ver como ela está —

retomou o assunto. — A coitadinha passa o dia todo deitada, mal se consegue mexer por causa da barriga.

Tirei da caixa os sacos de comida para cão que tínhamos pedido em Bali. Viver numa ilha tão pequena como esta signi cava que tínhamos de pedir ou comprar tudo fora. Os barcos carregados de mercadorias, comida e todo o tipo de produtos chegavam de manhã, bem cedo, e abasteciam o sítio onde vivíamos do que era necessário. Por vezes, eu mesma precisava de ir a Bali, mas, quando podíamos encarregar a Dona, a nossa «Amazon humana» de trazer o que fosse preciso, era o que fazíamos. Era mais fácil assim. A Dona encarregava-se de tratar dos recados de quem precisasse de coisas de fora e levava uma pequena percentagem pelo seu trabalho.

— Hoje devíamos passar pela zona leste e continuar a dar as vacinas da raiva, certo? — perguntei ao Gus.

Virou-se para mim com uma expressão angustiada.

— Acho que hoje não te posso auxiliar, Nikki. Tenho de ajudar no bar. O Dani continua doente, e calhou-me a mim tratar da hora de almoço.

Merda, sem o Gus, seria mais complicado vacinar sozinha os patudos. Mas não lhe disse isto.

— Não te preocupes.

— Se quiseres, posso pedir ao Eko que te ajude, apesar de, como sabes, os cães lhe darem bastante...

Sorri.

— Achas mesmo que quero repetir o que aconteceu há um mês?

Não, obrigada.

Só digo quatro palavras: Eko, piscina, latido, queda. Basta imaginar o resto.

Antes de se ir embora, o Gus ajudou-me a arrumar os sacos de ração e a terminar o inventário dos medicamentos.

— Vemo-nos ao *sunset* — disse e foi-se embora, deixando-me sozinha.

O momento do *sunset* era uma coisa sagrada. Reuníamos-nos todos ali à mesma hora para desfrutar do maior espetáculo natural. Ver o sol desaparecer no horizonte ajudava-nos a dar o dia por terminado. Uma

cerveja em frente ao mar entre amigos era o que mais gostava de fazer antes de regressar a casa para descansar, era o momento em que tudo parava e sentíamos que fazíamos parte do que nos rodeava. O

anoitecer é um autêntico espetáculo que a natureza nos oferece todos os dias, e ninguém deveria tomar isso como garantido. Julgo que, para

quem não tenha crescido rodeado por mar, talvez esta necessidade de admirar um pôr do sol possa parecer um pouco simplista, mas, para mim e para os meus amigos, ver o sol a pôr-se fazia parte do nosso quotidiano, como tomar o pequeno-almoço, almoçar, tomar um duche ou lavar os dentes. Era, simplesmente, «necessário».

Ainda faltava bastante tempo para o *sunset*, por isso, peguei na minha maleta, enchi-a com tudo aquilo de que precisava, incluindo as tas vermelhas que tinha estado a cortar e a preparar na semana anterior, e coloquei tudo na mota. Encontrei o *Batú* a dormir à sombra de uma palmeira, mas levantou-se assim que me viu sair da clínica. Ladrou, como se me cumprimentasse, e pusemo-nos a caminho. Embora o *Batú* fosse o meu cão, era livre de ir e vir de onde quisesse. Conhecia a ilha melhor do que ninguém e desaparecia frequentemente durante algumas horas para ir passear pela praia ou juntar-se aos seus amigos caninos, apesar de ser mais habitual estar sempre à minha espera ou acompanhar-me aonde eu fosse.

Percorri parte da ilha, parando nas casas e lojas onde existiam animais. Era muito mais fácil vaciná-los nas casas, com os seus donos.

Às vezes, porém, era complicado fazer com que os animais abandonados concedessem em mim.

O *Batú* mantinha-os na linha. Ele era o maior da ilha e uma espécie de líder. Os outros sabiam-no, mesmo sem o conhecerem. O *Batú* era forte e robusto. Tinha um caráter do diabo, marcava o seu território e não deixava que nenhum cão lhe zesse frente.

Colocava uma ta vermelha ao pescoço cada cão vacinado para que todos soubessem que estavam protegidos contra a raiva. Um dia, gostaria de poder fazer um censo de todos os cães da ilha, isso ajudaria-me muito. Entretanto, isto era muito necessário, sobretudo para

conter as pessoas que continuavam a envenenar os cães. Muitos vizinhos faziam-no por receio de que eles os mordessem ou os seus filhos, porque a mordida de um animal com raiva pode ser fatal. Por isso, fazia nã-pé para obter donativos para vacinar os cães, visto que era um assunto que dizia respeito a toda a gente. De vez em quando, o Gus e eu,

embora, por vezes, o Eko se juntasse a nós, fazíamos palestras em diferentes zonas da ilha. Tínhamos como objetivo informar o povo sobre a importância de termos uma ilha livre da raiva e do excesso de cães, mas também fazer com que a mensagem chegasse a toda a gente.

Almocei um pouco tarde, mas quei satisfeita por regressar à clínica veterinária com a pasta vazia. Mudei de roupa, vestindo um fato de banho de mangas compridas para surfar. Estiquei a mão pelas costas até encontrar a tira que puxava o fecho de correr. Peguei na prancha de *surf* que guardava na arrecadação e pu-la no suporte que acrescentara à mota há mais de um ano. Aquela fora a compra mais útil que zera na vida, apesar de ter sido ligeiramente cara, mas permitia-me levar a minha própria prancha e não ter de alugar uma.

Surfava desde que me lembrava, e, na realidade, não era nada má.

Era boa, uma máquina a fazer *surf*. Adorava, porque despertava o meu instinto mais competitivo, apesar de ser um desporto totalmente individual.

Quando era pequena, o meu tio dizia-me que parecia ter chegado ao mundo com uma prancha debaixo do braço. Também penso que é verdade, porque a minha mãe era tão boa como eu, de acordo com o que a minha avó me tinha contado. A minha ilha era famosa pelas ondas. Suristas do mundo inteiro chegavam nas melhores épocas do ano em busca da onda perfeita. Era algo que eu detestava, sobretudo

quando começavam a descobrir os sítios mais escondidos, onde nós, os nativos, íamos. Mas, claro, desde a invenção da Internet, havia milhares de blogues que revelavam as melhores praias onde se podia praticar *surf*. Aquilo chateava-me mesmo, porque os turistas não percebiam as nossas normas, nem respeitavam a maneira de surfar dos que sempre tinham vivido ali.

Naquela tarde, decidi não ir à minha praia preferida e escolhi a que cava à frente do Mola Mola. Era onde o Gus e o Eko trabalhavam, portanto, podia tomar uma bebida com eles antes do *sunset*. Surfar na praia principal, onde estava quase toda a gente, não era o mesmo que fazê-lo na minha enseada secreta, mas, naquele dia, tinha-me despachado particularmente tarde.

Deixei a mota na parte de trás do sítio, numa zona com pouca areia que quase todos usávamos como parque de estacionamento. Fui logo para o mar. Ouvi o *Batú* ladrar atrás de mim e sorri. Quando me meti na água, o cão rodou várias vezes sobre si mesmo a ladrar para me

chamar a atenção. O *Batú* odiava a água, era raro tomar banho no mar, e, em parte, eu sabia que cava ansioso quando me perdia de vista durante as horas em que surfava.

Pus-me na prancha com o corpo na horizontal e comecei a remar até chegar à zona ideal para apanhar uma boa onda. Estava orgulhosa por ter uns braços fortes que me permitiam remar sem quase me cansar, coisa que muitos surfistas entusiastas, mas com pouca experiência, não sabiam fazer até começarem a praticar este desporto. Todos acham que car de pé na prancha é o desafio mais difícil, mas estão enganados. O verdadeiro desafio é conseguirem remar contra a corrente sem serem exaustos só por tentarem fazê-lo. Para isso, o ioga era o meu melhor aliado.

Naquela tarde, desfrutei do mar. Não sei quanto tempo estive ali, a apanhar ondas ou simplesmente a observar alguns amigos a porem-se à prova e a arriscarem ao máximo. Havia uma grande diferença entre a maneira como nós surfávamos com respeito e a maioria dos turistas que visitava a ilha. Logicamente, nós tínhamos sido criados no mar. A água era o nosso elemento, e as ondas, a nossa paixão.

De olhos semicerrados, olhei para um grupo de turistas, que, um pouco mais adiante, se riam, tentando apanhar uma onda bastante grande. Vi o Milo, um amigo de infância, apanhar a onda sem qualquer culpa, e, logo de seguida, um turista tentou imitá-lo.

Aquele era o grande problema dos turistas, não percebiam as regras.

Era a onda do Milo! E não o dizia por egoísmo, mas por bom senso.

Se embatessem na onda, podiam magoar-se. Não se devia encarar o desporto como uma brincadeira, e nem sequer devia ser praticado quando se estava embriagado.

Vi a forma como o Milo se deixou cair na água para evitar colidir com o turista. Apeteceu-me ir lá e puxar aquele adolescente pelas orelhas até à costa.

Os seus amigos desataram às gargalhadas.

— Idiotas — disse, tentando voltar a concentrar-me.

Apanhei mais algumas ondas, e, à medida que o sol se ia pondo, o mar ia ficando cada vez mais vazio. Reparei que, um pouco mais à frente, estavam dois homens sentados nas pranchas, à espera. Um era louro e o outro, moreno. O primeiro estava de costas viradas para mim, mas o

moreno parecia-me familiar. O seu aspeto chamou-me a atenção, e devia ser alto, tendo em conta o comprimento da sua prancha de *surf*.

Fitei-o durante um tempo indecente. Calculo que senti que alguém o observava, porque virou um pouco o rosto até os seus olhos me encontrarem.

Será que já nos tínhamos visto? Nos seus olhos, também me pareceu ver uma certa curiosidade e talvez algum reconhecimento, mas não tive tempo para ver muito mais.

O meu olhar desviou-se para um ponto atrás do meu ombro. Virei-me e vi-a. Era a onda perfeita. Girei e comecei a remar com força. Era minha! A última antes de sair da água e desfrutar da merecida cerveja em frente ao mar.

Então, senti-o. Aquele tipo... aproximava-se. O que estava a fazer?

Remei com mais força. Eu ia chegar primeiro, claro. Será que ele não percebia que eu estava mais perto dela?

Não sei como o fez, mas, em poucos segundos, cou mesmo atrás de mim. Como teria conseguido remar tão depressa? Passou por mim, e então percebi. Era tão alto e grande como tinha suspeitado, mesmo sem o ver. Por isso, chegara primeiro, os seus braços tinham o dobro do tamanho dos meus. Quer dizer, estou a exagerar, mas vocês percebem onde quero chegar. Continuei a remar com força, sentia-me atraída para ele. Era como se me puxasse, como se ele fosse um íman e eu fosse inevitavelmente arrastada.

Consegui levantar-me antes dele, isso sim. Senti-me ansiosa com a ideia de deixar que um desconhecido me roubasse a onda perfeita. Vi que fazia o mesmo que eu. Olhou rapidamente para trás, precisamente para o sítio onde eu me movia. Ficou com um ar irritado. Fitou-me com o mesmo olhar que certamente eu tinha lançado ao miúdo idiota a quem quisera puxar as orelhas.

Teve de saltar pouco antes de a minha prancha o apanhar e quase chocarmos. Passei por ele como uma seta, com os joelhos ligeiramente

dobrados. O meu corpo estava alinhado com a prancha, os braços ajudavam-me a manter o equilíbrio. Sorri quando a onda se enrolou e me permitiu colocar-me no seu centro. Estendi a mão para tocar na parede de água que tinha ao meu lado. Ri-me e desfrutei daquilo como uma menina.

Sim, tinha mesmo sido a onda perfeita, tão forte e tão alta que me levou logo para a costa, poupando-me à fastidiosa tarefa de ter de remar para sair.

Deixei-me cair quando a espuma desapareceu e puxei o cabelo para trás com a ajuda da água. Peguei na prancha e saí do mar, caminhando em direção ao bar.

— Ei, tu aí! — disse uma voz atrás de mim.

Virei-me e deparei-me com... ele.

— Posso saber porque zeste isso? — perguntou-me em inglês, com um sotaque britânico.

Aproximou-se e parou apenas a um metro de mim. Percebi era bastante mais alto do que eu. As minhas suspeitas estavam certíssimas.

O tipo era enorme e, de repente, senti-me muito pequenina.

— Porque z o quê? — perguntei-lhe na sua língua. A minha avó insistira sempre que conservasse uma parte da minha herança cultural, e, ao trabalhar quase cem por cento das vezes com turistas, falava inglês quase na perfeição.

Fixou os olhos castanhos nos meus.

— A sério, vais fazer-te de parva? Roubaste-me a onda.

— Não z nada disso! — repliquei.

— Viste perfeitamente que eu ia apanhá-la. Aliás, apressaste-te e podíamos ter chocado.

— Quem apanha a onda primeiro, ca com ela — a rmei sem hesitar.

O tipo pestanejou, como se não acreditasse nas minhas palavras.

— Eu cheguei primeiro! — respondeu, elevando a voz.

— Eu já ali estava! Foste tu que te apressaste! — retorqui, mas arrependi-me logo.

— Quer dizer que reconheces que te ultrapassei e a apanhei primeiro.

— Não disse isso.

O tipo deu um passo em frente.

— Disseste precisamente isso.

A sua proximidade irritou-me. Tive de inclinar ligeiramente a cabeça para conseguir sustentar o seu olhar. De repente, tive uma enorme vontade de o empurrar para trás para voltar a conseguir respirar fundo.

— Eu estava mais perto — insisti, tentando arranjar argumentos incontestáveis.

— Mas eu adiantei-me — repetiu ele.

— Pus-me de pé primeiro.

— Eu vi-a primeiro.

— E então?

— Vê-la faz de mim o seu dono.

— Dono de uma onda? Quem achas que és, a Vaiana?

— Quem? — indagou, como se tivesse falado em chinês.

— A Vaiana... Do lme da Disney... A rapariga que...

— Tenho ar de quem vê lmes da Disney? — interrompeu-me logo.

A verdade era que não tinha ar de quem via lmes da Disney, mas sim de outra coisa qualquer. Por exemplo, daqueles em que alguém pega numa pessoa e a atira contra uma parede para depois...

— Eu conheço-te — afirmou, então, interrompendo alguns dos meus pensamentos mais perturbadores. De onde teria vindo uma ideia tão disparatada?

— Pois, mas eu não te conheço — respondi.

Enquanto o dizia, o meu cérebro começou a funcionar. Não queria admiti-lo, mas também me parecia tê-lo visto em algum lado.

Calma... Não podia ser.

Não, não, não, não...

— És a rapariga nua — declarou.

Fiquei paralisada. Não só me tinha lembrado ao mesmo tempo que ele, como lhe dava toda a razão, porra. Não sabia como é que ele estava tão certo disso, porque a distância que nos separara era demasiado grande para nos conseguirmos reconhecer, mas tínhamo-lo feito... o seu cabelo moreno ao vento, a largura dos seus ombros, a maneira como pronunciava a palavra «nua», desconcertaram-me. Sim, era a rapariga nua...

Espera, o quê?

— Não sou nenhuma rapariga nua — a rmei. Queria que o meu tom de voz soasse credível, mas aconteceu exatamente o contrário.

Os seus olhos percorreram o meu corpo. Senti que me conseguia ver sem nada. Era como voltar a estar à frente dele, só que sem a distância, de peito à mostra e a minha...

— Para!

— Ei, tem calma! Foste tu que caste nua a olhar para mim, estupefacta, não te lembras?

— Eu... eu não...

— Ei, malta! — Atrás dele, uma voz interrompeu-nos. Quando o meu rival se virou, vi que tinha uma grande tatuagem de um sol maia

no ombro direito. — O que estão a fazer? Estão a perder um espetáculo incrível.

Virámo-nos para onde o rapaz que tinha falado apontava. Vimos o sol a começar a pôr-se, banhando tudo com umas cores incríveis. Por um segundo, quei fascinada por ele ser tão bonito, até me lembrar da voz que acabava de nos interromper.

— Nate? — perguntei, tando-o.

— Nicole? — replicou.

— Nicole? — repetiu o tipo alto e idiota.

— O que fazes aqui? — questionei com o sobrolho ligeiramente franzido. — A Margot sabe que...?

— Conhece-la? — perguntou o tipo idiota ao Nate, que o tou. De repente, parecia nervoso.

— Sim, quer dizer... A Nikki é amiga da Margot, a dona das *suites* onde estamos alojados.

— Da ruiva?

— Essa mesma.

— Achávamos que não ias voltar — disse ao Nate, cruzando os braços. Como fora capaz de regressar?

— Ouve, Nikki, não é o momento... O Alex e eu...

— O Alex? — perguntei, saboreando o nome do desconhecido que me tinha visto nua.

— Sou eu.

— Já descon ava. — Voltámos a trocar olhares. — Tenho de ir... — acrescentei.

Então, olhei para o Nate e, em seguida, para o Alex. O nome assentava-lhe que nem uma luva.

— Espera, ainda me deves uma desculpa — a rmou, observando-me com um ar divertido.

Credo, apeteceu-me apagar-lhe aquele sorriso de superioridade com um estalo, mas obviamente não o z.

— Estás desculpado por me teres roubado a onda, Alex. Agora, se não se importam, tenho amigos à minha espera.

Virei-me com a prancha na mão e caminhei com determinação pela areia.

Senti dois pares de olhos cravados nas minhas costas, um deles talvez um pouco mais abaixo.

O que é que o Nate fazia aqui? Será que a Margot sabia mesmo e estavam alojados no seu hotel? E quem era aquele Alex? Além de ser um tipo que me tinha visto como Deus me trouxera ao mundo.

Caminhei até ao balcão do bar e sentei-me. Pus a prancha no chão, ao meu lado.

— Com quem estavas a falar? — perguntou-me o Eko, que também ali estava com uma cerveja *Bintang* meio bebida na mão direita e um cigarro na boca.

— Com ninguém — respondi, pegando na cerveja que o Gus me estendia. Ele apoiou os braços no balcão e espreitou por cima do meu ombro.

— Espera... Aquele não é...?

— O Nate Olivieri — interrompeu-nos uma voz doce atrás de mim.

Virei-me para a Margot, que se sentou ao meu lado, no banco alto que estava livre à minha esquerda. O Gus surgiu e apressou-se a trazer-lhe outra cerveja, apesar de ela a recusar, abanando a cabeça.

— Obrigada, Gus, mas hoje pre-ro manter-me tão sóbria quanto conseguir.

— O que faz ele aqui? — perguntou o Eko, fulminando-o com o olhar.

Virei-me para ver se o Nate se atrevia a vir para aqui. Fiquei surpreendida ao comprová-lo. Tanto o Alex como o Nate se dirigiam tranquilamente para nós. Ao meu lado, a Margot cou tensa.

— Duas *Bintang*, por favor — pediu o Nate.

Fez de conta que não estávamos ali. Fingiu que a menos de cinco metros não estava a rapariga pela qual tinha estado caidinho nos últimos anos. Jurara cuidar dela, amá-la, protegê-la e não sei mais o quê.

Então, o poder de uma presença masculina atraiu-me, como se me tivessem chamado. Os meus olhos e os desse tal Alex voltaram a encontrar-se. Senti que algo aquecia lentamente dentro de mim.

— Maggie? Diz-me o que queres que faça àquele idiota... —

começou por dizer o Gus, sem sair de onde estava, olhando para a nossa amiga.

O Alex pestanejou e desviou o olhar. Desviou-o para o meu amigo.

O Nate, pelo contrário, parecia incapaz de erguer os olhos para a Margot. Continuava a agir como se ela não estivesse ali. Como é que podia ser tão cabrão?

— Serve-lhes o que quiserem, Gus. De qualquer modo, já me vou embora.

A minha amiga saiu do banco alto e começou a afastar-se para o parque de estacionamento das motas.

— Mas que raio...? — disse o Alex.

Não acabou a frase, porque todos vimos o Nate a deixar a cerveja em cima do balcão e correr atrás da Margot. Olhei para os meus amigos.

— Isto vai correr mal — profetizei.

— Pior do que no ano passado?

— O que é que aconteceu no ano passado? — Senti a sua voz muito mais perto do que esperava.

Girei no banco alto e levantei os olhos até encontrar os seus. Credo, àquela distância e sob a luz do anoitecer, ainda era mais atraente do que me parecera inicialmente. Não era o típico britânico branco, louro e de olhos claros, como o Nate, por exemplo. A sua pele estava ligeiramente bronzeada, como se o *surf* daquela tarde tivesse começado a marcá-lo. Tinha as pestanas compridas e os olhos escuros, como o seu cabelo castanho. Usava uma blusa branca de linho meio desabotoada e, pela abertura, via-se um pouco dos pelos do peito.

Santo Deus, poderia ser mais másculo? Era o tipo de homem que conseguia captar a atenção de qualquer pessoa só de entrar numa sala.

Desviei o olhar e concentrei-me no que era importante.

— Vais ter de perguntar ao teu amigo — respondi.

Desci do banco e obriguei o Alex a dar um passo atrás.

CAPÍTULO 6

MAGGIE

Fui-me embora, porque me magoava estar tão perto dele. Já era suficientemente mau que estivesse hospedado naquela *suíte*, ainda ter de partilhar o meu espaço de descanso com ele... Preferia ir-me embora.

Não me sentia com forças para defender o meu território, nem sequer para me aborrecer. Compreendia que os meus amigos o zessem, tinha-me apercebido bem dos olhares de desaprovação que lhe tinham lançado e da atitude protetora que tinham mostrado. A falta de contas, o Nate tinha-me abandonado na véspera do nosso casamento, e, porra, isso não é coisa que se esqueça com facilidade.

Ainda me lembrava tão bem daquele momento. O instante em que a minha amiga Nikki tinha entrado no meu quarto com uma carta. O

meu nome estava escrito no verso do envelope. Sim, enquanto se preparava para me partir o coração, também se tinha dado ao trabalho de ir comprar um envelope.

— O que é isto? — perguntei-lhe.

A Nikki encolheu os ombros e olhou-me com preocupação.

— Estava em cima da tua cómoda.

Não compreendi o olhar preocupado da minha amiga. Ao início, ao ver aquela caligrafia, julguei que era mais uma das muitas cartas que o Nate e eu tínhamos trocado desde que nos tínhamos conhecido, há três anos. A falta, foi assim que continuámos a aprofundar a nossa

relação. Usávamos o correio tradicional, porque ele achava que seria divertido, e eu estava disposta a fazer o que fosse preciso para o ver sorrir.

Querida Maggie,

Treme-me a mão só de pensar no que estou prestes a fazer. Há qualquer coisa dentro de mim que me instiga a fugir, e não consigo fazer nada para que isso desapareça. Tenho medo, Margot. És todas as coisas boas que nunca pensei que poderia merecer. Sem me aperceber, comecei a ter uma vida paralela em dois lugares tão diferentes e distantes que me é impossível saber como continuar sem nos destruímos a ambos.

Em que momento comecei a amar-te tanto que me esqueci de tudo aquilo que construí sozinho e com esforço? Como posso deixar tudo isso para trás e avançar com a vida que tu desejas sem me perder no caminho?

Não estou preparado para isto, Maggie. Este amor que sinto tornou-se demasiado grande. Tornaste-te demasiado grande, porque és a mulher mais perfeita que já conheci, e não sei se sou digno de estar ao teu lado.

Lamento ter-te trazido até aqui. Lamento ainda mais não poder a cumprir a promessa que te fiz há umas semanas com o coração nas mãos.

Desculpa, Mags. Espero que um dia consigas perdoar-me, mas, no fundo, sei que estou a fazer o melhor para os dois.

Mereces alguém melhor do que eu. Mereces alguém que cumpra o que promete. Ambos sabemos que esse nunca há de ser o meu forte.

Amar-te-ei eternamente.

O teu NATE

Havia tantas coisas erradas naquela carta que só consegui processar quão furiosa estava alguns minutos depois de a ler.

A primeira coisa em que pensei foi: *Não pode estar a fazer-me isto outra vez.* A segunda foi: *Permiti-lhe que ele me zesse isto outra vez.*

Não era a primeira vez, nem seria a última, que o Nate Olivieri me deixava. No entanto, era a primeira vez que o fazia através de uma carta. Porque é que tinha ignorado o que o meu instinto me tinha dito? O Nate era o tipo de homem que não consegue comprometer-se, nem com uma operadora de telecomunicações. Por que raio achei que seria diferente comigo?

Talvez tenha sido a maneira como me olhava, as carícias dos seus dedos nas minhas costas sempre que acabávamos de fazer amor ou aquele sorriso travesso que afastava qualquer aborrecimento, porque eu era incapaz de me aborrecer com ele...

— Margot — disse alguém atrás de mim.

Parei quase por re exo.

— O que queres? — perguntei sem me virar.

Só me apercebi da força com que apertava a chave da mota quando vi a sua marca na pele da palma da minha mão.

— Gostava de falar contigo.

Girei para o encarar.

— Falar sobre o quê?

Observei-o... parecia diferente, mais velho. Talvez o último ano, desde

a última vez que nos tínhamos visto, tivesse deixado uma marca no seu ar imaturo. Já não tinha muito que ver com o miúdo jovem que eu conhecera quatro anos antes. Naquela altura, ainda era uma

miúda. Era apaixonada e tinha sonhos ridículos, e ele aproveitara-se disso, tomando-me por tola. Dera-lhe tudo o que tinha, e ele decidira mandá-lo para o caixote do lixo sem sequer me dar uma explicação.

— Sobre nós... Sobre o que se passou há um ano...

— Não existe nenhum nós, Nate — respondi-lhe categoricamente. —

Nunca existiu, na verdade. Há muito tempo que me apercebi disso.

— Não digas isso — respondeu, dando um passo em frente.

— Não — interrompi-o de imediato e obriguei-o a parar. — Não sei o que vieste cá fazer. Não faço a menor ideia do que queres e menos ainda do que esperas ao vires hospedar-te em minha casa, mas só te vou pedir uma coisa: afasta-te de mim, Nathaniel.

— Eu só queria... — tentou voltar a dizer qualquer coisa num tom de voz atormentado.

— Não me interessa o que tu queres! Já não! — gritei-lhe. Perdi o pouco autocontrolo que me restava. — Magoaste-me... Destruíste todos os nossos planos e as nossas ilusões. Brincaste comigo. Agora, queres conversar sobre o que se passou como se fôssemos velhos amigos que vão tomar um café?

— Cometi um erro, está bem? — confessou. Os braços penderam ao lado do corpo. — Arrependi-me todos os dias desde que me fui embora. Não consegui parar de pensar em ti... Não parava de me perguntar se estarias bem, se continuarias a viver na ilha, apesar de queres ir-te embora...

— Então continua a fazer-te todas essas perguntas, Nate — a rmei, fulminando-o com o olhar. — És a única coisa que resta. Pergunta-te como teria sido a nossa relação se não tivesses fugido como um autêntico cobarde.

Nem lhe permiti que me respondesse. Não queria ouvi-lo, nem vê-lo.

Queria sair dali e apagar todas as memórias que se repetiam na minha mente, numa sequência interminável. Tinha demorado muito a tentar esquecer todas aquelas recordações, mas ao menos tinha-as guardado

num sítio completamente remoto da minha mente. Estavam fechadas as sete chaves, e tinha jurado nunca mais as desenterrar.

O Nate não era ninguém para mim. Repeti-o uma e outra vez enquanto subia para a mota. Arranquei e saí dali, deixando-o para trás.

O Nate é só o amor da tua vida, respondeu-me o meu subconsciente, tocando no fundo do meu coração.

Quase consegui ouvir a primeira das várias fechaduras que guardavam as minhas recordações a abrir-se. E o pior era que essa seria apenas a primeira de muitas.

CAPÍTULO 7

ALEX

Em que merda é que o Nate se meteu? As coisas começavam a ganhar um novo sentido, sobretudo se havia uma gaja envolvida. Por outro lado, nunca tinha imaginado o Nate a atravessar meio mundo por causa de uma rapariga. Começava a perceber a sua insistência para vir a Bali! O grandessíssimo cabrão não queria saber dos meus problemas. Ele só queria vir resolver o que quer que tivesse feito. Só me tinha trazido para o proteger.

Quando o apanhasse sozinho, ia pedir-lhe que me explicasse o que raio tinha feito, mas, naquele momento, outra pessoa tinha captado a minha atenção. A rapariga nua.

Já tinha rosto, uns traços bonitos e um corpo escaldante, mas isso já eu tinha conseguido admirar sozinho naquela manhã. Fitei-a do balcão. A cerveja dali não era deliciosa, mas até se bebia bem porque estava fria. O pôr do sol era impressionante, mas não captava tanto a minha atenção como aquela rapariga descarada e de pernas compridas. Naquele instante, sentada na areia, observava o *sunset*, rodeada por um monte de cães. Olhei para os dois lados. Quase todos os que andavam por ali se tinham aproximado dela a abanar as caudas. Nem me apercebi de que um pequeno sorriso me apagou a carranca que parecia ter tatuado na cara há um mês.

Peguei na cerveja e dirigi-me para o sítio onde ela estava. Mesmo antes de chegar, o cão maior, de um tom alaranjado, levantou-se logo.

Pôs-se entre mim e ela e começou a ladrar.

A Nikki virou-se para ver o que se passava. Ao ver que era eu, um sorriso surgiu-lhe no rosto.

— O *Batú* funciona como um ltro, sabes?

Franzi o sobrolho.

— Um ltro? — perguntei, sem me atrever a dar mais um passo.

— De tipos potencialmente estúpidos — respondeu, olhando em frente. Nem me deu tempo para responder, porque já se tinha virado.

— És um tipo estúpido?

— O que entendes por um tipo estúpido?

— Que se senta ao meu lado sem autorização, que começa a fazer conversa sem me perguntar se me apetece falar... Um tipo que julga que pode mandar piropos, mesmo sem nos conhecermos... Posso continuar, se não me interromperes.

Olhei para o seu cão e de novo para ela.

— Posso sentar-me ao teu lado sem que o teu amigo me morda os calcanhares?

A Nikki voltou a sorrir.

— Mordia-te outras partes mais nobres... Treinei-o bem. Sim, podes sentar-te.

Ela chamou o *Batú*, que lhe obedeceu de imediato. Deixou-me em paz e regressou ao sítio onde tinha estado na areia, ao lado dela. Pus-me do outro lado e tentei car confortável. Nunca tinha gostado de me sentar no chão. Podia-se dizer que não tinha muita exibibilidade, e o olhar divertido que a rapariga me dirigiu, de repente, fez-me sentir desconfortável.

— Estás bem? — perguntou-me. Observava a minha posição bastante forçada.

— Ótimo — respondi.

Lá tinha conseguido acomodar-me. Levei a cerveja aos lábios e bebi um gole.

— Posso dar-te alguns pequenos conselhos para conseguires ganhar mais alguma exibibilidade, se quiseres — a rmou ainda a sorrir, e diria que era para evitar dar uma grande gargalhada.

— Estou bem assim, obrigado.

— Estou a falar a sério, sou professora de ioga. Sei do que falo.

Observei-a com mais atenção. Era bonita... Parecia ser do género de raparigas que não se vê todos os dias. Não era extravagante, como aquelas com quem eu costumava ir para a cama de vez em quando em Londres, nem sequer preenchia os padrões de beleza que estava habituado a procurar nas mulheres. Mas tinha uma atração... doce.

Sim, parecia ser uma rapariga doce.

Tinha um sorriso bonito e franco, um nariz arrebitado e uns lábios grossos. Asiática, mas claramente tinha qualquer coisa diferente. De repente, senti uma curiosidade enorme em saber a sua origem. De quem tinha herdado aqueles olhos num tom esverdeado ou a sua altura nada comum nas pessoas da Indonésia. Gostaria de saber muito mais sobre ela, mas receava tornar-me a sua de nição de rapaz estúpido se lhe zesse demasiadas perguntas.

Contentei-me com a mais evidente.

— Então, és professora de ioga? Isso soa a uma pessoa colocar-se em posições impossíveis e em adormecer enquanto medita.

Pareceu car ofendida com as minhas palavras e surgiu uma pequena ruga no seu sobrolho.

— O ioga é um estilo de vida. É muitíssimo mais do que meditar e uma pessoa colocar-se em posições impossíveis.

Ri-me.

— Estilo de vida? Mas o ioga não é aquilo que as quarentonas fazem para sentir que são desportistas, apesar de, na verdade, estarem apenas sentadas numa almofada a respirar?

Cravou os seus olhos verdes em mim, e senti um calafrio a percorrer-me. Merda. Tinha conseguido irritá-la. Não fora essa a minha intenção. A Nikki levantou-se, limpou a areia do rabo com as mãos e fulminou-me com o olhar.

— Acabaste de reinventar a de não de um rapaz estúpido... e imbecil. Adeus.

— Espera! — Tentei levantar-me com a mesma agilidade, mas falhei redondamente.

Quando me consegui levantar, a Nikki já quase tinha desaparecido pelo mesmo caminho que a sua amiga e o Nate tinham seguido uns vinte minutos antes.

Ela tinha razão, parecera um grande imbecil. Eu tinha pensado no que estava a dizer, mas podia tê-lo guardado para mim.

Ainda z menção de ir atrás dela, mas arrependi-me. Apercebi-me de que não fazia a menor ideia de como poderia justicar as minhas palavras, e, nesse preciso instante, o Nate viu-me e caminhou na minha direção.

Estava vermelho devido ao sol. Ao contrário de mim, era branco como a neve, e os primeiros dias de sol já traziam consequências.

Apesar de ter usado o protetor solar mais forte do mercado, não conseguia evitar queimar-se.

— Apetece-te jantar alguma coisa? — perguntou-me do nada.

Cruzei os braços e tei-o.

— E que tal contares-me o que raio se passou com a tal Margot?

O Nate olhou para o mar e, depois, novamente para mim.

— É uma longa história...

— Tenho todo o tempo do mundo, lembras-te? Estou de férias.

O meu amigo pareceu muito angustiado, e isso preocupou-me. Segui-o até ao parque de estacionamento das motos, e colocámos os nossos capacetes. Tinha-nos custado muito encontrar uma moto decente, mas, por m, cada um de nós tinha conseguido alugar uma *Harley*. Fui atrás dele, visto que conhecia a ilha como a palma da mão. Parámos no cimo da montanha em frente a uma porta feita com folhas de palmeira ou algo do género.

— Anda, vais gostar.

Segui-o. Depois de passar pela porta e andar um pouco, chegámos a

umas escadas. Conduziam a um restaurante com uma vista espetacular do oceano. Quase tudo era feito de pedra e tinha um ambiente muito descontraído. Estavam ali vários surtas que, como nós, tinham acabado de sair da água.

Deixei-o ir pedir qualquer coisa ao balcão. Quando veio para a mesa com duas cervejas, aguardei pacientemente que falasse.

— Estraguei tudo — disse em jeito de introdução.

— Isso já eu tinha percebido. Continua.

— A Margot... Envolvi-me com ela há algum tempo. Quer dizer, já não estamos envolvidos. Deixei-a há um ano... depois de a pedir em casamento.

Abri os olhos, completamente surpreendido.

— Estavas embriagado?

— O quê? Não, não — defendeu-se. — Claro que não. Pedi-a em casamento, porque a amava. E continuo a amá-la.

O Nate Olivieri apaixonado... Alguém que me beliscasse o braço.

— Se gostavas dela, porque a deixaste?

— Fiquei a to. De repente, vi-me a chegar a casa de mãos dadas com uma rapariga como a Margot. Porra, não tem nada que ver comigo... E apercebi-me do erro que tinha cometido.

— A Margot é uma rapariga normal, como qualquer outra...

— Tu não percebes, está bem? As pessoas daqui... Não compreendem a nossa maneira de viver. São diferentes, mais... Não sei, estão ligadas a coisas que nunca entenderei. Imaginei a Margot em Londres, com o trânsito, a chuva, o frio e, subitamente, senti que estava a arrancar uma orla de um lindo jardim para a meter num frigorífico cinzento, frio e triste.

— Falaste com ela sobre isso? Sobre viverem em Londres? —

perguntei-lhe.

O que me contava tocou-me de uma maneira que nunca julgara ser possível. A metáfora da orla zera-me pensar naquela rapariga, na Nikki.

— Falámos sobre isso, e ela estava muito entusiasmada. Sempre me disse que não queria viver na ilha. Queria conhecer mundo, viver aventuras e ir mais além.

— Mais além? — perguntei, sem perceber o que queria dizer.

— Eu também não percebi muito bem o que queria dizer com isso, mas assustei-me. De súbito, não me pareceu ser assim tão boa ideia casarmo-nos. Comecei a ter dúvidas, tive medo e quei muito preocupado.

— Sentiste o peso da responsabilidade de deixar de ser um para se tornarem dois.

Compreendia perfeitamente como o meu amigo se tinha sentido.

— Exato, meu... E fui-me embora. Escrevi-lhe uma carta e passou um ano desde esse dia...

— Caraças — disse-lhe e apertei a cana do nariz. — Estragaste mesmo tudo.

O Nate recostou-se na cadeira e olhou-me com uma expressão de sofrimento.

— O que devo fazer?

Olhei para ele com um ar sério.

— Nada — respondi, tando-o.

— Nada? É esse o teu conselho para me ajudares a reconquistá-la?

— É — respondi tranquilamente. — Deixa-a afastar-se. Dá-lhe o espaço de que precisa para pensar em tudo, e, na melhor das hipóteses, com o tempo, acabará por te perdoar.

O Nate franziu ainda mais o sobrolho.

— Não me parece ser um bom plano.

— Porque não estás habituado a resolver os teus problemas com calma, Nate. Por isso é que te saiu o tiro pela culatra. Pediste-a em casamento sem pensar, foste-te embora e lixaste as coisas, e tudo isso porque agiste demasiado depressa. Nem sequer sei se a amas verdadeiramente.

— Claro que a amo, OK? — Não o disse na defensiva, mas como alguém que tem a certeza do que diz.

— Então, deves manter a distância. Saberás quando deves aproximar-te, Nate. Mas não o forces... Não a forces.

O Nate suspirou e, depois, cravou os olhos em mim.

— Desde quando é que és perito nestes assuntos?

Levei a cerveja aos lábios.

— Desde que nunca deixei que uma miúda me desse cabo do juízo.

— *Touché* — respondeu. O Nate ergueu a cerveja e brindou comigo.

Acordei quando o dia despontava. Assim que saí da cama, fui diretamente até à varanda para procurar a rapariga nua na água. Não estava lá.

Sonhei com ela. Foi um sonho muito estranho: o seu cão alaranjado não parava de ladrar enquanto eu tentava conversar com ela. Por m, acabámos a tomar banho nus na água morna, ao amanhecer de um novo dia.

Levantei-me tesudo e com vontade de foder. Há mais de um mês que não tinha relações com ninguém. Desde que me tinham dado a notícia, deixara de ter vontade. Até àquele dia, não voltara a sentir desejo sexual por ninguém. Será que desejava aquela rapariga de cabelo escuro e lábios bonitos?

Entrei na casa de banho. A minha ideia inicial era tomar um duche de água gelada e acalmar a enorme tesão, mas acabei por ceder ao desejo. Comecei a tocar-me à medida que me imaginava a fazer coisas bastante explícitas com «a rapariga nua». Senti-me a car duro, muito mais do que o costume. No preciso momento em que estava para me vir, a porta da casa de banho abriu-se e um «Merda, desculpe!»

acabou logo com o meu orgasmo.

— Mas que raio?! — não pude deixar de gritar.

Fechei a torneira e enrolei a toalha à volta da cintura. Estava prontíssimo para repreender aquela funcionária. Nem sequer tivera a decência de bater à porta, nem se certi cara de que não havia ninguém no quarto antes de o poder limpar. Saí da casa de banho furioso e ali

estava ela.

A rapariga nua... Nicole.

— Peço imensa desculpa!

Primeiro, quei desconcertado ao vê-la ali. Por um instante, julguei que ainda estava na minha fantasia. Não conseguia juntar a imagem que tivera na cabeça àquela rapariga vestida com a farda de empregada de limpeza. Estava a fazer a minha cama, a mesma onde, uns minutos antes, tinha tido um sonho erótico com ela.

— O que fazes aqui? — perguntei-lhe, mais furioso do que queria.

Tudo aquilo me tinha deixado de muito mau humor. Porra, estivera tão perto de ter um bom orgasmo, e, no último segundo, ela tinha estragado tudo.

— Eu trabalho aqui — replicou num tom desa ante.

— Ontem disseste que eras professora de ioga — respondi sem pensar.

— E sou — a rmou.

Com um certo nervosismo, largou o lençol que segurava entre as mãos. Os seus olhos percorreram-me de alto a baixo, penso que nem teve consciência disso, e as faces tingiram-se de um ligeiro tom rosado.

— Felizmente — acrescentou —, há muita gente que valoriza e aprecia este desporto.

Muito bem, não ia ter aquela conversa.

— Desculpa o que te disse ontem — declarei, tentando usar o meu tom de voz mais amável. — Não sei absolutamente nada sobre o ioga.

Não me devia ter precipitado a fazer juízos de valor.

— Pois, não o devias ter feito — respondeu com teimosia. — Aliás, devias experimentar uma aula. Não fazia mal nenhum ao teu corpo.

Ao mencionar o meu corpo, voltou a estudá-lo. Deteve-se na ponta da minha toalha presa à cintura. Talvez tivesse vontade de ver mais alguma coisa.

Eu atraía-a.

De repente, quei muito bem-humorado.

— Não descarto a tua oferta — menti. — Então, tens dois empregos?

— perguntei.

— Na verdade, quatro — respondeu como se nada fosse.

Arregalei os olhos, surpreendido.

— Quatro empregos? — indaguei.

— E, às vezes, cinco, se me deixarem ajudar no *spa* que ca na rua principal.

— Porra... E eu que pensava que o meu trabalho era duro.

— Preciso de nanciar a minha clínica veterinária.

Pestanejei, aturdido. *OK*, agora aquilo dos cães ganhava todo um novo sentido.

— Também és veterinária?

— Sou, mas quase ninguém me paga — disse com tranquilidade.

Reparei na maneira como estava vestida. Com o uniforme, as suas curvas discretas estavam escondidas. Tinha o cabelo apanhado num rabo de cavalo alto, e a cara, lavada e incrivelmente bronzada.

— Porque não te pagam?

Não sabia em que momento começara a interessar-me pela vida daquela rapariga, mas sentia curiosidade.

— Esta é uma ilha pobre... A maioria dos hotéis e restaurantes pertence a estrangeiros. Investem aqui e cam milionários, mas nós, os autóctones, temos uma vida mais difícil. As pessoas não têm como prioridade gastar dinheiro com um animal de estimação.

— Então, não achas que escolheste mal a tua profissão?

Olhou-me surpreendida.

— Porque dizes isso?

— Estudaste uma coisa que não te vai permitir maneres-te...

— Estudei Medicina Veterinária pelo amor que tenho aos animais. O dinheiro não me interessa. Posso ganhá-lo a trabalhar noutras coisas — declarou enquanto continuava fazer a cama.

— Com quatro empregos, sim... Já ouvi isso — respondi-lhe com um sorriso, embora o que dizia me parecesse uma loucura. — Não zeste planos para ir para Bali? De certeza que lá há muitas famílias que querem pagar pelos teus serviços.

Parou o que estava a fazer e procurou-me com o olhar.

— E deixar os animais da minha ilha sem cuidados? Aqui, muitos morreriam sem a minha ajuda e a que recebo de vários vizinhos e amigos.

— Quer dizer que vives para poder cuidar deles?

Esta rapariga tinha perdido o juízo.

— Vivo por muitas outras razões, Alexander — pronunciou o meu nome com uma certa ênfase. — Apesar de haver pessoas incapazes de perceber que os cães são incrivelmente sensíveis e as barbáries que o ser humano é capaz de lhes fazer, co contente por saber que também há pessoas como eu. Salvar vidas parece-me ser um propósito de vida bastante importante.

Aproximei-me um pouco dela. A sua determinação divertia-me e deixava-me sombrio. Baixei-me ligeiramente para poder car à sua altura.

— Admiro o teu propósito, Nicole — disse-lhe. Também saboreei na minha língua a textura do seu nome completo ao pronunciá-lo.

Ela engoliu. Por um segundo, cou sem palavras. Desfrutei daquela prova de que a minha presença, de algum modo, conseguia deixá-la nervosa.

Pestanejou várias vezes e recuou meio passo.

— Toda a gente me chama Nikki — declarou.

— Nikki, pois — corrigi, embora gostasse mais de Nicole.

— E o teu, qual é? — quis saber. Deixou-me desconcertado por um momento. — Qual é o teu propósito de vida?

Aquela pergunta não me agradou. Afastei-me dela e aproximei-me da minha mala. Estava aberta em cima do suporte das bagagens, à espera de que me dignasse a guardar a roupa nos armários. Até àquele momento, não tivera consciência de que continuava seminu à frente daquela rapariga.

— Hoje em dia, o meu único propósito de vida é superar este mês de férias.

— Falas como se não quisesses estar aqui.

— O Nate obrigou-me a vir. — Tirei da mala uns *boxers*, uma camisa e uns calções e virei-me para ela. — Dás-me licença?

A Nicole virou-se para me dar alguma privacidade. O simples facto de pensar que estava completamente nu com ela no quarto foi suficiente para voltar a ter uma ereção, por isso, vesti-me o mais depressa que consegui.

— Não pareces o tipo de homem que se deixa arrastar para qualquer coisa sem querer — disse, ainda virada para a parede.

— Bastou-te um dia para saberes que tipo de homem sou? —
questionei.

Virou-se quando percebeu que me tinha aproximado dela, assumindo que tinha acabado de me vestir. Relanceou para a minha roupa e voltou a cravar os olhos nos meus.

— Posso estar enganada, mas o meu instinto diz-me que és o tipo de homem que é viciado no trabalho.

— E isso é mau? Tu tens quatro empregos...

Sorriu, e senti um calor estranho no peito, como se tivesse acabado de beber um gole de um bom uísque escocês.

— Eu trabalho para viver, não vivo para trabalhar.

As suas palavras mexeram com algo na minha mente... Não queria tocar naquele assunto, muito menos com uma desconhecida.

— Eu adoro o meu trabalho — a rmei.

A verdade é que o que dizia era sentido, apesar de, no fundo, uma parte de mim saber que há anos aquela paixão por voar se tinha

apagado. Tudo ao meu redor também se tinha apagado, como se, de repente, vivesse em modo «baixo consumo». O pior é que nem sequer sabia porquê.

— Porém, não me disseste a que te dedicas — disse, então, numa voz doce. Foi como se tivesse percebido que tinha tocado num ponto sensível e quisesse distrair-me.

— Sou piloto de aviões — respondi.

Automaticamente, desaparecemos num silêncio incómodo que não percebi. Foi como se lhe tivesse despejado um balde de água fria em cima. A Nicole cou tensa, e a cor do seu rosto pareceu dissipar-se.

— Estás bem? — perguntei, intuitivamente, segurando-lhe no braço.

Parecia que ia desmaiar a qualquer momento. O meu contacto fê-la reagir.

— Sim, sim — disse. Afastou-se de mim e atravessou o quarto até chegar à porta. — Tenho de continuar as limpezas — acrescentou.

Quase sem me aperceber, agarrou nas suas coisas e foi-se embora.

O que raio acabou de acontecer?

CAPÍTULO 8

NIKKI

Embora no fundo soubesse que a minha reação era injusta, agradeci ter tido uma desculpa para me ir embora. A sua revelação tinha-me apanhado completamente desprevenida... Tinha sido uma surpresa. De todos os trabalhos e pro ssões que havia no planeta, o rapaz escaldante tinha logo de se dedicar à única pro ssão à qual eu tinha uma grande aversão? Piloto de aviões. Estremeci só de pensar naquilo, e, embora no fundo do meu consciente soubesse que a minha reação era injusta, quei grata por ter tido uma desculpa para abandonar aquele quarto. Um quarto espetacular num dos melhores apartamentos da ilha e ocupado por um tipo que era bom que se fartava.

Já o tinha visto em tronco nu, porque nos tínhamos conhecido a fazer *surf*, mas aquilo tinha sido outra coisa. Era o rapaz mais bonito que tinha tido o prazer de conhecer e que estava à minha frente, num ambiente impressionante, com a toalha presa à cintura e a água a escorrer pelo seu corpo bronzeado e incrivelmente trabalhado...

Era aquele tipo de corpo atlético que o era sem querer ser. Não era o corpo do típico rapaz que se esforça no ginásio, mas daquele que pratica desporto pelo prazer de o praticar, ou imaginava eu, porque não sabia quase nada sobre ele, apenas que se chamava Alex, era piloto, tinha vindo a Bali arrastado pelo amigo e que tinha uma boa...

Corei só de pensar no que os meus olhos tinham visto.

Teria ele consciência de que eu vira perfeitamente o que tinha estado a fazer no duche? Tinha conseguido vê-lo apenas num segundo, mas fora o suficiente para me deixar de boca aberta com aquela imagem tão máscula e excitante...

Credo, o que se passava comigo? Desde quando é que me punha a pensar num tipo a masturbar-se? Estava a perder o juízo. Desde que aquele tipo chegara, o meu comportamento estava a ser incrivelmente lascivo. Aliás, tinha-o deixado ver-me nua! É verdade que tinha julgado que a distância era suficientemente grande para ele não conseguir reconhecer-me. Também era óbvio que eu não zera a menor ideia de quem era o tipo que me observava daquela varanda, mas agira de forma totalmente errática.

Contudo, não só tinha um corpo escaldante, como também o seu olhar... era espantoso, sentia que deixava ver pouco do que havia por detrás dele. Parecia estar habituado a erguer muros para se proteger de toda a gente e a refugiar-se no seu interior.

Quando lhe perguntei qual era o seu propósito de vida, respondera que era superar aquele mês de viagem. Ia car trinta dias na ilha. Sem querer, senti uma emoção que poucas vezes tinha experimentado.

Como quando tinha catorze anos e tinha uma grande paixoneta pelo Gede Yogi, um miúdo giríssimo da minha turma.

Era ótimo a surfar e picávamo-nos para ver qual de nós apanhava a melhor onda. Pensei que tinha uma hipótese com ele. Lembro-me da sensação emocionante que me percorria o corpo quando me sorria ou dávamos um mais cinco depois de uma boa sessão de *surf*. No m, acabou por sair com uma colega da turma e tudo terminou imediatamente, embora tivesse suspirado por ele durante meses.

Com o Alex, começava a passar-se exatamente o mesmo, mas multiplicado por mil. Tinha a sensação de que se tinha criado uma certa intimidade entre nós, nascida dos encontros esporádicos, em que um de nós tinha estado nu.

Sempre soubera que desejava ter uma relação séria com alguém que gostasse verdadeiramente de mim. Não queria ter namoros casuais e às escondidas com um tal quase sempre triste para qualquer um dos dois. Não queria sofrer um desamor, não quando tinha tantas coisas para fazer.

No entanto, não o podia evitar. Começava a imaginar várias situações em que o Alex e eu nos encontrávamos sem querer e acabávamos na conversa, como naquela primeira manhã, ou na noite anterior, antes de ser idiota e criticar o meu trabalho.

Aqueles estrangeiros não percebiam nada! Complicavam a vida sem sentido nenhum, e, ainda por cima, achavam que eram superiores.

Sabia que não tínhamos absolutamente nada que ver, nada de nada, mas não conseguia deixar de me emocionar ao imaginar um novo encontro. Voltaria a vê-lo? De certeza que sim.

Perguntava-me como seria ter uma relação com ele, como as que sabia que a Margot tinha tido com muitos rapazes ao longo da vida.

Como seria simplesmente car para me divertir, sem compromisso, apenas pelo prazer de passar um bom bocado? Seria capaz de fazer uma coisa dessas?

A educação que tivera levava-me a fazer precisamente o contrário.

Na Indonésia, o normal era esperar pelo casamento, inclusive, havia políticos que queriam penalizar as relações extraconjugais. Eu não concordava com isso, mas agradava-me a ideia de um amor puro, de criar uma relação com base na confiança e na intimidade. Porque

deveria entregar o meu corpo a alguém que sabia que só me queria para ter relações sexuais?

— Eu também só os quero para isso — respondera-me a Margot certa vez.

Depois de me contar, com todos os pormenores, um encontro sexual que tivera com um turista, eu tinha-lhe feito essa mesma questão. Ela tivera uma educação diferente, não só porque os pais eram estrangeiros, mas porque tinha frequentado um colégio internacional em Bali. Para ela, não tinha sido invulgar ver que algumas jovens tinham as primeiras experiências sexuais aos dezasseis anos. Eu, pelo contrário...

— Tens de fazê-lo quando te apetecer, Nikki — dissera-me a minha amiga. — O corpo é teu. Ninguém te pode dizer o que deves ou não fazer com ele. Se queres, fá-lo, mas não esperes nada em troca.

O seu conselho tinha-me cado gravado na memória. Seria ridículo sonhar com uma relação amorosa à moda antiga? Seria tola por querer que me quisessem não apenas pelo que o meu corpo pudesse oferecer durante um bocadinho?

Tinha a cabeça num nó. Considerava-me uma mulher livre, era algo que apregoava com orgulho, mas, às vezes, receava que a minha educação me tivesse condicionado em muitas coisas.

A minha avó e o meu tio tinham sido sempre claros sobre isso: nada de sexo fora do casamento. Todavia, com o tempo e graças a um diário que tinha encontrado da minha mãe, descobrira que ela não tinha esperado pelo casamento para dormir com o meu pai. Como muitas amigas minhas, percebi que, por vezes, as regras deviam ser quebradas...

Suspirei, confusa, e decidi parar de pensar naquilo. Passei o resto da manhã a dar aulas de ioga em diferentes lugares da ilha. Depois, fui à clínica tratar de alguns animais doentes. Trouxeram-me três galinhas que, pelos vistos, não punham ovos há um mês, claramente devido a um défice importante de cálcio na sua dieta. De seguida, peguei na minha bolsa e, acompanhada pelo *Batú*, fui fazer uma visita à cadelinha prenha do Wayan, a *Blackie*. Estive um pouco com a família. Não tinham muito dinheiro e estavam preocupados com ela, caso surgissem complicações, não poderiam pagar as despesas no veterinário.

Prometi-lhes que, durante o trabalho de parto, viria ver se os cachorrinhos estavam bem. Eram três, e, pelo tamanho da *Blackie*, receava que nem todos conseguissem sobreviver. No entanto, ainda era cedo para ter pensamentos negativos. Ofereci-lhes uns comprimidos de vitaminas e, depois de mil agradecimentos e uma cesta de verduras da sua horta, fui-me embora.

Tinha combinado encontrar-me com a Margot em La Bakery, um café e padaria que fazia os melhores donuts da ilha, para ver como estava depois de todo o drama com o Nate. Tive de passar à porta com a mota até conseguir encontrar um lugar para estacionar. Vi a minha amiga sentada com um café fumegante à minha espera. O *Batú* ladrrou como um louco assim que a viu e dirigiu-se a ela para que o

acariciasse.

— Olá, Mags — cumprimentei-a com um sorriso cauteloso.

Não queria mostrar uma alegria excessiva quando sabia que ela estava tão mal. Sorriu-me, mas a felicidade não lhe chegou aos olhos.

— Que tal vai isso? — perguntou-me enquanto continuava a acariciar o *Batú*.

— Um pouco cansada — disse, sentando-me à sua frente. — Hoje foi um dia difícil.

— Quantos? — quis saber. Eu sabia perfeitamente a que se referia sem precisar sequer de lhe perguntar.

— Só três — respondi. — Ioga, limpar o hotel e a clínica veterinária.

— Às vezes, não sei como consegues fazer tudo isso.

Sorri e voltei-me para a empregada de mesa que acabara de se aproximar.

— Um café com leite e um dónute rosa, por favor — pedi-lhe. Sabia que aquele ia ser o meu momento feliz do dia. — E tu, como te sentes?

— perguntei. Também eu me referia ao óbvio.

A Margot suspirou.

— Tinha-me convencido de que nunca mais ia voltar a vê-lo.

— Todos estávamos convencidos disso.

O silêncio da minha amiga fez-me perceber que estava pior do que eu imaginara.

— Disse-me que está arrependido. Que nunca parou de pensar em mim.

Pelo seu olhar, percebi que se iludia. Era uma pequena chama no fundo dos seus olhos azuis profundos, começava a aperceber-me daquela minúscula faísca que só vira nela quando o Nate estava por perto.

— Maggie, ele brincou contigo — recordei-lhe. Tentei ser clara, mas

subtil. — E não foi a primeira vez... Quantas vezes estivemos nós, tu e eu, assim, como estamos agora? Quantas vezes tentámos analisar as suas ações e procurar justi cações?

— Eu sei, eu sei...

— Tens de deixá-lo ir, Mags, a sério. Não quero voltar a ver-te sofrer por ele, não merece que o faças.

A Margot mexeu o café, distraída. Eu sabia no que pensava.

— Alguma vez paraste para pensar se é verdade que só temos um amor verdadeiro?

— Acredito que o amor não deve magoar, Maggie.

— Mas nem sempre tudo é idílico, Nikki. Tal como não haveria luz sem sombras, nem sol sem lua, nem luz sem escuridão... É a metade de um todo. Não acredito que haja amor sem dor. Embora, sim, acredito que, pelo menos, deveria haver um certo equilíbrio. Com o Nate...

— Com o Nate, sempre houve mais dor do que amor, Margot — terminei a frase por ela.

— Eu sei, eu sei... — Deteve-se um momento antes de voltar a falar:

— Porque terá voltado? — repetiu.

— Não faço ideia — repliquei e aceitei o café que a empregada de mesa trazia. — Ele sabe que...? — Fiz uma pausa que deixava claro a que me referia.

— Vai acabar por se aperceber disso sozinho — respondeu num tom bastante seco.

— Quando volta?

A Margot afastou os olhos do café e tou-me.

— Na próxima semana — disse.

Uma parte de mim estremeceu com o que poderia acontecer dentro de alguns dias.

— Acho que não vai aceitar isso muito bem.

— Não tenho a culpa — retorquiu.

— Claro que não! — concordei de imediato. — Margot, tu não tens culpa de nada.

— Falemos de outra coisa, por favor. Passei mais de meio ano a chorar pelo Nate, não quero ocupar o pouco tempo que tenho para estar com a minha amiga a falar sobre esse idiota.

— Tens toda a razão. Do que queres falar?

A Margot sorriu de um modo estranho.

— Ouvi dizer que há muita química entre ti e aquele rapaz muito alto. Senti-me a corar de imediato.

— O quê? Que rapaz?

A Margot sorriu.

— Vá lá, Nikki, sabes perfeitamente que estou a falar do Alexander Lenox.

— Bem, para veres quanto pouco sei, não fazia ideia que o apelido era Lenox.

— Está hospedado nas minhas *suites*, com o Nate.

— Eu sei — respondi, fazendo com que os alarmes da minha amiga disparassem.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou-me, cheia de curiosidade.

— Absolutamente nada! — exclamei. Mordi o dónute para ter tempo de pensar se lhe contava aquilo ou não.

— Desembucha!

— Quem é que usa essa palavra? — perguntei. Ri-me e engoli com cuidado para não me engasgar.

— Para com isso e conta-me tudo! — insistiu.

— Não há nada para contar. Só que... — Fiquei vermelha que nem um tomate.

— Credo! Pela tua cara, presumo que ontem se passou muito mais do que uma simples conversa ao *sunset*!

— Ao *sunset*?

— O Gus contou-me que o Alex não parava de te observar e que se sentou ao teu lado enquanto vocês contemplavam o mar muito juntinhos.

— Ah, sim, sim... Sentou-se.

— Aconteceu mais alguma coisa?

Tossi um pouco e bebi café para clarear a garganta.

— Sim... Hoje entrei no quarto dele para o limpar, julgando que estava vazio...

— Tu limpaste o quarto dele?

— Chamaram-me, porque estavam com imenso trabalho.

— Sim, temos mesmo muito trabalho.

— E disse que me dava jeito. Resumindo, entrei no quarto dele. Ao início, achei que não estava ninguém ali, mas, assim que entrei na casa de banho, vi-o... — Impedi-me de terminar a frase. Não sabia muito bem como explicar o que os meus olhos tinham visto.

— Viste-o nu?! — perguntou-me, levando as mãos à boca.

— Pior — continuei. Senti-me a car mais vermelha do que nunca.

— Viste-o a fazer cocó?!

Até me saiu café pelo nariz.

— Parva, claro que não! — exclamei, rindo-me com a Margot. Ao meu lado, o *Batú* emitiu um latido alegre.

— Então, o que estava a fazer?

— Bem, estava... — disse depois de recuperar do ataque de riso. — Estava... a tocar-se, sabes.

— Estava a bater uma?

— Não seas nojenta!

— Estava a masturbar-se? — perguntou. — Está melhor assim?

Assenti em silêncio. A minha amiga voltou a tapar a boca com a mão, rindo-se.

— E tu, o que zeste?

— Nada! O que havia de fazer? Fechei a porta depressa, mas ele veio atrás de mim!

— Como era? — quis saber. Então, voltei a visualizar mentalmente aquela imagem tão excitante.

— Só consigo dizer-te que a sua altura, os seus pés e as suas mãos são perfeitamente proporcionais à sua...

— Quer dizer que é enorme — interrompeu-me.

Tornei a rir-me, e a minha amiga juntou-se a mim.

— Disse-te alguma coisa? — perguntou depois de nos rirmos mais um pouco como umas miúdas imaturas.

— Parecia uma fera quando saiu da casa de banho, mas, assim que me viu, a irritação pareceu evaporar-se.

— Não me admira nada — disse, esboçando um sorriso doce.

— Estivemos a conversar um bocadinho sobre os meus trabalhos e, bem...

De repente, o divertimento desaparecera do ambiente.

A minha amiga assentiu, compreendendo-me.

— É piloto, como o Nate, não é?

Assenti.

— Lamento muito, querida, mas já sabes que ele não tem culpa de...

— Eu sei, eu sei — interrompi-a. — De qualquer modo, foi só isso, Mags. É um tipo do mundo, dá para ver que veio à ilha onde vêm todos os turistas, e tu sabes que eu...

A Margot revirou os olhos.

— Quando é que vais acordar? Nikki, aproveita! Já sei que foste criada aqui e que a tua avó e o teu tio te incutiram todas essas tontices, mas caraças! Tens vinte e três anos! Já está na altura de te

encontrares, de fazeres coisas novas, de descobrires do que gostas e do que não gostas...

— Já sabes o que penso acerca de tudo isso, Margot.

A minha amiga suspirou.

— Tenho a certeza de que esse tipo te poderia ensinar tantas coisas...

Senti uma dor na barriga ao imaginar-me a fazer coisas que nunca diria em voz alta. E se a Margot estivesse certa? Devia deixar para trás o que me tinham ensinado e começar a pensar por mim mesma, criar os meus próprios valores? A nal, o que zesse ou deixasse de fazer caria apenas entre mim e a pessoa que estivesse comigo. Ninguém tinha nada que ver com o que eu fazia no meu tempo livre e em privado... Certo?

— É nisso que estás a pensar?

Pestanejei, voltando à conversa.

— Quem disse? Além disso, nem sequer sei se ele gosta de mim...

— Ou seja, estás a considerar!

— Cala-te! — avisei-a, olhando para os dois lados para me certi car de que ninguém nos ouvia. — Eu não disse isso!

— Oh, Nikki, gostas dele... Garanto-te que ele também gosta de ti.

— Sabes lá — ripostei.

De repente, lembrei-me de todas as minhas inseguranças de uma só vez.

— Eu sei, porque és a minha melhor amiga e sei que és uma pessoa incrível.

Revirei os olhos.

— De certeza que hoje ele vai ver o *sunset* — declarou, mexendo o

café várias vezes com a colher. — Há bocado, ouvi-os falar na entrada.

O Alex dizia que queria repetir a sessão de *surf* e que aquela praia era incrível.

— Isso é porque não conhece as boas praias — repliquei. Tinha cado nervosa com a perspectiva de o voltar a ver.

— Porque não lhas mostras? — perguntou-me num tom persuasivo.

— Que engraçadinha — respondi, acabando de beber o café. —

Sabes perfeitamente que não deixamos os turistas irem a essas praias.

— Bem, talvez tenha chegado o momento de quebrar algumas regras, não achas?

Não lhe respondi, mas quei a pensar naquilo durante muito tempo.

CAPÍTULO 9

NIKKI

Olhei-me ao espelho durante muito mais tempo do que era costume.

Não era nada vaidosa. Raramente me maquilhava ou arranjava mais do que o habitual, mas, naquela tarde, era diferente. Ia voltar a vê-lo.

O meu cérebro, inclusive, estava a funcionar de maneira diferente, tal como outras partes do meu corpo.

Tinha escovado o cabelo e deixara-o solto, ao contrário do que costumava fazer. Era muito longo, quase chegava à cintura, roçando-me no rabo, e era muito liso. A minha avó sempre insistira para que o cortasse, mas eu gostava de o ter assim. É um cabelo no e, pelo menos, com esse comprimento, podia fazer penteados um pouco mais xes, como um puxo ou uma trança larga.

Tinha decidido que, naquele dia, não ia surfar. Ia passar pelo Mola Mola, conversar com alguns amigos e desfrutar de um *sunset* agradável. Se por acaso o Alex Lenox estivesse a fazer *surf* por ali, então, cumprimentá-lo-ia e...

Oh, anda lá! , gritou-me o meu cérebro.

Está bem, pronto, não era assim que me sentia. Bolas, até estava a

usar um vestido! Era simples, vermelho com pequenas ores, um daqueles que cruzam à frente e atam atrás. Não era nada do outro mundo, mas sabia que me cava bem e favorecia as minhas pernas.

Bom, fora isso que a Mags me dissera certa vez. Como é que aquele homem tinha conseguido tocar-me tão fundo em apenas dois encontros?

Uma vez, li numa revista cor-de-rosa que, às vezes, nos apaixonamos pela ideia que temos de como uma pessoa pode ser. Podemos, até, car obcecados por ela e, quando descobrimos que não se assemelha aos nossos desejos, tentamos mudá-la ou forçá-la a ser algo que, na verdade, não é. A obsessão, por exemplo, vem daí, de se idealizar uma pessoa que ainda não conhecemos de todo...

Eu não conhecia minimamente o Alexander Lenox, mas a ideia que formara dele era muito atraente, tanto que me tinha arranjado e estava nervosa por ver um anoitecer que há muito tempo deixara de me interessar. O meu coração batia descompassadamente.

Saí de casa e fui buscar a mota. O *Batú* não andava por ali e calculei que estivesse a remexer no lixo. Independentemente da quantidade de comida que lhe desse, era impossível retirar-lhe aquele hábito tão feio que tinha imitado dos outros cães da ilha.

Acelerei a mota quase por instinto, como se quisesse acompanhar o ritmo forte e rápido dos meus batimentos cardíacos. Passei por vários pontos de venda ambulantes, deixei o cemitério à direita, desci a colina, passei pela praia e continuei pela rua principal até chegar ao meu destino.

A ilha tinha imensos bares, restaurantes, *warungs* [1](#) ou restaurantes típicos, e também bares perto da praia, mas o Mola Mola era especial.

Sem dúvida que os autóctones o preferiam aos demais. Tinha puffes coloridos espalhados pela praia, um grande balcão feito com troncos de palmeira e centenas de luzinhas que eram acesas à noite. O

ambiente convidava-nos a car para jantar enquanto contemplávamos o anoitecer e as ondas do mar. Embora o melhor fosse a comida. Tinha

as melhores batatas fritas do mundo, e era o único sítio do mundo que servia cerveja mesmo gelada.

Assim que cheguei, os que já ali estavam cumprimentaram-me com

sorrisos. Fui devolvendo o cumprimento ao mesmo tempo que percorria os presentes com um olhar rápido à procura de uma certa pessoa. Não estava em lado nenhum.

— Olha, mas que gira! — exclamou do balcão o meu amigo Gus.

Aproximei-me dele com um sorriso.

— Como vão as coisas, Gus?

— A dar o litro e a discutir com este — disse, apontando para o chão.

De repente, apareceu o Eko com a cara vermelha do esforço.

— Estás bem?

— Se estou bem? Pergunta-lhe a ele — respondeu, chateado.

— Perdeu as chaves da mota e não é capaz de o admitir.

— Eu não as perdi! — replicou o namorado, voltando a baixar-se.

— Então, porque é que já aí estás há uma hora agachado à procura delas?

O Gus e eu trocámos um olhar divertido. O Eko estava sempre a perder tudo, era um desastre.

— Serves-me uma cerveja? — pedi ao Gus, e, automaticamente, retirou uma *Bintang* do frigorífico.

— Aqui tens — disse. — Sabes alguma coisa da Margot? — perguntou-me.

— Sim, hoje tomei um café com ela.

— E como é que ela está?

Encolhi os ombros.

— Como podes imaginar... Não está lá muito bem.

— Perguntei-te isto, porque aqueles dois estão dentro de água. Ainda vão ganhar o hábito de vir para aqui...

O meu coração saltou algumas batidas.

— Onde estão? — perguntei, como quem não quer a coisa.

— Ali — indicou-me, apontando para um ponto distante.

— Ah, sim — respondi simplesmente enquanto os localizava na água. Identi quei imediatamente as costas do Alex.

— Não vais surfar? — perguntou-me o Eko, apoiando-se no tampo do balcão, visivelmente cansado.

— Hoje não — respondi, evitando o seu olhar.

O Eko tinha facilidade em ler os meus pensamentos e as minhas intenções. Não sabia como o conseguia fazer.

— Estás muito bonita... Esse vestido é novo?

Comecei a car vermelha. Merda.

— Nada disso, era um dos que tinha no fundo do armário.

Virei-me para eles e apanhei-os a entreolharem-se.

— O que foi? — perguntei com brusquidão.

— Nada, nada — respondeu o Eko, a sorrir.

— Vá, deixa-a, anda. Continua lá à procura das minhas chaves —
tentou ajudar-me o Gus. — Queres umas batatas?

Anuí, sorrindo. Assim que caram prontas, peguei na taça com uma mão e na cerveja com a outra e dirigi-me para os pufes mais afastados dos meus amigos. Não queria sentir-me observada, e, de certo modo, comecei a car preocupada com a questão do vestido. Era assim tão óbvio que decidira aperaltar-me toda para o Alex?

Enquanto bebia a cerveja, reparei na maneira como surfava. Não o fazia nada mal, apesar de se notar que era um desporto que não praticava frequentemente. Era melhor do que o Nate, sem dúvida. Sem

querer, imaginei-nos a surfar juntos, levando-o para a minha praia secreta e dando-lhe conselhos sobre como melhorar as voltas ou como entrar na onda mais cedo.

Permaneceram ali mais um pouco, até a luz começar a desaparecer, e o céu começar a tingir-se de todas as cores. Fiquei nervosa conforme

se foram aproximando. Vinham carregados com as pranchas, molhados e incrivelmente atraentes.

— Olá, Nikki! Como vai isso? — indagou uma voz conhecida atrás de mim.

Não, merda! Era o Jeremy.

— Hum... Olá — respondi, praguejando baixinho.

Sem me perguntar, pegou no pufe que estava ao meu lado e sentou-se. Na mão direita, trazia uma cerveja acabada de abrir.

— Que *sunset*, hum? — perguntou.

Pôs-se confortável no pufe, como se fosse uma cama. Tive vontade de o expulsar dali a pontapé, sobretudo porque o Alex e o Nate se aproximavam de nós. Os meus olhos voaram para o Alex e vi que me observava. Os seus olhos sorriram-me, mas refrearam-se ligeiramente ao ver que estava acompanhada por um rapaz.

— Ouve, Jeremy... — comecei a dizer.

— Ontem estive a falar com o teu tio — interrompeu-me. O facto de se dar com a minha família deixou-me alerta. — Disse-me que queria que fôssemos jantar a casa dele e isso deixou-me um pouco desconfortável. Não lhe contaste que já não estamos juntos?

Queres dizer que te deixei, teria gostado de lhe responder.

— Ainda não tive a oportunidade de lhe contar — repliquei, vendo pelo canto do olho que o Alex e o Nate deixavam as pranchas na areia e se aproximavam do bar para pedir uma cerveja.

— Foi justamente nisso que pensei — acrescentou o Jeremy. Tive de me virar para o tar diretamente. — Não achas que nos precipitámos, Nikki?

— Que nos precipitámos com o quê? — perguntei, começando a perder a paciência.

— Tu sabes, connosco... — explicou, como se fosse necessário. —

Acho que fazíamos um casal incrível e, apesar de termos tido os nossos desentendimentos...

— Jeremy, acho que fui clara em relação a isto — a rmei. — Não me

parece que as nossas personalidades encaixem. Neste momento, apetece-me estar sozinha, tenho muita coisa em que pensar.

— Mas, Nikki, o teu tio aprovou a nossa relação. Até a tua avó cou para almoçar com a minha mãe. Não podes descartar o que tivemos Levantei-me.

— Não estou a descartar nada, porque nunca chegou a existir nada entre nós, Jeremy.

O Jeremy tou-me com um ar furioso.

— Perguntei-te se querias sair comigo e disseste que sim.

— E agora digo que não, lamento.

Comecei a virar-me, mas o Jeremy também se levantou e segurou-me pelo pulso para me deter.

— Não queres saber dos meus sentimentos? — acusou-me, apertando-me o pulso com força. — Então e todo o dinheiro que doe à porcária da tua clínica veterinária? Quem é que mo vai devolver, hum?

— Como te atreves? — indignei-me. — Estás a falar a sério quando dizes para te devolver o dinheiro que eu não te pedi e que doaste por vontade própria?

— Quero lá saber dos cães, Nikki! Fi-lo por ti!

— Eu não to pedi!

— Oh, por favor! Tinha de te ouvir todos os dias a falar sobre a mesma coisa.

— Lá por gostar muito de uma coisa, não signi ca que...

— Devias agradecer-me!

— E agradeço! Eu disse-te isso!

— E agora deixas-me? — respondeu, apertando-me ainda mais o pulso. — Aproveitaste-te de...

— Olha lá, pá, acho que devias soltá-la — disse uma voz grave atrás de mim. — Agora.

Senti um arrepio a percorrer-me. O Jeremy encheu o peito como um

galo e virou-se para o Alex. Tinha-se colocado ao meu lado e parecia estar muito, muito irritado.

— E quem tu és?

— Larga-a e pode ser que te diga.

O Jeremy largou-me o pulso. Olhou para onde tinha estado a apertar-me, como se nem se tivesse apercebido disso até àquele momento. Dei um passo atrás enquanto tocava no pulso com a palma da outra mão para aliviar a dor. Grandessíssimo idiota!

— Estamos a ter uma conversa privada — defendeu-se o Jeremy, estudando o Alex, devagar.

O Alex nem pestanejou quando me perguntou sem olhar para mim:

— Nicole, queres que me vá embora e vos deixe em paz?

Virei-me para o Jeremy.

— Acho que o melhor é ires-te embora, Jeremy — disse, tando-o com mágoa e fúria.

A sério que me tinha atirado à cara os donativos que zera à clínica veterinária? Como podia descer tão baixo?

— Já a ouviste, amigo. Agora, vai-te embora — insistiu o Alex.

O Jeremy fulminou-o com o olhar. De seguida, lançou-me um olhar carregado de traição misturada com mais alguma coisa que não consegui identi car. Depois de se ter ido embora, virei-me para o Alex.

— Obrigada.

Os seus dedos pegaram-me no pulso. Ao roçarem na minha pele, arrepiei-me.

— Estás bem? — questionou.

O polegar acariciava-me o sítio que o idiota do meu ex tinha apertado com força. Pestanejei para tentar acalmar as ideias.

Subitamente, senti-me embriagada.

— Hum... Sim, sim — respondi como pude. Tive di culdade em

encontrar a minha voz.

Merda, só está a roçar o dedo no meu pulso e o meu corpo reage assim?

— É o teu namorado? — perguntou-me, sério.

A sua mão continuava a tocar na minha pele. Neguei-o, abanando a cabeça antes de conseguir voltar a falar.

— Já foi... Nem sei se o que tivemos pode ser considerado uma relação. Só saímos durante algumas semanas.

O Alex acenou com a cabeça e largou-me o pulso. Senti frio no sítio onde os seus dedos tinham estado.

— Posso perguntar-te porque fugiste esta manhã?

— Não fugi, a questão é que tinha trabalho para fazer...

O Alex olhou-me daquela forma... Estava perdida. Era o mesmo olhar que o meu tio me lançava quando lhe roubava os seus rebuçados preferidos e lhe mentia, dizendo que não sabia quem os tinha comido.

— Disse alguma coisa que te incomodou? — insistiu.

— Não, não...

— Tem alguma coisa que ver com o meu trabalho?

Fiquei calada durante uns segundos. Ele esperou que eu dissesse alguma coisa.

— Queres dar um passeio comigo? — perguntou-me, então, apontando para a praia.

Engoli a saliva. Um passeio com aquele homem? Oh, meu Deus...

— E o Nate? — perguntei, olhando para o balcão.

O Nate estava a beber uma cerveja e a conversar com um grupo de surtas alemães. O Alex seguiu o meu olhar.

— Ele ca bem, acredita em mim. Vamos? — insistiu, estendendo a mão e inclinando a cabeça para a costa.

Anuí e começámos a caminhar junto à rebentação. Tirei os chinelos e deixei que a água me roçasse nos dedos dos pés.

— Fugiste a sete pés quando descobriste a minha pro ssão ou foi imaginação minha? — indagou enquanto eu observava o maravilhoso anoitecer.

— Não fugi a sete pés... — comecei por me justificar, mas ele olhou-me com condescendência.

— Há alguma razão para detestares quem pilota aviões? —

perguntou, divertido. — Somos boas pessoas, acredita. Levamos as pessoas do ponto A até ao B — disse em tom de brincadeira. Calculo que tentasse aliviar o ambiente que eu voltara a deixar tenso sem sequer me aperceber disso.

— Não os detesto... Quer dizer, nem sei — respondi, hesitante.

Não gostava de falar sobre aquilo. Na verdade, tinha falado poucas vezes sobre aquele assunto com alguém. Será que ia fazê-lo com um desconhecido?

— Não sabes se nos detestas? — indagou, então, num tom bastante incrédulo.

— É complicado — repliquei.

Levantei o olhar dos meus pés e encontrei o seu. Reparei que tinha umas pestanas bastante compridas e eram tão escuras como as suas sobrancelhas e o seu cabelo castanho. Não se tinha barbeado, e os vestígios de barba davam-lhe um toque muitíssimo másculo. Vestia uma blusa simples e tinha o cabelo desgrenhado, um pouco áspero devido à água salgada.

— Acho que posso vir a perceber-te — disse-me com uma curiosidade genuína.

Antes de falar, soltei um suspiro audível.

— Não costumo falar disto com ninguém... Além do Nate, nunca conheci nenhum piloto pessoalmente — comecei por dizer.

Fiz uma pausa para tentar organizar os meus pensamentos.

Procurava a melhor maneira de lhe explicar por que motivo sentia rancor pela sua pro ssão sem parecer mal-educada ou instável.

— Ouve, Nikki, se não quiseses contar-me... Não há problema, não quero aborrecer-te — declarou.

Parecia que tinha percebido que a minha aversão a pilotos não era um mero capricho nem uma brincadeira. Detive-me e virei-me para o olhar diretamente.

— Os meus pais morreram num acidente de avião. Foi há vinte anos, eu ainda era bebé.

Surpreendido, arregalou os olhos.

— Lamento imenso — disse. Vi no seu olhar que era verdade. —

Sabes o que aconteceu?

— Só sei que foi um erro do piloto.

Reparei que franzia um pouco o sobrolho.

— Deve ter sido horrível para ti, Nikki. Lamento mesmo muito, mas o facto de os teus pais terem sofrido um acidente não signi ca que...

— Eu sei — interrompi-o, porque sabia que estava certo —, mas não consigo evitá-lo. Não gosto dos aviões. Não gosto de nada que tenha que ver com eles.

Percebi que aquelas minhas palavras, de certa forma, tocavam fundo no homem que tinha à minha frente. Não sabia quase nada sobre ele, mas estava a atacar uma pro ssão para a qual certamente se tinha preparado durante anos. E provavelmente decidira ser piloto por vocação. Mas era assim que me sentia e não podia fazer nada para mudar isso.

— Compreendo — a rmou, olhando para a frente. — Então, calculo que pre ras que te deixe sozinha — acrescentou.

Fez menção de voltar por onde tínhamos vindo. Apressei-me a detê-lo e, instintivamente, agarrei-o.

— Não quero que te vás embora, Alex — disse-lhe. Era mesmo isso que sentia. — Não te queria ofender, mas pediste-me para con ar em ti, e é isso que estou a fazer.

Os seus olhos encontraram os meus.

— Não temos de falar sobre aviões nem nada do género... —

tranquilizou-me suavemente.

Sorri.

— Então, do que gostarias de falar? — perguntei. Estava grata ter mudado de assunto.

— E se te confessar que, desde que te vi a nadar nua em frente à minha varanda, nunca mais consegui parar de pensar em ti? —

Largou-me a mão.

Por um instante, o meu coração parou de bater, literalmente, o que se tornava preocupante. Engoli em seco, sem saber muito bem o que responder.

— Restam-me vinte e oito dias nesta ilha, e depois tenho de regressar a um inferno. Não posso oferecer-te mais do que isso, mas gostaria muito de poder passar mais tempo contigo, Nicole — confessou com sinceridade, deixando-me petri cada.

— Passar mais tempo...? — Não sabia o que queria dizer.

— Quero desfrutar deste mês de férias. Adorava explorar a ilha e gostaria que me acompanhasses... Tenho a certeza de que conheces todos os lugares mais recônditos deste sítio maravilhoso. Estou enganado?

Assenti, abismada. Bolas, aquilo é que era ser direto.

— Incomoda-te que seja tão franco? — perguntou-me com aquele sotaque inglês que me deixava louca.

— Claro que não, é que...

O que devia responder? Que estava cheia de medo só de pensar em estar sozinha com ele a percorrer a ilha e a fazer sabe-se lá o quê? Era evidente que aquela proposta incluía mais coisas do que fazer apenas de guia turística.

Merda, estava preparada?

O Alex não era o rapaz típico com quem estava habituada a sair. Era um forasteiro, ocidental, mais velho, tinha mais experiência. Estava certa de que nunca tinha estado com uma rapariga como eu... nem eu com alguém como ele.

— Posso pensar nisso? — perguntei-lhe.

Recriminei-me por ser tão covarde. Pestanejou, um pouco

surpreendido, mas sorriu de imediato, embora a alegria mal lhe chegasse aos olhos.

— Sem problema — disse calmamente. — Avisa-me quando tiveres uma resposta. Já sabes onde estou a dormir — acrescentou.

Levantou a mão e roçou-me o queixo levemente. A maneira como me disse aquilo foi muito mais do que insinuante, foi quase indecente.

Era isso que me propunha? Uma coisa indecente? E o que aconteceria se eu decidisse aceitar?

Estarás a desfrutar das coisas boas da vida! , disse a voz da minha consciência, que, de uma forma um tanto suspeita, tinha o mesmo tom de voz da Margot.

1 Termo indonésio para «quiosques ou bancas de rua». (NT)

CAPÍTULO 10

ALEX

Tinha de pensar naquilo. Tinha escondido os meus sentimentos, mas a sua resposta deixara-me bastante desconcertado. Tinha de pensar naquilo, porque não sabia se gostava de mim ou se não gostava o suficiente? Acho que era a primeira vez na vida que uma miúda me rejeitava de uma forma tão óbvia... Bem, na verdade, era a primeira vez que alguém me rejeitava. Ponto.

Nunca ninguém te rejeitou, disse-me a voz dentro da minha cabeça que tentava consolar-me.

Tinha razão... Podia dizer que nunca ninguém me tinha rejeitado, mas já tinham passado três dias, e a Nikki continuava sem me dar uma resposta. Nunca o admitiria em voz alta, mas a espera estava a destruir a confiança que tinha em mim mesmo. Inclusive, sem me aperceber, às vezes, dava por mim a perguntar-me coisas absurdas como: «Não sou suficientemente giro?», «Não sou atraente?», «Será que ela gosta de outro género de rapaz?».

No fim, tudo aquilo até podia estar certo, mas... Bastava que alguém me dissesse que não para o meu lado competitivo vir à tona e começar a ver tudo como um novo desafio. Eu gostava dela... Não, desejava-a.

Não gostara nada de a ver com aquele idiota na praia. Por alguns instantes, julguei que era o namorado dela e, algures, senti uma pontinha de ciúmes. Não podia deixar que aquilo me afetasse tanto.

Era apenas uma rapariga de uma ilha remota que nunca mais voltaria a ver.

Caramba, isso era o pior! Quanto mais tempo ela demorasse a

responder-me, menos dias poderíamos passar juntos. Será que não se apercebia disso?

Imaginei mil cenários com ela, milhares de coisas que podíamos fazer para nos divertirmos... A maior parte delas aconteciam dentro do meu quarto.

Quando me vi obrigado a embarcar nesta viagem, nem sequer me passara pela cabeça divertir-me com uma rapariga. Mas, desde que a tinha conhecido, algo diferente e novo em mim tinha despertado. Só queria estar com ela.

O Nate e eu tínhamos passado aqueles dias a relaxar. Tínhamos surfado em algumas praias da ilha, feito *snorkeling* para ver mantas, tirado um dia para ir ao *spa* fazer uma massagem e degustado a comida de um restaurante de luxo, que estava situado no alto da colina. Tudo isto com umas vistas incríveis para o oceano.

Também queríamos ir até à ilha de Bali e visitar a cidade de Ubud.

Eu nunca tinha estado ali e tinha sido eu a propor aquela visita. Tinha adiado o dia da partida com o Nate, porque não queria ir sem ter uma resposta da Nicole, mas, pelos vistos, a espera podia ser longa.

Estava irritado e chateado. Aceitava que talvez não quisesse sair comigo, mas não podia deixar-me assim. Custava-lhe assim tanto dar-me uma resposta?

Além disso, ela tinha sido muito esquiva. Não a voltara a ver depois daquele *sunset* na praia, apesar de, em mais de uma ocasião, ter visto o seu cão, *Batú*. Parecia andar por todo o lado à vontade, como se estivesse a vigiar-me. Pensei em segui-lo para ver se me levava até ela

ou em perguntar à Margot onde cava a sua clínica veterinária, mas não queria forçar nada.

Uns turistas alemães tinham-nos convidado para uma festa numa moradia privada, uns tipos que tinham feito amizade com o Nate.

Tinham o hábito de passar várias semanas por ano naquela ilha para fazerem mergulho e aceitámos o convite com todo o gosto. Sobre tudo o Nate.

Dava-se muito bem com eles, porque também ele era um amante de mergulho. Eu não achava piada a sujeitar o meu corpo a toneladas de pressão aquática. O Nate e os alemães ainda tentaram convencer-me a

experimentar aquilo. Contaram-me que a ilha era uma das melhores para se ver as mantas ou para nadar com tubarões e tartarugas-marinhas. Segundo eles, os corais que ali em baixo eram os mais bonitos que já tinham visto. Devia ser verdade, porque o Nate já tinha viajado muito, muito mais do que eu.

No entanto, mesmo com todos os corais do mundo, não pretendia de meter-me debaixo de água durante mais tempo do que o que considerava normal. A prática de *snorkeling* já me tinha parecido mais do que su ciente. Por isso, quando estávamos com eles e se punham a falar de imersões, metros, níveis de oxigénio e coisas do género, eu desconetava-me e tentava não pensar «naquilo».

Custava-me muito não pensar nesse assunto e não me preocupar.

Lidaria com isso quando regressasse a casa. Não podia continuar a deixar que os dias me deixassem amargo. Não havia forma de voltar atrás, e teria de me responsabilizar pelos meus atos e seguir em frente... Bolas, tudo tinha mudado.

Tivera de telefonar duas vezes para me assegurar de que estava tudo bem e não estava habituado a isso. Eu era uma alma livre, ou, pelo menos, era nisso que acreditava.

Obriguei-me a parar de pensar demasiado e arranjei-me para a festa.

Vesti uma camisa de linho branco, uns calções num tom azul-marinho e calcei uns sapatos de praia. Ponderei se a Nikki estaria lá, mas tinha dúvidas, porque aquela tinha ar de ser uma festa de turistas.

Então, a minha cabeça concentrou-se nela. Talvez não quisesse estar comigo por causa da idade. A Nicole não devia ter muito mais de vinte anos. Talvez eu parecesse mais velho, embora nunca me tivesse considerado um tipo entradote. Caramba, só tinha vinte e nove anos, e, sicamente, mantinha-me em forma. Embora fosse possível que, em termos mentais, rondasse os quarenta, isso era verdade.

Para de pensar nela, disse a mim mesmo.

Portanto, pelo menos, tentei. Saí para me encontrar com o meu melhor amigo. Avistei-o antes que percebesse que eu tinha chegado.

Estava sentado na entrada, absorto, com o telemóvel na mão. Pela sua expressão facial, percebi que estava cabisbaixo. O assunto da Margot preocupava-o muito mais do que deixava transparecer. Assim que se

apercebeu da minha presença, guardou logo o telemóvel no bolso.

Tentou com todas as forças estar cem por cento para mim.

— Vamos? — perguntou-me.

Anuí com um aceno de cabeça e segui-o até ao sítio onde tínhamos estacionado as nossas *Harley*. A festa aconteceria numa vivenda perto do hotel. Percebi que, como nós, os alemães eram gente com um poder de compra bastante grande. Bastava ver onde estavam hospedados.

A música, que ressoava por uns altifalantes que deviam ser enormes, levou-nos diretamente à porta. Havia muito mais gente do que esperara, quase todos estrangeiros. As portas estavam abertas e limitámo-nos a entrar.

Um dos alemães, chamado Erik, veio ter connosco e recebeu-nos com um sorriso e um abraço. Obviamente, já estavam um pouco alegres.

— Olá, amigos! Entrem, entrem! — gritou por cima da música.

Olhei em volta e queei impressionado com aquela moradia espetacular. Continuava a deixar-me atónito o choque cultural que existia na ilha. As ruas e as pessoas comuns eram muito mais do que humildes, mas assim que se transpunha uma porta, encontrávamos um luxo extravagante.

A moradia tinha uma cozinha americana, com uma bancada de pedra. Em cima dela, tinham sido colocados dois baldes de gelo com bebidas e bandejas com copinhos de gelatina. Fiz uma nota mental daquilo para me manter afastado deles. Também descobri um salão incrível mobilado com dois sofás arredondados de frente um para o outro e uma mesinha de apoio de pedra. Em cima desta, estava uma bailarina com pouca roupa a dançar ao ritmo da música. Não muito longe dali, vi uma piscina in nita em frente a uma vista do mar impressionante. Muitos dos convidados já se tinham despido e banhavam-se na piscina com copos de álcool na mão. Em frente ao que supus serem as portas que levavam aos quartos, tinham colocado uma mesa de jantar, repleta de travessas com comida com um aspeto espetacular.

— Era a isto que me referia com vir para aqui desligar — disse-me o Nate.

Rodeou-me os ombros com um braço e levou um copinho de gelatina aos lábios. Solto um grito eufórico depois de o beber de um trago.

Sorri, mas não z a mesma coisa.

Contornei-o e aproximei-me do bar, onde havia uma quantidade

razoável de garrafas de álcool à discrição. Servi-me de um copo de uísque *Macallan* e levei o copo à boca. Com o olhar, percorri a divisão toda.

Só ali estava há cinco minutos, e a única coisa que me interessava era vê-la de uma vez por todas. Inicialmente, não a tinha visto, mas não me dei por vencido. Passeei pela moradia a observar tudo, sem ver nada, queria apenas encontrar-me com ela. Mas quem encontrei foi o Nate, que me deslizou o braço pelos ombros.

— Andas à procura de alguma coisa, amigo? — perguntou com aquele sorriso tão característico.

Às vezes, admirava a facilidade que o meu amigo tinha de adiar os problemas e viver a vida cheio de boas energias. De certeza que já tinha bebido um pouco, mas era sempre muito otimista.

— Andava só a observar este sítio. É espetacular. Devíamos ter alugado uma vivenda como esta — repliquei.

— Claro, amigo — concordou, rindo-se. — Apetece-te jogar *beer pong*?

— O quê? — perguntei.

Nesse preciso momento, fez-me rodar sobre mim mesmo e puxou-me até à mesa. Em cada ponta, tinham sido dispostos uns seis copos, em forma de pirâmide, cheios de álcool.

E ali, à frente de uma dessas pirâmides horizontais, estava a rapariga com a qual, embora não o quisesse admitir, andava obcecado nos últimos três dias.

Usava a parte de cima de um biquíni triangular preto e uma saia branca larga. Tinha o cabelo solto, embora parcialmente apanhado num rabo de cavalo que lhe deixava o rosto à mostra, caindo sobre ele apenas alguns os soltos de cabelo.

Estava lindíssima.

Mas, quando me viu, o seu sorriso gelou. Aproximei-me dela, acompanhado do meu amigo.

— Nikki! — cumprimentou-a ele com con ança.

Precisamente naquele momento, apareceu a Margot e postou-se ao lado dela. Ambas nos taram. A Nikki parecia querer fugir dali e a Margot estava com ar de quem queria assassinar o idiota ao meu lado.

— Querem jogar um jogo? — perguntei. Queria antecipar-me a qualquer um dos dois cenários, por isso, coloquei-me ao pé dos copos com álcool na outra ponta da mesa.

— Não, obrigada — respondeu a Margot, fazendo menção de se retirar.

— É muito má nisto, por isso é que se vai embora — disse o Nate em voz baixa, mas su cientemente alto para ela o ouvir sem qualquer problema.

Revirei os olhos. Em que momento tínhamos deixado de ser homens-feitos para nos tornarmos em adolescentes dispostos a fazer qualquer coisa só para captar a atenção das miúdas de quem gostamos?

— Tens quatro anos, Nate? — respondeu a Margot.

Parecia estar a pensar no mesmo que eu, e escapou-se-me um sorriso.

Ao virar-me para a Nikki, vi que também sorria. Os nossos olhos encontraram-se e percebi que tinha de insistir.

— Vocês têm de jogar — insisti, tentando pensar depressa numa maneira de não as deixar escapar. — Porque, se jogarem e ganharem, ver-se-ão livres de nós para sempre — a rmei sem desviar os olhos da Nicole.

Ela passou o peso do corpo de uma perna para outra... Estava nervosa.

— Alinho — a rmou a Margot, parecendo interessada na minha proposta.

Então, virou-se para o Nate e olhou-o de uma forma tão intensa que até eu me senti incomodado. Havia demasiados sentimentos naquele olhar. Não quei à espera de que a Nicole dissesse alguma coisa.

Tendo em conta a sua personalidade, bem podia ter-me deixado um mês à espera da sua decisão.

— Ótimo, começamos nós — disse, pegando na bolinha branca que estava num dos lados da mesa.

— Porquê vocês? — retorquiu a Margot automaticamente.

— Porque sim, Margot. Fomos nós que tivemos a ideia — respondeu o Nate, apoiando-se ligeiramente sobre a mesa.

— A ideia foi dele, não tua.

Sorri.

— Chamo-me Alex — indiquei.

— Eu sei — respondeu a ruiva, lançando um olhar breve à Nikki.

Senti algo no estômago. Teria falado sobre mim à sua amiga?

Preparava-me para começar quando o meu amigo me deteve, agarrando-me no braço.

— Espera, se nós ganharmos, o que recebemos?

— Pois é — repliquei, pensativo.

Ocorriam-me muitas coisas que queria. Todas incluíam a miúda que estava mesmo à minha frente.

— Se ganharmos, eu tenho um encontro com a Nicole — declarei, olhando-a diretamente, sem rodeios.

Pelo canto do olho, consegui ver que a Margot sorria um pouco, olhando para a sua amiga. Aquilo tinha de ter algum signi cado. Mas se ela gostava de mim... Porque não tinha aceitado a minha proposta?

— E eu outro com a Margot — acrescentou, então, o Nate.

Fez-se silêncio entre os quatro até que a Margot o interrompeu:

— Vou-me embora.

Desta vez, porém, foi a Nicole que a segurou pelo braço. As duas amigas disseram algo uma à outra, sem que conseguíssemos ouvi-las, e, depois, pareceram concordar.

— Vou jogar — anunciou a Margot —, mas só se puder acrescentar mais uma coisa àquilo que ganhamos.

— Vocês já tinham decidido. — O Nate negou-o, abanando a cabeça.

— Ou acrescento isto ou não jogamos — ameaçou ela.

— Deixa-a pedir o que quiser, Nate — disse ao meu amigo, tando-o.

Não parecia estar de acordo, mas acabou por aceitar.

— Se ganharmos — anunciou a ruiva —, não voltas a pisar esta ilha.

Vais fazer as malas, vais-te embora e nunca mais cá voltas.

Todos cámos perplexos, incluindo a Nikki, que lançou um olhar incrédulo à sua amiga. Não estava a brincar... Olhei para o meu amigo pelo canto do olho e percebi que tinha acabado de car muito magoado. O Nate arrancou-me a bola da mão e colocou-se em posição de lançamento.

— Começamos nós.

CAPÍTULO 11

NIKKI

Olhei para a Margot sem acreditar nas suas palavras. O que tinha acabado de passar pela cabeça da minha amiga?

Quando estivera prestes a ir-se embora, eu detivera-a, segurando-a pelo braço. Por entre murmúrios, tinha-lhe implorado para car comigo. Estava nervosa depois de ter andado três dias a evitar deliberadamente o Alex. Queria sair com ele, mas, ao mesmo tempo, estava cheia de medo. Precisava da minha melhor amiga ao meu lado, mas, em momento algum, tínhamos falado na possibilidade de dizer ao Nate para abandonar a ilha para sempre caso ganhássemos.

Compreendia as razões por trás desse desejo, mas não entendia aquela explosão repentina. O que sabia era que a Margot tinha de ter um motivo muito forte para ter verbalizado aquele pensamento. Tinha a certeza de que era o medo de ter de voltar a estar a sós com o Nate num «encontro». Ele tinha feito jogo sujo, e a Margot tinha ripostado com três vezes mais força. Ela era assim.

O Nate atirou a primeira bola, que reboiou sobre a mesa e roçou num dos seis copos que estavam no outro lado. Era um jogo simples.

A bola tinha de cair dentro de um dos copos da outra equipa, e quem conseguisse fazê-lo deveria escolher quem, dos oponentes, o beberia.

No m, a equipa que tivesse mais copos ganhava.

Foi a minha vez de a lançar. Embora estivesse muito nervosa com o

olhar do Alex pousado em mim, sabia que era muito boa. Era um jogo muito popular nesta ilha, e eu já o tinha jogado milhares de vezes. A bola não entrou no copo, mas falhei por pouco.

Como o Alex tinha estado a observar-me com atenção, z o mesmo quando chegou a sua vez. Acertou como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

— Quem bebe? — quis saber a Margot, com um ar carrancudo.

— A Nicole — declarou o Alex com um sorriso convencido.

Sem desviar os olhos dele, peguei no copo e levei-o aos lábios. Era rum... puro. Tinha um sabor horrível, mas bebi-o em três goles e retirei o copo da mesa.

— Somos nós — disse a Margot, pegando na bolinha.

À nossa volta, a música soava estridente e as pessoas dançavam por todo o lado. Não sei de onde tinham surgido tantos convidados.

Reparei que, desde que tínhamos chegado, há uma hora, havia ali quase o dobro das pessoas. Aquela novidade devia ter corrido pela ilha, porque não faltava ali ninguém.

O Gus e o Eko dançavam em cima de uma das mesas com outro rapaz. Se não me enganava, era italiano, e estavam a fazer um comboio. Revirei os olhos quando os meus amigos apontaram para mim, abanando as ancas. O pobre rapaz estava preso entre eles. Não caria surpreendida se acabassem a noite a fazer um trio... não seria a primeira vez.

A Margot pegou na bola, respirou fundo várias vezes e lançou-a.

Atirou-a para a outra ponta da moradia.

— O jogo consiste em metê-la dentro do copo, Maggie — explicou-lhe o Nate.

Deixei escapar um risinho, e a minha amiga lançou-me um olhar mortífero.

— Desculpa — disse. Tapei a boca, mas sorri por detrás dos dedos.

— É a minha vez — declarou o Nate, pegando na bolinha.

Soprou nela e deu-lhe um beijo para dar sorte. Tentou fazer com que o Alex o imitasse, aceitou um grande «não» do amigo e lançou-a.

Entrou.

— Merda! — exclamou a minha amiga.

— Bebe, Maggie — ordenou o Nate, sorrindo.

A minha amiga pegou no copo e levou-o aos lábios.

— De um trago — insistiu o Nate quando a Margot tentou esquivar-se.

Mostrou-lhe o dedo do meio e acabou de o beber. Era a minha vez.

Peguei na bolinha e pensei na minha amiga. Seria boa ideia o Nate desaparecer para sempre? Queria ganhar para não ter o encontro com o Alex?

Concentrei-me e disse a mim mesma que fosse o que Deus quisesse.

Não tinha conseguido tomar uma decisão em relação àquela saída com o Alex, portanto, não me parecia má ideia deixá-la nas mãos do destino.

A bola entrou num dos copos da la de trás. A Margot pôs-se aos saltinhos e deu-me um abraço que quase me partiu as costelas. Teria o destino acabado de me dar um sinal? E por que razão não me agradava o que acabava de me dizer?

— Quem bebe? — quis saber o Nate com uma expressão carrancuda.

— Tu — apressou-se a Margot a dizer, sem me deixar escolher.

Eu teria escolhido o Alex, porque, em parte, estava curiosa para ver como é que ele era quando bebia. Era evidente que nenhum deles, nem

o Nate nem o Alex, caria embriagado com aquele jogo. Bastava ver a altura deles e a nossa, em contrapartida...

Era a vez do Alex. Voltou a encestá-la.

Meia hora mais tarde, restavam quatro copos em cima da mesa. Um era nosso, para desgosto da Margot, e três estavam no lado dos rapazes. Eu tinha eliminado os outros dois copos, e, entre o Alex e o Nate, quase nos tinham dado uma tarefa. A Margot estava

chateadíssima.

— Acabei de me aperceber de que a Nikki foi a única que não pediu nada caso ganhasse — comentou o Alex. Ao contrário de mim, ele estava completamente sóbrio.

Eu tivera de beber três dos cinco copos que tínhamos perdido e começava a sentir os efeitos do álcool. Sentia-me mais relaxada e mais desinibida, mas também um bocadinho tonta. Ainda assim, estava a divertir-me imenso. À nossa volta, juntara-se um grupinho de entusiastas que não paravam de nos animar. Entre eles, estavam o Eko, o Gus e o italiano, que nos incentivavam a vencer, obviamente estavam do nosso lado.

O Alex estava completamente satisfeito consigo mesmo. Mostrava-se vitorioso, e não era de estranhar, o joguinho estava a correr-lhe muitíssimo bem. Com o tempo, eu acabaria por descobrir que ele tinha uma pontaria prodigiosa. Talvez não se orgulhasse disso, mas permitia-me perceber a razão pela qual tinha tanta facilidade em acertar com frequência.

A sua pergunta fez-me pensar. Se acabássemos por ganhar, o que é que eu queria? De seguida, chegou-me uma resposta claríssima, mas só a verbalizei devido ao álcool.

— Um beijo — disse. — Teu.

Um «hummm» unânime percorreu a sala.

Aquelas três palavras tinham mesmo acabado de sair da minha boca? O que raio me tinha passado pela cabeça? Desejei que a terra me engolissem, mas, infelizmente, isso não aconteceu. Só consegui ngir uma segurança em mim mesma que, naquele momento, não sentia.

Tudo porque o Alex Lenox estava envolvido.

O Alex parecia estar completamente deslocado. Ficou petri cado. A minha amiga começou aos saltinhos a aplaudir, e o Nate fulminou-me com o olhar. Será que tinha perdido alguma coisa, além de me ter ridicularizado?

— Vamos ganhar! — gritou a Margot, feliz.

— Porque dizes isso? — perguntei enquanto a observava. Não estava a perceber nada.

Apontou para os rapazes. O Nate acabara de puxar o braço do Alex.

Tinham-se afastado, pareciam estar a ter uma discussão acalorada.

— Não estás a perceber? Agora, o Alex vai querer perder deliberadamente. Como é óbvio, não vai renunciar ao teu beijo quando está mortinho para te beijar.

Não tinha pensado nisso. Oh, caramba. Tinha estragado tudo. O

Alex ia perder de propósito? O Alex estava mortinho para me beijar?

A Margot, porém, não tivera em consideração a grande amizade dos nossos adversários. Era evidente que o Nate não se podia permitir perder, e o Alex não deixaria que isso acontecesse. Isso signi cava que o seu amigo teria de se ir embora da ilha e nunca mais regressar.

Não consigo descrever com exatidão o olhar do Alex quando girou sobre si mesmo para voltar a car de frente para o jogo. Estava chateado e mais qualquer coisa... Tremaram-me um pouco as pernas quando os seus olhos se detiveram nos meus. Prometiam tantas coisas para as quais não sabia se estava preparada...

Foi como se o Alex quisesse terminar aquilo de imediato. Nem teve de pensar em nada, pegou na bolinha, lançou-a e entrou diretamente no copo. Até rodopiou um pouco sobre o vidro até acabar por cair lá dentro, como se tivesse querido dar-lhe um toque dramático.

O Nate levantou os braços, triunfante. Abraçou o Alex, que o empurrou para trás. Ao meu lado, a Margot tinha cado mal-humorada.

— Bebe, Maggie — declarou o Nate.

Observava-a com um ar satisfeito e, simultaneamente, triste. Pensei na quantidade de merdas que se passavam entre eles. Ia custar-lhes muitíssimo resolver aquilo.

— Para de me chamar Maggie, para ti sou a Margot. Serei sempre a Margot. Estamos entendidos? — declarou, fulminando-o com o olhar.

— Claro que sim, Maggie — replicou o Nate.

Agarrou num dos copos que estavam no seu lado da mesa e levou-o à boca. Não disse mais nada nem mencionou que deviam ter um encontro. Foi-se embora a dançar com os restantes convidados e perdeu-se no meio das pessoas. A minha amiga tou-o, irritadíssima.

— Vou-me embora — anunciou.

Nem me deu a oportunidade de lhe pedir para car, não queria que fosse pateta. Começou a andar, batendo com os pés, e desapareceu fora da moradia. Não me escapou o facto de o Nate ter seguido o seu trajeto com o olhar, a partir da pista de dança improvisada.

Então, apercebi-me de que tinha cado sozinha com o Alex Lenox.

Não estava pronta para aquilo. Contornou a mesa que nos separara ao longo da duração do jogo, agarrou-me suavemente no braço e levou-me para um sítio um pouco mais afastado das pessoas e da

música.

— Posso saber porque andaste a evitar-me nos últimos três dias?

— Não z nada disso — a rmei.

— Estiveste ocupada? — indagou, olhando-me com uma sobranceira levantada.

Não consegui deixar de reparar em quão atraída me sentia pela sua altura. Gostava de me sentir baixa ao seu lado. Eu era muito mais alta do que a maioria das raparigas asiáticas e sempre tinha sido a lingrinhas, em comparação com todas as outras. Odiara ser mais alta do que os rapazes de quem gostava, e, por uma vez, quei muito excitada por ter de levantar a cabeça para conseguir olhá-lo nos olhos.

— És muito alto — disse sem qualquer ltro e ignorando a sua pergunta.

O Alex pestanejou, confuso, por um momento.

— Hum, obrigado? — replicou, sorrindo.

— Quanto medes, exatamente?

— Porquê? Andas à procura de gente para formar uma equipa de basquetebol ou algo do género?

— Tenho curiosidade...

— Meço um metro e oitenta e cinco, e tu? — quis saber, divertido.

— Um e setenta.

— Tu também és alta.

— Demasiado... — respondi.

Afastei-me e fui para a zona das bebidas. Precisava de fazer qualquer coisa, de ter algo nas mãos, não importava o quê. Ele seguiu-me.

— Demasiado alta?

— Demasiado para os padrões — retorqui.

— Parece-me que os padrões variam de acordo com o sítio onde

estás. Já agora, eu beberia água, Nicole — repreendeu-me um pouco quando peguei numa cerveja. Ofereceu-me uma garrafa.

— Agora já não queres embriagar-me? — perguntei-lhe.

Inclinei-me sobre a mesa que estava atrás de mim. Tínhamo-nos afastado do resto das pessoas que estavam no salão. Ali, na cozinha, permanecia quem não estava a dançar, acompanhados dos baldes de gelo cheios de garrafas e cervejas.

— Nunca quis tal coisa, mas agora, vendo o resultado, acho que valeu a pena. És muito engraçada — disse, apoiando-se na bancada da cozinha.

Estávamos virados um para o outro. Parecia descontraído e não deixava de reparar em cada um dos meus movimentos.

— Estás a referir-te a quê? — Fiz-me de tonta.

— Gosto dos teus olhos — tornou-se como quem não quer a coisa e ignorando completamente a minha pergunta.

Escapou-se-me um sorriso pateta. O que se passava com este rapaz?

Era um piropo que me tinham dito centenas de vezes, mas vindo da boca dele arrepiava-me.

— Herdei-os do meu pai — respondi.

— O teu pai... era de cá?

Abanei a cabeça, negando-o.

— Era britânico. A minha mãe era asiática.

— Oh! — exclamou, surpreso. Foi como se se pusesse a pensar em qualquer coisa relacionada com aquilo. — Posso saber qual é o teu apelido?

— Em Bali, não temos apelidos. Dão-nos um nome ou outro, dependendo da ordem pela qual nascemos.

— Explica-me lá isso — pediu-me, parecendo genuinamente interessado.

— Em Bali, as crianças recebem o nome de forma automática, dependendo da ordem de nascença. Por exemplo, como eu sou lha única, chamo-me Ni Luh. Embora quase toda a gente receba um segundo nome, que costuma ser aquele pelo qual todos nos chamam.

— O teu nome é Ni Luh Nicole?

— Exato — conrmei, acenando com a cabeça. — Tu tens irmãos?

Abanou a cabeça, dizendo que não, ao mesmo tempo que os seus olhos se toldaram um pouco. Foi por um segundo, mas consegui vê-lo perfeitamente.

— Então, o teu nome balinês seria Wayan Alexander, sem nenhum apelido.

— Que curioso.

— Existem vários nomes para os primogénitos e os irmãos que os seguem. Wayan, Putu, Gede ou Ni Luh são usados para os primeiros lhos. Para os segundos, por exemplo, existem Kadek ou Made. Para os terceiros lhos, existem os nomes Nyoman ou Komang...

— Então, todos têm o mesmo nome?

— Sim, mas também não. O nosso segundo nome pode ser diferente.

É complicado, tudo isto vem do sistema de castas, imposto em Bali no século catorze. Não queres que te dê uma aula de história, pois não?

— Seria muito interessante.

Gostei da sua resposta. Normalmente, sempre que me aproximava de um turista, só pareciam querer uma coisa. O Alex ouvia-me, era óbvio que lhe interessava aquilo que lhe contava.

De repente, notei que estava mais descontraída. Não tinha razão nenhuma para estar tensa, podia baixar a guarda com ele. Mais cedo, tinha deixado claro que queria um beijo dele, mas não se tinha atirado a mim. Aliás, mantínhamo-nos a uma distância bastante prudente.

Não sabia se era por ele ter reparado que era aquilo de que eu precisava ou se tratava todas as raparigas assim.

— Gosto do teu nome, Ni Luh Nikki — comentou.

— Pelos vistos, gostas de muitas coisas em mim — respondi.

Voltei a ter a segurança que normalmente sentia em mim mesma e que, desde que tinha conhecido o Alex, parecia ter desaparecido. Sabia que era um resultado das várias bebidas que já tinha ingerido e agradou-me voltar a sentir-me eu mesma. Não queria parecer uma menina. Admitia que a minha experiência em certos assuntos era bastante limitada, mas já tinha saído com homens e, em geral, era eu que abria caminho. Com ele era tudo diferente...

— Estou hesitante entre querer seduzir-te e não me encaixar na tua de nição de rapaz chato.

Ri-me.

— Acho que posso dizer que estás muito longe de cair nessa de nição.

Então, afastou-se da mesa e aproximou-se de mim. De repente, as suas mãos apoiaram-se em cada um dos lados da mesa de bebidas, deixando-me no meio delas.

— Apetece-me imenso beijar-te.

Engoli em seco.

— Isso é algo que um rapaz chato diria.

— Bem sei — respondeu.

Senti a sua fragrância invadir o meu espaço. Cheirava muito bem, uma mistura de loção de barbear e um aroma cítrico. Achei graça imaginá-lo a pôr repelente de mosquitos. O Alex Lenox era o tipo de rapaz que, quando o víamos, podia parecer de outro mundo. Por

exemplo, de um planeta de rapazes endeusados e atraentes. Mas isso lembrou-me de que ele era tão humano como eu e de que os

mosquitos o picavam tanto como a todos os outros comuns mortais.

Não consegui evitar sorrir.

— Do que te estás a rir agora?

— Como é que lidas com os mosquitos?

Ele franziu o sobrolho.

— Digo-te que te quero beijar e respondes com um golpe baixo?

Para tua informação, lido muito mal com eles.

Levantei um pouco o rosto para encontrar o seu olhar. Continuei a sorrir, divertida. Estávamos muito perto um do outro. Os seus lábios estavam su cientemente próximos para eu conseguir reparar em como eram grossos e apetecíveis.

— Deves ter cuidado, sobretudo, logo de manhã e, depois, à noite — aconselhei-o.

— Sabes quem deve ter cuidado logo de manhã e à noite se continuares a olhar para mim assim?

Oh, meu Deus...

— Ei, pombinhos!

O Nate apareceu precisamente naquele momento. Fez com que nos sobressaltássemos e déssemos um passo atrás para nos separarmos. Só tive consciência de que estávamos tão perto quando tivemos de nos afastar. O Nate olhou para outro lado e ouvi-o resmungar algo em voz baixa, embora não percebesse o que dizia.

— Vocês não dançam?

— Contigo, não — respondi. De imediato, levei a garrafa de água aos lábios.

— Também me odeias? — perguntou-me.

— Odiar é um sentimento demasiado intenso para o usar contigo — respondi-lhe.

O Alex riu-se, e o Nate pareceu car muito ofendido.

— Demasiado intenso, hum? — replicou.

Nem me deu tempo para reagir. Pegou num copo de água que estava em cima do balcão e despejou-mo pela cabeça abaixo. Abri os olhos para respirar com sofreguidão, sem acreditar no que acabara de fazer.

— Eu mato-te!

O Nate fugiu e persegui-o para lhe dar uma tarefa. As pessoas afastavam-se conforme passávamos, mas o idiota apanhou-me.

Agarrou em mim e saltou comigo para dentro da piscina.

Empurrei-o e soltei-me dele debaixo da água para vir à superfície inspirar.

— Seu grandessíssimo idiota, o que é que te deu?

— É ódio o que os meus olhos veem? — perguntou, provocando-me.

Atirei-lhe água enquanto as pessoas à nossa volta se riam. Algumas até aplaudiram a favor do idiota do Nate. Aquilo trouxe-me à memória a altura em que nos tínhamos dado bem, quando ainda não tinha partido o coração à minha amiga. Era fácil gostarmos do Nate, por isso, detestava que me tivesse obrigado a odiá-lo.

Reparei que o Alex se tinha aproximado da beira da piscina e olhava para o Nate com cara de poucos amigos. Nadei na sua direção.

— Queres que lhe parta a cara? — sugeriu, agachando-se à minha frente. Disse-o com uma expressão muitíssimo séria.

— Vou guardar essa cartada para mais tarde — respondi, sorrindo.

Dei-lhe a mão, que ele me estendeu, para sair da água. Senti-me tentada a puxá-lo e a trazê-lo para dentro da piscina, mas algo me disse que era melhor ser mais cuidadosa com o Alex. Desconhecia o

seu sentido de humor, e ele tinha um ar tão sério e correto...

Com um único movimento, conseguiu retirar-me da piscina. Cá fora, corria uma brisa que me arrepiou. Pediu-me para o acompanhar e seguiu-o até um dos quartos. Entrou na casa de banho e surgiu com uma toalha para mim.

— Não devíamos estar aqui — adverti-o.

— Conheço os donos, não me parece que digam alguma coisa —
a rmou.

Estendeu-me uma toalha limpa que cheirava a lavanda. Ainda bem que tinha vestido o biquíni por baixo da saia. Estava ensopada e a colar-se ao meu corpo, como uma segunda pele. Apanhei o Alex a olhar para as minhas pernas, e, quando se apercebeu do que fazia, ergueu o olhar diretamente para os meus olhos.

Estávamos completamente sozinhos num quarto afastado da festa.

Entre nós, começou a crescer uma tensão incrível. Não era má, mas muito, muito boa. Uma daquelas que nos provocam borboletas no estômago e nos fazem sentir como se utuássemos, como se conseguíssemos elevar-nos tanto do chão que conseguíamos tocar nas estrelas. Uma daquelas tensões que só podem signi car uma coisa...

— Vens a um encontro comigo? — perguntou-me o Alex naquele mesmo instante.

Tinha conseguido ler-me na perfeição. Com outra rapariga, talvez já estivesse deitado na cama a arrancar-lhe a roupa toda. A Margot, por exemplo, era assim. Aliás, tinha acontecido algo do género na primeira vez que ela e o Nate tinham saído. E era incrível, inclusive, invejava-a por conseguir fazer uma coisa daquelas, por ser tão ousada, por con ar, mas eu não era esse tipo de rapariga.

— Esta semana, digo-te quando vou poder...

Deu um passo em frente. Agarrou-me pelo cotovelo e obrigou-me a olhá-lo diretamente nos olhos.

— Nem pensar, Ni Luh — declarou. O facto de me tratar pelo meu nome balinês fez-me sorrir. — Não vou passar outra vez pela tortura de ter de esperar que te decidas. Amanhã estarei à tua espera um pouco antes do *sunset*, onde nos conhecemos.

Não consegui deixar de hesitar durante uns segundos, segundos esses que ele aproveitou para me prender uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

Arrepiei-me, e isso foi o su ciente para me decidir.

— Está bem — aceitei. — Encontramo-nos lá.

Estaríamos cientes de que aquele seria o princípio de uma história que se tornaria a mais complicada que algum de nós alguma vez vivera? Era óbvio que não, porque, quando uma pessoa conhece a sua alma gémea, nem imagina o preço que poderá vir a pagar para a reclamar como sua.

CAPÍTULO 12

MAGGIE

Na manhã seguinte, tinha o Nate à minha espera em frente à receção do hotel. Tinha dois cafés para levar. Eram da Eco Deli, o meu café preferido, e ele sabia-o.

— Sei que não mereço um verdadeiro encontro — confessou sem rodeios —, nem o ganhei com esforço e o suor. Mas parece-me que bebermos um café e conversarmos durante uns dez minutos é algo que ambos conseguimos aguentar sem nos matarmos.

Tive dúvidas. Em parte, duvidava que o que acabara dizer pudesse ser verdade. Apesar de ter sido ele a ganhar a aposta, eu sabia que não era obrigada a estar com ele se sabia que isso me podia fazer muito mal. Eu punha a minha sanidade mental à frente de tudo, e ele sabia-o.

— Dez minutos. É o tempo que te dou — disse-lhe.

Saí da receção e encaminhei-me para os sofás. Era um cenário seguro, embora eu tivesse escolhido o local mais distante da receção.

Não queria dar aos meus colegas razões para se distraírem. Não sabia bem que direção aquela conversa com o Nate poderia seguir.

— Ia perguntar-te se podíamos conversar no meu apartamento — disse ele, olhando demoradamente para as pessoas à nossa volta.

— Pre ro falar aqui — respondi, cortante, depois de hesitar alguns segundos.

— Aqui não podemos conversar em paz, Margot... Pedi-te apenas dez minutos.

Senti-me tentada a mandá-lo à merda. Queria dizer-lhe que não tinha o direito de me pedir o que quer que fosse, mas vi que o meu colega

me lançava um olhar curioso. Ainda nem tínhamos começado a falar e já tínhamos chamado a atenção das pessoas.

— Está bem — aceitei, pouco convencida, mas segui-o até ao seu quarto.

Conhecia muito bem aquela *suite*. Sempre que o Nate vinha à ilha, cava hospedado naquele mesmo quarto. Era o único que os meus pais me tinham deixado decorar. Ao contrário dos outros, que seguiam uma linha bastante sóbria e elegante, aquele não tinha nada que ver.

Era o mais *hippie* e juvenil. Tinha redes de descanso penduradas no teto, sofás de cor creme com almofadas de cores vivas, plantas, grandes candeeiros balineses de vime e uma cama enorme com um dossel em forma de ramada. Tinha-me divertido muito a decorá-lo, e o Nate sempre se sentira fascinado por ele.

«Quando nos casarmos, quero que tenhamos uma casinha e que a decores como o meu quarto do teu complexo turístico», dissera-me um ano antes.

Tínhamos tantos planos e tantas ilusões...

Lá dentro, senti o peso de voltarmos a estar completamente sozinhos num quarto. Tínhamos dormido juntos pela primeira vez ali. Naquele mesmo colchão, tinha desfrutado do melhor sexo que zera na vida.

Debaixo daqueles lençóis, com medo, e, pela primeira vez, tinha sussurrado as palavras «amo-te» com uma necessidade quase vital de ter de as pronunciar para poder continuar a respirar tranquilamente.

Ali, ele dissera-me que queria que eu fosse a mãe dos seus lhos:

Maggie e Nathaniel Júnior. Naquele mesmo sítio, respondera-lhe que, nem com uma grande piela, seriam esses os nomes deles.

Senti uma enorme dor no peito. Sabia que, para aquele sofrimento, o remédio podia ser a minha maior perdição. Mas também sabia que não ia passar de repente, apenas com o tempo, e, mesmo assim, era possível que nunca desaparecesse por completo.

Virei as costas ao Nate para esconder dele os meus sentimentos.

Traiçoeiros, voltaram a surgir do mais fundo do meu ser, ameaçando deixar-me exposta.

— Não me vires as costas, Maggie — pediu-me.

Estava tão perto de mim. Fechei os olhos. Por um instante, tive necessidade de me deixar cair. Queria tomar um pouco de ibuprofeno para a alma, poder respirar sem me doer o peito, mesmo que fosse apenas por uns segundos.

— Eu amava-te, Nate — sussurrei muito baixinho. Não me virei nem olhei para ele. Mantive os olhos fechados, sentia-me mais forte. —

Estava disposta a dar-te tudo...

— Deixa que, desta vez, seja eu a dar-te tudo, Mags — declarou perto do meu ouvido.

Senti o seu calor atrás de mim. Os seus braços envolveram-me e puxaram-me contra o seu peito. Primeiro, o meu corpo reagiu, cando rígido, mas ele esperou que eu relaxasse e me encostasse a ele. Por alguns momentos, imaginei que voltávamos a ser nós... o Nate e a Maggie, o casal apaixonado da ilha.

— Deixa-me tentar reconquistar-te — voltou a sussurrar. —

Prometo-te que, desta vez, será diferente.

As palavras zeram-me reagir e afastei-me dele. Voltei-me para o tar.

— Quantas vezes já me disseste isso, Nate?

— Muitas — respondeu imediatamente. — Não estou aqui para ngir que aquilo não aconteceu. Estou ciente do quanto te magoei, mas só regresssei depois de re etir muito sobre isto. Há vários meses que quero voltar, pensando no que te diria, no que poderíamos fazer para as coisas mudarem, para isto funcionar para os dois.

— Não posso — disse-lhe. Abanei a cabeça e recuei um passo, apesar de o meu coração bater desenfreadamente.

— Podes, sim — replicou.

Seguiu-me quando recuei mais dois passos, numa tentativa de me afastar dele.

— Maggie, nós temos de estar juntos. Tem de ser assim... Não imagino a minha vida sem ti.

— Tiveste a oportunidade de me ter... — murmurei.

As malditas lágrimas vieram-me aos olhos e caíram sem autorização.

Isso provocou algo no Nate. Tomou-me o rosto com as suas mãos grandes. Limpou as lágrimas, desesperado por as apagar do meu rosto, como se fosse insuportável vê-las.

— Não chores, por favor — pediu-me, encostando a testa à minha.

As suas mãos subiam e desciam pelos meus braços, tentando consolar-me. De certo modo, julgo que queria consolar-nos aos dois...

Mas, depois, tudo mudou.

Aconteceu num instante. Olhámo-nos pela primeira vez olhos nos olhos e percebemos que estávamos arrasados. Não sei quem começou, nem porquê. Não sei quem deu o primeiro passo ou quem deu o segundo. De repente, estávamos a beijar-nos. A sua língua acariciava a minha e as mãos na minha cintura seguraram-me, puxando-me para o seu corpo. Fui incapaz de o deter, mas também de me travar.

Tinha consciência de que tudo aquilo estava errado, mas, às vezes, fazemos coisas que não são corretas. Os sentimentos pelos quais nos deixamos levar são mais complexos do que a moral que acreditamos ter.

Deixei que o Nate consolasse o meu coração da pior maneira possível. Deixei que me levasse para a cama. Deixei que nos convertêssemos em braços, línguas e corpos enroscados.

Com o Nate, tinha descoberto como o sexo podia ser quando se quer e com a da mesma forma. O sexo sem amor é muitas vezes aceitável, mas quando uma pessoa se preocupa mais com o prazer do outro, quando não se põe em primeiro lugar, porque sabe que disso se vai encarregar quem a acompanha... É aí que a magia surge.

Não dissemos nada um ao outro. Nem falámos por meias-palavras.

Deixámos que os nossos corpos falassem por nós e deixámo-nos levar.

Não deixei de reparar no facto de o Nate parecer querer apenas dar-me prazer. Dedicou-me cada uma das suas carícias com delicadeza, sem pensar nele durante um único momento. Eu sabia que ele era o género de rapaz que gostava de dar prazer, fazia-o por vontade própria e não por obrigação para com a outra parte.

Tinha-me esquecido da maneira como os seus dedos pareciam saber

exatamente onde tocar para me deixar louca, a maneira como os seus lábios beijavam todos os pontos que ele sabia que me faziam suspirar.

O meu corpo era um mapa já explorado, e ele conhecia-o.

Abri os olhos e cravei o olhar no teto de madeira. Ele estava entre as minhas pernas, e, com a sua boca, saboreava-me depois de tanto tempo. Tive de me agarrar com muita força aos lençóis, porque não saiu dali enquanto não me ouviu gritar.

Só então se afastou ligeiramente, retirou um preservativo da carteira, colocou-o e penetrou-me. Cobriu a minha boca com a sua, calando o grito que me escapava. Segurou-me contra o colchão, como se não me quisesse soltar. Fez amor comigo durante o tempo que quis. Mudou-me de posição sem que eu objetasse. Sempre tinha sido assim. Eu gostava que ele me dissesse como devia posicionar-me. Gostava que fosse ele a conduzir-me, e agradecia-lhe isso da melhor maneira possível.

Terminámos juntos desta vez. Ele grunhiu contra o meu ouvido e eu contive-me, tragando os gritos de prazer. Não me soltou quando acabámos, puxou-me para ele e enrolou-se contra o meu peito até os nossos batimentos cardíacos voltarem a normalizar.

Ambos sabíamos que não tínhamos resolvido nada. Ambos sentimos que a dor seria ainda maior assim que voltássemos a separar-nos.

Tínhamos recaído depois de passar pela desintoxicação e teríamos de voltar ao princípio. Acabáramos de atirar borda fora tudo aquilo que tínhamos superado.

Não sei onde fui buscar as forças para me levantar, mas foi o que z.

— Onde vais? — perguntou-me, angustiado.

No ar, tinha-se formado aquela aura que nenhum dos dois queria enfrentar. Tínhamos feito sexo, sim. Mas isso não mudava nada.

— Tenho de voltar para o trabalho — respondi.

Apanhei a minha roupa do chão e comecei a vesti-la rapidamente.

Precisava de fugir dali. O mais depressa possível.

— Espera, Maggie, espera — pediu-me, levantando-se da cama.

Pegou-me pelo antebraço. — Temos de falar sobre o que aconteceu...

Temos de...

Então, tive de lhe dizer. Tinha demorado demasiado tempo a fazê-lo.

— Estou casada, Nate — confessei, sentindo que começavam a tremer-me as mãos. — Já é demasiado tarde. Desculpa.

Deixei-o ali, com uma expressão transtornada, e fui-me embora.

CAPÍTULO 13

NIKKI

Porque é que tinha achado que era uma boa ideia encontrar-me com o Alex Lenox? Estava a meter-me na boca do lobo, e provavelmente não seria fácil sair dali. Mas era tão... tudo. Não era só algo físico, sentia muito mais do que isso. A maneira como ele me olhava, a forma como me tratava, o toque da sua pele na minha, as poucas vezes em que o tinha feito...

Suspirei e tentei afastar da mente o encontro daquela noite. Caso contrário, não conseguiria concentrar-me no trabalho.

De uma das gavetas da clínica veterinária, retirei o comprimido antiparasitário do *Batú* e chamei-o para lha dar. Felizmente, era a que sabia bem. Comeu-a sem problema nenhum e subi logo para a mota para ir ver a minha avó. A manhã tinha sido dura, sobretudo porque tinha acordado com uma ressaca horrível.

Tinha preparado um pouco de *jamu* para beber. Para nós, era a melhor bebida medicinal, feita com gengibre e curcuma, embora eu gostasse de acrescentar mel e limão. Ajudou-me a car melhor, mas as dores de cabeça persistiram durante quase toda a manhã. Agradei por, naquele dia, apenas ter de dar as aulas de ioga. Se me tivesse calhado limpar os quartos, teria feito um trabalho lastimoso. Embora pudesse ter encontrado o Alex outra vez a fazer coisas no duche...

Afastei essa imagem da cabeça.

A casa da minha avó não cava longe da minha nem da clínica. De mota, demorava apenas dez minutos, mas cava no meio da vegetação da ilha. Ela nunca tinha adorado o mar. Preferia car em casa a rezar, a preparar oferendas, a ir ao templo e a ajudar as vizinhas em tudo o

que podia.

A minha avó Kuta era uma pessoa superespecial. Já tinha oitenta anos e cada uma das suas rugas vinha acompanhada de uma história digna de ser contada. Adorava almoçar e conversar com ela. Apesar de estar cada vez mais velha, a sua cabeça continuava fresca que nem uma alface, como quando tinha quarenta anos, e, por vezes, cava mal-humorada.

Cheguei a sua casa, e o *Batú* começou a ladrar como um louco. O

meu cão tinha uma predileção especial pela minha avó... Era uma pena que não fosse correspondido.

— Outra vez esse demónio rafeiro? — disse enquanto saía com o cabo da vassoura na mão.

— Avó! — gritei-lhe, a rir-me.

Eu sabia que ela não faria nada ao *Batú*. Aliás, ele também o sabia e começou a correr em círculos à volta dela, a abanar a cauda. Ele entendia aquilo tudo como uma brincadeira, tal como eu.

— Já te disse para não voltares a trazê-lo! — repreendeu-me.

Olhou-o de sobrolho franzido antes de entrar em casa e sair com um prato a transbordar de arroz de frango, que pôs no chão para o *Batú*.

— Toma lá, demónio, a ver se assim cas calado.

O *Batú* ladrou duas vezes, alegre, e começou a comer com entusiasmo.

— Tens aí outro prato desses para mim, não tens?

— Tu? Não estou muito satisfeita contigo — disse-me, pondo as

mãos nas ancas. Estava um bocadinho rechonchuda e tinha o cabelo branco, preso num puxo baixo.

— O que é que eu z agora?

— Há quanto tempo não vens rezar comigo?

Revirei os olhos. Como me tinha criado segundo a religião hindu, havia certas coisas que se esperava que eu zesse, mas nunca me sentira completamente confortável com isso. Sentia um profundo respeito pela minha religião, apesar de sempre ter sido um pouco

rebelde em relação às normas. Também era bastante cética quanto a certos aspetos religiosos. Apesar disso, gostava das tradições, embora não as cumprisse com a assiduidade que deveria ou que a minha avó esperava de mim.

— Ajuda-me aqui, anda — pediu-me.

Retirou uma bolsa de trás de um móvel pequeno que tinha no jardim e fez-me sinal para me sentar com ela. Queria que a ajudasse a deixar prontas as oferendas daquela tarde. Pegámos nas folhas de palmeira que já estavam preparadas, e, em conjunto, começámos a fazer as caixinhas que posteriormente voltaríamos a encher com ores, arroz, comida e incenso. Era assim que agradecíamos aos deuses e rezávamos pelas nossas famílias. As oferendas eram algo que me agradava muito na religião. Adorava prepará-las e vê-las pelas ruas, estabelecimentos e lares de toda a ilha.

— Bem, conta lá. Alguma bisbilhotice interessante? — perguntou-me.

Estava concentrada a criar as oferendas em forma de or, a mais difícil, mas também cavam mais bonitas assim.

— Passas-me o agrafador? — pedi.

Por um momento, ignorei a sua pergunta. Em parte, apetecia-me

contar-lhe que tinha conhecido alguém, mas também não sabia se seria conveniente falar-lhe de uma pessoa que se iria embora dali a três semanas.

— Ontem, o teu tio disse-me que te queria ver, que andavas desaparecida.

A relação que eu tinha com o meu tio era peculiar, se quisermos de nada de alguma maneira. Gostávamos muito um do outro, mas ele era demasiado autoritário comigo. Compreendia que se tinha preocupado comigo desde muito pequena. Esforçara-se para que não me acontecesse nada de mal, para me dar a melhor educação e zelara para que eu fosse uma menina feliz e bem tratada, mas, às vezes, era difícil lidar com ele, digamos assim.

— Ando muito ocupada com o trabalho, avó — foi tudo o que disse.

Ela cou a observar-me. Só me apercebi uns instantes mais tarde, quando levantei os olhos e encontrei os seus, que me analisava com uma curiosidade estranha.

— Só a trabalhar? — perguntou, insinuando mais alguma coisa.

Como é que me conhecia tão bem?

— Avó... — comecei por dizer e aproveitei para lhe fazer uma pergunta e mudar de assunto. — A mamã e o papá... como se conheceram?

Nunca me tinha atrevido a fazer muitas perguntas sobre aquele assunto, sobretudo porque sabia que a deixava muito triste. Daquela vez, a curiosidade foi mais forte do que o resto. Precisava de entender um pouco melhor a minha mãe. Queria saber como tinha conseguido deixar tudo por uma pessoa que era tão diferente dela, porque, apesar de ter um diário seu, havia coisas que não compreendia, por haver muitos saltos temporais.

— O teu pai era muito bonito — disse simplesmente.

— Quer dizer que a mamã só reparou nele por isso? — Revirei os olhos.

— A tua mãe sempre quis ir-se embora daqui, Nikki, e o teu pai abriu-lhe a porta.

— Falas como se tivesse estado fechada...

— Eram outros tempos... As coisas não eram como agora. Hoje, as raparigas mudam-se sozinhas e fazem o que querem.

Recebi a al netada com estoicidade. Tinha de perceber que a minha avó tinha oitenta anos. Fora criada numa ilha de cinco mil habitantes e nunca tinha saído dali. Imaginava o que representara para ela a sua lha ter-se apaixonado por um estrangeiro. Por um instante, senti-me mal por sentir empatia com a minha mãe. A nal, era sua lha e sempre me sentira atraída pela cultura ocidental, pelos homens de fora... Querer ir contra tudo aquilo que me tinha ensinado seria herança genética ou simples teimosia?

— Mas, avó, tu gostavas do meu pai, não era? — perguntei-lhe, porque sempre que me falara dele zera-o com carinho.

— Tive de gostar... Era um homem que sabia como tratar e conquistar as mulheres, mas a minha lha estaria aqui comigo hoje se não se tivesse apaixonado por ele. Sempre o culpei por isso.

Foi difícil ouvi-la dizer aquilo. Em parte, tinha razão, mas também

podia ter-se casado com alguém daqui e ter morrido de outra maneira.

Sei lá, numa queda de um precipício num encontro romântico... Bom, era um exemplo péssimo, mas percebem o que quero dizer. Não podemos escapar ao nosso destino. As coisas acontecem e não há nada a fazer. Mesmo que nos zesse sentir muita raiva e magoasse como se nos arrancassem o coração...

— Pensa que, se não fosse pelo meu pai, eu não estaria aqui —
a rmei com ternura.

Os seus olhos sorriram-me do mais fundo da sua alma. Ela sabia que era verdade. Adorava-me e amava-me mais do que a si própria.

— Certamente não teria uma neta tão casmurra e doida.

Ri-me e continuei a ajudá-la nas oferendas durante meia hora.

Permanecemos em silêncio, cada uma com os seus próprios pensamentos. Eu dava voltas à cabeça a pensar se era acertado passar tempo com o Alex e alimentar uma relação que já tinha data de validade ainda antes de começar.

Naquele momento, lembro-me de que era a curiosidade que me movia. Queria viver experiências novas, desejava saber o que era sentir-me livre, como faziam a Margot e o Nate. Desde que se tinham conhecido, tinham feito aquilo que queriam, sem se deixarem guiar por nenhum tipo de norma nem de religião. Eu, em contrapartida, lutava contra a culpa e a vontade enorme de conhecer essa parte de mim que desconhecia. Contudo, no fundo, tinha medo de sentir algo mais profundo e ter um desgosto amoroso.

O Alexander Lenox era um homem que me dava o tempo de que eu precisava, isso era óbvio. Ambos sabíamos o que retiráramos daquela relação, e não havia espaço para nos apaixonarmos, nem nada que não fosse divertirmo-nos durante um tempo limitado.

Naquele dia, decidi não contar nada à minha avó... Se o tivesse feito, talvez nunca tivesse ido àquele encontro. Nunca tivesse começado uma coisa que mudaria tudo para sempre. Dizem que o bater das asas de uma borboleta pode provocar um furacão, não é? Neste caso, julgo que a borboleta teria sido eu, e o Alex, o furacão... ou talvez fosse o contrário!

É melhor não nos adiantarmos.

Estava muito nervosa quando cheguei de mota ao sítio onde tínhamos combinado encontrar-nos. Quando aceitei aquele encontro, não pensei que seria melhor encontrarmo-nos num sítio mais íntimo.

Como em todas as outras tardes, estariam ali os meus amigos.

Porém, o Alex adiantou-se aos meus pensamentos. Não estava à minha espera na praia, mas junto ao parque de estacionamento das motas. Estava muito giro... Raios, usava uma camisa de um tecido no com riscas azul-celestes e uns calções caqui. Parecia um príncipe inglês.

Sorriu-me assim que me viu aparecer, mas, no mesmo instante, o seu semblante mudou e franziu o sobrolho.

— Vens sem capacete? — perguntou-me assim que parei junto à mota.

E estragar o penteado que z?, pensei, mas não o verbalizei.

— Aqui ninguém usa capacete — respondi, saindo da mota e retirando as chaves dela.

Eu tinha vestido uma saia preta larga com uma racha, que revelava a minha perna quando me mexia, e um *top* cor de coral que realçava o meu bronzeado. Prendera o cabelo num rabo de cavalo alto com um lenço da minha mãe. Alguns os de cabelo caíam-me sobre o rosto.

— Vocês têm cabeças de aço e eu não sabia? — insistiu com um sarcasmo nada divertido.

Revirei os olhos.

— Conduzo motas desde os doze anos e nunca andei com capacete.

E estou viva e muito bem — disse-lhe, tentando convencê-lo de que não havia problema.

— Só se morre uma vez, Nicole — retorquiu num tom muito sério.

— Um movimento mal feito, um animal que se atravessa à tua frente ou uma travagem brusca... e és projetada com a cabeça completamente desprotegida. Morrerias imediatamente. É isso que queres?

— Claro que não — respondi.

Senti que o ambiente cava pesado. Será que nos íamos chatear por uma patetice? O Alex virou-se, foi até à sua mota e pegou no que

julguei ser o seu capacete. Era preto, daqueles que custam uma pipa de massa.

— Põe-no — ordenou-me.

Olhei para ele de sobrolho franzido.

— Não podes dar-me ordens, Alex — repliquei calmamente, mas com um ar sério. Não tinha gostado da maneira como me tinha pedido aquilo.

— Quero levar-te a jantar a um sítio bonito, Nicole, e gostaria que fôssemos na minha mota, mas não o farei se não puseres o capacete.

Desculpa, não quero que te aconteça nada enquanto estiveres comigo.

Parecia verdadeiramente triste, um pouco aborrecido e até desiludido. Como podia estragar tudo assim tão depressa e ainda por cima por causa da porcaria de um capacete? Suspirei e levantei a mão para desfazer o rabo de cavalo que tinha demorado tanto tempo a fazer.

— Está bem — aceitei.

Peguei no capacete que segurava, mas não o largou. Deu um passo em frente e colocou-mo.

— Fica-te grande — disse.

Parecia mesmo estar a pensar levar avante o plano de irmos jantar por ali.

— Está ótimo — repliquei, movendo a cabeça.

Sentia-me o RoboCop. Nunca tinha posto um capacete. Nunca.

Chamem-me irresponsável, era-o, eu sei, agora sei disso, mas tinha crescido num sítio onde se deixava as crianças subir a uma mota desde que os pés chegassem ao chão. Na minha ilha, as motas eram o veículo mais popular. Famílias inteiras punham-se em cima delas... Até bebês, cujas mães os embalavam com a mão esquerda enquanto guiavam com a direita. Eu tinha visto quatro crianças em cima de uma mota... e todas sem capacete, obviamente.

O Alex ajustou-mo o melhor que conseguiu e senti o roçar dos seus dedos na minha garganta. Arrepiei-me e ele percebeu-o, mas não disse nada. Sentou-se na sua mota, que me pareceu o máximo. Não tinha nada que ver com a minha, que estava velha e oxidada e que eu tinha

de reparar todas as semanas. A sua era de motoqueiro, sempre quisera andar numa daquelas.

Quando vi que pretendia levar-me sem um capacete na cabeça, sentime mal.

— Então e tu? — perguntei.

— Vou com cuidado — respondeu. Fitei-o, nada convencida. Sentia-me culpada. — Também não me agrada, acredita, mas ou é assim ou perdemos a reserva.

Agradou-me que pusesse a minha segurança à frente da sua. Pareceu-me um gesto atento, mas não dissipava o desconforto que eu sentia.

De repente, quei com medo de que tivéssemos um acidente e ele morresse por minha causa. Não, não tinha compensado ele ter sido amável, mas já não havia nada a fazer. Arrancou e agarrei-me às suas costas enormes. Aproximei-me ligeiramente e percebi que cheirava muito bem. Que perfume usaria?

Arrancou com a mota para a estrada principal e dirigiu-se para as colinas. Eu conhecia todos os restaurantes que ali havia, mas também não era assim tão difícil saber, visto que tinha sido criada naquele sítio. Pareceu-me adorável que ele acreditasse que talvez me pudesse fazer uma surpresa. Estava a anoitecer, e o Alex continuava a conduzir.

Deixámos para trás os lugares mais conhecidos e os que eu achava que ele ia escolher para aquela noite.

— Perdeste-te? — perguntei-lhe quando seguiu na direção oposta à zona residencial.

Estávamos a afastar-nos bastante, e eu sabia que o terreno naquela zona não era muito estável. As estradas não estavam terminadas e havia muita vegetação...

— Sei perfeitamente onde estou a levar-te — disse-me. Pelo seu tom de voz, achei que sorria.

Conforme avançávamos, comecei a descon ar do local onde íamos, mas estranhei aquilo. Ali não havia absolutamente nenhum restaurante.

Chegámos a Old Tree quando o sol já descia no horizonte. Agarrei-me

com força às suas costas quando prosseguiu pelo meio do campo, até chegar a um dos desladeiros mais impressionantes da ilha. Muitas vezes, fãmos ali ver o pôr do sol, mas quei boquiaberta quando percebi que aquilo não estava assim tão deserto como pensava. Ali, mesmo ao lado do desladeiro e com uma vista espetacular do oceano a chocar contra as rochas, estava uma mesinha com uma toalha branca e três empregados de mesa à nossa espera. O Alex parou a mota e fomos envolvidos pelo barulho da ondulação e do vento.

— Isto é para nós? — perguntei-lhe, abismada.

— Isto é para ti — respondeu.

Esperou que eu sáísse da mota. Fi-lo ao mesmo tempo que retirava o capacete da cabeça e continuava a ver o que ele tinha preparado para mim. Fiquei maravilhada. Nunca na vida esperara que ele se desse a tanto trabalho por mim. Era muito bonito... talvez demasiado. Não estava habituada àquele tipo de tratamento, e menos ainda o pedia.

Qualquer sítio teria sido su ciente para mim. Eu não era o tipo de miúda que precisava destes gestos para ser feliz, mas, com o tempo, teria de aprender que talvez ele precisasse deles... Éramos diferentes, e a ideia que tínhamos de conquistar, gostar e mimar alguém era completamente distinta.

Virei-me para ele e vi que estava muito entusiasmado por me proporcionar um encontro romântico. Aquilo pareceu-me motivo su ciente para pular. Devolvi-lhe o sorriso e deixei que me conduzisse até à mesa.

Puxou a minha cadeira para trás, como um bom galã inglês e esperou que eu estivesse sentada para se sentar. A vista era belíssima, e o cheiro a lenha da fogueira que tinham acendido para preparar o nosso jantar enchia tudo com a sua fragrância. Abriu-me o apetite, apesar dos nervos que sentia.

— Muito obrigada, Alex — agradeci, pegando no guardanapo de linho branco e pondo-o no regaço. — Este é um dos meus lugares preferidos, sabias?

— Acho que é o sítio mais bonito que vi desde que aqui estou, por isso, pensei em ti — replicou, olhando para o *sunset*. — Apetece-te beber vinho? — mudou de assunto.

Quando anuí, ele abriu a garrafa e serviu-me. O empregado de mesa aproximou-se e ofereceu-nos uma ementa em papel, e assumi que

tivesse sido feita especialmente para nós. Ali, tínhamos a opção de comer peixe ou carne, havia ostras para entrada — nunca as tinha provado — e pão de massa fermentada com tomate, anchovas e manjerição.

— Agrada-te a ementa? Não sabia muito bem que tipo de comida querias...

— Eu gosto de tudo.

— Fantástico. Eu quero provar o peixe. Disseram-me que foi pescado esta tarde.

— Eu também — concordei, e foi o que comunicámos ao empregado de mesa.

O sol descia, e, à sua passagem, ia deixando uma mistura magnífica de tons pastel. Quando me foquei no Alex, percebi que não parecia prestar muita atenção ao espetáculo natural que acontecia mesmo à nossa frente. Toda a sua atenção estava concentrada em mim, e senti borboletas no estômago. Aquilo fez-me perceber que ele gostava de mim. Tudo o que tinha feito fora para me agradar...

— Estás linda, Nikki — afirmou.

Os nossos olhos encontraram-se, tímidos pela pouca distância que havia entre ambos. Não sabia o que responder.

— Porque estás a corar? — indagou.

— Nunca tinha recebido tanta atenção... Não sei se a mereço.

— Merecemos tudo aquilo que a vida nos oferece. É essa a minha losofia.

— Isso agrada-me — concordei com um aceno de cabeça.

Peguei no copo, fiz um pequeno brinde com ele e bebi um golinho.

Escapou-se-me uma careta.

— Não gostas? — perguntou, descontente, olhando logo para a garrafa. — Tive muita dificuldade em encontrar um bom vinho aqui, mas este é...

— Não há problema — interrompi-o —, eu é que não costumo beber vinho... Calculo que seja uma questão de hábito.

Ficou a contemplar-me durante alguns instantes, como se tentasse decifrar algo.

— Que idade tens, Nicole? — perguntou-me.

— Fazeres-me essa pergunta não é lá muito cortês da tua parte — repliquei, apesar de não me ter incomodado.

— Tens razão... Só queria ter a certeza de que não estava a fazer nada ilegal — respondeu na brincadeira. Era impossível eu parecer menor de idade.

— Tenho vinte e três — disse-lhe. Observei a sua reação, porque sabia que ele era mais velho do que eu. — E tu? — questioneei.

Passou uma mão pelo queixo... Parecia pensativo.

— Faço trinta daqui a pouco tempo — respondeu-me.

— Sete anos... — disse em voz alta, depois de fazer rapidamente as contas.

Passou-me rapidamente pela cabeça todas as coisas em que ele já tinha vantagem sobre mim. Se já tinha cado preocupada com a minha grande inexperiência, desde que recebera essa informação, tudo parecia intimidar-me muito mais.

— Isso é um problema? — quis saber uns segundos depois.

Que importância tinha termos sete anos de diferença? Também não me ia casar com ele nem nada do género. Tinha de começar a focar-me. Era óbvio que, desde o momento em que tinha aceitado aquele encontro, sabia aquilo a que me estava a expor. Com alguém que tinha trinta anos e que, ainda por cima, se ia embora daqui a poucas semanas, não podia querer começar nada que não fosse uma relação por puro divertimento.

Mas queria divertir-me com ele? Observei-o por um segundo e tive a certeza.

Não me podia deixar levar por ideologias que não partilhava. Eu não acreditava na religião que o meu tio e a minha avó me tinham

ensinado, apenas a respeitava. Não podia sentir-me culpada se, chegado o momento, me apetecia dormir com um homem fora do casamento. Apesar disso, a pergunta continuava a dar-me voltas à cabeça... Queria dormir com ele?

— Posso perguntar-te uma coisa? — quebrou o silêncio que se tinha instalado entre nós.

— Claro — repliquei. Voltei a beber vinho para ver se conseguia acalmar os batimentos acelerados do meu coração.

— O que achas que vai acontecer entre nós?

Ah. Claro que tinha lido a minha mente... e muito bem.

Se tivéssemos tido mais tempo, o mais provável era que aquela pergunta me tivesse incomodado. Porque tínhamos de de nir alguma coisa? Estávamos num encontro e, depois, logo se veria o que aconteceria, mas claro... Quando temos tão pouco tempo e sentimos uma atração incrível pela pessoa que está sentada à nossa frente, calculo que tenhamos de acelerar as coisas. Ou, pelo menos, deixá-las bem claras.

— Porque não mo dizes tu? — respondi.

O Alex pegou no seu copo de vinho e terminou-o. Pô-lo em cima da mesa e estendeu a mão para agarrar na minha. Fê-lo com uma doçura indescritível. Devo admitir que, depois daquele gesto carinhoso, me surpreendeu com as suas palavras.

— Desejo foder contigo todos os dias que me restam até ter de

apanhar um avião para Londres, sabendo que, provavelmente, nunca mais voltarei a esta ilha.

Pum. Pum. Pum.

Fiquei quieta, assimilando as suas palavras. Fora claro e conciso: desejava-me. Queria-me na sua cama, até se ir embora, e não apenas por uma única noite. Queria «foder comigo» todas as noites.

Caramba, nunca tinha usado aquela palavra na vida, nem sequer só em pensamento. Em contrapartida, por sair dos seus lábios, tinha soado tão incrivelmente erótica...

Apertei as coxas com força e tentei regular a minha respiração. O

nosso relacionamento tinha data de validade, não podia esquecer-me disso. Também acabei de beber o meu vinho. Ele pegou na garrafa e voltou a servir-nos.

Respirei fundo antes de voltar a falar.

— Já que estamos a ser sinceros e claros... — comecei por dizer enquanto me esforçava para que os nervos não se apoderassem da minha voz. — Fica sabendo que também eu desejo o mesmo que tu —

declarei. Vi como os seus olhos se iluminaram. Pegou no copo e voltou a levá-lo aos lábios. — Mas, antes de aceitar — prossegui —, deves saber que sou virgem.

Engasgou-se com o vinho.

CAPÍTULO 14

ALEX

Pousei o copo na mesa e peguei no guardanapo para limpar a boca.

Sem ter consciência disso, a minha mão subiu para o meu cabelo e despenteei-o com nervosismo. A Nikki era virgem. Só esperava que não me tivesse mentido em relação à idade, mas nem conseguia acreditar que aos vinte e três anos ainda era virgem.

— Estás bem? — perguntou-me, e voltei a erguer o olhar para ela.

— Foda-se, Nikki — praguejei em voz alta.

Sentia-me culpado sem perceber bem porquê.

— Está tudo bem — tranquilizou-me. — Eu percebo. Queres passar o tempo com alguém com experiência...

Vi que punha o guardanapo em cima da mesa e fazia menção de se levantar.

— Onde vais? — indaguei, incrédulo. — Por favor, senta-te, Nicole.

Dá-me só um minuto para assimilar isto — pedi calmamente.

Ela voltou a sentar-se. Era linda. Tinha uma beleza difícil de encontrar, exótica e diferente. Contudo, não era isso que me deixava sem alternativas, mas sim os seus olhos, o seu olhar, o seu sorriso. Era possível que me tivesse sorrido? Aquilo nunca me tinha ocorrido.

Desejava-a mais do que tudo no mundo, e há anos que não me sentia assim tão ansioso. Sabia que o nosso encontro seria um tanto casual, por isso quisera deixá-lo muito claro. Não queria alimentar nada que

não lhe pudesse dar, mas nunca tinha imaginado que a possibilidade de não poder tê-la me provocasse um mal-estar tão grande.

Ali estávamos os dois. Ela era virgem, e eu a dizer-lhe que queria fodê-la todos os dias até me ir embora. Como deveria agir depois daquilo? O que poderia dizer?

Analisando um pouco a conversa que tínhamos acabado de ter, lembrei-me de que, em nenhum momento, ela se tinha recusado a dormir comigo. Tinha-me simplesmente informado da sua situação...

situação? Ser virgem era uma situação? Santo Deus... Voltei a pegar no meu copo.

— Porquê? — perguntei então.

— Porquê, o quê? — respondeu-me.

O céu estava repleto de cores que se refletiam nos seus olhos.

Devolviam-me uma luz distinta quando olhavam para mim. A sua cor verde tornara-se dourada e não conseguia afastar os olhos dela.

— Tem de haver uma explicação para o facto de uma rapariga como tu nunca ter dormido com ninguém.

— Uma rapariga como eu? — voltou a responder-me com outra pergunta.

— Tu és linda — disse, sem rodeios. Era a pura verdade, ponto.

— Obrigada, mas a decisão de nunca ter querido dormir com ninguém vem de algo menos banal do que ser bonita ou não.

— Tens razão — admiti, embora me censurasse um pouco em silêncio.
— Desculpa, não te queria ofender.

— Não ofendeste. Estou só a tentar explicar-te que, às vezes, as coisas não são tão simples como tu as vês na tua cabeça.

— A minha cabeça é complicada, não o posso negar.

— Não quis dormir com ninguém antes, porque achava que queria

esperar pelo casamento, ou, pelo menos, até estar apaixonada.

Pensei nas suas palavras, queria percebê-la. Não me podia esquecer de que tínhamos sido criados em culturas completamente diferentes.

Essa espera parecia-me um pensamento arcaico, mas quem não os tinha ocasionalmente?

— Disseste «achava». Já não pensas assim? — indaguei.

Nesse mesmo instante, trouxeram-nos a comida. Tinha ótimo aspeto, mas nenhum de nós fez menção de começar a comer. Continuávamos imersos na conversa e perdidos nos olhos um do outro. Baixou o olhar e, pensativa, começou a brincar com o guardanapo.

— Nicole, por favor, olha para mim.

— Não há nenhum pensamento grandioso por detrás da minha mudança de opinião, Alex — respondeu-me com os olhos cravados nos meus. Ouvir o meu nome ser pronunciado pelos seus lábios foi como música para os anjos. — Simplesmente, senti uma necessidade.

Re eti sobre o assunto e percebi que os motivos pelos quais te podia afastar não são su cientemente importantes para o fazer.

Teria adorado pedir-lhe que me falasse daquela necessidade que acabava de sentir, mas contive-me.

— Já te disse o que quero de ti, Nikki — a rmei sem rodeios. — Diz-me o que queres de mim e avançamos a partir daí.

Mordeu o lábio um segundo antes de me olhar diretamente nos olhos.

— Quero aproveitar contigo, Alex — admitiu num tom de voz mais baixo do que tinha utilizado até àquele momento. — Quero que me leves para a cama e me ensines tudo o que sabes, mas quero que tenhas um pouco de paciência. Preciso que haja con ança entre nós, preciso de me sentir confortável... de te conhecer um pouco melhor.

Na minha mente, ouvia repetidamente, uma atrás da outra, as suas palavras. Queria que eu lhe ensinasse tudo...

— Compreendo — disse-lhe com a maior sinceridade. — Iremos devagar, só quero que saibas que o meu tempo aqui é o que é.

— Eu sei.

Olhou-me e senti algo que não sabia que iria crescer com o tempo.

Uma coisa maravilhosa, especial e única. Algo que se apoderaria de tudo e me mudaria para sempre.

— Ótimo — aceitei, devolvendo-lhe o sorriso. — Agora, temos de jantar.

Pegámos nos talheres e começámos a comer. Nem sequer tinham passado cinco minutos desde que começámos a saborear o melhor linguado da minha vida quando o telemóvel da Nicole começou a tocar.

— Desculpa — disse depois de ver o número. — Tenho de atender — desculpou-se, mas, com a mão, mostrei-lhe que não havia problema.

— Merda — a rmou passado um minuto ao escutar o que a pessoa que tinha ligado lhe dizia. Depois, desligou.

— O que aconteceu? — perguntei, levantando-me, como ela também tinha feito.

— A *Blackie* está em trabalho de parto — disse, dando-me alguma informação.

— Quem é a *Blackie*? — questionei.

— A cadelinha do Wayan — explicou-me. — Desculpa, Alex, a sério. Tenho mesmo de ir.

— Está bem, não te exaltes... Levo-te lá.

Ela anuiu e tivemos de deixar para trás a mesa, o jantar e o vinho quase intacto. Pedi desculpa aos empregados de mesa e disse-lhes que podiam ir-se embora. Cinco minutos depois, seguíamos na mota, a meio da noite, na direção de uma cadelinha que estava a parir.

Em que momento tinha começado a ser um dos protagonistas desta história?

Estávamos no barracão da casa do Wayan, rodeados de galinhas e feno. Deitada em cima de uma manta bastante encardida estava uma cadelinha preta a passar um mau bocado. Eu tinha insistido para car com a Nikki para depois poder levá-la a casa, mas nunca pensei que o

parto de um animal pudesse durar tanto tempo.

Eram três e meia da manhã e ainda ali estávamos. Não era o que tinha pensado estar a fazer àquelas horas no dia em que nalmente conseguira ter um encontro com a Nicole. Começava, no entanto, a aperceber-me de que tudo aquilo em que ela estivesse envolvida podia terminar da forma mais inesperada.

— Não precisas de car, Alex — insistira duas vezes, mas eu já tinha deixado claro que não me iria embora sem ela.

Vê-la trabalhar como veterinária despertou em mim um novo sentimento. Era algo muito próximo da admiração. Ao transpor a porta do barracão, a Nikki que eu tinha conhecido até então, risonha, descontraída e divertida, desaparecera e tornara-se numa pessoa completamente profissional e concentrada no seu trabalho. Pelos vistos, a cadelinha já estava com contrações há três horas, mas ainda não tinha parido nenhum cachorro.

A Nikki tinha dito ao dono que o melhor era esperar e deixá-la um pouco em paz, com as luzes apagadas para ver como a coisa evoluía.

— Lamento imenso — disse-me quando viu que as coisas iam demorar. — Sei que não era disto que estavas à espera.

— Não te preocupes — retorqui.

Acendi a lanterna do telemóvel, virei-a para o teto, em cima de uma caixa, e fui buscar algo onde nos pudéssemos sentar no chão, sem sujarmos a roupa.

— Tenho uma toalha na mala, espera aí — disse-me.

Abriu a mala que tínhamos ido buscar à clínica veterinária. Juntos, estendemo-la no chão e sentámo-nos encostados à parede. Estávamos su cientemente perto da cadela para a Nikki poder ir vendo como ela estava, mas sem a importunar. A cadelinha não parava de se mexer, inquieta, e de lamber a zona por onde os seus cachorrinhos iriam sair.

— Costumas fazer isto muitas vezes? — perguntei-lhe quando nos encostámos à parede e nos acomodámos.

— Infelizmente, ainda há muitos cães que não estão esterilizados. A *Blackie* vai ter três cachorros, são mais três que precisam de donos. Os partos caninos podem ser complicados, sobretudo quando a mãe é pequena, como esta. Espero não ter de lhe fazer uma cesariana. Sei

que o Wayan não o pode pagar, e os custos com a anestesia e o material cirúrgico estão cada vez mais caros...

— Não podes assumir os custos das necessidades de todos os animais da ilha, Nikki.

— Eu sei, mas que opção me resta? Deixo morrer os cachorros?

Deixo morrer a mãe? Sei que o Wayan não se importa com os cachorros, mas a *Blackie*, sim, preocupa-o. Já deixou claro que a vida dela está à frente da dos cachorros, mas não posso deixá-los morrer...

Via-a realmente angustiada. Teria feito qualquer coisa para lhe apagar aquela expressão triste da cara.

— Eu cubro os gastos da cesariana, se for necessário fazê-la. Não te preocupes com isso.

Virou um pouco a cabeça para olhar para mim.

— Não te estou a contar isto à espera de que assumas esse encargo, Alex, a sério. Peço desculpa se te dei essa impressão, eu não...

— Sei que não me estás a contar isto por essa razão, está descansada

— disse-lhe ao reparar em quão angustiada estava.

Olhou para a frente e abanou ligeiramente a cabeça.

— Sei quais são as implicações do meu trabalho e que deveria ser mais fria. Como bem dizes, não posso cobrir os gastos que se deve ter para salvar todos os animais da ilha, mas é mais forte do que eu. Não durmo em paz sabendo que há animais a sofrer e eu tenho os conhecimentos necessários para poder ajudá-los.

— O que te levou a querer ser veterinária? — perguntei-lhe.

Por um lado, aquilo interessava-me, mas, por outro, também queria distraí-la. Pretendia tranquilizar aquele sobrolho franzido e aquela preocupação no seu olhar. Olhou-me e um sorriso triste apareceu no seu rosto.

— Não é uma história alegre — disse.

— Mas sem dúvida que tem um nal feliz, se te levou até onde estás hoje.

Sorriu e tive uma vontade enorme de a beijar. Pensei que era o que devia estar a fazer, a beijar todo o seu corpo. No entanto, estávamos ali. Pelo menos, tinha-me deixado car com ela, para continuar a desfrutar da sua companhia.

— Tinha onze anos, se não me engano. Naquela altura, ia a todo o lado de bicicleta, embora já pudesse andar de mota. As minhas pernas eram mais compridas do que o normal, e o meu tio tinha-me ensinado, mas sempre adorei andar de bicicleta...

— Por favor, não me ponhas na cabeça a imagem de uma miudinha de onze anos a andar de mota. Que irresponsabilidade.

Aquela imagem provocava-me calafrios. Tão novos e em cima de uma mota... Não consegui deixar de pensar em... Porém, afastei logo aqueles pensamentos. Naquele momento, não queria concentrar-me naquilo.

A Nikki revirou os olhos perante as minhas palavras.

— Como estava a dizer, andava de bicicleta pela ilha, quase sempre acompanhada daquela que, naquele tempo, era a minha melhor amiga. Gostávamos muito de andar naquela zona perto dos mangais, apesar de, na verdade, o meu tio me ter proibido de lá ir. Geralmente, existem cobras ali, sabes? Mas eu não tinha medo delas...

— A história está a car cada vez mais segura — disse com sarcasmo.

— Completamente — continuou a Nikki, com um sorriso. —

Estávamos a dar uma volta por ali. De repente, começou a chover. Era uma trovoadas tropical, sem tirar nem pôr, e ainda por cima das fortes.

A minha amiga e eu tentámos procurar refúgio, mas não havia nada naquele sítio. Só encontrámos as canoas de uma loja para turistas que estava bastante abandonada. A ver se não me esqueço de te levar a dar um passeio de canoa pelos mangais, vais gostar muito.

Anuí, mostrando-lhe um breve sorriso. Agradou-me que me incluísse num dos seus planos.

— Uma das canoas da loja estava colocada num suporte, e, por baixo, havia espaço suficiente para nos sentarmos. Chovia tanto que também não nos serviu de muito, mas, pelo menos, a água não nos caía diretamente em cima da cabeça. Sentámo-nos ali debaixo e decidimos

esperar que a tempestade passasse... Foi então que ele apareceu.

Ao dizer «ele», o seu semblante mudou, toldando-se.

— Transportava uma caixa. Devido à chuva, não conseguíamos ouvir grande coisa, mas também não era preciso. O homem tirou três cachorrinhos da caixa. Eram pequenos, não tinham mais de duas semanas. Lembro-me de que, quando os vi, quase saí dali a correr para poder acariciá-los, mas antes de conseguir mover um músculo, o homem levantou-os e, sem a menor compaixão, atirou-os ao rio.

Depois, virou-se e voltou por onde tinha vindo. Lembro-me car congelada no mesmo sítio. Estava horrorizada.

» Devido à tempestade, o nível da água do mar tinha subido na zona do rio e via-se que a corrente era rápida. Embora ainda fosse pequena, sabia que, num sítio como aquele, as correntes podiam ser perigosas, mas não me importei. Não sequer pensei nisso por um segundo. Saí de debaixo da canoa, corri para o rio e saltei para os salvar.

— Nicole... — comecei a dizer, porque não acreditava no que me contava.

— Eu sei — respondeu. — Sei que foi uma loucura. Também sei que podia ter morrido, e isso quase aconteceu, mas não consegui deixar de o fazer. Dentro de mim, partiu-se qualquer coisa quando vi aqueles cachorros dentro de água... Acho que foi a primeira vez na vida que percebi que nem toda a gente é boa, que há gente má, muito má, na verdade.

Apercebi-me de como, passados todos aqueles anos, aquela memória ainda a magoava.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Só consegui salvar um. — O seu olhar desviou-se para o *Batú*, que, naquele momento, dormitava à nossa frente. — A corrente levou os outros dois. Ainda me lembro de ver aquelas duas cabecinhas a

saírem da água, desesperadas por respirar. Que tipo de pessoa consegue fazer algo assim? Como se pode ter tão pouco coração para pegar em três cachorrinhos e os atirar ao rio para morrerem afogados?

— Infelizmente, o mundo está cheio de lhos da puta, Nikki.

— Agarrei no *Batú* com força e não o soltei em momento algum, por

isso, foi quase impossível nadar contra a corrente. O céu estava tão nublado que parecia estar a anoitecer. A minha amiga, desesperada, corria junto à margem, gritando o meu nome. Se não fosse ela, se, naquela tarde, eu estivesse sozinha, não teria sobrevivido para contar esta história. Ela salvou-me. Estendeu-me um ramo a que consegui agarrar-me mesmo antes de a corrente me arrastar para o oceano.

Estendi-lhe o *Batú* primeiro, e, logo de seguida, agarrei-me à sua mão e consegui sair da água.

— Meu Deus! — exclamei, estupefacto.

— Aquela foi a última vez que veio andar de bicicleta comigo.

Depois daquele dia, não voltei a estar com ela, nunca mais quis voltar a ver-me. Julgo que teve muito medo, e eu era uma miúda muito destemida e não gostava de cumprir as regras. Quando pegámos nas bicicletas e voltámos para casa, durante todo o trajeto, não parou de chorar. Só repetia que podíamos ter morrido, eu por ser estúpida e ela por me ter ajudado.

» Eu também chorava, não de medo, mas pelos dois cachorrinhos que não tinha conseguido salvar. Nesse dia, decidi que faria tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudar os animais indefesos. Nesse dia, decidi que, no futuro, queria ser veterinária.

Ergueu o olhar que tava o *Batú* e cravou-o em mim. Os seus olhos brilhavam devido à humidade que acabava de se formar neles.

Compreendi que, na verdade, aquela era a sua vocação. Então, não consegui evitá-lo. A minha mão moveu-se sozinha até segurar completamente a sua face direita. Os nossos olhares cruzaram-se e soube que ia a beijar. Naquele instante. Naquele lugar.

Aproximei-me dela lentamente. Queria provar a sua boca, mas a necessidade de inspirar a sua fragrância foi mais forte. Enterrei a cabeça no seu pescoço e inspirei o aroma da sua pele. Cheirava a mar, a eucalipto e a margaridas.

Fechei os olhos, desfrutando daquilo, como se fosse um momento que talvez nunca mais se repetisse. Pousei os meus lábios na pele suave do seu lóbulo esquerdo e senti-a reagir perante o meu contacto. A Nikki soltou um pequeno suspiro entrecortado. Então, cou claro para mim... Nesse momento, soube que aquela rapariga seria a minha perdição.

NIKKI

Os meus olhos fecharam-se por instinto. A minha pele reagiu da forma mais primitiva. Pensei que não haveria no mundo nada mais excitante do que sentir a sua boca no meu pescoço enquanto o seu nariz roçava levemente em mim, inspirando o meu aroma...

Agarrei-me aos seus ombros quando os seus lábios começaram a beijar a minha pele, desde a orelha esquerda até ao meu ombro nu.

Reparei que os meus mamilos se endureciam contra o tecido do *top* que usava e disse a mim mesma que tinha escolhido um mau dia para não vestir um sutiã.

Meu Deus, a sua boca era um paraíso na minha pele. Compreendi, então, que estava perdida. Suspirei quando a sua língua roçou ao de leve, como a carícia de uma pena, um ponto no meu pescoço que nunca pensei que pudesse excitar-me daquela forma. Não sabia se era o meu corpo ou se era a pessoa que o beijava que me arrancava aquela resposta. Não era a primeira vez que me beijavam, mas era a primeira ocasião em que alguém conseguia excitar-me com tão pouco.

O Alexander Lenox sabia o que fazia. Iria jogar todas as cartas para obter o que queria, disso não havia a menor dúvida. A sua mão subiu pelas minhas costas até chegar à minha nuca. Afastou-me a trança para ter mais espaço e mais pele ao seu alcance. Abri um pouco os olhos quando notei o seu hálito na minha face. Estava muito próximo

da minha boca.

— Nem imaginas quanto te desejo, Nicole — disse numa voz rouca, carregada de excitação.

Agradou-me imenso o facto de também conseguir excitar aquele homem. Era uma sensação de empoderamento. A minha mão subiu-lhe pelo tronco e atrevi-me a desabotoar-lhe os primeiros botões da camisa. Queria tocar-lhe, desejava sentir os abdominais que sabia que ele tinha.

O Alex fechou os olhos por um instante quando os meus dedos conseguiram abrir-lhe a camisa toda e pararam no seu estômago. Era tão rme como tinha imaginado.

— Se me desejas tanto, então, porque não me beijaste antes? —

atrevi-me a dizer num tom de voz que não reconheci. Seria assim que soava a voz de uma rapariga quando estava nervosa, excitada e ansiosa, tudo ao mesmo tempo?

O Alex pegou-me na face e obrigou-me a olhá-lo nos olhos.

— Receio começar e não conseguir parar.

O sangue pulsava-me nas veias com tamanho fervor que até conseguia ouvir os meus próprios batimentos cardíacos. Fechei os olhos para absorver aquele momento sem distrações. No preciso instante em que a sua boca desceu para me beijar, no momento em que os nossos lábios roçaram levemente, a porta do barracão abriu-se com um grande estrondo.

Ambos nos assustámos e afastámos. O *Batú* ladrrou enquanto se erguia. Olhei para a entrada. Era o Wayan que acabava de nos interromper.

— Os cachorros já nasceram? — perguntou-me.

Durante uns segundos, focou-se no Alex. Afastei-me para ver o estado da *Blackie*.

— Ainda não, mas já não deve faltar muito — respondi, um pouco ofegante.

— Queres que que aqui? — indagou o Wayan em *bahasa Indonesia*, porque queria que apenas eu o percebesse. Continuava a olhar xamente para o Alex.

Abanei a cabeça, recusando.

— Está tudo bem. É meu amigo.

O Wayan parecia ter imensa vontade de dizer algo, mas, por m, fechou a porta e foi-se embora. Resmunguei enquanto me levantava e sacudia o pó da saia. O Alex também se levantou e perguntou-me o que se tinha passado.

— Nada... — repliquei, aproximando-me da *Blackie*. — As pessoas como o Wayan podem ser... um pouco antiquadas, sabes? Não me parece que tenha achado muita piada ao encontrar-nos...

— Prestes a beijarmo-nos? — terminou a frase que eu não tinha conseguido dizer.

— Exato — respondi. Sorri conforme me baixava para auscultar a *Blackie*. — Acho que vou injetar-lhe um pouco de oxitocina — disse em voz alta, embora falasse para mim mesma.

O Alex manteve-se afastado à medida que eu ajudava a cadelinha a dar à luz o seu primeiro cachorro. Além de ter injetado uma substância para aumentar a duração e a frequência das contrações, também tive de introduzir um pouco os dedos nela para posicionar melhor o cachorro e ajudar a sua expulsão. Passados uns trinta minutos, saiu o primeiro.

— Queres vê-lo? — chamei o Alex, emocionada.

— Acho que não — disse sem se aproximar.

— Não sejas medricas — comentei, divertida, com um sorriso.

— Medricas não é a palavra certa. A melhor seria relutante, porque isso me deixa um pouco enojado.

Lancei-lhe um olhar assassino, e ele ergueu as mãos como se se rendesse.

— Agora, por teres sido tão insensível e parvo, cas encarregado de limpar o próximo cachorrinho que sair — declarei.

— A sério que acabaste de me chamar parvo? — perguntou-me.

Fiquei perplexa quando se aproximou e se ajoelhou ao meu lado enquanto falava. Eu estava ocupada a esfregar um pouco o dorso do cachorro com uma toalha até que abriu a boca e me deixou limpar-lha. Pu-lo junto à progenitora e quei a vê-la lambê-lo com insistência.

— É tão pequeno — observou o Alex.

— Há alguma coisa mais bonita do que isto? — perguntei-lhe.

Estava derretida a ver o cachorrinho a aconchegar-se debaixo da mãe, em busca do seu calor. Felizmente, o seguinte não tardou a sair.

Desta vez, mal tive de intervir. Um cachorro branco com manchas pretas saiu, ajudado pelas contrações da mãe.

— Tens de o esfregar assim e abrir-lhe a boca para ele respirar — instruí o Alex.

Apesar da sua relutância, fez o que lhe pedi. Gostei de ver que, pelo menos, se esforçava, embora a sua expressão facial mostrasse claramente que não gostava muito daquilo.

— Parece-me que já te demonstrei que não sou parvo, toma lá —
a rmou, passando-me o cachorro.

Acabei de lhe limpar a boca e coloquei-o junto da mãe.

— Só falta um — concluí. Ergui os olhos, que encontraram os seus.

— És incrível, sabias? — disse-me.

— Por trazer cachorros ao mundo? — Sorri.

— Por tornares isso a tua prioridade.

Gostei imenso de que me valorizasse, sobretudo depois de ter tentado manter uma relação com alguém cava indignado por dedicar a minha vida aos animais.

Felizmente, o parto não teve mais complicações, o terceiro cachorro nasceu sem problemas, tal como os outros. Não foi preciso fazer uma cesariana nem tive de sofrer por nenhum cachorro nado-morto.

Infelizmente, isso era algo que acontecia com muita frequência.

Por volta das cinco da manhã, deixámos a mãe, exausta, com os seus cachorros. Depois de dizer ao Wayan que estava tudo perfeito, nalmente, fomo-nos embora para podermos descansar.

O Alex parou a mota à frente da minha casa e observou-a com curiosidade.

— Moras aqui? — perguntou-me.

Observou a minha casa humilde, da qual, a propósito, muito me orgulhava. Assemelhava-se mais a uma casa na árvore, mas, para mim, era o resultado de muito esforço e poupanças.

— Sim — con rmei.

Virei-me para ele quando cheguei às escadas íngremes que davam acesso à minha porta. Subi dois degraus e quei um pouco mais alta do que ele. Senti uma enorme vontade de lhe tocar no cabelo. Estava um pouco despenteado depois de tanta azáfama e devido ao vento.

— Não é difícil deduzir que ainda não me vais convidar a entrar — comentou com um meio-sorriso.

Meu Deus, queria que entrasse, claro que sim, mas ainda não estava preparada. Ele sabia-o.

— Podia convidar-te para um café, mas parece-me que não é isso que queres — respondi, descendo um degrau.

As suas mãos agarraram-me ligeiramente pela cintura e puxaram-me para ele.

— O que quer que te inclua é um plano muito apetecível... — sussurrou contra os meus lábios.

Estávamos tão perto, com os narizes quase a roçar e o hálito que saía da sua boca a acariciar a minha.

— Beijar-te sob a luz de um novo dia seria muito romântico, não achas?

— Ainda nem amanheceu, e, deixa-me que te diga que nunca pensei que fosses esse tipo de homem, Alex Lenox. — Sorri.

— Que tipo de homem? — quis saber, afastando-se um bocadinho e olhando-me nos olhos.

— Romântico — disse-lhe.

Deixei que a minha mão zesse o que queria. Os meus dedos acariciaram o seu cabelo e senti que a eletricidade me percorria o braço. A minha mão desceu até à sua nuca e deteve-se nela, aguardando.

— É fácil sê-lo contigo. Sabes porquê? — perguntou e, em resposta, abanei lentamente a cabeça. — Porque gosto de contrariar os teus pensamentos, sei que não estás à espera disto. Não gosto nada de ser previsível, Nikki, e contigo... Quero que tudo seja diferente.

E assim, sem mais nem menos, beijou-me. Os lábios chocaram com os meus. Não teve paciência para esperar e a sua língua abriu caminho pela minha boca até encontrar a minha, começando uma dança incrivelmente erótica.

Com aquele beijo, fez com que eu não conseguisse pensar em mais nada, muito menos no que tinha querido dizer com aquela última

frase. As suas mãos puxaram-me para ele e as minhas agarraram-lhe o maxilar, eliminando o pouco espaço que ainda havia entre nós os dois.

Foi um beijo incrível, daqueles que uma pessoa desejava que durassem horas. Daqueles que nos roubam o fôlego, porque estão cheios de nuances. Foi um beijo cheio de desejo, mas, ao mesmo tempo, de mais qualquer coisa, embora, nesse momento, nenhum de nós tivesse consciência disso.

Ambos cámos com os lábios um pouco inchados e brilhantes.

Aquilo excitou-me mais do que alguma vez admitiria em voz alta.

— Boa noite, Nicole — a rmou, dando um passo atrás. — Só faltam umas horas para o amanhecer — acrescentou, olhando para o oceano e para aquela vista incrível.

— Obrigada por esta noite — agradeci.

Observei-o conforme colocou o capacete e subiu para a mota. Antes de baixar a viseira, piscou-me o olho e arrancou. Deixei-me cair e quei sentada nos degraus das escadas.

Meu Deus... Onde estou a meter-me?

Só consegui dormir cerca de duas horas. As minhas aulas de ioga começavam às sete da manhã, portanto, assim que desliguei o despertador, fui logo tomar um duche para acordar, e, com o corpo dorido, vesti-me para encarar um novo dia.

Tive uma agradável surpresa ao ver a minha mota estacionada mesmo em frente às escadas da minha casa, embora não tenha cado tão contente por ver um capacete vermelho e reluzente preso ao guiador. Ele acreditava mesmo que eu ia usá-lo?

Num ato de rebeldia e imaturidade, guardei-o no assento e subi para a mota. Pelo menos, sabia que tinha mais algum tempo para chegar à

minha primeira aula, porque já não tinha de ir para lá a pé.

Decidi passar pelo Mola Mola para tomar um café rápido. Quando lá cheguei, estavam duas pessoas a tomar o pequeno-almoço, mas a hora de ponta só começaria daí a mais ou menos uma hora. Os ilhéus

costumavam acordar bastante cedo, mas existiam alguns limites, embora eu os ignorasse.

Fiquei surpreendida por encontrar ali o Nate. Tinha o olhar xo numa chávena de café fumegante e parecia estar infelicíssimo. Não tivera oportunidade de falar com a Maggie desde a festa, mas, pelo semblante do Nate, as coisas entre os dois não deviam estar nada bem.

De manhã, nenhum dos meus amigos trabalhava, por isso, pedi um *cappuccino* ao lho do dono. Em seguida, sentei-me numa mesa afastada do Nate. Apesar de me ter visto, não me apetecia falar com ele. Pareceu re etir durante uns dois minutos e acabou por pegar na chávena do café, levantar-se e juntar-se a mim.

— Importas-te que me sente?

Poderia ter-lhe dito que sim, mas não era assim tão má e insensível.

Gesticulando com a mão, indiquei-lhe a cadeira à minha frente.

— Como estás, Nate? — perguntei-lhe apenas por educação.

— Já tive dias melhores — admitiu.

Observou-me com atenção enquanto eu mexia o meu café. Parecia nervoso, como se avaliasse cuidadosamente as suas palavras seguintes.

— Posso perguntar-te uma coisa?

— Sentaste-te aqui para isso, não foi?

— Não, Nikki. Podes não acreditar, mas sinto um carinho muito especial por ti. Gosto muito de ti. Já nos conhecemos há alguns anos.

Sei que, durante a maior parte do tempo, me detestaste, mas guardo muitas memórias especiais contigo. A tua companhia foi

de nitivamente necessária para que assim fossem.

— Eu não te detesto, Nate... — Parei de mexer o café e coloquei a colher no pires. — Só acho que te enganaste muitíssimo ao voltares para aqui.

— Não vou discutir isso — aceitou, abanando a cabeça —, sobretudo depois de car a saber que a Margot está casada.

Parei de beber e pousei a chávena.

— Como é que tu...?

— Foi ela que mo disse — admitiu, atento à minha reação. — Pela tua expressão, deduzo que ela não me mentiu.

Resmunguei para mim mesma e abanei um pouco a cabeça.

— Não te mentiu, Nate, lamento...

Decidi não lhe dizer mais nada, porque provavelmente não o sentia.

Aquele rapaz magoara bastante a minha melhor amiga. Ela merecia ser feliz ao lado de alguém que a amasse verdadeiramente, apesar de...

— Quem é? — quis saber.

— A Maggie não te disse? — Abri os olhos, surpreendida.

O Nate pareceu car nervoso.

— Não... Largou a bomba e depois... Depois... — gaguejou. Fiquei à espera de que continuasse, mas calou-se. — É melhor ser a Margot a contar-te — acrescentou.

Assenti em silêncio, embora estivesse curiosa. O que teriam feito?

— Nate, não me parece que me caiba a mim contar-te quem...

— Diz-me só o nome dele, Nikki — disse de repente com a voz rouca. Pareceu-me estar prestes a chorar. — Só preciso de saber a merda do nome dele.

Ambos sabíamos que não era assim tão simples. Nada o era quando se tratava do Nate e da Maggie. Absolutamente nada.

— Acho que não me cabe a mim dizer-to, Nate — repeti. —

Desculpa, mas vais ter de falar com ela sobre isso — acrescentei.

Quando me levantei para ir trabalhar, vi o sofrimento que as minhas palavras acabavam de lhe causar. Mas do que estava o Nate à espera?

A Maggie tinha tomado uma boa decisão, pelo menos foi isso que repeti para mim mesma em silêncio.

Consegui sobreviver àquela manhã graças a quatro cafés e uma bebida energética, que nunca confessaria ter bebido. Depois das aulas de ioga,

decidi ir ver como estavam os cachorrinhos da *Blackie*, que estavam fantásticos. Atendi alguns animais na clínica veterinária.

Depois, decidi passar por casa do meu tio, embora tivesse sido uma ordem sua quando me mandou uma mensagem a dizer-me que me queria ver.

A relação que eu tinha com o meu tio era boa, sempre e desde que eu zesse as coisas exatamente como ele queria. No entanto, desde que me tornara independente, tinha deixado de fazer muitas das coisas que ele esperava que eu zesse. Ele não percebia que eu já não era uma miúda, isso era óbvio. Às vezes, a sua maneira exagerada de me proteger resultava exatamente no contrário do que ele queria, e ainda por cima isso afastava-nos mais um do outro.

Eu percebia perfeitamente que, depois da morte dos meus pais, ele se tinha tornado no meu protetor. A nal, tinha sido a gura paterna que eu nunca tinha podido ter. Resumindo, era como se fosse o meu pai, mas, às vezes, passava um bocado das marcas e tinha uma maneira de ser com a qual não era nada fácil lidar.

Assim que parei à frente da sua casa, estava bastante ciente de que havia uma razão especial para me ter dito para ir ali. Tinha a certeza

de que não era para me parabenizar por nada.

— Olá? — chamei à frente da sua porta aberta. O *Batú* ladrrou como se quisesse deixar clara a sua presença.

— Nicole? — ouvi a voz familiar do meu tio vir lá de dentro. —

Entra.

Tinha-me chamado Nicole, o que não era um bom augúrio.

A casa do meu tio, como qualquer outra casa balinesa tradicional, estava dividida em vários quartos que davam para um pátio interior.

Na pequena bancada à esquerda da entrada, encontrava-se um pequeno sacrário virado para o vulcão. O meu tio estava de cócoras em frente ao seu precioso jardim, de que tratava com todo o cuidado.

Enquanto me fui aproximando, continuou a trabalhar sem se voltar para mim.

— Porque achas que te chamei aqui? — indagou num tom sério,

demasiado até para ele.

— Não sei, tio.

Largou a pequena pá e levantou-se para me encarar. Ao contrário de mim, o meu tio não tinha um metro e setenta. Era mais baixinho e franzino, com o cabelo escuro e a pele morena. Era bonito, e sempre me perguntei porque nunca se tinha casado nem tido lhos.

— O Wayan explicou-me o que aconteceu ontem à noite em casa dele.

— Explicou-te que ajudei a cadelinha dele a dar à luz três cachorros às três da manhã? — respondi com uma pergunta, embora, por dentro, praguejasse contra o maldito Wayan.

O meu tio calou-se por alguns segundos e conseguiu deixar-me nervosa.

— Foi só isso que zeste?

Mordi o lábio por dentro, re etindo.

— Um amigo acompanhou-me.

— Que amigo? — perguntou num tom mais duro.

— Chama-se Alex, é amigo do Nate Olivieri. Vão estar na ilha durante algumas semanas...

— O Nate Olivieri? O desgraçado que abandonou a tua amiga Margot?
— interrompeu-me.

Merda. Talvez tivesse sido melhor ocultar o pormenor do Nate. Não era uma boa maneira de apresentar a situação.

— O Alex não tem nada que ver com o Nate, tio. Nós só...

— Há quanto tempo o conheces? — perguntou-me.

— Chegaram há uns dias... — hesitei.

— E já tens con ança com ele para o tratares por «Alex»?

— Bem, eu apresento-me a toda a gente como Nikki, não como Nicole...

O meu tio abanou a cabeça e tou-me durante alguns instantes.

— Não vai acontecer, Nicole — disse categoricamente, olhando-me nos olhos.

— Estás a referir-te a quê? — respondi. Começava a irritar-me.

— Não vais sair com um britânico. Não vais perder tempo a conhecer uma pessoa que se vai embora e te vai partir o coração.

— Tio, ele só é um amigo!

— Andas aos beijos com um amigo em casas alheias às escuras?!

— Não nos beijámos...

Afastei-me do meu tio e virei-lhe as costas. Era mentira, mas não o tínhamos feito à frente do Wayan. Tínhamo-lo feito mais tarde, à porta da minha casa, mas não planeava contar a minha vida privada a ninguém. O que fazia ou deixava de fazer só a mim dizia respeito.

— Permiti que saíesses com o Jeremy, porque a vida dele está nesta ilha. Custou-me fazê-lo, mas entendi o que vias nele. Isso é uma coisa, outra muito diferente é começares uma relação...

— Que relação, tio? — interrompi-o, irritada, e tornei a virar-me para o encarar. — Não fales de uma coisa que não sabes nem nunca vais perceber. Achas que não estou ciente de que o Alex se vai embora daqui a umas semanas? Achas que quero perder tempo? Não há nada entre nós! Somos só amigos!

O meu tio ouviu-me com atenção, sem me interromper. Depois, a rmou com severidade:

— Que chames amigo a alguém que acabaste de conhecer não me preocupa tanto como mentires-me deliberadamente, Nikki.

— Já sou crescadinha, tio.

— Achas que és, mas não fazes ideia daquilo que vais ter de enfrentar se decidires começar uma relação com um estrangeiro.

— Porque te interessa? Não seria a primeira vez que alguém daqui se apaixona por alguém de fora. Olha para a minha mãe!

— E vê como terminou! Morta!

Não devia ter dado o exemplo da minha mãe.

— O facto de terem sofrido um acidente aéreo não foi culpa do meu pai!

O meu tio deu um passo em frente, mais furioso do que alguma vez o tinha visto.

— O teu pai esforçou-se por levar a tua mãe daqui, e, por culpa dele, morreram os dois!

Dei um passo atrás. Nunca ninguém tinha falado mal do meu pai à minha frente. Nunca.

— Como podes dizer uma coisa dessas? — repliquei. Contra a minha vontade, a voz falhou-me.

— Há muita coisa que não sabes nem percebes, Nicole. Eu é que decido quando tas devo explicar, mas agora digo-te apenas uma coisa: afasta-te desse turista.

— E se não o zer? — respondi, cruzando os braços.

O meu tio olhou para mim, respirou fundo e voltou a falar.

— Tu, melhor do que ninguém, sabes do que sou capaz de fazer para proteger a minha família. Não me faças chegar a esse ponto, Nicole.

Tu e eu sabemos bem que não seria justo para ele.

Não disse mais nada, virou-me as costas e entrou no seu quarto.

Deixou-me ali, perplexa, irritada e... assustada?

CAPÍTULO 16

NIKKI

Naquele dia, não vi o *sunset*, apesar de haver uma grande probabilidade de o Alex estar à minha espera. Tinha muito em que pensar. Embora tivesse gostado de car a pensar sobre os meus problemas, perto das sete da tarde, alguém bateu à minha porta.

Quando abri, vi que era a Margot. Lançou-se para os meus braços e apertou-me com força, a chorar.

— Maggie, o que aconteceu? — perguntei, acariciando-lhe as costas para tentar consolá-la.

A minha melhor amiga afastou-se do meu abraço. Entrou em minha casa e sentou-se na cama. Com olhos marejados, pediu-me para comermos uma loucura. Pediu-me para fugirmos. Tentei chamá-la à razão, mas mal me deixou falar quando começou a suplicar:

— Por favor, se alguma vez me consideraste a tua melhor amiga, por favor, vem simplesmente comigo.

— Mas para onde vamos? — perguntei, imóvel.

— Para fora daqui, para qualquer sítio. Preciso de me ir embora.

Preciso...

— Fugires dos teus problemas não vai fazer com que desapareçam

— recordei.

— Eu sei, mas não tenho coragem para os enfrentar. Tenho medo, Nikki. Tudo me aterroriza e sinto que estou a cair num poço sem

fundo. Preciso de pôr tudo em pausa, preciso de me afastar para pôr as coisas em perspetiva. Compreendes?

Claro que a compreendia. Já todos nos tínhamos sentido assim a certa altura, com vontade de fugir, de desatar a correr, de esconder a cabeça debaixo da almofada e de fechar os olhos com força.

— Conta-me o que se passou com o Nate, Maggie.

A minha amiga recusou, abanando a cabeça, e as lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas faces. Sentia uma pena enorme por a ver assim. A Maggie era uma rapariga forte e alegre. Era uma mulher que sempre tivera uma energia e uma vontade in nitas de fazer coisas, de se rir, de cometer loucuras...

Aproximei-me dela, sentei-me ao seu lado e passei-lhe o braço pelos ombros.

— Fui tão estúpida — disse, tapando a cara com as mãos.

— De certeza que não é caso para tanto.

A Maggie olhou para mim, e eu soube. Não era preciso ser o Einstein para o saber, apesar de ela o confessar em voz alta:

— Dormimos juntos.

Abanei a cabeça.

— Quando me encontrei com o Nate esta manhã e ele me perguntou quem era o teu marido, percebi logo.

— Já sabe quem é?

Neguei-o, abanando a cabeça lentamente.

— Não, mas vai sabê-lo daqui a pouco — repliquei. — Tens de lhe dizer, Maggie. Não podes atrasar mais isso. Ele tem de saber, e devias ser tu a dizer-lhe.

— Eu não lhe devo nenhuma explicação, Nikki, nenhuma! — disse, irritada. Afastou-se de mim e começou a caminhar nervosamente pelo quarto.

— Claro que não, mas agora está aqui e voltaste a envolvê-lo na tua vida. Não vai ser fácil quando car a saber, Maggie. É melhor não o apanhares de surpresa.

Nem sequer queria imaginar a cara do Nate quando descobrisse com quem a minha melhor amiga se tinha casado. Troia caria a arder.

Sinceramente, não me apetecia nada ser apanhada no meio daquilo.

— Não o devia ter deixado... Não devia ter ido para a cama com ele, mas... Bolas, quando está perto de mim, nem consigo pensar.

— Pois não. Não o devias ter feito, mas agora já está. Neste momento, depende apenas de ti resolver as coisas. Maggie... — Fitou-me quando z uma pequena pausa. — Não sejas como ele, não magoes gratuitamente, porque isso pode magoar-vos aos dois.

A minha melhor amiga suspirou, tornou a sentar-se ao meu lado e pousou a cabeça no meu ombro.

— Porque és tão sensata? — perguntou e eu ri-me.

— Porque dou conselhos, mas não os sigo.

— Não concordo com isso. Não te acontecem estas coisas. Não te deixariam plantada depois de te pedirem em casamento. Não te mentiriam à descarada. Ninguém te faria mal, porque és... És como a Sininho, caraças. És a menina doce que, intuitivamente, as pessoas querem proteger.

Ouvi-a com atenção e, de certa forma, concordei com os seus argumentos, mas não com todos. Sim, todos aqueles que me tinham conhecido tinham querido proteger-me, apesar de eu achar que exageravam, mas não sabia porque inspirava fragilidade. Não me considerava uma pessoa débil, nem pouco mais ou menos, mas também nunca tinha permitido que me tratassem assim.

Desde o princípio da relação, tinha visto a Maggie e o Nate magoarem-se vezes sem conta. Não percebia porque o faziam, nem o que ganhavam com isso... Nisso, a minha amiga tinha razão: nunca permitiria que me mentissem deliberadamente, nem que me abandonassem depois de me jurarem amor eterno...

O que confundia a minha amiga quando a rmava aquilo com tanta convicção era o facto de, numa relação, haver duas pessoas envolvidas. Uma nunca pode controlar o que a outra pessoa vai fazer nem o modo como os acontecimentos se vão desenrolar. Naquele instante, fui muito ingénua ao acreditar que aquilo não me aconteceria, que ninguém conseguiria magoar-me... O amor não conhece regras nem maturidade. Em certas ocasiões, com mais frequência do que gostaria de admitir, o amor é egoísta. Julgamos, erradamente, que tem direitos que não possuí, nem nunca há de possuir.

Mas, claro, o que podia fazer? Só podia deixar a minha amiga desabafar e chorar à vontade.

— Pre... Preciso de tempo para pensar.

— Mas tens de pensar em quê? Ainda há uma semana estavas apaixonada pelo teu marido, lembras-te?

— Eu gosto dele, muitíssimo, mas... — A Maggie abanou a cabeça.

— Não arruínas tudo pelo Nate, querida — a rmei com seriedade. O

Nate era um bom tipo, mas nada zera por merecer a minha amiga.

— Então, o que faço? Ignoro tudo o que sinto quando o vejo?

Porque é que o meu coração acelera, inclusive antes de o ver? É como se o meu corpo o pressentisse sem que eu esteja ciente de que ele está ali.

Fiquei sem saber muito bem o que responder àquilo, sabendo apenas

que não queria que a minha amiga continuasse a sofrer.

— Quando volta...?

A Maggie limpou a cara com a mão antes de responder que seria daí a uns dias.

— E achas que não estares cá quando ele regressar é boa ideia? —
tentei fazê-la reconsiderar.

— Se me for embora agora, cará a saber. Preciso de me afastar um pouco para me acalmar, pensar em tudo e voltar a estar completa.

Tenho de estar assim quando voltar a vê-lo.

— E o Nate? — perguntei-lhe.

Eu sabia que a história não acabava ali. O Nate tinha regressado com o objetivo de recuperar a minha amiga. Não ia se render assim tão facilmente.

— Disse-lhe que acabou tudo, que perdeu a oportunidade que teve e que estou casada.

— Não me parece que a coisa que por aí. No entanto, eles ainda vão car quase três semanas na ilha.

— Bem sei, mas, por favor, dá-me só dois dias... Vamos embora daqui só dois dias...

Levantei-me e comecei a andar pelo quarto. Não queria sair dali, mas também não podia ignorar a conversa que tinha tido com o meu tio poucas horas antes. Também não me importava de ter dois dias para pensar e afastar-me das coisas. Talvez dessa forma o meu tio relaxasse, porque alguma coisa me dizia que teria toda a sua atenção virada para mim.

— Está bem — acabei por aceitar.

— Obrigada, amiga! — agradeceu-me ao ouvido depois de se atirar para os meus braços para me apertar com força. — Posso dormir cá esta noite?

Assenti e, enquanto ela se instalava, pus-me à procura do meu telefone. O Alex e eu tínhamos trocado os números de telefone. Seria a

primeira vez que lhe escreveria, mas tive uma surpresa quando peguei no telemóvel e vi que ele já se tinha encarregado de me contactar há meia hora.

Voltaste a fugir?

Pensei na minha resposta antes de lha enviar.

Desculpa... Tenho assuntos familiares para tratar dos quais não me consegui livrar.

No ecrã apareceu automaticamente «a escrever».

Está tudo bem?

Ai, que querido, pensei.

Será que existe uma realidade onde tudo está bem?

Será que existe uma realidade onde não

me respondes sempre com outra pergunta?

Sorri como uma idiota.

Descobriste o meu superpoder...

— Nikki, importas-te que tome um duche? — perguntou a minha amiga.

— Claro que não — respondi, voltando-me para ela. — Já sabes onde estão as toalhas e os meus pijamas. Escolhe o que quiseres.

Não era a primeira vez que a Maggie cava a dormir comigo.

Quando entrou para o duche, sentei-me no sofá e, expectante, peguei no telemóvel.

Queres que te conte qual é

o meu superpoder?

Revirei os olhos. *Homens*, pensei, mas depois continuou a falar e quei surpreendida com a sua resposta.

Vou fazer com que entres

num avião comigo.

O meu coração começou a bater mais depressa e não foi num bom sentido.

Não, obrigada.

Respondi e deixei o telemóvel em cima da mesa. Tinha acabado por car irritada. Voar não era um assunto de que eu gostasse de falar, especialmente depois da conversa que tinha tido com o meu tio. O

facto de o Alex ser piloto era algo que não me agradava, e ainda me agradou menos que mo tivesse lembrado.

— Posso tomar um duche contigo? — perguntei à minha amiga, entrando na casa de banho.

A Maggie e eu éramos como irmãs. Na faculdade, tínhamos tomado banho juntas mais do que uma vez. A questão era que a Margot também era do mais exibicionista que havia e tinha-me feito perder completamente a vergonha de ser vista nua, pelo menos por ela.

— Sim, mas só se me deixares usar a tua máscara cara.

Revirei os olhos. O único capricho que eu satisfazia todos os meses era comprar bons produtos para o cabelo. Sempre que a Margot vinha a minha casa, fazia o tratamento completo.

— Sabes muito — disse-lhe.

Despi-me e meti-me no duche com ela. Deixou-me passar até eu estar debaixo de água. Ela começou a usar a máscara de manga, a minha preferida. Coloquei o champô e fechei os olhos para impedir que a espuma entrasse neles.

— É verdade, não te perguntei, como correu o teu encontro com o inglês?

— Foi... diferente. — Continuei de olhos fechados.

— Diferente como sinónimo de desastroso? — replicou.

— Diferente, porque organizou um jantar romântico em Old Tree, com empregados de mesa e o pôr do sol.

Voltei a pôr a cabeça debaixo de água e deixei que o champô escorresse por todo o meu corpo. Abanei a cabeça quando a minha amiga me perguntou se estava a brincar.

— Tudo isso num primeiro encontro? Ah... Deve estar muito interessado — acrescentou, perplexa.

— Está interessado em ir para a cama comigo — disse, abrindo os olhos.

A minha amiga observou-me demoradamente e voltei a fechá-los com a desculpa da água.

— Será que noto uma certa relutância nessa última frase? — perguntou.

— Nada disso... Estou interessada exatamente no mesmo.

Ouvi um baque seco. Ao abrir os olhos, vi o frasco do champô no chão. A minha amiga apressou-se a pegar nele.

— Desculpa, desculpa! — disse, fechando-o e pondo-o na prateleira.

— Mas acho que acabou de me dar o fanico. Disseste que tu também estás interessada em ir só para a cama com ele?

— A tua companhia tem os seus efeitos secundários. — Encolhi os ombros.

— Meu Deus... — A Margot levou as mãos à cara. — Mas já aconteceu alguma coisa? Já foram para a cama? Como é que foste com ele para a cama e não me disseste nada até agora, juro-te...

— Não se passou nada. A cadelinha do Wayan entrou em trabalho de parto e tivemos de sair dali à pressa para ir assisti-la. Mas depois, sim, beijámo-nos.

— Só se beijaram? — A minha amiga pareceu mais calma.

— Foi um beijo bonito — a rmei, um tanto sonhadora.

— Com língua? Diz-me ao menos que foi com língua. Foder com o inglês... Bom, ele tem ar de quem o faz com frequência, na verdade...

Mudei de lado, para deixar a minha amiga enxaguar o cabelo, e lancei-lhe um olhar acusatório.

— Expliquei-lhe que queria conhecê-lo antes de... Tu sabes...

— Se comerem.

Revirei os olhos.

— Disse-lhe que era virgem.

Desta vez, foi o boião da minha preciosa máscara que caiu ao chão.

— Desculpa, desculpa!

— Margot!

— Disseste-lhe que eras virgem? Estás louca?

— Porque hei de estar louca?

— Essas coisas não se dizem a um tipo que só quer foder contigo uma noite!

— A questão é que não vai ser algo de uma só noite... Estamos a conhecer-nos, somos amigos — disse-lhe, apesar de a minha voz não parecer muito con ante.

Estava a meter-me numa alhada, e, no fundo, sabia-o. A minha amiga negou-o, abanando a cabeça devagar.

— Nikki, não vais cometer o mesmo erro que eu... Não te vais apaixonar por um *bule*, por amor de Deus.

— Como é que me vou apaixonar por ele? Não te iludas, só te quis dizer que não vai ser uma coisa de uma única noite. A ideia é divertirmo-nos durante o tempo que ele aqui estiver.

— Regra número um sobre relacionarmo-nos com um turista: não podes repetir. — A minha amiga continuava a abanar a cabeça. Eu estava prestes a falar, mas ela levantou a mão para me silenciar. —

Regra número dois: não lhe contes nada pessoal. Não lhe fales da tua família, nem dos teus medos, nem de nada sobre a tua intimidade —

declarou, acompanhando a enumeração das três coisas com os dedos.

— E a regra número três: nunca, jamais, passes a noite com ele.

— Mais alguma coisa? — perguntei ao ver que não estava a brincar.

— Sim — replicou, olhando-me com um ar muito sério. — O mais importante. Regra número quatro: nunca acredites em nada do que ele te prometer.

Acabámos de tomar banho. Depois, zemos o jantar enquanto decidíamos onde íamos na manhã seguinte. Finalmente, escolhemos uma ilha próxima. Sabíamos que nos ajudaria a desligar, e lá também podíamos surfar e caminhar.

Tive de ligar para os três hotéis a cancelar as minhas aulas. contei uma pequena mentira, mas, como quase nunca faltava, não surgiu nenhum problema. Falei com o Gus para ele passar pela clínica

veterinária, pelo menos duas horas por dia, e ir ver como estavam os cachorros do Wayan. Depois de jantarmos e de nos metermos na cama, voltei a pegar no telemóvel.

O Alex tinha-me respondido. Várias vezes, num espaço de cinco e dois minutos entre respostas. A última mensagem tinha chegado uma hora depois.

Prometo que vai ser seguro e que não te vai acontecer nada, só tens de con ar em mim.

Nikki, não caste chateada, pois não?

Não queria ofender-te, desculpa.

Nicole?

Admoestei-me. Senti-me um pouco mal por ele me ter mandado tantas mensagens seguidas, mas depois vi que começava a escrever outra vez, devia ter visto que estava *online*.

Ao meu lado, a Margot já tinha adormecido. Enquanto jantávamos, chorara e desabafara sobre o Nate, e isso tinha-a deixado exausta.

Vou para tua casa.

Apressei-me a responder, dizendo que não era preciso. Teclei com a maior velocidade que os meus dedos me permitiam, pedindo que não se preocupasse, que não estava chateada, só não tinha lido as suas mensagens. Não voltou a estar *online* e, ao ver que os minutos passavam e a mensagem não aparecia como «lida», percebi que era capaz de me aparecer à porta. Porque não havia de o fazer? Estava de férias, não tinha nada para fazer. De mota, chegaria dentro de dez minutos. Demoraria menos tempo com uma mota como a sua.

Umaz luzes iluminaram as paredes do meu quarto. Apressei-me a sair dali e corri para a porta. Quando a abri, o *Batú* estava a dar as boas-

vindas ao Alex, e este estava a tirar o capacete e sair da mota. Desci os degraus da entrada e parei no último.

— O que fazes aqui?

— Só queria ter a certeza de que estavas bem. Hoje, não vieste à praia e o teu tom, na nossa pequena conversa, deixou-me um pouco preocupado. Sobretudo quando deixaste de me responder.

Merda, estava zangado. Além de estar incrivelmente giro. Ao contrário de mim, que estava descalça e com uma blusa larga e esburacada que usava como pijama. Ele estava irrepreensivelmente bem vestido, com umas calças de linho largas e uma das suas muitas camisas de verão. Ficava-lhe incrivelmente bem, especialmente desde que começara a car bronzado.

— Estava ocupada, a Margot está aqui e precisava da ajuda de uma amiga.

Anuiu em silêncio enquanto se aproximava do sítio onde eu estava.

Os seus olhos percorreram-me de alto a baixo.

— O Nate contou-me. Esta noite também tive de fazer de con dente.

Nervosa, passei o peso do corpo de uma perna para outra. Aquele rapaz deixava tão nervosa e não conseguia fazer nada para o evitar.

— Apetece-te dar uma volta comigo? — perguntou.

Parou à minha frente, estávamos perto um do outro, mas nem tudo me tinha agradado. Tinha o olhar cravado nos meus lábios. Apetecia-me beijá-lo, precisava de repetir a experiência da noite anterior. Tinha de provar que tinha sido real e não um produto da minha imaginação.

— Agora? — repliquei. Era demasiado tarde.

— Está lua cheia — foi tudo o que disse.

— Não te vais transformar num lobisomem?

— Prometo continuar a ser humano. — Sorriu.

Devolvi-lhe o sorriso e, embora hesitasse, acabei por aceitar a sua proposta. Desci o último degrau, e o Alex cou a olhar para os meus pés descalços.

— Não vais calçar nada?

— Não é preciso. — Abanei a cabeça. Não pareceu muito convencido.

— A vida sem sapatos é mais feliz, encorajo-te a experimentares um dia — a rmei, aproximando-me da sua mota.

— Recebeste o presentinho que te deixei hoje de manhã?

Por um instante, não sabia do que estava a falar. Mas, depois, percebi e deixei escapar uma exclamação. Referia-se ao capacete! Fui até à minha mota, levantei o assento e peguei nele.

— Muito bonito, obrigada.

O Alex aproximou-me do sítio onde eu estava e tirou-mo das mãos.

Ainda tinha a película adesiva na viseira.

— Ainda não o usaste? — perguntou, perplexo.

— Tem de se tirar isso? — Fiz-me de tonta. — Bem dizia que este capacete não podia ser assim tão estranho... Claro! Agora tudo faz sentido — acrescentei.

Retirei a película aderente e en ei-o na cabeça. O Alex lançou-me um olhar venenoso, que ignorei. Subi para a sua mota e esperei que ele zesse o mesmo. Montou e agarrei-me com força às suas costas.

Gostei de estar ali, atrás dele, a sentir-me, por uma vez, a rapariga que era levada na mota. Então, arrancou e seguimos para norte.

Gostava de conseguir transmitir-vos o que se sente a andar de mota à noite e numa ilha como a minha. As luzes estavam apagadas, não temos um sistema de iluminação pública nas estradas. Bem, nem

sequer são estradas propriamente ditas, são caminhos de terra ou mal asfaltados. Mas o que interessa é que, em sítios como este, uma pessoa sente-se in nitamente pequena, mas também muitíssimo importante.

Estremeci por puro nervosismo ao ver o céu cheio de estrelas enquanto sentia o vento na cara, escondida na escuridão e a sentir tonturas por ir a noventa quilómetros por hora à noite numa escapadinha com uma pessoa de quem gostava muito. Escondi a cara nas suas costas e enchi-me do seu calor ao mesmo tempo que os meus braços se agarravam ao seu peito. Nunca me tinha sentido tão à vontade ou tão segura com alguém. Também nunca tinha fugido com

ninguém a meio da noite, tenho de admitir.

Atravessámos a ponte, e, depois de vinte minutos a atravessar uma zona silvestre, disse-lhe para parar. Não havia ninguém ali à volta, ouvia-se apenas os barulhos dos animais noturnos.

— Aqui? — perguntou.

Reparei que cou um pouco alerta ao ver que estávamos literalmente no meio do nada.

— Vou-te mostrar um sítio bonito para ver as estrelas — a rmei.

Desci da mota, removi o capacete e deixei-o em cima do assento. Ele fez o mesmo.

— Por ali? — questionou.

Apontava para um caminho de terra, pedras e ervas daninhas que descia a colina. Eu sabia que levava a uma pequena enseada que, durante o dia, é difícil de visitar, porque a maré cobre quase toda a areia.

— Anda — disse, mas a sua mão agarrou na minha para me puxar para ele.

— Sobe para as minhas cavalitas, por favor — pediu, olhando para os meus pés.

— Não faz mal, estou habituada a andar assim por aqui — repliquei quase a rir-me.

Ali, a coisa mais normal do mundo era irmos descalços a todo o lado. Eu não o fazia sempre, mas, de vez em quando, não me preocupava com isso... Ao contrário dele, pelos vistos.

— Por favor — insistiu com aquele sotaque tão irresistível que tive de aceitar.

Agachou-se um pouco e subi para as suas costas com maior entusiasmo do que alguma vez admitiria em voz alta. Não precisava que nenhum homem me carregasse, podia perfeitamente ir sozinha até à enseada, mas gostava do facto de se preocupar comigo. Agarrou-me pelas coxas com força e carinho. A fragrância que o seu corpo exalava envolveu-me quando pus o queixo sobre o seu ombro e inalei devagarinho.

— Sabes que faço isto tudo por ti, não sabes? — perguntei-lhe ao ouvido enquanto ele começava a descer o trilho.

— O quê?

— Deixar que me trates como se eu fosse de vidro — respondi com um sorriso.

— Sou britânico, não consigo evitar — admitiu e percebi que sorria.

— E não acho que o sejas.

— Ah, não? — Fingi-me surpreendida. — Então, como achas que sou? — indaguei, realmente interessada.

O Alex deu um saltinho para me voltar a pôr na mesma posição e me agarrar bem. Eu tinha o telemóvel na mão e ia iluminando o caminho com a lanterna.

— És... como a Vaiana — declarou.

— Viste o lme? — Soltei uma gargalhada.

— Tinha de o ver, despertaste a minha curiosidade.

Tentei imaginá-lo a ver um lme sobre uma menina que adora o mar, inclusive os seus poderes, mas só consegui rir-me.

— Então, uma noite, pegaste no teu computador, apesar de estares no paraíso, e...

— E vi o lme todo, sim.

— Espero que não te sintas tentado a dizer que sou uma princesa, porque juro que... — comecei a dizer, ngi que estava indignada.

— Lembras-me dela, porque acho que serias capaz de fazer qualquer coisa pelas pessoas de quem gostas, até mobilizar um oceano inteiro.

Ouvi-o com atenção e um sorriso breve desenhou-se no meu rosto.

Aquilo era muito bonito.

— Também porque a Vaiana tem um frango como animal de estimação — acrescentou, estragando a magia. — Também combinava com a tua personalidade.

Dei-lhe uma palmadinha na cabeça e rimo-nos juntos até chegarmos ao nosso destino. Descemos com cuidado e observámos o oceano.

Aquela enseada era linda, de areia branca e cheia de búzios espetaculares. Os turistas desconheciam a sua existência, porque tínhamos receio de que eles apanhassem os búzios e os levassem, por isso, não estava registada, nem sequer nos mapas da ilha.

— Bem-vindo à Secret Beach.

— Muito original — respondeu.

Avançou mais, deixando a vegetação para trás. Deteve-se um segundo e estendeu o braço para mim, convidando-me a avançar com ele. Dei-lhe a mão e começámos a caminhar juntos à beira-mar, a observar as estrelas, que dali pareciam mais brilhantes do que nunca.

Gostei de lhe dar a mão, de sentir os meus dedos entrelaçados nos seus. Os meus tão nos em comparação com os seus, grossos e fortes.

— Nem imagino como deve ser viver aqui durante o ano, com tudo isto como se fosse o pátio das traseiras.

— Suponho que seja uma vida muito diferente da tua, sim.

— Nem fazes ideia — disse, levantando um pouco a cabeça e observando o céu. — Em Inglaterra, é impossível ver as estrelas, está sempre nublado. Ou quase sempre. E, pelo menos em Londres, não há paz e sossego. Há sempre o barulho dos carros, das pessoas, de obras...

— Vives em Londres? — perguntei-lhe.

— Tenho lá uma casa, sim, mas, como viajo muito, mal a utilizo.

Chegámos a uma zona de areia com rochas e sentámo-nos a observar o mar.

— Porque quiseste ser piloto? — indaguei.

Queria sabê-lo, embora outra parte de mim fugisse da informação.

Sentia-me entre a espada e a parede. Não podia continuar a ignorar algo tão importante como a sua profissão, mas era um assunto do qual não gostava de falar.

— Não sei em que momento isso cou claró para mim, mas lembro-me de que era algo que me deixava obcecado. Desde sempre que os aviões me entusiasmaram muito, o seu funcionamento, os voos, a ideia de se misturarem com as estrelas, as nuvens e sei lá mais com quê.

— Parece especial — admiti.

O Alex virou a cara para me observar durante um bocado. Pareceu avaliar muito lentamente as suas palavras seguintes.

— É muito especial, Nikki. Voar permite-te conhecer todo o género de lugares e de culturas.

— Tenho a certeza de que é incrível, mas não é para mim — disse, encolhendo os ombros.

O Alex escolheu bem as próximas palavras.

— Se fosse eu a pilotar o avião, entrarias nele?

— Não entraria num, nem que fosse pilotado pelo próprio Ganesha.

— Sorri.

— Como pode o Ganesha saber pilotar um avião? — ironizou, devolvendo-me o sorriso.

— Isso não vai acontecer, Alex. Nunca vou entrar num avião —

afirmei simplesmente. Era uma coisa que tinha determinado desde muito pequena. O Alex pareceu contrariado.

— Então, nunca vais conseguir sair daqui. Há um mundo inteiro lá fora, Nicole. Adorarias conhecê-lo.

— Gosto do sítio onde vivo, não preciso de mais nada — disse com convicção, apesar de uma parte de mim saber que isso não era verdade.

— Não podes ficar aqui para sempre por um medo irracional. — O

Alex abanou a cabeça.

— Não é um medo irracional — retorqui bruscamente. Levantei-me e afastei-me dele.

— Fazem-se vinte e dois mil voos diários no mundo inteiro, Nikki — explicou, aproximando-se de mim. — As probabilidades de acontecer alguma coisa má são tão ínfimas...

— Os meus pais morreram, Alexander.

Fez-se silêncio durante alguns segundos.

— Eu sei, e foi uma tragédia.

— Morreram quando eu tinha apenas três anos, em 2003. Não me venhas falar de estatísticas. Não me interessam.

— Só estou a tentar explicar-te tudo o que perdes...

— Porque te importas tanto? — Virei-me para ele. O Alex pestanejou, confuso, e decidi continuar: — Porque te importas tanto que eu odeie voar? Eu não vou sair daqui, não quero, sou muito feliz nesta ilha.

— Não o dizia por isso, só estou a tentar fazer com que vejas...

— E eu agradeço-te, mas não é um assunto de que goste de falar.

Perguntei-te por curiosidade. Sei que te dedicas a isso e não seria cortês da minha parte não te perguntar o que te levou a ser piloto, mas não há nenhuma outra razão para te ter feito essa questão. Lamento.

— Não te queria perturbar — desculpou-se. — Se não quiseres falar sobre este assunto, tudo bem, não falaremos mais sobre isso.

Abanei a cabeça.

— Nem sequer sei o que aconteceu — admiti e senti os olhos a encherem-se de lágrimas. — É um assunto tabu na minha família. Só sei que o avião caiu e os seus restos mortais nunca foram encontrados.

Morreram e, com eles, foi-se a vida que eu devia ter tido. É difícil pensar que os seus últimos minutos foram passados a sofrer de uma forma que nem consigo imaginar, eu...

A sua boca calou-me com um beijo. Assim, sem mais nem menos.

Fechei os olhos e deixei que me beijasse. Fê-lo durante uns segundos, ou mesmo minutos, e, quando se separou de mim, o meu coração galopava de um modo exagerado. A sua mão acariciou-me a face enquanto me limpava as lágrimas.

— Não sentiram nada, Nikki. Não te vou mentir, dizendo que não tiveram medo, mas, antes de o avião cair, teriam desmaiado e nem chegariam a sentir nada.

Aquela informação era completamente nova.

— Não?

— Não te martirizes a pensar nisso, Nikki.

Gostei do facto de ter falado de uma maneira tão doce e próxima.

Virou-se para o mar e focámo-nos na forma como a lua se refletia na água.

— Apetece-te nadar? — perguntei, deixando-me levar por um impulso repentino.

— Não tenho fato de banho — admitiu e os seus olhos procuraram os meus.

— Nem eu, mas o que te impede? — Encolhi os ombros, ligeiramente nervosa.

Sem afastar o olhar de mim, baixou as mãos e, num único movimento, despiu a camisa. Os meus olhos cravaram-se no seu tronco fantástico, era espetacular e estava bronzeado. Forcei os meus pulmões a receber o ar que me entrava pela boca, e, devagar, com uma lentidão extrema e os seus olhos a seguirem cada um dos meus movimentos, removi a blusa que usava como pijama.

Vinha sem sutiã, apenas tinha umas pequenas cuecas pretas. Vi-o engolir em seco ao observar o meu corpo. Então, armei-me em corajosa, dei um passo em frente e desabotoei-lhe o botão das calças.

— Só vamos nadar, não é? — perguntei, procurando os seus olhos.

O Alex assentiu e despiu as calças. Ficámos ambos, um à frente do outro, em roupa interior.

— És linda — disse.

Parecia não conseguir afastar os seus olhos dos meus. Aquilo deixou-me aturdida, porque tinha esperado que os cravasse no meu peito.

Meti os dedos entre a minha pele e o elástico que se ajustava às minhas coxas. Num único movimento, deixei as minhas cuecas caírem na areia. Foi assim que quei completamente nua à frente dele pela primeira vez.

O Alex deu um passo em frente e levantou a mão. Retirou-me o elástico e fez com que o cabelo me cobrisse as costas e o peito. A sua mão desceu pela minha nuca e o meu ombro esquerdo. Passou-a pela cintura, até chegar à minha coxa, contornou-a e puxou-me para ele.

— És linda — repetiu e eu ri-me.

— Já disseste isso.

— Só queria ter a certeza de que me tinhas ouvido.

— Ouvi-te — con rmei.

Desfrutei do momento quando a sua boca voltou a procurar a minha. Desta vez, fê-lo com maior insistência, queria saborear-me mesmo e abandonou todo o cuidado que tivera na noite anterior.

— Uma das coisas que mais tenho desejado, desde que pisei esta ilha, tem sido meter-me no mar com a rapariga nua que me deixou hipnotizado.

— Nunca imaginei que ias descobrir quem eu era. — Olhei-o, divertida.

— Seria difícil confundir-te com outra, Nicole — disse, enchendo as palavras de imenso erotismo.

Fiquei com a respiração entrecortada quando o Alex despiu os *boxers* e deixou que eu o visse completamente nu. Fitei durante alguns segundos um sítio em que não era decente xar o olhar. Con rmei mais uma vez que a sua altura lhe fazia justiça... Credo, nunca tinha visto uma ereção que eu tivesse provocado... Senti-me poderosa. Sentime mulher.

Pegou na minha mão e, juntos, metemo-nos dentro de água, só com a lua como testemunha. Só com os nossos batimentos cardíacos e a

ondulação como banda sonora.

CAPÍTULO 17

ALEX

Tinha nua à minha frente a mulher mais espetacular que alguma vez tinha visto. Também tinha uma ereção que di cilmente teria conseguido disfarçar, mas, na minha cabeça, não existiam apenas pensamentos luxuriosos em relação a ela, muito pelo contrário. Acho que foi a primeira vez na minha vida em que foder não foi uma prioridade, mas algo que passava para segundo plano para dar espaço a tudo o resto.

Metemo-nos na água, iluminados apenas pelo luar. Vi-a submergir por completo e voltar a aparecer. As suas mamas mal cavam tapadas pela água, cobriam-na apenas até se ver o princípio dos seus mamilos, o que dava à imagem da sua nudez uma aura de mistério, e só fazia com que a minha vontade de a possuir fosse cada vez maior.

Também mergulhei no oceano e senti uma certa vertigem. Estávamos afastados de toda a civilização, numa praia escondida, durante a noite.

Se nos acontecesse alguma coisa, nunca ninguém saberia o que tínhamos estado a fazer. Isso conferia à noite uma atmosfera fantástica, difícil de ignorar. Sentia-me como se estivéssemos envolvidos num feitiço que só nós conseguiríamos romper... Porém, porquê rompê-lo quando me fazia sentir mais vivo do que nunca?

— Vem cá — pedi-lhe quando a vi afastar-se demasiado. Não queria que se separasse muito de mim, a necessidade de a proteger aumentava

a cada minuto que passava com ela.

A Nikki nadou, aproximando-se, e pôs as mãos nos meus ombros.

Segurei-a e z com que rodeasse as minhas ancas com as suas pernas.

Estremeci ao sentir a sua nudez no meu estômago. As minhas mãos desceram quase por instinto até lhe agarrar no rabo e apertei-a contra mim. A Nikki olhou-me nos olhos e sustive o olhar, porque não me atrevia a tar outra parte sua. Queria ir devagar, já mo tinha dito e fora bastante clara.

Antes de lhe conseguir perguntar até onde desejava ir, inclinou-se

sobre mim e pôs os seus lábios sobre os meus. Agarrei-a com força e permiti que me beijasse. Foi a primeira vez que ela tomou as rédeas do beijo. Fiquei fascinado com a sua doçura, a sua timidez, mas, ao mesmo tempo, com a necessidade evidente de ter mais. As nossas respirações estavam aceleradas. Em contrapartida, o mar ondulava-se com calma, e, inclusive, eu conseguia ouvir os batimentos cardíacos desenfreados da minha companheira, a bater ao mesmo ritmo dos meus.

Não sabia o que aconteceria se continuasse a avançar, mas não aguentava mais. Apalpei-a primeiro, devagar, para ver se me travava.

Como não o fez, deixei que as minhas mãos a acariciassem como continuavam a querer fazer desde o instante em que a conheci.

Afastei-lhe o cabelo e deixei-o cair pelas suas costas. Fui descendo a mão, acariciando-a desde a face até chegar ao seu peito. Permiti-me admirar-lhe os mamilos, que se enrijeciam com o meu contacto. A minha outra mão continuava a segurá-la com rmeza pela cintura, mas isso não importava. Quando rocei o seu peito esquerdo, o direito despertou quase no mesmo instante. O meu polegar acariciou-lhe a auréola com cuidado e, de seguida, agarrei-lhe no peito com a mão

direita, que o cobriu quase por completo. Afastei o olhar para ela e vi que lhe custava manter-se serena, com o olhar vidrado claramente cravado no meu.

— Alguma vez te tinham acariciado assim?

A Nikki negou-o, abanando lentamente a cabeça. Voltei a roçar polegar no seu mamilo e, sem desviar os olhos dos dela, belisquei-a suavemente para ver como reagia. Fechou os olhos em êxtase.

— Olha para mim — exigi, sabendo que a doçura na minha voz tinha desaparecido e dado lugar à luxúria e a mais qualquer coisa.

Fê-lo e senti o meu pénis vibrar ao ver que me tinha obedecido quase de imediato.

— Quero tocar-te — disse, embora parecesse um pedido. — Deixas-me fazê-lo? — insisti ao ver que permanecia calada.

A respiração da Nikki estava acelerada, a sua pele arrepiada precisava de mim, e, no fundo, ela sabia-o.

Vi-a hesitar e senti que morreria se ela dissesse que não.

Precisava de sentir a sua pele, precisava de a fazer vibrar.

Por m, assentiu, lentamente, deixando entrever que, por detrás dessa decisão, havia muito mais do que o simples facto de me desejar ou de querer ter prazer comigo.

E percebi-o.

Devia recordar-me e nunca me esquecer de que vínhamos de mundos completamente diferentes, e que o que era normal para mim, para ela não o era, e vice-versa.

Voltei a beijá-la, os seus braços envolveram-me o pescoço e as minhas mãos subiram-lhe pelas costas nuas. Queria ouvi-la gemer, queria fazê-la sentir tantas coisas.

Quando cheguei à sua nuca, enterrei os dedos no seu cabelo, ao

mesmo tempo que a minha outra mão voltava a descer sem pressa.

Desta vez, fui acariciando a sua outra mama, apertando-a contra a palma da mão. Com as duas mãos, segurei-a pela cintura, levantei-a até sair da água e quei com as suas mamas à altura da minha boca.

Primeiro, saboreei uma, depois, a outra. Tinha umas mamas lindas, redondas e túrgidas, e quei surpreendido com o quanto me excitava lambê-las.

A Nikki inclinou a cabeça para trás e continuei a beijá-la, acariciando-lhe os mamilos com a língua, chupando-os e mordiscando-os até precisar de passar para o nível seguinte. Por um momento, ansiei tirá-la da água, deitá-la na areia e deixar-me levar pelos meus desejos mais primitivos. A luxúria incitava-me a colocar-me entre as suas pernas para a saborear completamente, mas seria incómodo sem ter uma toalha na qual nos pudéssemos deitar. Além disso, sabia que ela se sentiria menos exposta estando ali, debaixo de água, apenas iluminados pelas estrelas. Também não queria quebrar aquele feitiço em que estávamos imersos.

Beijei-a ao de leve até o seu peito voltar a car quase submerso.

Deixei que a minha mão se metesse entre nós até chegar às suas virilhas. Fechei os olhos quando os meus dedos chegaram à sua abertura e, quase sem esforço, entraram, ajudados pela sua excitação óbvia. Senti-me ainda mais excitado ao perceber quão molhada estava... Estava húmida por mim e pelo meu toque.

Ficou um pouco tensa e apoiou-se nos meus ombros quando os meus dedos entraram até ao fundo. Comecei a movê-los para dentro e para fora. Sussurrou o meu nome com a voz entrecortada quando a coloquei numa posição que me permitia mexer-me mais depressa. As suas costas apoiaram-se contra o meu peito e senti o seu rabo a

pressionar a minha ereção enquanto continuava a penetrá-la com os meus dedos.

Agarrei-a com força e prossegui com um ritmo bastante intenso com a outra mão. Desejava fazê-la chegar ao orgasmo como nunca tinha desejado nada na minha vida. Queria ser o primeiro a fazê-la tremer, gemer e gritar de prazer. Reparei que o seu corpo se contraía e a sua respiração acelerava. Cada parte dela avisa-me de que estava quase...

— Deixa-te vir, Nicole — sussurrei-lhe ao ouvido.

Beijei-lhe o pescoço e, com a língua, acariciei-lhe a pele sensível. A sua mão direita pousou sobre a minha, que não parava de se mover para lhe dar prazer. Foi uma tentativa para me fazer parar, mas, ao mesmo tempo, incitar-me a continuar.

Repetiu o meu nome e encostou a cabeça ao meu ombro. Estava a reprimir os gemidos. Tremia contra o meu corpo e apertava-me os dedos com tanta força que quase parei de os mexer.

— Meu Deus... — arquejou, com a respiração tão acelerada como a minha.

— Muito bem, querida — sussurrei-lhe ao ouvido.

Voltou a respirar normalmente. Removi os dedos e, sem hesitar um segundo que fosse, levei-os aos meus lábios. Sabiam a mar e a ela.

Fechei os olhos por um instante, tentando controlar a minha própria excitação.

A Nikki afastou-se de mim e voltou-se. Ficámos novamente de frente um para o outro. Nunca esquecerei aquela imagem da Nikki depois de ter um orgasmo. O olhar brilhava. Estava feliz e extasiada. Queria mais.

— Foi incrível — disse.

Embora estivéssemos iluminados por pouca luz, consegui ver que

estava um pouco corada. Puxei-a para mim, colocando a mão na sua nuca.

— Foi mesmo — concordei.

Desejava com todas as minhas forças penetrá-la, mas sabia que não podia, nem seria justo pedir-lhe isso. Pelo menos, por enquanto.

— O que foi? — perguntou então. — Estás tenso.

Ri-me. Não pude deixar de o fazer.

— Dá-me a tua mão — pedi-lhe. Deu-ma e guiei-a até à minha ereção. — Isto é que está tenso.

Os seus dedos envolveram o meu pénis, que estremeceu um pouco perante o seu contacto. Sem lhe dizer nada, a mão da Nikki moveu-se para cima e para baixo, primeiro, com cuidado, depois, de forma mais solta, pressionando na medida certa e adquirindo um ritmo quase perfeito.

— Gostas? — questionou.

Apercebi-me de que tinha fechado os olhos. Com a minha mão sobre a sua, instiguei-a a mover-se mais depressa.

— É de ti que eu gosto, Nicole — a rmei, olhando-a nos olhos, enquanto os seus dedos continuavam a dar-me prazer. — Gosto demasiado de ti...

A Nikki continuou a tocar-me ao mesmo tempo que a sua boca imitava o que eu lhe tinha feito há poucos instantes. Aproximou-se e, lentamente, beijou-me o pescoço tenso com uma doçura que nunca tinha tido o prazer de sentir com outra mulher.

Não demorei nada a vir-me e tive de lhe pegar na mão para que parasse. Subiu-a, então, pelo meu tronco e agarrou-se ao meu corpo, até eu perceber que estava a abraçar-me. Demorei um instante a devolver-lhe o abraço, porque não estava à espera de um gesto tão

carinhoso como aquele depois de termos partilhado aquele momento.

Olhando para trás, consigo perceber que estava exausto. Sentira-me estranho só por uma mulher me querer abraçar depois de termos partilhado uma coisa tão íntima como dar prazer e recebê-lo. Com o tempo, percebi imensas coisas, e, simultaneamente, pergunto-me como

não fui capaz de ver aquilo, de ler umas linhas tão nítidas e adivinhar facilmente onde nos levariam.

Presumo que o ser humano seja assim. Acha que é forte e capaz de fazer com que certas coisas aconteçam de acordo com a sua vontade.

Não percebemos que, na verdade, o sexo, o amor, o carinho, o prazer ou o calor de outra pessoa deixam em nós uma marca, mesmo que, às vezes, seja tão ínfima que nos custe vê-la.

A Nicole deixaria em mim a maior marca que alguém alguma vez conseguiria deixar noutra pessoa. Aquele tipo de marcas que cam gravadas com sangue no que de mais importante possuímos como seres humanos, uma marca que nada pode apagar e que nos muda para sempre.

A Nikki deixaria o seu vestígio num sítio que eu julgava que já não possuía. No meu coração obscuro e empedernido.

CAPÍTULO 18

NIKKI

Sáímos da água e o Alex tapou-me com uma camisola que trazia na mota. Ficava-me enorme, mas estava quentinha e cheirava a ele, um aroma que me parecia distinto. Durante todo o percurso de regresso a casa, foi doce e cuidadoso comigo. Segurou com força as minhas mãos, que o abraçavam por trás. Deixou que quase o estrangulasse em busca de calor enquanto tentava debater-me contra o vento, devido à velocidade, que me gelava os ossos por estar molhada com a água do mar.

Não queria mudar pormenor absolutamente nenhum daquela noite inesperada. Não me arrependia de nada nem me sentia nada culpada pelo que tínhamos feito. Muito pelo contrário, sentia-me feliz e mais próxima dele do que nunca.

Por isso, quando parou a mota em minha casa e desci dela com cuidado, senti-me ligeiramente alarmada ao ver o seu olhar. Havia algo nele que estava diferente. Conseguia ver nos seus olhos que surgia uma luta interior. Naquele momento, não fazia ideia no que se podia transformar.

Acompanhou-me até às escadas. O *Batú* dormitava perto delas e limitou-se a abanar a cauda num gesto de boas-vindas. Eram quase cinco da manhã, não se ia levantar. Virei-me para o meu

acompanhante antes de começar a subir os degraus.

— Obrigada por esta noite, foi incrivelmente especial — a rmei.

Respondeu com um sorriso doce. Começava a despir a camisola quando me deteve.

— Fica com ela — disse. — Assim, cas com uma recordação minha.

Sorri e olhei-o nos olhos.

— Aconteceu alguma coisa, Alex? — questioneei, ligeiramente insegura. Os seus olhos afastaram-se dos meus por um instante efémero.

— É tarde, só isso — respondeu. Agarrou-me o queixo e beijou-me com ternura. — Descansa e obrigado por esta noite. Foi melhor do que alguma vez tinha imaginado.

Aquelas palavras foram su cientes para me encher de felicidade, entusiasmo e vontade de o voltar a ver. E isso quando ele ainda nem sequer se tinha ido embora. Então, lembrei-me de uma coisa.

— Alex — detive-o quando fez menção de voltar para a sua mota. —

Vou estar uns dias fora.

Fiquei atenta à sua reação, mas continuou imperturbável.

— Porquê? — quis saber.

— A Margot precisa de sair daqui e desligar-se de tudo antes de enfrentar o... — Não terminei a frase.

— Compreendo — disse, dando-me razão.

Fez-se um silêncio momentâneo, e, quando me preparava para falar, ele interrompeu-me.

— Vais estar fora durante quantos dias? — indagou.

— Dois dias, de certeza.

Avaliei-o. Embora soubesse que nunca o admitiria, assumi que não tinha gostado daquilo. Mesmo assim, percorreu o espaço que nos separava para voltar a beijar-me. Fechei os olhos e tive pena quando se

afastou de mim mais cedo do que me gostaria.

— Tem cuidado — foi tudo o que disse.

Fiquei a vê-lo ir-se embora com uma sensação estranha no peito.

Não quis pensar demasiado e subi as escadas. Assim que entrei no quarto, automaticamente, a luz ao lado da minha cama acendeu-se. A Margot ergueu-se até car sentada no colchão.

— Onde estiveste?!

Levei as mãos ao peito.

— Credo, Maggie, assustaste-me!

Mudou de posição e ajoelhou-se na cama, a contemplar-me com os olhos muito abertos.

— Estiveste com o Alex?! — perguntou.

Hesitei um segundo. Ainda pensei em mentir e dizer que tinha sido uma urgência veterinária, mas depois confessei-lhe a verdade.

— Acabou de se ir embora, sim.

A minha amiga olhou para o seu relógio de pulso e os seus olhos voltaram a arregalar-se com exagero.

— Meu Deus, meu Deus... Aconteceu o que estou a pensar que aconteceu?

Fui para a casa de banho para lavar os pés, que estavam negros por ter andado descalça. Ela apressou-se a sair da cama e juntou-se a mim.

— Do que estás à espera? Conta-me tudo!

— Nós... — comecei por dizer. — Não bem isso que zemos.

— Então... — A minha amiga pestanejou várias vezes. — O que estiveram a fazer até às cinco da manhã? A olhar para as estrelas?

— Algo do género. — Sorri.

— Estou a começar a não gostar desse tipo — disse, cruzando os braços. A minha amiga parecia desiludida. — Julgava que ele te ia

levar pelos caminhos da luxúria e da fornicação, mas, em vez disso...

— A sério que acabaste de usar a palavra «fornicação»?

— Eu falo melhor do que julgas. — Encolheu os ombros.

Ri-me, acabei de lavar os pés e comecei a secá-los com a toalha.

— Aconteceu... Aconteceu uma coisa.

A minha amiga tinha começado a virar-se para voltar para a cama, mas voltou quase a correr para junto de mim.

— O que aconteceu?! Eu sabia que esse deus grego não podia ser assim tão lento!

Revirei os olhos e quei vermelha ao lembrar-me do que tínhamos feito. O que eu tinha feito... Nunca na vida tinha tocado num homem daquela forma. Nunca tinha dado prazer, nem tinha deixado que mo dessem.

— Tocámo-nos — disse-lhe.

Tentei escapar à descrição da cena com todos os pormenores. A minha amiga cou à espera de que eu continuasse, mas como não o fiz, insistiu.

— Vocês tocaram-se... — repetiu. — Tocaram-se no rosto? Nos cabelos? Nos pés? Onde tocaram? Ou melhor, com o que é que ele te tocou?

— Oh, Maggie, vais querer que te conte todos os pormenores? Tenho vergonha!

— Anda lá, desembucha!

— Outra vez essa palavra? — Ri-me.

— Não mudes de conversa!

Fomos juntas para a cama e sentámo-nos.

— Foi incrível — comecei por dizer. Até eu consegui perceber que a minha voz tinha um ar sonhador. — Nunca imaginei que se

conseguisse sentir tanto, que pudesse ser tão intenso.

— Se se souber tocar, pode ser, sim.

Olhei para ela.

— Ele sabe, e sabe tanto, Mags. A maneira como me acaricia, me beija, me faz sentir tão delicada ao seu lado...

— Vieste-te? — perguntou. Olhei para ela ainda mais corada. — Ele conseguiu à primeira? Uau, miúda, que sortuda.

— Isso não é o habitual? — Fitei-a, estranhando o seu comentário.

— O mais comum é eles concentrarem-se neles.

— Bem, o Alex demorou todo o tempo do mundo.

— Isso é bom, e que mais aconteceu?

— Depois, devolvi-lhe o favor.

— Fizeste o teu primeiro broche? — A minha amiga sorriu, divertida.

Impedi-me de falar e olhei para ela.

— Não, toquei-lhe como ele me tocou... debaixo de água.

— Vocês zeram isso debaixo de água? — Ela pareceu surpreendida.

— Estávamos a contemplar as estrelas — confessei, sorrindo, divertida. A Margot riu-se comigo.

— Quem diria? Estás feita uma autêntica romântica.

— Foi especial... — declarei com o olhar um tanto perdido, a lembrar-me de tudo.

Nem me apercebi de que, de repente, se zera silêncio até a Maggie voltar a falar.

— Nikki... Sabes que tudo isto é passageiro, certo?

— O quê? — respondi, voltando à realidade.

A minha amiga perscrutava-me de uma forma estranha.

— Que é temporário. Vai durar apenas o tempo que esse tipo se dignar a car aqui. Não te podes esquecer disso.

Eu sabia perfeitamente que era uma coisa temporária. Estava ciente de

que nos restavam exatamente vinte e um dias e que, depois disso, não o voltaria a ver. Mas quando a minha amiga o disse em voz alta e foi outra pessoa a pôr aquilo em cima da mesa, senti algo que até ali não tinha sentido. Era uma indisposição. Comecei a notá-la na barriga e foi-se estendendo por todo o corpo.

A nossa relação era uma coisa efémera. Com o tempo, percebi que a atitude estranha do Alex no regresso se devia a isso. Ao contrário de mim, que tinha precisado da minha amiga para compreender a realidade, ele chegara à mesma conclusão sozinho.

A nossa relação era passageira, assim que começou, já tinha uma data de validade.

Levantámo-nos muito mais cedo do que eu teria gostado, tendo em conta que nos tínhamos deitado depois das cinco da manhã. A boa notícia era que o Gus e o Eko se tinham oferecido para vir connosco.

— Vamos em excursão! — gritou o Eko.

Estávamos à beira-mar, juntamente com vários turistas vermelhos que nem uns tomates, à espera de que chegasse o barco que nos ia levar à ilha contígua à nossa.

— Trazem tudo? — perguntou o Gus. Era o mais velho do grupo e o mais responsável, por isso, parecia ignorar a felicidade do seu namorado.

— Tudinho — repliquei.

Agarrei melhor na mochila que tinha às costas e a única coisa que trazia como bagagem. A Margot, pelo contrário, vinha com uma mala de rodinhas. Revirei os olhos.

— Isso tudo só para dois dias? — indaguei.

— Dois dias? — perguntou o Eko, olhando para mim sem perceber.

— Então, não íamos uma semana?

Vi que a Margot o fulminava com os seus olhos verdes.

— Nós marcámos uma semana — confirmou o Gus.

— Eu não posso passar lá uma semana! — disse à minha amiga, olhando para ela, aborrecida.

— Tu cas o tempo que quiseses, está bem? Podes regressar quando te apetecer.

A sua resposta não me convenceu, mas não insisti. Sabia o que estavam a fazer. Em breve, insistiriam, aliciando-me, e fariam chantagem emocional para que casse com eles.

Era verdade que já nem sabia quando tinha tirado férias pela última vez, mas a imagem do Alex surgiu na minha cabeça. A minha vontade enorme de voltar já era preocupante, tendo em conta que ainda nem sequer tínhamos saído dali.

O barco chegou e embarcámos. Aquele género de barcos não costumava estar em muito bom estado e fazia-nos sentir como se fôssemos sardinhas enlatadas, mas eram muito rápidos. Em quarenta e cinco minutos, chegámos ao destino, mas, ao desembarcarmos, a Margot virou-se para a direita e começou a vomitar.

— Começamos bem — disse o Eko, segurando-lhe no cabelo por trás.

A Margot cava sempre maldisposta. Ficámos ali um pouco, até ela se sentir melhor, e subirmos para a carrinha que nos ia levar aos nossos aposentos. Estávamos os quatro bastante apertados de dinheiro, por isso, tínhamos alugado uma cabana. Não estava em muito bom estado, mas tinha uma vista incrível para os arrozais e a

oresta.

A nossa ilha, em especial, não se focava na colheita do arroz nem tinha campos su cientes para isso. Nela, cultivávamos todo o tipo de algas, que eram vendidas a um bom preço a empresas estrangeiras. Se fôssemos aos sítios de cultivo, podíamos ver as parcelas perfeitamente de nidas debaixo da água cristalina do oceano e os autóctones a apanhá-las logo pela manhã ou quando a maré estava su cientemente baixa. Levavam sempre os respetivos chapéus de palha para se protegerem do sol. As nossas colheitas não tinham nada que ver com as que víamos naquele momento.

Naquele dia, decidimos alugar umas motas, comprar alguma comida e cerveja e dar uma volta pela ilha, parando onde nos apetecia para fazer um piquenique improvisado. Quando demos por isso, já passava das seis e meia da tarde e o sol quase tinha desaparecido no horizonte.

A nossa cabana tinha um terraço com uma mesinha e umas cadeiras.

Sentámo-nos ali para desfrutar da companhia e do *sunset*. A paisagem

era ideal para descontraírmolos com uma *Bintang* fresquinha.

— Há muito tempo que não marcávamos uma escapadela juntos — disse o Gus, acomodando-se na cadeira e observando o pôr do sol.

— Demasiado — concordou a Margot.

Apesar de a nossa amiga ter um sorriso permanente no rosto, não enganava ninguém. Estava destrocada, aquela viagem era um re exo disso. Não tardaríamos a puxar o assunto, se é que alguém tinha coragem de lho perguntar. No entanto, o que me preocupava era o facto de a nossa viagem não estar a ajudar a Maggie, muito pelo contrário.

Fez-se silêncio, interrompido apenas pelo trinado dos pássaros.

Durante uns minutos, focámo-nos em admirar a paisagem e perdemo-

nos nos nossos próprios pensamentos. Essa era uma coisa que se aprendia quando se vivia ali. Os turistas, por exemplo, sentiam a necessidade de ocupar todos os silêncios com palavras, às vezes, parecia que se assustavam por não terem nada para dizer. Eu escutava-me a mim própria sem precisar de ouvir a minha voz. O ioga permitira-me aprender a tornar-me uma parte integrante dos sons da natureza e a desfrutar de boa companhia em harmonia sem precisar de mais nada.

Passados alguns minutos, ao mesmo tempo que a luz desaparecia, o Gus e o Eko entreolharam-se de uma forma um pouco estranha. Fui a primeira a aperceber-me disso. Ao dirigir a minha atenção para eles e franzir o sobrolho, a Maggie percebeu.

— O que foi? — questionei.

Observei demoradamente os meus dois amigos. O Eko olhou para o Gus com um sorriso e este corou.

— O que se passa? — perguntou, então, a Maggie.

— Digo eu? — replicou o Eko.

O Gus assentiu, e ele virou-se para nós. Tinha os olhos brilhantes de felicidade e isso despertou verdadeiramente a minha curiosidade.

— Vamo-nos casar! — exclamou, muitíssimo entusiasmado. Ao seu lado, o Gus esboçou um sorriso rasgado.

— O quê?! — exclamámos, a Maggie e eu, ao mesmo tempo que nos levantávamos.

— Vamos casar!

A Margot e eu entreolhámo-nos. Um grande sorriso apareceu nos nossos rostos e seguiram-se saltos de alegria que os nossos amigos não hesitaram em imitar. Começámos a brincar e a gritar. Por um instante, temi pela estabilidade da cabana, mas não importava. O Gus e o Eko iam casar-se!

Todos sabíamos que tinham lutado bastante para poderem estar juntos, sobretudo por causa do Gus e da sua religião muçulmana.

Tinham abandonado tudo para estarem juntos, e agora iam casar-se!

Emocionada, abracei-os com força. Por m, o amor triunfava.

Quando olhei com atenção para a Margot, vi lágrimas a escorrer-lhe pela cara. Os três abraçámo-la com força até deixar escapar um risinho um bocado histérico.

— Estou bem, deixem-me — disse, tando-nos e secando as lágrimas com as mãos. — Estou feliz, só isso. Agora, só falta a Nikki chegar ao altar — acrescentou, observando-me com um sorriso.

Respondi com uma gargalhada. Era a mais nova do grupo e ainda estava muito longe de me casar. Nunca tinha namorado! Mas depois pensei automaticamente no Alex, claro. Fiquei surpreendida por nos imaginar casados. Aquela imagem deixou-me tão triste que a afastei logo.

— Parabéns, rapazes, vocês merecem — disse, felicíssima pelos meus amigos.

O Eko virou-se para o Gus, que lhe devolveu o olhar. Segurou-lhe o rosto e deu-lhe um grande beijo. Eu e a Margot decidimos aplaudir e gritar. Quando se afastaram, voltámos a brindar e sentámo-nos de novo nas respetivas cadeiras.

— E quando é que vai ser a boda? — quis saber a Margot. — Tenho de começar a pensar no vestido que vou usar.

— E onde querem casar? Podíamos organizar um casamento balinês em frente ao mar. Seria incrível! — exclamei, já a imaginar tudo.

O Eko e o Gus trocaram olhares ligeiramente estranhos.

— O que foi? — perguntou a Maggie.

— Vocês vão ver... — começou por dizer o Eko e, de repente, ambos se concentraram em mim.

— Não vão dizer-me que não estou convidada, pois não? — disse, rindo-me.

Eles esboçaram um sorriso vago que me deixou preocupada.

— Não estou convidada? — repliquei.

— Como é que não hás de estar convidada?!

— Sei lá, vocês não param de olhar para mim, o que é estranho!

— Vais ver... — declarou o Gus. — A questão é que gostaríamos de nos casar em Espanha. O Eko tem lá a família dele. Como a minha família não quer saber de mim nem de nenhum casamento, deixa-nos entusiasmados casarmo-nos num ambiente familiar, e, claro, com amigos, portanto, tem de ser lá. Compreendemos que um bilhete de avião para Espanha é bastante caro, mas garantimos que vai valer a pena.

A Maggie cravou os olhos em mim, expectante. Todos me observaram, porque sabiam da minha relutância em entrar num avião.

Tive uma vontade enorme de chorar, daquelas tão profundas que remexem tudo dentro de nós e só conseguimos libertar-nos dessa sensação quando choramos e libertamos tudo.

Gostava dos meus amigos com todo o meu coração. Nada me faria mais feliz do que vê-los jurar amor eterno, mas não conseguia entrar num avião. Forcei-me a sorrir. O resultado devia ter sido péssimo, porque os três me olharam com tristeza. Sabiam o que estava prestes a dizer.

— Não há nada neste mundo que me faça mais feliz do que assistir ao vosso casamento, rapazes, mas não posso... Simplesmente não posso.

Levantei-me da mesa e afastei-me deles. Senti-me mal por lhes estragar o momento. Fui invadida pela tristeza por ser tão covarde e não conseguir superar os meus medos. O pior de tudo, porém, foi comprovar ali, naquele mesmo instante, que nunca sairia de Bali.

Até àquele momento, isso nunca me tinha importado. Não tinha sentido necessidade de me afastar da minha terra, mas, primeiro, tinha conhecido o Alex, e as suas palavras tinham semeado a dúvida.

Depois, com a notícia do casamento, quei com pena por ver a minha terra natal como uma jaula, mas as coisas eram o que eram. Uma jaula construída pelos meus medos.

CAPÍTULO 19

ALEX

Há dois dias que não a via. Tínhamos trocado uma ou outra mensagem, mas ela andava muito ocupada com os amigos e eu estava a resolver assuntos de casa. Por mais que quisesse escapar dos problemas, só conseguia fazê-lo até certo ponto. A minha mãe tinha-me ligado várias vezes, chegando ao ponto de ter de atender o telefone.

— Quando regressas, Alexander? — foi a primeira coisa que me perguntou.

Levei a mão às têmporas para as apertar, porque, ultimamente, as dores de cabeça eram persistentes.

— Estarei aí no dia um de setembro.

— O que te passou pela cabeça para estares tanto tempo fora? Com tudo o que devias estar a fazer e a preparar!

— Mãe, não sei em que momento achaste que este era um assunto teu, mas...

— Claro que é um assunto meu! Tu és meu lho e ela...

— Já chega — interrompi-a antes que pudesse continuar. — Ligaste-me para saber quando volto e acabei de to dizer. Há mais alguma coisa que queiras saber?

Fez-se um silêncio momentâneo.

— O teu pai quer ver-te quando chegares a Londres — declarou.

— Então diz ao pai terei coisas mais importantes para fazer assim que chegar à cidade.

— Não percebo porque queres fazer tudo isto sozinho. Nós podemos

ajudar-te, podemos...

— Agradeço-te, mãe, mas, por agora, é su ciente terem-me obrigado a gerir a empresa. As restantes coisas da minha vida continuam a ser um assunto meu.

Ouvi uma espécie de soluço do outro lado da linha. Tive uma vontade enorme de desligar e pôr um m àquela conversa, mas, depois, ela voltaria a ligar e tornar-se-ia numa história sem m.

— Como podes dizer isso? — disse a chorar. — Que te obrigámos! O que terias feito?

— Acalma-te, mãe — pedi, para tentar reconciliar-me com ela, mas, por dentro, só praguejava. — Só estou a pedir que me dês o espaço que sabes que preciso.

— Está tudo virado de pernas para o ar e tu vais-te embora um mês.

Deixas tudo a meio...

— Eu não deixei nada a meio. Fiz o melhor para mim e o melhor para ela.

— Como é que vai ser o melhor?! — exclamou, quase a perder a compostura. — O melhor para ela é estar contigo, em tua casa.

— Não te podes meter na minha vida. — Não ia voltar a ter aquela conversa. — Mãe, lamento, mas não o permito. No dia um de setembro regresso a Londres. Nessa altura, podemos-nos sentar todos, re etir e concordar com o que quiserem. Agora, se me dás licença, tenho coisas para fazer.

Desliguei a chamada e o telefone. Nunca tinha permitido que ninguém me dissesse o que tinha de fazer. Nunca tinha feito nada que

não quisesse fazer, e menos ainda em prol de outras pessoas... até ali, claro.

Passei o resto da tarde no mar. O Nate não quis vir comigo. Desde que me tinha contado o que se tinha passado com a Maggie, tinha-se fechado no quarto e não tinha querido falar, nem ver ninguém. Pensei no Malcolm, o nosso amigo, que era muito melhor do que eu a animar as outras pessoas... Eu não tinha mesmo jeitinho nenhum para isso.

Surfei até o sol ter desaparecido, e, quando voltei para o quarto,

decidi enviar uma mensagem à Nikki.

Não era o tipo de homem que gostava muito de falar por mensagens, mas com ela não tinha outra opção. No fundo, também não me parecia chato nem frustrante.

Quando tinha conversado assim com outras mulheres, com o tempo, tinham-se tornado exigentes. Considerava-me um homem bastante independente. Agia como queria para não ter de dar explicações sobre por que motivo não tinha respondido a uma mensagem ou porque não desejava um bom dia ou uma boa noite.

Mas com a Nicole... Precisava de saber dela, apesar de, na última vez em que tínhamos estado juntos, eu ter voltado para casa bastante em baixo e uma parte de mim estar incomodada por ela se ir embora logo depois de termos tido aquele momento íntimo. Nunca o admitiria, mas, porra, tinha saudades de poder encontrá-la de surpresa ou de saber que estávamos a cinco minutos de mota um do outro.

Li a minha última mensagem. Até me fez revirar os olhos.

Bom dia, Nicole.

Um amigo teu decidiu que sou o seu novo dono, não me deixa sozinho nem para ir à casa de banho.

Enviei-lhe uma fotogra a do *Batú* deitado aos pés da minha cama.

Desde que a sua dona se tinha ido embora, não se tinha separado de mim. Não me importava, eu gostava de animais. Em casa, tinha um *dobermann* chamado *Camilo*. A minha ex tinha-mo oferecido quando ainda era um cachorro e estava comigo desde então. Lembro-me de que, no princípio, não lhe achei piada, mas, com o tempo, acabei por perceber porquê. O cachorro era a desculpa para que ela tivesse razões para permanecer na minha vida de uma maneira ou de outra.

Vi que a Nikki estava *online* e começava a escrever.

Desculpa, não devia estar a incomodar-te.

Qualquer coisa na sua resposta breve disse-me que algo não estava bem. Uns diriam que a conexão que já se tinha começado a formar entre nós fez com que eu soubesse nesse instante que se passava algo com ela. Não pensei duas vezes, peguei no telemóvel e liguei-lhe pela primeira vez desde que tínhamos trocado os nossos números.

Sabia que tinha o telemóvel com ela e também quei a saber que hesitou em atender a minha chamada. E, surpreendentemente, aquilo provocou-me um certo mal-estar. Desliguei e abri a conversa.

Continuava *online*.

Não atendes?

Demorou mais alguns segundos, as palavras «a escrever» apareceram e desapareceram por alguns instantes.

Desculpa, não estou a ter um bom dia.

Eu sabia que não estava enganado. Genuinamente curioso, perguntei o que lhe tinha acontecido e, ao ver que não respondia, acrescentei:

Vá lá, Nikki, podes contar-me.

Talvez possa ajudar-te.

É um assunto delicado.

Não fazia ideia a que se referia. Esperei para ver se se animava e vi que começava a escrever. Demorou alguns segundos.

Dois dos meus melhores amigos, o Gus e o Eko, vão casar-se e estou muito feliz por eles, nem imaginas.

Fico muitíssimo entusiasmada por os acompanhar num dia tão especial.. Mas disseram-nos que se vão casar em Espanha... O Eko é de lá, claro.

Li a sua mensagem duas vezes. Primeiro, não percebi qual era o problema, mas, depois, caí em mim e percebi a que se referia.

O teu medo de andar de avião.

O meu maldito medo de andar de avião.

A sua correção fez-me sorrir, apesar de não achar graça àquilo.

Sentia-me muito frustrado que ela tivesse medo de uma coisa que eu amava e fazia com destreza. Incomodava-me muito que não se atrevesse a entrar num dos meios de transporte mais seguros do mundo. Pensei muito bem na minha resposta, sabia que era um tema delicado para ela. Já mo tinha dado a entender várias vezes.

Responde-me a uma pergunta.

O teu verdadeiro medo é entrares num avião
ou afastares-te da única coisa que conheces?

Demorou quase um minuto a responder.

Não importa de onde vem o medo, a questão
é que está cá e não consigo ignorá-lo.

Os medos superam-se, remando
a favor, não contra.

O que queres dizer com isso?

Quero dizer que, se continuares a evitá-lo,
nunca vais conseguir superá-lo.

Se calhar, não o quero fazer.

Começava a perceber que era teimosa. Mas eu também o era, por isso,
tentei seguir outro caminho, ainda que não soubesse muito bem como
o fazer.

E se tivesses um antídoto para o teu medo?

Estás a referir-te a quê?

Imagina que tinhas medo de aranhas. .

Se te besuntasses com um repelente
que garantisse que nunca nenhuma
se aproximaria de ti, usá-lo-ias?

Demorou alguns segundos.

Acho que sim..

Se tivesse a certeza absoluta de que ia resultar.

Então tenho uma grande novidade para te dar:

eu posso ser esse antídoto de que precisas.

Contei até dez antes de a sua resposta chegar.

Não estou a perceber.

Se vieres comigo, garanto-te

que nada te acontecerá.

Se for contigo onde?

Eu posso levar-te a Espanha.

Estava a meter-me numa alhada, sabia-o bem, mas nada me ia deter se pudesse ajudá-la a perder a fobia aos aviões. Quando digo nada, re-rome a nada, nem a ninguém, nem sequer a ela mesma.

Obrigada pela proposta, mas acho

que vou esquecer o assunto.

Peguei no telefone e marquei o seu número. Desta vez, atendeu, embora o tivesse feito quando já estava quase a desistir.

— Vens comigo — disse simplesmente.

— Tu não voas a partir da Indonésia — declarou, apesar de nunca lhe ter dito quais eram as minhas rotas aéreas.

Senti-me esperançoso ao ver que não tinha recusado, apenas dado uma desculpa.

— Eu voo a partir de onde quiser — foi tudo o que disse.

— Nesse caso, deve ser muito divertido seres tu — respondeu, mudando de tema.

— Estou a falar a sério, Nicole.

— Não vou entrar em nenhum avião, Alex. Já falámos sobre isso —

declarou, embora desta vez muito mais triste do que das outras em que tínhamos tocado no assunto.

— Sou um dos pilotos com mais horas de voo alguma vez adquiridas antes dos trinta anos. Consigo pilotar um avião de olhos fechados e

garanto-te que não te vai acontecer nada se vieres comigo.

— A Espanha? — perguntou.

— O quê? — repliquei.

— Estás a dizer que tratarias de tudo para me lebares a Espanha num avião pilotado por ti?

Depois de tanta conversa, até me tinha esquecido de que o suposto casamento se realizaria em Espanha. Já conseguia imaginá-la a voar comigo para Londres.

— Foi exatamente isso que eu disse — respondi, ignorando o facto de ter gostado bastante de a imaginar comigo na minha cidade.

— Então e o avião? Vais roubá-lo? — perguntou-me com sarcasmo.

Pelo seu tom de voz, percebi que se estava a divertir. Não me estava a levar a sério.

— Eu piloto aviões privados, Nikki — informei-a.

Fez-se silêncio do outro lado da linha.

— Não sabia — acabou por dizer.

— Há muitas coisas que ainda não sabes sobre mim.

Assim que falei, percebi que o disse num tom que não gostava de ter dado à conversa, mas escapou-me e tingi tudo com uma seriedade desnecessária.

— E essas coisas que não sei acerca de ti... Vais-mas contar? — quis saber.

Foi aí que começou a formar-se aquele dilema... Calava-me ou contava-lhe toda a verdade? Mas... Para quê, se não ia voltar a vê-la?

— Contar-te-ei tudo o que quiseses saber — respondi, convencido de que não me perguntaria sobre aquilo que eu não queria que me perguntasse.

— Só quero saber o que quiseses contar-me, Alex. Não te vou forçar a nada, não tenho razão nenhuma para o fazer. A parte boa de a nossa relação ter uma data de validade é que ambos podemos ser quem

quisermos sem termos medo de nos dececionarmos, porque sabemos que tem um m — acrescentou. As suas palavras tocaram em qualquer coisa dentro de mim. A sua resposta deixou-me um pouco aturdido.

— Estás a dizer que não estás a ser tu mesma comigo? — perguntei.

— Contigo, sou quem sempre quis ser — respondeu depois de alguns segundos.

Pensei nas suas palavras e percebi perfeitamente o que queria dizer.

Acontecia-me o mesmo ao estar isolado do mundo e do meu meio naquela ilha, passo a redundância. Com ela, eu era uma pessoa diferente. Era alguém caloroso, divertido e completamente diferente do que era na minha realidade. Presumo que, da mesma forma, se tornava claro que eu lhe tinha trazido práticas muito distintas daquelas a que estava habituada.

— Custa-me imaginar que até agora não tenhas sido tu mesma. És a pessoa mais autêntica que alguma vez conheci — declarei, sentindo a veracidade de cada palavra.

— E tu és o enigma mais complexo que tive o prazer de encontrar — respondeu-me com carinho.

— Com que então sou um enigma, hum? — Sorri.

— Um bem grande.

— Quando quiseres, deixo-te resolvê-lo — disse, mudando o tom da minha voz. Não consegui deixar de me insinuar.

Imaginei-a deitada na cama com o telefone na mão e a corar.

— Estou desejosa de o fazer — respondeu. Também captei uma mudança subtil na sua voz, mas estava lá.

— A propósito de desejo, Nicole, garanto-te que não há ninguém nesta ilha que consiga superar o desejo que sinto por ti.

— Não sabia que isto era uma competição.

— Sim, mas já está mais do que ganha.

Sabia que sorria, nem precisava de a ver.

— Tenho de desligar — disse e notei tristeza na sua voz.

— Quando regressas?

— A nal, vou car mais um pouco do que o previsto... O Gus e o Eko querem comemorar o facto de estarem noivos, e incomoda-me ser a única a ir-se embora...

— De quanto tempo estamos a falar? — perguntei. Julgava que não faltava muito tempo para nos voltarmos a ver e a minha voz ganhou um tom muito menos amistoso. Bolas, queria vê-la.

— Regresso na quarta-feira à noite.

Mais três dias... Quando voltasse, teríamos apenas mais duas semanas juntos.

— Alex? — perguntou ao reparar que eu tinha cado calado, imerso nos meus próprios pensamentos.

— Está tudo bem, Nicole — repliquei. — Diverte-te com os teus amigos. Vemo-nos quando chegares.

— Ficaste chateado?

— Não te preocupes.

Voltámos a car em silêncio.

— Obrigada por me ligares, por te preocupares comigo e por me ofereceres um avião privado — acrescentou, divertida. — És amoroso.

Ri-me. Não pude deixar de o fazer. Ela questionou porque tinha reagido assim.

— A minha família e amigos pagariam para ouvir alguém dizer isso de mim — expliquei.

— Porquê? És amoroso!

— Sou-o contigo, o que é diferente.

— Só comigo? — indagou.

— Só contigo. — Sorri.

Ficámos calados e a vontade de nos vermos aumentou até se tornar quase insuportável.

— Obrigada, Alex, e boa noite.

— Boa noite, querida.

Desliguei o telefone e, após alguns instantes de dúvida, peguei no portátil. Abri o motor de busca e teclei as seguintes palavras:

«Acidente aéreo 2003.» Precisava de saber mais alguma coisa sobre aquele acidente, averiguar exatamente o que se tinha passado e porquê. Só assim conseguiria explicar à Nikki por que razão não lhe ia acontecer o mesmo caso decidisse voar.

Dos acidentes que encontrei no ano que a Nicole me tinha dito, nenhum se dirigia para Inglaterra. Entre eles, havia um acidente aéreo militar, um *Yak 42*, no qual tinham morrido sessenta e dois militares que regressavam a Espanha depois de uma missão de paz de quatro meses no Afeganistão.

Revi os acidentes e procurei minuciosamente a informação relevante de cada um deles. Não existiam dados suficientes para saber em qual deles a família da Nicole tinha morrido, mas, ainda assim, quis analisá-los todos. Queria ver se encontrava alguma coisa que me

informasse se poderia ter sido o acidente no qual tinham morrido os pais da mulher que não conseguia sequer considerar a hipótese de voar.

Tinha um colega a trabalhar no Registo de Colisões Aéreas, com sede em Genebra. Não hesitei em pegar no telefone e fazer a chamada.

Em Bali, eram dez da noite, mas havia uma diferença horária de cinco horas, portanto, não fiquei preocupado por lhe ligar fora de horas.

Atendeu ao terceiro toque.

— Lenox, a que devo esta honra?

— Como estás, Carter?

— Bem, pior do que tu, de certeza. Fiquei a saber que andas pela Indonésia?

— Sim, vim cá passar umas semanas de férias — respondi, tentando não ser malcriado, porque queria passar diretamente ao assunto.

— O antigo Alex Lenox já voltou?

— Porque é que não param de dizer o mesmo?

— Meu, porque há dois anos que desapareceste e voltaste quase um homem feito e como deve ser.

— Tenho de te recordar do que aconteceu há dois anos? — respondi num tom gelado.

Ficámos em silêncio.

— Tens razão, pá, lamento — disse, mudando o tom de voz. — Em que posso ajudar-te?

Aproximei-me da varanda do meu quarto e tei o oceano.

— Preciso que encontres os dados de um acidente aéreo com destino a Inglaterra, que ocorreu em 2003. Procurei na Internet, mas não encontrei nenhum com esse destino. Importas-te de dar uma vista de olhos?

— Tens mais algum dado além de o destino ser Inglaterra?

— É tudo o que sei, mas se descobrir mais alguma coisa, volto a ligar-te.

— Era um voo comercial ou privado? — indagou.

Preparava-me para lhe dizer que era o primeiro, mas detive-me um instante. Não sabia nada sobre a família da Nicole nem sobre os seus pais. Nem sequer sabia os seus nomes. O avião que se despenhou podia ser um avião privado em vez de um comercial? Se fosse esse o caso, fazia sentido que não aparecesse nas notícias. Os acidentes com os aviões privados interessavam menos do que os comerciais.

Infelizmente, no mundo em que vivemos, chama mais a atenção publicar um título com oitenta mortos do que com quatro. Não me tinha ocorrido essa hipótese, porque bastava ver as condições em que a Nikki vivia para imaginar que os seus pais também não deviam ter muito dinheiro. Mas depois ocorreu-me que tudo podia ser...

— Procura nos dois. Não me parece que tenha sido um avião privado, mas fá-lo, nem que seja para descartar essa hipótese.

— Assim que tiver alguma coisa, ligo-te.

Desliguei e voltei para o meu quarto. Não parava de me perguntar: *Em que tipo de acidente morreram os pais da Nicole?*

CAPÍTULO 20

NATE

Passei alguns dias fechado no meu quarto. A mulher da minha vida tinha-se casado e nem conseguia imaginá-lo... Dava-me vontade de vomitar só de pensar naquilo, mas do que estava à espera? Bem, primeiro, nunca pensei que se casaria em menos de um ano, mas era evidente que não podia querer que ela continuasse à minha espera.

Sobretudo depois de a ter abandonado.

Pelo Alex, tinha cado a saber que a Maggie ia regressar da sua viagem naquela tarde, por isso, mentalizei-me de que ia voltar a vê-la.

Saí da cama, tomei um duche e vesti-me como uma pessoa decente, apesar de não o ser.

Tinha de a fazer mudar de opinião, apesar de, na minha mente, não deixar de ouvir uma voz que dizia constantemente: *É demasiado tarde, está casada*. Porém, nunca o é para lutar pela pessoa que se ama.

Juntei-me ao Alex para almoçarmos num terraço e distrair-me um pouco. Há três dias que não o via. O meu melhor amigo tinha ido ao meu quarto, mas, desta vez, tinha sido eu a pedir-lhe para se encontrar comigo.

— Está na altura de se seguirem em frente, Nate — disse enquanto uma empregada de mesa nos servia dois bifes de vitela com batatas assadas e espargos grelhados.

— Não posso — recusei categoricamente.

O meu amigo devolveu-me o olhar impassível.

— Está casada — declarou. Estas palavras cravaram-se no mais fundo do meu coração.

— Pode deixar de o estar.

— Nate, vá lá, vais meter-te no meio de um casamento? Queres acabar com uma coisa que, sem dúvida nenhuma, é mais séria do que aquilo que tu e ela alguma vez tiveram?

— Tu não fazes ideia do que nós tivemos.

— «Tivemos», no passado.

— Foi para isto que me zeste vir aqui? — Fulminei-o com o olhar.

— Para me foderes ainda mais o juízo?

— Pedi-te para vires, porque não podes continuar fechado no quarto. Insististe que viesse contigo, obrigaste-me porque me prometeste umas férias relaxantes.

Olhei-o, condescendente, apesar de, no fundo, me sentir um pouco culpado.

— Tens andado muito entretido, não tenho pena nenhuma de ti.

O Alex pegou no copo de vinho e levou-o aos lábios. Sempre tinha admirado a sua capacidade de controlar os sentimentos e pensamentos. Podia estar a morrer por dentro, por fora, parecia um icebergue. Já eu, revelava tudo o que sentia e pensava. Era um livro aberto.

— E o meu entretenimento chega hoje na companhia da tua ex. A não ser que pretendas esconder-te no quarto até ao dia em que tivermos de nos ir embora, aconselho-te a começares a recompor-te.

Não há nada que as miúdas odeiem mais do que um tipo bêbado que anda por aí a chorar.

— És um cabrão. — Olhei xamente para o meu amigo.

— Só quero proteger-te. — O Alex esboçou um sorriso.

— De quem?

— De ti próprio, idiota. Se ainda te resta um bocado de sensatez nessa cabeça, debes saber que a Margot não te pode ver assim. Tem de te ver sereno e forte. Tens de lhe mostrar que mudaste, que já não és o adolescente que voltava cá todos os anos para viver um amor de verão passageiro.

As suas palavras captaram a minha atenção.

— Não acabaste de me dizer para não me meter no meio de um casamento?

— Alguma vez tiveste em consideração as coisas que te digo?

Re eti muito seriamente sobre aquilo.

— Só quando me convém.

— Só quando te convém.

— Então, vais ajudar-me?

O Alex voltou a beber do seu copo de vinho e terminou-o. Chamou o empregado e esperou que o enchesse uma vez mais. Bebeu e voltou a prestar-me atenção.

— Eu só posso fazer uns vinte por cento... O resto está nas tuas mãos.

— Achas que consigo recuperá-la?

— Acho que é a primeira vez na vida que vejo que gostas mais de alguém do que de ti mesmo. — O meu amigo olhou-me nos olhos. —

Portanto, acho que podes alcançar aquilo queres, desde que não caias na mediocridade nem no desespero. Tudo leva o seu tempo, Nate. Não vais conseguir recuperar a Maggie em dois dias nem nas duas semanas que te restam aqui.

Tinha razão... toda a razão.

— Estás a dizer-me para car cá?

— Estou a dizer-te para lutares pelo que queres e que o que queres vive aqui.

Bebi do meu copo e avaliei as minhas hipóteses. Poderia fazê-lo... O

trabalho não seria um problema. Podia prolongar a minha estada, lutar pela Maggie e recuperar aquilo que mais queria. Sim, era possível.

— E tu, o que vais fazer?

— Estás a referir-te a quê? — O Alex olhou-me de sobrolho franzido.

— Vais voltar a Inglaterra?

O seu semblante mudou, surgiu uma sombra que lhe toldou qualquer pingo de felicidade.

— Não tenho outra alternativa. A minha viagem termina dentro de duas semanas.

Olhei para o meu amigo e tive pena dele. Não há nada pior do que uma pessoa muito organizada ver a sua vida de pernas para o ar sem aviso prévio. O Alex Lenox tinha tido tudo controlado ao milímetro.

Cada passo que tinha dado fora premeditado e estudado de modo a obter a vida que sempre desejara, e agora...

Às vezes, um gajo tem de pensar melhor onde mete o pénis. Também já lhe podia ter dito isso, mas eu, ao contrário dele, não conseguia ser tão cruel.

Ficámos uns minutos em silêncio, a saborear a comida. Se nos punham um bife de vitela à frente, tudo o resto podia esperar. Desta vez, porém, o Alex surpreendeu-me ao deixar metade do seu bife.

Inclinou-se um segundo para trás para me perguntar sobre algo que certamente o preocupava.

— Quando vinhas cá visitar a Margot, tinhas algum tipo de relação com a Nikki?

— Começámos por ser amigos... — Não hesitei em responder com sinceridade. — Sabes como é, era a minha primeira vez na ilha, e a Maggie e eu depressa nos envolvemos. A Nikki estava sempre com ela, por isso, dávamo-nos bem os três. Depois da merda toda que z, a Nikki afastou-se bastante e sempre que se dirigia a mim era de sobrolho franzido.

— Não me admira nada — disse o Alex, fazendo um esgar.

— A mim também não — concordei.

— Chegou a contar-te alguma coisa sobre os pais?

— Sabes que morreram num acidente aéreo, certo?

Olhei para o meu amigo ainda com mais atenção. O Alex assentiu com um aceno de cabeça sem desviar os olhos de mim.

— É um assunto complicado, mas sim, ela contou-me. — Fez uma pausa. — Gostaria de saber o que aconteceu.

— Bom, o piloto deu cabo de tudo...

— Ah, não sei, há algo que não me convence. Liguei ao Carter.

— A esse cabrão?

O Carter e eu nunca nos tínhamos dado bem. Tínhamos andado na escola de aviação ao mesmo tempo, e, no m, ele decidira avançar para a área da burocracia, porque era um medricas.

— Andou à procura de informação sobre um possível registo de voo com destino a Inglaterra que tivesse tido um acidente em 2003 e não encontrou nada.

— Que estranho... Devia estar registado.

— Foi precisamente isso que eu pensei... A não ser que fosse um voo privado.

Olhei para o meu amigo.

— Privado?

— Que outra razão poderia haver para não estar registado em lado nenhum?

Re eti sobre aquilo.

— Comprovaste com outras datas, um ano antes ou um ano depois?

O Alex cou a olhar para mim.

— Não me parece que a Nikki se baralhe com o ano em que os pais morreram, não é?

— Imagino que não...

Ficou a pensar, e, então, vi que o assunto o preocupava mesmo.

Observei-o, perdido nos seus pensamentos. Foi aí que comecei a perceber que, para ele, talvez a Nikki não fosse uma mera diversão momentânea.

Aquela ideia instalou-se no meu cérebro. À medida que os dias iam passando, fui-me apercebendo, mesmo antes de o meu amigo se aperceber disso, de que o Alex Lenox se estava a apaixonar.

Aquela realidade atingiu-me como um balde de água fria. O Alex não

se podia apaixonar... Era o pior momento possível para isso acontecer, muito menos por alguém que vivia a milhares de quilômetros de distância.

Perguntei-me, então, se ter regressado àquela ilha e tê-lo arrastado comigo tinha sido uma boa ideia. Com o tempo, percebia perfeitamente que não... Pelo que conseguia vislumbrar, tinha sido um erro com más consequências.

CAPÍTULO 21

NIKKI

Os dias seguintes passaram a voar. Apesar de estar desejosa de voltar para a minha ilha e ver o Alex, aqueles cinco dias com os meus amigos e longe do trabalho tinham-me sabido pela vida. Tínhamos feito tudo: trilhos de caminhadas, mergulho, um pouco de *surf*... Também tínhamos dançado, rido e feito diretas. E tinha chegado o momento de regressarmos a casa.

O Eko e o Gus pareciam estar mais apaixonados do que nunca, e a Maggie era muito boa atriz. Fingia que estava bem, mas, à medida que se aproximavam os dias para voltarmos à ilha, o seu estado de espírito tinha cado um bocadinho sombrio.

Depois de carregarmos a bagagem e demorarmos quase uma hora num barco que parecia prestes a partir-se ao meio por causa do mar agitado, pisámos terra rme. Eu não tinha dito ao Alex a hora a que chegaria. Não sabia se iria ou não esperar por mim no porto, mas não queria criar ilusões nem ter deceções. Contudo, não sabia que tipo de homem era o Alex Lenox, aquele que espera a rapariga com um ramo de ores na estação, aquele que lhe pede para ela o avisar quando chegar a casa sã e salva ou muito simplesmente aquele que não diz nada.

— Foi divertido, não foi? — perguntou o Gus com um sorriso quando chegou o momento de nos separarmos.

— Muito! — exclamou a Maggie, sorrindo.

Olhámos uns para os outros em silêncio.

— Vamos... Vemo-nos no Mola Mola daqui a uma hora, não se atrasem — disse o Eko, visto que era o que todos queríamos.

Sorrimos e cada um seguiu na sua direção. Não faltava muito tempo

para o anoitecer. Como não tinha de ir trabalhar até ao dia seguinte, apetecia-me beber uma cerveja na praia.

Assim que cheguei a casa, peguei no telemóvel e escrevi-lhe: Já cá estou.

Se te apetecer, vamos juntar-nos todos

no *sunset*, no sítio do costume.

Demorou a responder-me. Quando o fez, em vez de me escrever uma mensagem, ligou-me. Atendi enquanto abria a porta de minha casa.

— Vê-se mesmo que és *millennial* — atendi a chamada a rir-me.

Abri a porta e larguei a mochila no chão. Descalcei-me e fui à cozinha para me servir de um copo de água fria.

— Estás a referir-te a quê? — quis saber.

— Preferes falar ao telefone em vez de responderes às mensagens —

expliquei, apoiando o telemóvel entre o ombro e a orelha para poder fazer coisas com as mãos na cozinha.

— Gosto de ouvir a tua voz. Não tem nada que ver com ser *millennial*, *centenial*, ou o que quer que sejam as novas gerações...

— Agora estás a falar como um senhor mais velho. — Ri-me, provocando-o.

— Bom, é porque sou muito mais velho do que tu.

— Vinte e nove não é assim tão mais velho — respondi, deixando-me cair em cima do sofá e pegando no telefone com a mão direita.

— Daqui a poucos meses, faço trinta. De certeza que essa tua perceção vai mudar — disse.

Enterrei-me um pouco no sofá.

— Quando?

— Em outubro — admitiu com alguma preguiça.

— Vais celebrá-los, não?! — a rmei sem conseguir imaginá-lo num ambiente tão festivo e a ser o centro das atenções.

— Não te entusiasmes, não quero fazer nada de especial.

— Como não? Fazes trinta anos! — exclamei, excitada. — Credo, fazes trinta anos — acrescentei ao aperceber-me do número.

Riu-se do outro lado da linha, o que me arrancou um sorriso.

— Já não te pareço tão jovem? — perguntou.

— Os trinta são os novos vinte — declarei, feliz.

Gostava de falar com ele. Era agradável ter chegado a casa e poder estar a rir-me ao telefone. Estava ansiosa por saber que o ia ver naquela noite.

— Queres que passe por aí para te apanhar e vamos juntos para a praia? — perguntou-me. — Posso levar-te o *Batú*, visto vez que continua aqui comigo.

— Que descaramento... Roubaste-me o cão.

— Tem bom gosto.

— Como a dona — repliquei.

— Como a dona — concordou ele.

— Dá-me dez minutos para tomar um duche e mudar de roupa — pedi.

Despedimo-nos e apressei-me a ir tomar banho. Queria estar limpa e gira quando ele chegasse. Não demorei muito a arranjar-me, uma vez que tinha o cabelo lavado. Sequei-me e, no armário, procurei uma

coisa bonita para vestir. Escolhi um *top* e umas calças pretas largas.

Não queria parecer que me tinha arranjado demasiado. Além disso, os meus amigos sempre me tinham dito que aquelas calças me faziam um rabo fabuloso. Prendi o cabelo com um pauzinho que usava para isso e dei volume às pestanas com rímel. Quando estava a admirar o resultado ao espelho, tocaram à minha campainha.

Quase corri com o coração a saltar-me pela boca, mas, quando abri, não foi o Alex que encontrei, mas o meu tio Kadek. O meu sorriso cou congelado na cara até desaparecer. Mudei-o para um mais pequeno e forçado.

— Tio, o que fazes aqui? Não estava à espera da tua visita.

— Estavas à espera de alguém? — perguntou-me muito sério. Olhou-me de cima a baixo, franzindo o sobrolho.

Percebi que não vinha sozinho. Atrás dele, estavam os seus dois colegas, o Nyoman e o Tiko.

— Acabei de chegar à ilha, vou ter com uns amigos à praia — respondi.

Também quei séria. O facto de estarem ali não podia signi car nada de bom. Menos ainda quando o Alex estava quase a chegar.

— Com que amigos, Nicole? — perguntou-me.

Fiquei sei saber o que lhe dizer, mas também não foi preciso pensar em nenhuma mentira. Como tinha previsto, nesse mesmo instante, apareceu a mota do Alex com o *Batú* a correr atrás dele. Os olhos do meu tio seguiram o meu olhar até o inglês parar a mota. Retirou o capacete e observou os três homens de aspeto rude que estavam à porta de minha casa.

— Tudo bem, Nikki? — questionou.

Desceu da mota e fez menção de vir para junto de mim, mas o

Nyoman e o Tiko moveram-se ao mesmo tempo para lhe barragem a passagem. O *Batú* ladrrou, rosnando, zangado. Nunca se tinha dado bem com os «amigos» do meu tio.

— O que estão a fazer? — interpelou-os o Alex. Pôs-se logo na defensiva.

— Alex...

— Com que então és tu o Alexander — a rmou o meu tio, aproximando-se dele devagar e falando num inglês bastante rudimentar.

Desci as escadas para me aproximar deles, mas sem ultrapassar o meu tio.

— E quem raio é o senhor? — perguntou-lhe o Alex, fulminando-o com o olhar.

— Sou o tio da Nicole.

O Alex foi apanhado de surpresa por aquela resposta. Os seus olhos voaram do meu tio para mim.

— É verdade, Nikki?

Anuí em silêncio, sem saber muito bem o que devia fazer ou dizer.

Não sabia o que o meu tio queria, aparecendo ali com os seus dois compinchas, mas só podia rezar para que não tivesse vindo fazer o que eu achava.

— Pois claro que é verdade — retorquiu o meu tio, passando pelos amigos e aproximando-se mais do Alex, que se manteve imóvel, impávido e sereno. — Porque havia de te mentir?

— Tio... — comecei a dizer, mas ele levantou a mão e mandou-me calar.

— Não te quero perto da minha sobrinha — disse sem rodeios.

O Alex pareceu car surpreendido por um instante, mas recuperou quase ao mesmo tempo.

— Desde quando é que uma mulher adulta precisa da aprovação do tio para sair com alguém?

— Desde que, nesta ilha, se faz o que eu digo — respondeu-lhe.

O Alex não afastou o olhar dele.

— E o que vai fazer? Obrigá-la a não voltar a ver-me? Dar-lhe uma tarefa? — replicou, olhando para os dois homens que estavam um pouco mais atrás.

O meu tio deu um passo em frente.

— Não te iludas — disse com um ar muito sério, também sem desviar os olhos do Alex. — O meu papel aqui é assegurar-me de que nenhum residente corre perigo nenhum. A minha tarefa nesta ilha é manter a ordem e zelar pela segurança de quem decide escolher este sítio como destino de férias.

— Então co muito satisfeito por não representar nenhum problema

— respondeu o Alex calmamente.

— Vocês, turistas, são sempre um problema.

Avancei para me colocar entre ambos e travar o que quer que pudesse acontecer.

— O Alex não vai causar problemas, tio, já te disse isso.

Nem sequer se dignou olhar para mim quando continuou a falar.

— Espero que a minha sobrinha não esteja enganada, Alexander Lenox. Não gostaria de ter de agir e pedir-te cordialmente para abandonares este lugar.

— Já chega, tio! — interrompi-o, irritada. — O Alex não fez nada!

— Por enquanto — ripostou com frieza.

— Não podes vir para aqui ameaçá-lo!

— O teu amigo deve perceber as regras que regem este sítio —

armou, como se isso explicasse tudo. Depois, tornou a dirigir-se ao Alex: — Como já te disse, não te quero perto da minha sobrinha, mas, como bem disseste, é adulta e pode fazer o que quiser. Só vim avisar-te para não me dares razões para te expulsar. Vou car à espera de que lixes alguma coisa para o fazer sem a menor hesitação, percebeste bem?

O Alex estava prostrado.

— Gosto muito da sua sobrinha, senhor. Nunca lhe faria mal, se é isso o que o preocupa.

— Se gostas mesmo dela, mantém-te longe dela.

Fitaram-se durante mais alguns segundos, como se estivessem a dizer muitas coisas um ao outro. Aquilo irritou-me de tal maneira que explodi:

— Isto não é o mesmo que aconteceu à minha mãe, tio! Eu não me vou embora para lado nenhum!

— Pois claro que não!

Nunca o tinha visto tão furioso nem tão irritado comigo, aliás, sem

conseguir esconder o pânico que entrevi nos seus olhos quando falei em ir-me embora da ilha.

— Então não te metas numa coisa que não te diz respeito!

— Tudo o que tenha que ver contigo diz-me respeito — replicou e tornou a virar-se para o Alex. — Ficas já avisado, rapaz. Ah, e outra coisa... Tem cuidado com aquilo de que andas à procura, podes não gostar de descobrir a resposta.

Felizmente, foram-se embora sem fazer ou dizer mais nada. Tive medo de que atacassem. Depois de se irem embora, o Alex aproximou-se de mim com cuidado. Deixou um espaço prudente entre nós e perguntou-me:

— Estás bem?

Anuí em silêncio, embora sentisse um mal-estar no corpo todo.

Observámo-nos por um instante. Ele continuava sem se aproximar de mim e eu queria que o zesse.

— Como foram as tuas pequenas férias? — indagou num tom ligeiramente seco.

— Muito divertidas — respondi, observando-o com curiosidade.

Estava tenso, e algo na sua expressão me dizia que não tinha achado graça nenhuma àquilo que acabara de ouvir... Ou era isso ou passava-se alguma coisa comigo.

— O que foi, Alex? — perguntei-lhe, preocupada e magoada pelo seu distanciamento repentino.

Olhou para outro lado por um segundo. Quando me devolveu o olhar, parecia mais sereno.

— Nada... Foram cinco dias muito longos, só isso.

Deixei escapar um breve sorriso.

— Tiveste saudades minhas? — indaguei, dando um passo tímido na sua direção.

O Alex sorriu com os olhos, apesar de o seu semblante continuar tão sério como há poucos segundos.

— E tu? Tiveste saudades minhas?

A sua mão colou-se à minha cintura e puxou-me ao de leve para ele.

— Não sei se devia ser tão sincera... Mostrar-te as minhas cartas assim tão abertamente vai fazer com que que sem vantagem nenhuma, mas sim, tive saudades tuas todos os dias.

Os seus dedos levantaram-me o queixo, procurando-me com os olhos.

— Entre nós, não há vantagens, Nikki. Estamos no mesmo ponto de partida.

Percebi perfeitamente o que queria dizer. A ilha era um impasse, uma espécie de trégua. Era um sítio sem regras, onde podíamos ser quem éramos verdadeiramente, ou, pelo menos, quem gostaríamos de ser.

Abraçou-me e levantei os braços para lhe envolver as costas e pousar a cara no seu peito. Inspirei o seu aroma e con rmei o quanto sentira a sua falta.

— Não voltes a ir-te embora, por favor — pediu-me ao ouvido. —

Resta-nos muito pouco tempo juntos e gostava que aproveitássemos cada instante.

Afastei-me e ergui a cabeça. Procurei qualquer coisa que não sabia que precisava até ele ma dar. Pousou os lábios sobre os meus e beijou-me como se precisasse disso para respirar. Pelo menos, foi assim que o senti.

— Não o farei — disse-lhe. — A partir de agora, o meu tempo é teu.

Sorriu pela primeira vez desde que nos tínhamos voltado a ver.

— Vou acreditar na tua palavra — disse.

Olhei-o nos olhos. Eram lindos, embora, ao mesmo tempo, me intrigassem como nada nunca me tinha intrigado. Então, lembrei-me da última coisa que o meu tio lhe tinha dito. Não tinha feito sentido nenhum para mim, mas talvez ele tivesse percebido.

— O que é que o meu tio quis dizer com aquilo de teres cuidado com o que procuras? — perguntei-lhe.

— Não faço ideia. — O Alex olhou para mim com a mesma expressão.

Duvidei que me estivesse a dizer a verdade, mas depois lembrei-me de que o paranoico era o meu tio, não o Alex.

— Já não me apetece ir à praia... — disse. Sentia que precisava de me esconder em qualquer lado e não sair.

— Então não vamos — replicou simplesmente.

— Também não quero car aqui — protestei.

Parecia que tinha dez anos e estava a ter uma birra. O Alex sorriu.

— Podemos ir para a minha *suite* — sugeriu. — Posso preparar-te qualquer coisa para jantar, abrir uma garrafa de vinho e, se te apetecer, vemos um lme.

O plano soava incrível, mas ir para a sua *suite* implicava muitas outras coisas.

— Estou a ver que não levaste nada a sério a ameaça do meu tio — disse-lhe a sorrir, embora, ao mesmo tempo, temesse por ele.

O Alex não sabia nada. Não fazia ideia de quem era o meu tio nem do papel que desempenhava naquela ilha.

— Devia levá-lo a sério? — quis saber.

Devia ter-lhe dito que sim, mas fui egoísta. Pelo menos, queria sê-lo.

— Devia contar-te algumas coisas...

— Então o melhor é fazê-lo com um copo de vinho à frente. Tens aí o teu capacete? — perguntou-me.

Assenti, desta vez, sem revirar os olhos. Compreendi que, se ia de mota com o Alex Lenox, teria de agir como ele queria, e o capacete era algo obrigatório. Detive-me uns instantes para cumprimentar o *Batú*. Tinha estado pacientemente à espera de que eu lhe desse atenção, abanando a cauda sem parar. Soltei o cabelo, peguei no capacete e subi para a mota do Alex, que me aguardava com paciência.

O sol já se punha no horizonte, e, quando chegámos à sua *suite*, havia apenas uns laivos alaranjados a colorir o céu. Sabia que a Maggie estaria na praia com o Eko e o Gus, portanto, não quei

preocupada por poder encontrar-me ali com ela. Porém, reparei que os rececionistas caram a olhar para mim com curiosidade quando o Alex me acompanhou até ao seu quarto. Rezei para que aquilo não chegasse aos ouvidos do meu tio.

Tinha estado no seu quarto apenas uma vez, quando o tinha apanhado a tocar-se no duche. Sabia que aquelas *suites* eram magní cas, porque tinha visto a sua construção desde o início. Ainda assim, sempre que entrava numa, voltava a car impressionada com aquelas vistas impressionantes, os móveis lindos e elegantes e a cama enorme com dossel e um mosquiteiro branco.

Era uma *suite* de sonho, com uma pequena cozinha e uma sala confortável. Compreendia perfeitamente por que razão muitos casais escolhiam sítios como aquele para passarem a lua de mel.

— Fico sempre maravilhada ao ver como tudo isto é tão bonito — disse, observando o espaço.

— Isso surpreende-me — confessou, deixando o capacete e as chaves da mota em cima de uma mesinha de apoio ao lado do sofá. — A nal, vives aqui.

— Eu, bem... Presumo que a minha realidade esteja muito longe de todo este luxo. Isto é para os turistas. Nós não desfrutamos dele...

O Alex ouviu-me com atenção enquanto se encostava às costas do sofá e me puxava para me posicionar entre as suas pernas. O meu nariz cou quase à altura do seu.

— Deve ser bastante frustrante saber que isto existe tudo e não poder aproveitar, não é? — perguntou-me.

Encolhi os ombros.

— Um dia, vou poupar dinheiro su ciente para percorrer Bali como turista — a rmei, a sorrir. — Hei de dormir em cabanas, deleitar-me

naqueles baloiços incríveis que existem por cima dos arrozais, tomar banho nas melhores praias e também vou fazer uma massagem balinesa de duas horas e meia.

Respondeu com um sorriso e um aceno de cabeça, concordando comigo.

— Certamente hás de fazer tudo isso — disse —, porque mereces isso e muito mais.

Voltámos a beijar-nos até o *Batú* nos interromper. Ambos nos voltámos para ele, que se tinha deitado num canto da *suite*.

— Foi assim que passou os cinco dias desde que te foste embora.

— Ele gosta de ti. — Sorri.

— É compreensível — a rmou com superioridade, mas sorrindo com travessura.

O Alex voltou a beijar-me. As suas mãos desceram pela minha cintura e apertaram-me o rabo. Num único movimento, levantou-me no ar e obrigou-me a pôr as pernas à volta das suas ancas. Aquele homem deixava-me a arder em menos de um segundo. Um olhar seu era o suficiente para me deixar a tremer.

Continuou a beijar-me. De olhos fechados, deixei que o meu corpo se concentrasse em sentir e a minha mente parasse de pensar. Só queria aproveitar com ele todos os dias que nos restavam. Algo dentro de mim me dizia que não era comum sentir o que eu sentia com o Alex.

Aquela atração não era o normal. Imaginava que a maioria das pessoas nunca chegava a sentir aquela ligação e a nidade com ninguém.

A sua mão afastou-se do meu rabo até subir para a minha cintura e me apertar o peito com força.

— Deixa-me louco que andes sempre sem sutiã — disse-me ao

ouvido. Depois, tomou o lóbulo da minha orelha na sua boca e mordeu-o devagarinho.

— Porque havia de vestir um sutiã? São incómodos.

— Uma lógica esmagadora.

Ri-me.

— Não ias fazer qualquer coisa para eu comer? — perguntei-lhe.

— Tens razão — concordou. Levou-me ao colo até à bancada da cozinha e sentou-me em cima dela. — O que te apetece jantar?

— O que sabes cozinhar? — Olhei para ele, descon ada.

— Estou indignado com esse tom condescendente, menina.

— Posso ser eu a cozinhar?

Olhou para mim e riu-se.

— Parece-me que acabámos de quebrar o padrão. Que casal discute por ambos quererem fazer o jantar um ao outro?

O facto de se ter referido a nós os dois como «casal» quase conseguiu pôr-me o coração aos pulos. Contudo, a voz da minha consciência disse-me: *Não te iludas, Nikki*. Devia dar-lhe ouvidos.

Não éramos um casal, e eu não podia esquecer-me disso.

Julgo que o Alex se apercebeu da minha reação e percebeu a que se devia, mas decidiu agir como se nada fosse.

— Posso preparar-te esparguete — sugeriu, afastando-se e abrindo o frigorí co.

Revirei os olhos.

— Deixa-me fazer-te um *nasi goreng* caseiro, o melhor que já provaste na vida.

O Alex fechou a porta do frigorí co, levantou as mãos, como se se rendesse, e aceitou a minha proposta. Desci da bancada e aproximei-me do frigorí co.

— Olha, tens aqui tudo — disse ao abrir a porta e ver a quantidade de comida que ali havia.

— Gosto de ter o frigorí co cheio.

— Então, sempre é verdade que gostas de cozinhar...

— Um dia, faço-te aquele esparguete, e vais ter de retirar aquele olhar que me lançaste há um minuto.

Ri-me.

— Acredito em ti.

Cozinhei durante um bocado. O Alex ajudou-me e observou

constantemente cada passo. Abriu uma garrafa de vinho branco e foi-me fazendo perguntas acerca da receita à medida que ia avançando.

Expliquei-lhe a importância de utilizar chalotas em vez da cebola comum. Passou-se quando me viu cortar em pedacinhos cinco dentes de alhos. Também não sabia muito bem o que era o *tempeh* e expliquei-lhe o que era depois de lhe prometer que adoraria. Divertia-me explicar-lhe coisas típicas da minha cultura e adorava ver que me prestava atenção.

Quando acabei de cozinhar a receita, levámos os pratos para a mesinha baixa da sala. O Alex acendeu duas velinhas e sentámo-nos no chão, em frente um ao outro. Quer dizer, eu sentei-me e quei ri-me um pouco dele pela pouca exibibilidade que tinha.

— A sério, ia ser muito bom para ti vires fazer ioga comigo.

— Um dia — retorquiu quando, nalmente, conseguiu chegar a uma posição confortável.

Eu estava sentada com as pernas cruzadas e as costas direitas. Ele, pelo contrário, tivera de usar o sofá para apoiar as costas.

— Vê se paras de te rir de mim — ordenou-me com um ar muito sério, mas não consegui deixar de explodir numa gargalhada.

— Desculpa, já paro — disse, tentando controlar-me.

— Cheira bem e tem um aspeto fantástico — mudou de assunto antes de pegar nos talheres e provar o meu arroz.

Não me tinha deixado pôr um bocadinho de picante, por isso, tinha cozinhado tudo em tachos diferentes. Para mim, pus duas malaguetas cortadas aos pedaços. Começámos a comer e sorri quando vi que estava mesmo a gostar.

— Está incrível — con rmou, bebendo vinho e observando-me a comer o meu. — Não acredito que usaste duas malaguetas e consegues comê-las sem cares toda vermelha.

— Também não é para tanto! Prova.

— Não, obrigado.

Abanei a cabeça. Turistas... Não sabiam apreciar o bom sabor da comida picante.

À medida que o serão avançava, fomos esgotando os assuntos fáceis: como fora a escapadela com os meus amigos, o que tinha feito na minha ausência, até já não conseguir ignorar o que tinha acontecido com o meu tio.

— Tens de me explicar o que se passou há algumas horas com o teu tio, Nicole.

Peguei no copo e acabei de o beber.

— O meu tio Kadek é muito... muito protetor.

O Alex segurou-me no queixo com os dedos e acariciou-me a face com o polegar. Estava lindíssimo.

— Isso percebo eu perfeitamente. Se fosses minha, também seria assim tão cauteloso ou mais. Só que acho que há qualquer coisa que não me estás a contar.

Cravei os olhos nos seus. «Se fosses minha», dissera... Aquela frase

tinha acabado de me deixar atordoada. Não a tinha pronunciado com possessividade. Não falava de me possuir como se fosse um objeto, muito pelo contrário. Aquelas palavras tinham-lhe saído cheias de ânsia. Re etiam o desejo que tinha de poder a rmar que eu era alguém para ele. Entendia-o desta forma, porque também eu queria que ele fosse alguém para mim. Talvez desejasse que fosse algo superior a uma simples de nição de noivado. Naquele mesmo instante, a ideia de ser sua e de ele ser meu começou a ganhar força na minha cabeça e no meu coração. Daí, cresceria até ocupar toda a minha mente. No entanto, não tinha consciência de que me estava a apaixonar perdidamente por ele.

— O meu tio tem medo de que me apaixone por um estrangeiro e deixe a ilha. Tem medo de me perder como perdeu a minha mãe.

O Alex escutou-me com atenção.

— Quem é o teu tio, Nikki? Tem alguma autoridade nesta ilha? A maneira como se dirigiu a mim esta noite deixou muito claro que ele não é só um tio irritado por a sobrinha sair com uma pessoa que não é adequada.

Eu não queria tocar naquele assunto... Também não era uma coisa da qual costumasse falar com qualquer pessoa, porque era algo que aqueles que viviam aqui sabiam. Mas como lhe podia explicar que a

ameaça do meu tio não tinha sido oca?

— O meu tio faz parte de uma espécie de «polícia» local. Não sei como devo explicar-te para que o entendas. Em ilhas tão pequenas como esta, é costume haver um grupo de pessoas com um certo poder, digamos que constituem o comando. Aqui, chamamos-lhe *banjar*.

Olhou-me com atenção, mas, depois, franziu o sobrolho. Continuei a explicar-lhe qual era a sua função.

— Estão encarregados de manter a ordem. Asseguram-se de que os turistas não a quebram e, no fundo, fazem-nos cumprir a lei.

Havia muito mais para lá disso. O meu tio não era má pessoa, mas aqui as coisas eram feitas de um modo diferente. Sempre tinha sido assim, mas não era fácil explicá-lo a alguém que não estivesse habituado.

— O que fazem é legal? — perguntou.

Não quei surpreendida por o Alex acertar em cheio no alvo tão depressa. Parecia-me um homem esperto, embora ainda não tivesse percebido quão inteligente era.

— O governo central não se mete. O sistema funciona e, enquanto assim for, não irá intervir.

O Alex parecia ter muitas coisas para dizer, mas não o fez, e, no fundo, quei grata.

— E é verdade que o teu tio tem poder para me expulsar da ilha?

Respirei fundo.

— Tem, mas vou falar com ele. Não pode aproveitar-se da sua situação para te expulsar daqui.

— Não sei, Nikki... Parece-me que há muito mais que não me estás a contar. — O Alex levou o copo aos lábios.

— A sério que não há... — Abanei a cabeça.

— Se formos contra a maldita má a da ilha, preciso de saber mais sobre ti e sobre o que aconteceu. Não percebo porque é que o teu tio assumiu aquela posição tão radical e errática contra mim.

Não gosto que se re ram ao *banjar* como se fosse uma má a, mas deixei

o comentário passar. O resto das suas palavras captou mais a minha atenção.

— A que te referes quando dizes que não percebes? Ele só se preocupa comigo, mais nada.

O Alex olhou-me de uma forma que não me agradou, como se soubesse mais do que eu.

— Julgo que há mais qualquer coisa... Tenho a sensação de que só te contaram uma parte da história.

Ignorei o alarme do meu subconsciente, como sempre zera durante a minha vida.

— Mas estás enganado — disse-lhe num tom bastante seco.

O Alex suspirou, pegou na garrafa de vinho e voltou a encher os copos.

— Posso saber qual é o teu apelido? — perguntou. Aquela pergunta apanhou-me desprevenida.

— Já te disse que aqui os apelidos não exis...

— O apelido do teu pai, Nicole — interrompeu-me. — Era inglês, não era?

Claro que o meu pai tinha sido inglês. E claro que tinha um apelido, só que eu nunca o tinha usado...

— Brown — disse com o coração apertado. — O meu pai chamava-se Jacob Brown.

O Alex assentiu, pensativo, e não percebi porquê.

— Nicole Brown — disse com um pequeno sorriso. — Parece o nome de uma nalista da Universidade de Oxford.

A sua piadinha pareceu minimizar a seriedade com que eu lhe tinha respondido.

— Não gosto de falar dos meus pais, Alex...

— Compreendo, apenas quero conhecer-te melhor.

Aquilo acalmou-me o coração. Eu sentia o mesmo, queria saber tudo acerca dele e conhecer até o mais ínfimo pormenor, por mais

insigni cante que fosse. Interessava-me descobrir se era o tipo de homem que dormia de pijama ou em calções, por exemplo. Queria saber absolutamente tudo sobre ele.

Precisamente enquanto pensava nisto, ele pareceu ler-me o pensamento e disse-me exatamente aquilo, que queria saber tudo sobre mim. Puxou-me para ele e voltou a beijar-me. Foi um beijo doce, diferente dos outros que tínhamos partilhado.

Acabámos de jantar e, juntos, levantámos os pratos e levámo-los para a cozinha. Não voltou a perguntar-me mais nada e fiquei grata por isso. No entanto, no fundo, eu queria fazer o mesmo e perguntar-lhe mil coisas: sobre a sua família, sobre a vida que tinha em Inglaterra, sobre qualquer pormenor sem importância que o incluísse.

Contive-me, porém, e tentei convencer-me de que, quanto menos soubesse, melhor seria para mim e para o meu coração.

— Foi um jantar magnífico, Nikki.

Aproximou-se de mim na cozinha e prendeu-me uma madeixa atrás da orelha. Os seus dedos caram ali e roçaram-me no lóbulo com uma carícia suave e lenta. Arrepiei-me.

— Já viste como a tua pele reage às minhas carícias? — perguntou-me, e ambos baixámos os olhos para ver a minha pele de galinha.

— Tenho vergonha — admiti.

— Deixa-me louco — declarou.

Então, acabaram-se as palavras. Começámos a beijar-nos e só precisámos das nossas mãos e das nossas bocas para comunicar. Só me apercebi de que precisava daquele tipo de contacto físico quando o tive. Não estava ciente de tudo o que andava a perder até me tornar sua. Também não sabia o quanto aquela noite mudaria as nossas vidas.

O meu coração tinha-o escolhido, por mais que eu não o quisesse admitir, por mais que quisesse ser como a minha amiga, por mais etiquetas que o adornassem... Para mim, o Alex Lenox era o meu homem, e a minha alma sabia-o, inclusive antes de eu juntar todas as peças do *puzzle* na minha cabeça.

Então, a pergunta que se colocava era... O Alex iria escolher-me?

CAPÍTULO 22

ALEX

Nunca tinha sentido algo tão forte por ninguém. Aquela sensação de querer agradar-lhe, acariciá-la, beijá-la e cuidar dela surpreendera-me pelo seu aparecimento repentino. Era possível que se tivesse forjado dentro de mim aos poucos e se tivesse tornado notória precisamente naquele momento. Comovia-me que, no meio de todos os outros, ela me tivesse escolhido. Enchia-me de uma sensação indescritivelmente incrível.

Fitei-a nos olhos e admirei cada pormenor seu: os seus olhos esverdeados bonitos, os seus lábios grossos, os seus dentes direitos, o seu nariz arrebitado. Era tão pequeno que me fazia sorrir.

Porque não tinha trinta homens aos seus pés? Porque não estava mais do que comprometida? Não o compreendia, mas eu era o sortudo.

Aquela noite era para mim, embora soubesse que os dias iam passando e se aproximava a data de validade. Presumo que, justamente por isso, o meu subconsciente me encorajou a desfrutar de cada segundo que partilhámos naquela noite. Era um presente que desapareceria quando menos o esperasse.

Chegámos à cama entre beijos que nem nos deixavam respirar.

Detive-me um segundo para tomar a sua cara entre as minhas mãos e olhá-la com desejo. Queria que visse o que despertava em mim.

Também lembrei a mim mesmo de que devia ser cuidadoso e controlar a minha parte que às vezes podia ser perigosa. Não porque fosse fazer algo de mal, mas não seria a primeira vez que a minha maneira de foder constrangia quem me escolhia como amante.

Na cama, era dominante, não com cenas de BDSM, que não faziam nada o meu género, mas gostava de assumir a liderança e que zéssemos o que eu propunha, apesar de me assegurar sempre de que dava prazer à minha parceira.

A Nikki devolveu-me o olhar carregado de luxúria misturada com inocência. Foi um *cocktail* explosivo e atraente em partes iguais.

— Quero fazê-lo devagar — pediu-me.

Não sei se viu alguma coisa nos meus olhos ou na minha maneira de a beijar e acariciar. Fazê-lo dessa forma era a última coisa que eu desejava, mas contive todos os meus instintos e anuí com um aceno de cabeça.

A pouco e pouco, fui-lhe baixando as calças até ela despir uma perna e, depois, a outra. Diante dos meus olhos, caram as suas virilhas cobertas por uma tanga rosa que me fez sorrir. As suas mãos agarraram-se aos meus ombros para não cair. Quando levantei a cabeça para procurar os seus olhos, vi que também ela me sorria.

— Desculpa não ter *lingerie* elegante, daquela de que certamente tanto gostas — a rmou, encolhendo os ombros.

— Onde foste buscar a ideia de que gosto de *lingerie* elegante? — perguntei-lhe sem sair daquela posição, ajoelhado à sua frente.

— Suposições que certamente estão corretas — disse. De facto, não se enganava.

— Adorava ver-te com roupa interior de seda, não o vou negar, mas sabes uma coisa? Neste momento, podias estar vestida com trapos que

nada me deixaria mais entusiasmado do que o simples facto de te ter seminua à minha frente.

Ela gostou da minha resposta. Instigou-me a levantar-me à sua frente para me envolver o pescoço com os braços e beijar-me com entusiasmo.

— Quero agradecer-te tal como sou — declarou, afastando-se um pouco dos meus lábios.

— Isso já tu zeste. Não mudaria nem um cabelo da tua cabeça, Nikki — disse, e era completamente verdade.

Eu gostava de tudo nela, desde a sua constante alegria e do seu sorriso permanente até à sua teimosia em ir descalça para a rua.

A sua mão subiu para a minha cabeça, acariciou-me o cabelo e despenteou-o, puxando-o para trás.

— Apetece-me imenso passar esta noite contigo, Alex Lenox —

disse-me com uma doçura in nita, mas, ao mesmo tempo, fez com que as suas palavras soassem sugestivas e excitantes.

— Estás a encorajar-me a continuar?

Sem desviar os olhos da minha cara, as suas mãos desceram até me puxarem a *T-shirt* pela cabeça.

— Se não o fazes, tenho de começar sozinha.

Aquela frase bastou. Levantei-a e deitei-a na cama. Pus-me ao seu lado, com a cabeça apoiada na mão e a outra livre para poder brincar e acariciá-la a meu bel-prazer.

Comecei por meter a mão debaixo do seu *top*. Como não tinha sutiã, os meus dedos não tardaram a acomodar-se sobre a sua mama.

Apertei-lha com delicadeza, observando a cada momento o efeito que o meu contacto tinha: na sua cara, nos seus olhos, na maneira como mordida o lábio... Levantei o tecido até lhe revelar o peito, sem parar

de o acariciar. Baixei a cabeça, levando a minha boca ao seu mamilo rosado. Ficou imediatamente duro e acariciei-o com a língua uma e outra vez. Por m, deixei-me levar um pouco e mordi-o com cuidado.

O suspiro entrecortado que ela soltou foi su ciente como resposta.

Deslizei a outra mão pelas suas pernas e comecei a acariciá-la por cima do tecido cor-de-rosa. A minha boca subiu pelo seu pescoço e pela sua orelha enquanto os meus dedos brincavam com a sua zona mais sensível. Não me detive até sentir que o tecido já estava a car humedecido.

Pronunciou o meu nome como uma súplica, num tom de voz muito baixo. Foi apenas um sussurro que cortou o silêncio do quarto, que já há uns minutos se enchia com o som dos beijos e das respirações aceleradas.

— Isso mesmo, querida... — disse-lhe. Meti a mão debaixo do tecido e deparei-me com o que todos os homens esperam depois de tocarem numa mulher. — Vês como o teu corpo responde? Isso signi ca que estás pronta. Estás preparada para mim.

Não me disse nada. Fechou simplesmente os olhos quando deixei que os meus dedos deslizassem quase sem esforço para dentro dela.

Estava mais apertada do que qualquer mulher com quem eu tinha tido o gosto de partilhar a cama.

Comecei devagar e vi que estava a gostar daquilo. As suas coxas começaram a mover-se e soube do que precisava. Aumentei o ritmo e baixei-lhe as cuecas com a outra mão para ter melhor acesso.

Tinha-a completamente nua debaixo de mim. O seu corpo era suave, tinha curvas onde devia tê-las e uma barriga plana, forte devido ao exercício físico. Também as suas pernas eram longas e torneadas.

Cresceu-me água na boca. Posicionei-me entre as suas pernas e abri caminho com os ombros.

— O que... o que vais fazer? — perguntou-me.

Ergueu um pouco o tronco. Com a palma da minha mão, empurrei-a novamente para a posição em que estava: deitada na cama.

— Uma coisa que quero fazer desde que te vi nua ali da varanda...

Vou-te provar.

Fez menção de fechar as pernas, mas, assim que baixei a boca e pus os lábios sobre ela, qualquer réstia de vergonha pareceu desaparecer.

Eu gostava de foder, como qualquer homem, e adorava a penetração, como todos. Mas os preliminares eram a minha parte preferida do sexo. Não havia nada que me excitasse mais do que sentir a humidade de uma mulher na minha boca. E a da Nikki fazia-me salivar.

Estive ali um bom bocado. Só parei quando, com a ajuda dos meus dedos e da minha boca, consegui alcançar o que procurava. A Nikki estremeceu debaixo de mim. Reprimiu um grito por vergonha, mas, mesmo assim, ofereceu-me um orgasmo incrível.

— Por todos os deuses... — disse, tapando os olhos com o braço.

— Não, Nicole, por todos os deuses, não.

Afastou o braço da cara e olhou xamente para mim. Eu tinha-me levantado e estava a despir as calças à sua frente. Depois, baixei os *boxers* e quei completamente nu diante dela. Os seus olhos desceram pelo meu corpo até chegarem ali, e já não se afastaram daquele sítio.

— Gostas do que vês? — perguntei-lhe.

— Acho que agora percebo porque és tão seguro de ti.

Dei uma gargalhada.

— Não me limites a uma coisa tão superficial, Nicole — respondi.

Retirei um preservativo da minha carteira e coloquei-o sem demora.

Precisava de estar dentro dela.

— É agora que vais fazer amor comigo? — questionou com as faces rosadas e o rosto em êxtase.

— Não, querida, o que te fiz antes foi fazer amor contigo — disse sem desviar os olhos dela, com um sorriso estampado no rosto. —

Agora, vou foder-te.

CAPÍTULO 23

NIKKI

As suas palavras conseguiram fazer com que o meu estômago se contraísse. Meu Deus, aquele homem parecia ter saído de um anúncio da *Calvin Klein*. Não conseguia afastar os olhos dele. Todo ele era uma coisa digna de admiração, desde os seus abdominais incrivelmente definidos, os seus braços musculados e o cabelo despenteado até ao membro que se erguia entre as suas pernas.

Estava tão excitada que os nervos que sentira tinham desaparecido quase por completo. Ele dera-me o melhor orgasmo da minha vida.

Sentia vergonha só de pensar na maneira como se tinha enterrado entre as minhas pernas e no que tinha feito com a boca, mas queria tê-lo todos os dias da minha vida. Era como se cada fio de cabelo da sua cabeça tivesse sido criado para me deixar louca de excitação.

Retirou qualquer coisa da carteira, comecei por não perceber o que estava a fazer até que o vi pô-lo por cima do seu membro. Claro, tínhamos de ser cuidadosos. A última coisa que queria era engravidar ou apanhar uma doença sexualmente transmissível.

Por um instante, todas as crenças que me tinham sido incutidas desde pequena apareceram para me torturar, mas depressa as afugentei. Nada que fosse tão incrivelmente prazeroso podia ser uma coisa má, certo?

Fitei-o até se posicionar por cima de mim. Os meus olhos

procuraram-no e agradei por me devolver o olhar. Precisava de voltar a sentir-me ligada a ele. Nunca tinha julgado possível sentir aquele nível de ligação com alguém, e menos ainda com um homem.

Depois de me dizer que já tinha feito amor comigo e que tinha chegado o momento de foder, nenhum de nós disse mais nada. Deixei que me guiasse com as suas mãos enormes, que me tocavam como se eu fosse feita de porcelana. Por vezes, parecia querer ver se era capaz de me dilacerar, mas, no último instante, continha-se.

Abriu caminho entre as minhas pernas e senti a sua ereção roçar na minha entrada com cuidado. Excitou-me ver que se controlava por minha causa. Via nos seus olhos que lhe custava ir devagar, mas também que me desejava com muita intensidade.

Quando me penetrou, senti uma dor aguda que me cortou a respiração. Os seus dedos levantaram-me o queixo até a sua boca encontrar a minha. Não se mexeu até eu voltar a descontraí-lo debaixo do seu corpo. Fechei os olhos, tentando habituar-me.

— Olha para mim — exigiu num tom grave, contido, excitado.

Obedeci. Tê-lo-ia feito em qualquer altura, em qualquer momento, em qualquer circunstância, só pela forma como mo pediu.

— Nem imaginas as coisas que te quero fazer — disse, mexendo-se outra vez. — A vontade que tenho de te fazer gritar e de te ouvir gemer por causa da minha boca...

Enquanto foi falando, o meu corpo foi-se descontraindo e começou a acompanhar os seus movimentos. Deixei de sentir apenas dor, e, pouco e pouco, também comecei a sentir prazer. Era uma sensação estranha.

Em parte, desejava que ele parasse, mas, por outro lado, só queria que continuasse e nunca mais parasse.

Pegou nas minhas pernas e levantou-as para me obrigar a envolver-

lhe as ancas. Nessa posição, ele cava um pouco mais levantado. Os seus peitorais estavam ao alcance das minhas mãos, e o seu corpo, à vista dos meus olhos.

— Vem cá — disse-me.

Com um movimento rápido, fez com que, de repente, eu casse sentada

em cima das suas pernas, encarando-nos, perpendiculares à cama. Senti-o a avançar mais dentro de mim e voltei a fechar os olhos.

Enquanto me habituava, começava a desfrutar daquela invasão.

— Beija-me, Nicole — pediu.

Fechei os olhos e fundimo-nos num beijo ardente carregado de desejo. Deixou-nos sem fôlego. A sua boca inclinou-se para me beijar a mama e usou a outra mão para tornar a introduzir o meu mamilo na sua boca. Não consegui evitar gemer.

— Gostas? Claro que gostas — perguntou e respondeu a si mesmo ao ver como a minha pele reagia ao seu toque. — Adoras, mas isto não é nada comparado com o que podemos fazer juntos.

Não aguentava mais... Eram demasiados estímulos, estávamos ambos a suar e com a respiração acelerada. Notava a tensão nos músculos das costas do Alex. Estava a conter-se, a controlar a vontade de acabar. Inclinei-me sobre a sua nuca e aproximei a boca do seu ouvido.

— Vem-te para mim, Alex — disse-lhe. Esqueci-me da minha vergonha e de tudo o que não fosse ele.

A sua mão subiu para a minha nuca e enroscou-se no meu cabelo.

Quando me puxou a cabeça para trás e os seus olhos encontraram os meus, senti que todo o seu corpo se deixava levar.

Se antes achara que não havia nada mais sensual do que ver o Alexander Lenox nu, agora, podia afirmar com toda a certeza que não havia nada mais sensual do que ele a chegar ao clímax.

Caímos para trás e cámos assim até as nossas respirações recuperarem o seu ritmo normal. O Alex afastou-se com cuidado, pediu-me para não sair da cama e desapareceu por entre as portas da casa de banho. Aproveitei esse instante para me tapar com a manta da sua cama. Quando regressou, continuava completamente nu e franziu o sobrolho ao olhar para mim.

— Por que raio estás tapada com isso? — indagou.

Ele tentou puxar o cobertor, mas agarrei-o com força para o impedir de o fazer.

— Tenho frio — menti.

De repente, senti-me envergonhada. O Alex aproximou-se de mim e colocou-se ao meu lado na cama. Não sabia o que vinha depois daquilo, mas quei mais tranquila ao ver que a sua intenção não era dizer-me para me ir embora nem para voltar a vestir-me. Até então, nunca tinha tido relações sexuais com ninguém, mas, segundo a Maggie, o momento seguinte era o pior. Uma pessoa não sabia muito bem o que devia fazer nem o que o outro queria. Para a Margot, o divertimento acabava no instante em que ela atingia o orgasmo.

Depois disso, só queria vestir-se e pronto, já estava.

Eu não queria isso. Não sentia essa necessidade de desaparecer. Eu queria aconchegar-me com o Alex e que ele me abraçasse, mas tive medo de que ele não o quisesse fazer.

— Vem cá — pediu-me, apoiando o braço estendido em cima da almofada.

Deitei-me de lado com o ouvido em cima do seu peito e ele abraçou-me. Em seguida, tapámo-nos com o cobertor.

— Foi incrível, Alex — a rmei.

Tinha os olhos fechados, sentia-me relaxada e em êxtase. De certo modo, apercebia-me de uma ligação ainda mais forte do que a que já tinha sentido antes do sexo.

— Tu é que és incrível — disse, acariciando-me o cabelo com os seus dedos longos.

Disse a mim mesma que só ia fechar os olhos por um segundo para recuperar as forças. Não era minha intenção dormir ali. Não sabia se ele queria que eu passasse a noite com ele nem sabia se eu mesma queria fazê-lo. Dormir com alguém era uma coisa íntima, talvez até mais íntima do que ter relações sexuais, mas eram muitas coisas: os seus dedos no meu cabelo, o cansaço do meu corpo, todas as emoções que tinha sentido em tão pouco tempo... Fechei os olhos e adormeci a ouvir os seus batimentos cardíacos. Como poderia adivinhar que aquela melodia se iria transformar na minha canção de embalar preferida?

*

Na manhã seguinte, quando abri os olhos, não sabia muito bem onde estava. Por um segundo, esperei que fosse o meu quarto ou o que tinha partilhado com os meus amigos umas noites antes, mas, assim

que me apercebi do sítio onde estava, quei com o coração tão acelerado que atingia velocidades impossíveis para um órgão vital.

Num gesto inconsciente, levei a mão ao peito. Quando virei a cabeça, vi-o. Ali estava ele, a dormir de barriga para cima. Tinha um braço pousado na almofada, por cima da cabeça, e o outro à volta da minha cintura, a apertar-me contra ele.

Instintivamente, a primeira coisa que z foi inspirar o seu aroma

másculo. Meu Deus, cheirava tão bem. Tinha ido para a cama e dormido com o Alex Lenox... A minha primeira vez, e tinha sido com ele!

Olhei para o meu relógio de pulso com cuidado para não o acordar e apercebi-me de que a minha aula de ioga começava dentro de vinte minutos. Tinha de me ir embora. Não podia chegar atrasada depois de ter pedido férias de um dia para o outro.

Cuidadosamente, libertei-me da mão do Alex e saí da cama. Entrei na casa de banho, lavei a cara e enxaguei a boca com água fria. De seguida, re lando em voz baixa, percebi que não tinha a roupa de desporto de que precisava.

Em desespero, analisei a casa de banho, mas não havia nada que me servisse.

Dirigi-me ao quarto e z a mesma coisa. Num canto, havia uma cadeira com roupa. Aproximei-me dela e remexi no que lá estava. Vi uns calções desportivos num tom azul-marinho. Ficar-me-iam enormes, sobretudo largos e compridos, mas não tinha alternativa.

Apressei-me a vesti-los e passei pela cabeça o *top* com que andara vestida na noite anterior. Aquele, sim, podia passar por uma peça de roupa desportiva, embora, na verdade, não o fosse, mas disse-o só para me convencer.

Aquilo devia ser su ciente. Peguei no resto das minhas coisas, e, com passos furtivos, saí do quarto e da *suite*. Por sorte, naquela manhã, ia dar as aulas no ginásio de um hotel que cava a dez minutos a pé do sítio onde me encontrava. Fui até lá sem precisar da mota, que tinha cado em minha casa, a mais de meia hora a pé dali.

Tinha sido idiota por não ter previsto o que podia acontecer. Era bastante previsível que a noite passada iria acabar assim, connosco

nus e em cima um do outro.

Merda, concentra-te, Nicole, repreendi-me.

Cheguei à minha aula um minuto atrasada, mas as raparigas conversavam amistosamente e aproveitavam para fazer alongamentos em cima dos tapetes espalhados pelo chão.

— Bom dia, peço-vos imensa desculpa pelo atraso — disse, avançando para o meu lugar.

Descalcei-me e fui buscar um tapete que estava num canto.

Normalmente, gostava de levar o meu, mas, naquela manhã, teria de servir.

— Vamos começar com uns minutos de meditação. Sentem-se em cima dos tapetes, respirem fundo e descontraiam. Sintam que o vosso corpo e a vossa mente se unem para formar um todo.

As raparigas obedeceram. Com o comando, pus a tocar a música de relaxamento e z o mesmo que as minhas alunas. Mais do que ninguém, eu precisava de uma sessão de meditação, sobretudo porque o meu corpo continuava igualmente acelerado como no dia anterior. A minha mente também não parava quieta, recordava-se do que tinha acontecido na noite anterior.

Dediquei mais minutos do que o habitual àquela parte da aula e depois continuei, mais calma, e z algumas saudações ao Sol. Com todas as participantes na posição do cão de cabeça para baixo, esforcei-me para continuar a aula e demonstrar os movimentos dos exercícios com aqueles calções. Iam-me caindo e quase me deixavam o rabo à mostra cada vez que fazia uma posição de cabeça para baixo.

Tinha sido uma péssima ideia roubá-los ao Alex, mas agora era demasiado tarde para me arrepender.

Estávamos a mais de metade da aula quando quase desisti de fazer a

demonstração das posições. Ia car de pé para corrigir as minhas alunas uma a uma quando o vi. Ali estava ele, parado junto à porta, a olhar para mim. Um sorriso incrivelmente sensual desenhava-se no seu rosto. Eu, pelo contrário, devia estar com um ar ridículo, e ele estava muito bem vestido. Até tinha tido tempo para tomar um duche.

— Agora, quero que se coloquem na posição da criança e respirem

fundo várias vezes, deixem os músculos descansar... — Tentei continuar a aula, mas sentia as faces a corar e o coração a bater descompassadamente.

Praguejei para mim, demorara mais de vinte minutos a acalmar-me e agora teria de recomeçar. Não conseguia descontraír com aquele homem a observar-me daquela maneira...

Aproximei-me dele sem fazer barulho. Queria perguntar-lhe o que raio estava a fazer, mas nem me deu tempo. Agarrou-me pela nuca e beijou-me, um daqueles beijos que nos deixam sem pensamentos nem nada no cérebro. Quando se afastou, demorei mais alguns segundos a voltar à realidade.

— Bonito conjunto — comentou, admirando os meus calções...

Aliás, os seus calções. Imitai-o.

— Trouxe-os emprestados sem autorização. Desculpa, não era minha intenção... — Voltou a calar-me com um beijo rápido.

— Deixa lá, cam-te melhores a ti — disse em voz baixa para não incomodar as alunas. — Como vieste? A pé?

Abanei a cabeça silenciosamente, com rmando-o.

— Porque não me acordaste? Tinha-te trazido.

— Não te quis incomodar, parecias estar muito confortável.

O seu sorriso tornou-se doce.

— Da próxima vez, acorda-me...

Anuí, devolvendo-lhe o sorriso.

— Posso car aqui à espera de que acabes a aula? Gostava de te convidar para tomarmos um café.

Olhei para o relógio. A aula acabava dali a quinze minutos e depois tinha um intervalo de uma hora e meia. Sim, podíamos ir beber um café. Nervosa, vi-o a examinar uma vez mais a minha roupa, a aula e, de seguida, afastou-se para esperar por mim lá fora. Soltei todo o ar que estava a reter.

— Professora, podemos mudar de posição? — perguntou-me então uma rapariga não muito mais nova do que eu.

— Claro, claro... Agora, vamos passar para a posição do gato...

Dei a aula até ao m. Quando acabei, preparei-me para ir tomar um café com o homem mais sensual que alguma vez tinha conhecido.

CAPÍTULO 24

ALEX

Enquanto esperava que a aula de ioga da Nikki terminasse, aproveitei para ligar ao Carter. Não me importava de o acordar. O que se tinha passado na tarde anterior com o tio da Nicole tinha feito com que eu tivesse ainda mais vontade de averiguar o que raio acontecera naquele acidente de avião. Embora tivesse conseguido ngir perante a Nikki, a última coisa que o seu tio me dissera deixara-me de pé atrás.

Aliás, estava a considerar a possibilidade de me terem pirateado o computador ou a minha ligação à Internet. Não havia outra explicação para que um desconhecido soubesse o que eu tinha andado a tentar descobrir, certo? Tudo aquilo apenas conrmava as minhas suspeitas de que por detrás daquela situação havia algo que não fazia sentido.

— Sim? — atendeu o Carter, meio a dormir.

— É o Lenox.

— São três da manhã!

— Preciso que acrescentes este nome à tua busca: Jacob Brown. Vê se houve algum acidente aéreo entre 2002 e 2004.

— Amanhã... — começou por dizer.

— Preciso disso já. — Fiquei muito sério. — Tenho de te recordar de que me debes o teu posto de trabalho?

Fez-se silêncio.

— Está bem — disse e ouvi-o rebolar na cama. — Ligo-te quando tiver alguma coisa, mas não prometo nada...

Desliguei a chamada no mesmo instante em que a Nikki saiu da sala onde dera a aula. Não consegui evitar que um sorriso se assomasse aos meus lábios quando voltei a vê-la vestida com a minha roupa.

— Já acabaste?

— Vais continuar a rir-te de mim?

— Só mais uns minutinhos... — brinquei com ela.

Aproximei-me dela e beijei-a. Não conseguia evitar fazê-lo, era como um vício muito doce. Quando me afastei dela, reparei que a tinha convidado para beber um café, mas não sabia muito bem onde podia levá-la.

— Conheces um sítio bom para tomarmos o pequeno-almoço? —

perguntei-lhe enquanto nos aproximávamos da minha mota e lhe estendia o seu capacete. Olhei-a satisfeito quando o pôs sem reclamar nem revirar os olhos.

— Indico-te o caminho — declarou.

Apesar de já não a ver, sabia que estava a sorrir só pela maneira como a sua voz soava por baixo do capacete. Parecíamos crianças no dia de Natal. Não me sentia assim tão feliz desde... Nem sabia, já tinha perdido a conta ao tempo.

Subimos para a mota e fomos para um sítio que não tinha muito bom aspeto. Na verdade, até parecia uma espelunca.

— Aqui? — perguntei com o sobrolho franzido.

— Con a em mim — disse.

Por fora, de onde estávamos, parecia a casa de alguém, até havia galinhas a andar às voltas. Quase lhe disse para irmos a outro sítio.

Pensando bem, não con ei nela, mas permaneci calado e segui-a.

Atravessámos um corredor decrépito, cheio de caixas, animais e móveis, e acabámos por ir ter a uma praia com mesas em frente ao mar. As vistas eram incríveis. Parecia uma espécie de restaurante escondido.

— Tens a certeza de que aqui se toma um bom pequeno-almoço?

Eu tinha imaginado algo diferente, um pouco mais elegante, com toalhas nas mesas e pratos limpos. Esse tipo de coisas típicas de um restaurante. A Nikki tou-me e revirou os olhos.

— Às vezes, esqueço-me de que consegues ser muito no — a rmou.

Não o podia negar. Não gostava da palavra «no», mas, se a usava para se referir a uma pessoa que tinha sido criada numa casa grande com todo o tipo de comodidades e luxos, que tinha recebido uma educação nos melhores colégios de Inglaterra e gostava de coisas elegantes, nesse caso, sim, podia-se dizer que eu era um bocado no.

Pedimos o pequeno-almoço e, quando o trouxeram, tive de admitir que tudo tinha um aspeto fabuloso.

— Às vezes, as aparências iludem — disse-me, levando a chávena de café aos lábios, que eu desejava voltar a beijar.

— Hoje tens muito trabalho? — perguntei, ansiando que dissesse que não.

— Humm, deixa-me pensar... — replicou, voltando a pousar a chávena na mesa. — Tenho mais duas aulas de ioga, logo, tenho de fazer a minha ronda e ir visitar os animais que precisam de uma consulta ou de medicação. Antes do *sunset*, tenho de ir substituir uma massagista no *spa*, que adoeceu, fui chamada para a substituir. Se tiver sorte, não vai aparecer ninguém, caso contrário, terei de dar uma massagem a um desconhecido.

Ouvi-a, incrédulo, apesar de já me ter dito que tinha, pelo menos, quatro ou cinco trabalhos.

— Quando é que descansas, Nicole?

— Pois... Vou fazê-lo quando morrer — disse, sorrindo.

— Não tem graça.

— Talvez não, mas a vida é mesmo assim — acrescentou, encolhendo os ombros.

Não respondi, porque não podia mudar a sua situação. Estendi a mão para pegar na sua.

— Como é que estás depois de...? Tu sabes — acabei por lhe perguntar.

Queria saber como se sentia e o que pensava, se estava arrependida de alguma coisa... Esperava que não, mas sabia que, quando duas culturas tão diferentes chocavam, tudo podia acontecer, coisas que não podemos controlar. Por exemplo, um familiar que me queria

expulsar a pontapé da ilha por não me ter afastado da sua sobrinha.

— Estou bem... muito bem — disse, sorrindo.

— Muito bem a ponto de repetires esta noite? — perguntei-lhe.

Meu Deus, queria voltar a levá-la para a cama. Havia tantas coisas que tínhamos de fazer antes de me ir embora... e os dias passavam depressa.

— Não sei a que horas vou acabar.

— Tudo bem, avisa-me e vou-te buscar.

A Nikki pareceu contente com a minha resposta, apesar de estar chateado por ter de a partilhar com o seu trabalho. Ela não tinha culpa, obviamente, mas queria aproveitar mais o tempo que nos restava juntos...

Tomámos o pequeno-almoço depressa, porque ela tinha de regressar às aulas. Quando tornei a deixá-la no hotel, antes de se ir embora,

agarrei-a pela cintura e fundimo-nos num beijo profundo.

— Vejo-te logo à noite — disse-lhe, pondo o capacete.

— Vejo-te logo à noite — repetiu e entrou.

Depois de tomarmos o pequeno-almoço e antes de a levar à aula, tínhamos passado por casa dela para mudar de roupa. Agora, estava com umas *leggings* cor-de-rosa, que lhe cavam a matar, e um *top* desportivo a condizer. Não consegui deixar de olhar para o rabo dela até desaparecer pela porta.

Passei o resto do dia sozinho. Não era algo que me chateasse, muito pelo contrário. Desde que tínhamos chegado, eu tinha passado muito tempo com o Nate e, tirando os bocadinhos com a Nikki, sentia a necessidade de estar com os meus próprios pensamentos. Tinha demasiadas coisas para assimilar e aceitar. Apesar de estar a desfrutar da minha estada na ilha, mais do que alguma vez imaginara, não podia ignorar o que me aguardava em casa quando regressasse.

Os últimos anos tinham sido muito difíceis. Tinha acabado por aceitar as minhas obrigações como lho de quem era, mas, precisamente quando acreditava voltar a ter tudo sob controlo, chegara aquela chamada.

Por um instante, perguntei-me se devia contar à Nikki sobre tudo aquilo, mas descartei logo a ideia. A minha história com ela acabaria em breve. Nem sequer percebi muito bem de onde tinha vindo aquela ideia de ser sincero com alguém com quem estava apenas a divertir-me.

Não vos vou mentir, quei assustado só de pensar nisso. Signi cava que ela começava a entrar num sítio que, normalmente, estava interdito. E só tínhamos dormido juntos uma vez! O que é que a distinguia tanto de todas as outras mulheres que eu tinha conhecido?

A imagem do seu sorriso surgiu na minha mente. Senti que nem sequer me reconhecia. Continuei a percorrer a ilha de mota e pensei nela, que podia ter gostado de ir comigo àquele sítio. Às vezes, a vida consegue ser muito tramada...

Quando regresssei à cidade, já passava das cinco horas. Sentia-me mais triste e só do que nunca. Tomei um duche para tirar o sal do mar.

Enquanto me vestia, ocorreu-me uma ideia muito atraente, uma coisa que me elevou o ânimo de uma forma considerável. Fui à receção e agradeci por me encontrar ali com a Maggie. Naquele momento, falava com alguém ao telefone.

— Vemo-nos amanhã, então — dizia. Encontrou-me à frente da receção. Esperei que acabasse de falar. — Também te amo — a rmou e, depois, desligou. Olhou-me com um sorriso forçado. — Precisas de alguma coisa, Alex?

Aproximei-me dela.

— Por acaso, sabes onde ca o *spa* onde a Nikki está a trabalhar hoje?

O sorriso da Maggie cou ainda mais acentuado e tentei não revirar os olhos.

— Poderia mostrar-to, se... — disse, pegando numa caneta.

Pensativa, começou a movê-la entre os dedos. — Mas, primeiro, gostaria de te dizer uma coisa.

Aguardei em silêncio à sua frente. O seu sorriso desapareceu.

— Acredita que, se magoares a minha melhor amiga, vou atrás de ti e espeto-te esta caneta num sítio que sem dúvida dói bastante. —

Quando terminou a ameaça, voltou a sorrir.

Pestanejei várias vezes e depois desatei às gargalhadas.

— Vou ter isso em conta, obrigado — repliquei enquanto os seus olhos azuis continuavam cravados nos meus.

— Estás a rir-te? — indagou.

— É para não chorar, só isso — respondi, tentando reprimir um sorriso. — É bonito ver que todos nesta ilha se preocupam com a Nikki.

— Porque ela é maravilhosa e merece ter alguém que esteja à sua altura.

— E tu achas que eu não estou à altura dela? — perguntei, divertido com a situação.

— Basta-me que não a magoes, só isso. Ambos sabemos que não vais ser o seu último namorado, mas, ao menos, zeste com que comesse a desfrutar dos pequenos prazeres que a vida tem.

O sorriso gelou-me na cara, mas acabou por desaparecer. A Maggie parecia observar cada um dos meus movimentos. A sua frase cou-me marcada no cérebro durante alguns instantes. Claro que eu não seria o seu último namorado.

De repente, senti que estava a prepará-la para o homem que ela acabaria por escolher. Apercebi-me de que tudo o que zéssemos seria uma espécie de aprendizagem que poderia, mais tarde, pôr em prática com quem realmente a merecesse.

Pela primeira vez, desde que tínhamos começado a nossa relação, visualizei a Nikki com outro. Fui invadido por um sentimento que nunca tinha sentido. Eram ciúmes, ainda por cima de alguém que, por enquanto, nem existia, pelo menos, na vida da Nikki.

— Tens aqui as instruções para lá chegares — disse-me, então, a Maggie, interrompendo os meus pensamentos. Entregou-me um papel com as indicações. — Chama-se Spring.

Peguei no papel e afastei-me da receção com uma sensação de

irritação e mal-estar. Aqueles sentimentos apagaram qualquer vestígio do pouco bom-humor que me restava.

NIKKI

Fazer massagens é algo com que qualquer balinês está familiarizado, sobretudo porque, pela nossa cultura, sempre foi algo que zemos. É

uma prática útil quando se trabalha nas plantações, na apanha de algas, a carregar a mercadoria ou em qualquer tarefa doméstica. São trabalhos duros, que deixam os músculos doridos, portanto, é comum nas famílias as pessoas darem massagens umas às outras. É assim que nos ajudamos a superar os árduos dias de trabalho.

A minha avó Kuta, por exemplo, faz umas massagens incríveis. Às vezes, quando vou visitá-la, to-a com olhos de carneiro mal morto a ver se cola, e ela brinda-me com um bocadinho das suas mãos mágicas. Foi com ela que aprendi tudo o que sei, mas, para ser sincera, não era o meu trabalho preferido.

Não me importava se me rejeitassem, mas odiava aquele emprego, sobretudo a parte de encher as mãos de óleos e passar uma hora a tocar em corpos estranhos. Muito simplesmente não gostava daquilo, mas até tinha bastante jeito. Quer dizer, era o que sempre tinham dito as pessoas que tinham tido a sorte de as receber.

Não trabalhava muitas vezes no *spa*, mas pagavam muito bem, porque era o melhor da ilha. Encontrava-se numa das zonas mais caras, rodeado dos restaurantes e bares mais elegantes. Além disso, também tinha uma vista para o mar de cortar a respiração. Só me

chamavam de vez em quando para fazer uma substituição. Também não ia morrer por fazer uma massagem ocasionalmente e o dinheiro que recebia dava-me mesmo jeito.

Tínhamos de usar um uniforme branco. Era uma espécie de quimono e andávamos todas com o mesmo penteado, com um coque de bailarina. Tinha demorado um bocadinho a fazê-lo, porque precisávamos de sair de casa arranjadas. Antes de chegar, também parei no supermercado para comprar alguma comida para encher o frigorífico, porque, desde que regressara da nossa pequenina escapadela ainda não o tinha feito.

Quando cheguei, cumprimentei as raparigas e perguntei se tinha alguma reserva. Com sorte, ninguém apareceria durante as minhas horas e cobraria apenas por estar ali de braços cruzados.

— Por enquanto, não — informou-me uma das minhas colegas.

Sorri por dentro enquanto me dirigia para a parte de trás e vestia o uniforme, mas, assim que saí dali, o meu bom humor desapareceu quando reparei em quem acabava de entrar.

— Boa tarde, senhor, em que podemos ajudar? — perguntou uma das raparigas ao maldito do Jeremy, o meu ex. Sorria-me de onde estava, em frente ao balcão de atendimento.

— Gostaria de receber uma massagem de uma hora, se possível, com a Nicole. Já experimentei as suas massagens e são incríveis.

Fiquei ali plantada sem acreditar no que ouvia. O que raio vinha a ser aquilo? Ele sabia perfeitamente que eu odiava dar massagens.

Aliás, só tinha aceitado fazer-lhe uma certa vez, porque tinha sido muito chato.

— Perfeito, senhor — respondeu por mim a minha colega. — Dentro de cinco minutos, teremos a sala livre. Aqui tem os tipos de massagens que disponibilizamos. Sente-se, quer beber um chá?

O Jeremy assentiu com um sorriso prepotente estampado na cara.

Nem esperei para perceber o que raio ele procurava com aquilo.

Aproximei-me do sítio onde tinha acabado de se sentar.

— O que queres, Jeremy? — perguntei em voz baixa para as minhas colegas não nos conseguirem ouvir.

— Não é óbvio? Quero receber uma massagem — respondeu a sorrir-me da cadeira onde estava sentado.

— Então, pede que seja outra a fazê-la — declarei, cruzando os braços. — Achas que me apetece fazer-te isso depois da cena do outro dia?

O Jeremy levantou-se e tive de dar um passo atrás. Olhei para as minhas colegas e agradei por nenhuma estar a prestar atenção à nossa conversa.

— No outro dia, disse algumas coisas que não devia... — disse, tentando comover-me, mas falhando.

— Na verdade, foste sincero, pela primeira vez, desde que nos conhecemos — argumentei. O meu corpo mantinha a atitude

defensiva.

— Vi-te por aí com aquele inglês — declarou no mesmo tom de voz enciumado que usava quando saíamos juntos. — O que vai pensar toda a gente, Nikki? As pessoas falam...

Senti o rosto a aquecer, mas tentei disfarçar-lo.

— Estou-me nas tintas para o que as pessoas possam dizer sobre mim, elas que se metam na vida delas.

— Comigo, mal me deixavas beijar-te, e agora chega este tipo e abres as pernas logo na primeira oportunidade?!

Olhei para os dois lados sem conseguir acreditar no que acabava de me dizer. Tive medo de que nos tivessem ouvido.

— Vai-te embora, Jeremy, ou escolhe outra pessoa para te dar a massagem. Não o vou fazer — avisei.

— Não quero outra pessoa, quero-te a ti — respondeu.

Estava prestes a falar, mas, de repente, senti-o. Não me perguntem como nem porquê, mas senti imediatamente a sua presença.

— Porque é que a Nikki está sempre a pedir-te para a deixares em paz? — disse a voz do Alex atrás de mim.

Todo o meu corpo reagiu ao som da sua voz. Voltei-me para ele.

Estava tão giro... Parecia ter acabado de tomar um banho, porque me chegou um distinto aroma a citrinos e a menta. Estava muito mais sério do que alguma vez o vira. Não me devolveu o olhar quando me virei para ele, mas os seus olhos continuaram a tar os do Jeremy.

— Se quiseres, mostro-te onde ca a porta de saída — prosseguiu no mesmo tom gélido.

Vi como o Jeremy cava tenso e receei que nada de bom saísse daquele encontro.

— Aconteceu alguma coisa? — interrompeu, então, a supervisora do *spa*.

— Não... — comecei a dizer, mas o Jeremy adiantou-se.

— Parece-me que não é lá muito profissional as suas massagistas trazerem os seus assuntos pessoais para o trabalho, minha senhora —

declarou o grandessíssimo lho da...

A supervisora, uma americana que se chamava Judith e que tinha um temperamento muito mau, olhou para mim como se me quisesse fulminar.

— Lamento mesmo que pense isso, senhor. As nossas massagistas caracterizam-se pelo seu grande profissionalismo. Qual foi, ao certo, o problema que surgiu?

— Porque não lhe explicas? — retorquiu o Jeremy, virando-se para o Alex.

— Tu é que vais ter um problema quando eu te partir a cara por seres imbecil — respondeu o Alex, perdendo completamente a cabeça.

— Senhor! — repreendeu-o a Judith, abrindo muito os olhos.

— Alex, tem calma — pedi, agarrando-lhe o braço e falando em voz baixa.

Nem sequer se mexeu.

— Quanto custa uma massagem? Cem dólares? Eu pago todas as horas que a Nicole tiver hoje.

A Judith arregalou os olhos sem acreditar no que ouvia, ao mesmo tempo que o Jeremy soltava uma gargalhada.

— Um namorado com ciúmes e violento, mas cheio de dinheiro... — disse. — Agora já percebo o que viste nele.

Em meio segundo, o Alex tinha-o agarrado pela blusa. Era mais alto do que ele e muito mais forte. Até o levantou um pouco do chão.

— Desaparece daqui — ordenou-lhe, muito próximo da sua cara.

A Judith começou aos gritos para que se acalmassem, várias massagistas acorreram, sem saber muito bem o que fazer, e eu quei ali parada, sem me mexer. Estava paralisada. Estava a alucinar com o que acontecia diante dos meus olhos e nem conseguia acreditar nas coisas que o Jeremy tinha acabado de dizer. Em que momento tinha ele começado a odiar-me daquela maneira?

— O quê? — perguntou o Jeremy com um sorriso que lhe preenchia a cara toda.

Não foi o Alex o primeiro a levantar o punho, mas o idiota do meu ex. Achou-se capaz de bater no outro, assim sem mais nem menos.

Obviamente, o Alex esquivou-se do golpe, largou-o e empurrou-o.

— Desaparece — ordenou, completamente fora de si.

Meu Deus, quei grata por não lhe ter partido a cara. Estava a tentar

controlar-se, percebia-o pela tensão no seu corpo. No entanto, o grandessíssimo imbecil do Jeremy não estava a facilitar-lhe nada a vida. Tinha de fazer alguma coisa. Tinha de intervir se não queria que aquilo corresse ainda pior. Pus-me à frente do Alex.

— Por favor, Alex, tens de te ir embora — pedi-lhe. Foi nessa altura que consegui captar a sua atenção.

— Ir-me embora? — respondeu, perplexo.

— Por favor, eu posso resolver isto sozinha.

— Vou pedir-lhe que se vá embora, senhor. — A Judith repetiu o meu pedido.

O Alex não afastou o olhar de mim. Pela primeira vez, julguei ver um pouco através do muro que tinha sempre levantado na minha presença. Tinha cado magoado por lhe pedir para se ir embora.

Estava irritado, mas, naquele momento, não podia fazer outra coisa.

Não queria que aqueles dois andassem à pancada.

O Alex não disse mais nada. Sei que lhe custou deixar-me ali com o Jeremy, mas acabou por fazer o que lhe pedi. Deu meia-volta e foi-se embora. Quando saiu daquele sítio, tive de enfrentar a minha chefe.

Chamou-me ao seu gabinete enquanto o maldito do Jeremy era tratado como um rei.

— Não me interessa aquilo que tens para me dizer — declarou a Judith —, não me interessa nada, mas que tenha sido a última vez que trazes os teus namorados a este estabelecimento para fazer uma cena de ciúmes!

Não respondi. Fiquei calada, como me tinham ensinado a fazer

quando se tratava de trabalho. Não podia perder aquele emprego, muito menos que se espalhasse o rumor de que era uma trabalhadora problemática. Aguentei o raspanete com os olhos xos no chão e a desejar ir-me embora dali com o Alex.

— Vais fazer a massagem àquele homem. Quando acabares, farás o resto do teu horário sem abrires mais a boca. É uma vergonha o que aconteceu aqui hoje, e, para o bem de todos, espero que isto não volte a acontecer.

— Sim, senhora — acatei as suas ordens e fui para a sala onde o Jeremy me esperava.

Respirei fundo, para me tranquilizar, e abri a porta. Ali estava ele, sentado na marquesa, sem blusa e a sorrir para mim, divertido.

— Deita-te de barriga para baixo — quase lhe rosnei.

Acalma-te, Nikki, tive de dizer a mim mesma.

— Claro, querida — replicou, prestando-me atenção.

— Não me chames isso.

— Antigamente gostavas — retorquiu.

Aproximei-me do sítio onde guardávamos os óleos. Ignorei-o enquanto pegava no que, para mim, cheirava pior e untava as mãos.

Embora o odiasse com todas as minhas forças, comecei a massajar-lhe as costas.

— É ótimo voltar a sentir as tuas mãos na minha pele, Nikki... —

disse, soltando um suspiro de prazer ngido.

De repente, só me apeteceu vomitar. Tive de continuar a fazer o meu trabalho conforme o grandessíssimo cabrão fazia comentários inapropriados. Esforcei-me para o ignorar, não disse uma única palavra, mas ele continuou incessantemente. Foi a hora mais longa da minha vida.

Quando o informei que já tinha terminado, ergueu-se e sentou-se na marquesa, observando-me enquanto eu lavava as mãos.

— Como me enganaste, vendendo-te como uma rapariga pudica que andava à procura do amor antes do sexo — comentou, então, com um sorriso trocista.

Não aguentei mais.

— Alguma vez pensaste que se calhar te disse isso porque a ideia de me tocares me deixava maldisposta? Se calhar ver que há homens como o Alex, que me deixa excitada só com o seu olhar, fez-me perceber que vale a pena esquecer-me do amor para me concentrar na parte carnal.

Foi a pior coisa que podia ter dito. Era tão ciumento que, ao imaginar-me com o Alex na cama, o seu cérebro teve um curto-circuito. Aliás, da pior maneira possível. Não o vi a aproximar-se, porque se moveu depressa. Agarrou-me pelo pescoço e empurrou-me contra a parede. Fiquei imediatamente com o coração acelerado. As minhas mãos rodearam as suas, tentando que me soltasse.

— Aquele cabrão tem os dias contados nesta ilha.

— Larga-me!

Hesitou um segundo. Por um instante, parecia que não sabia como tinha chegado a prender-me daquela maneira. Soltou-me e eu afastei-me o máximo possível dele, tando-o sem acreditar no que tinha acabado de acontecer.

— Quando o meu tio souber disto...

O Jeremy sorriu, apesar de eu ver uma certa dúvida nos seus olhos antes de falar.

— O mesmo tio que me pediu para te vigiar, porque não con a nem um bocadinho nesse inglês? É esse mesmo tio?

— Desaparece daqui, Jeremy — avisei de dentes cerrados.

Foi-se embora e, nalmente, pude libertar o ar que tinha sustido.

Meu Deus, precisava de me ir embora.

As duas horas seguintes pareceram-me uma eternidade, mas, por sorte, não apareceu mais ninguém. Quando chegou a hora do fecho, peguei nas minhas coisas e saí dali à pressa.

O Alex estava à minha espera. Tinha cado ali? Comecei a sentir os olhos húmidos. Corri para o sítio onde estava e ele abriu os braços, deixando-me enterrar nele. Só percebi quão mal aquilo me deixado quando me senti segura, agarrada ao seu corpo.

— Estás bem? — perguntou.

Anuí, abanando a cabeça, e ele tomou-me o rosto para me olhar diretamente nos olhos.

— Fez-te alguma coisa?

Hesitei um segundo sem saber se devia contar-lhe ou não. Neguei-o,

abanando a cabeça.

— Passou o tempo inteiro a comportar-se como o estúpido que é.

O Alex contraiu a mandíbula com força, estava furioso.

— Não devias ter-lhe dado a massagem, Nikki. Compreendo que precisas do dinheiro, mas forçares-te a estar nessa situação...

— Não podia recusar, Alex. Se o tivesse feito, podia ter perdido o trabalho.

— Já tens outros quatro empregos, Nicole! — gritou, afastando-se de mim.

Olhei para ele. Primeiro, quei um pouco aturdida, era a primeira vez que me gritava. Mesmo assim, tentei colocar-me no seu lugar.

— Parece-me que não percebes isto, mas qualquer emprego que me apareça é bem-vindo. Preciso do dinheiro, mas também preciso de que

falem bem de mim na ilha, Alex. Aqui, os mexericos espalham-se. Se as pessoas começarem a falar mal de mim, posso acabar sem trabalho nenhum, compreendes?

— Não, não percebo, lamento. Onde ca a tua qualidade de vida?

Trabalhas literalmente de sol a sol... Fazes isso para poderes ajudar os animais da ilha, isso eu respeito, mas então e tu? Quem cuida de ti, caraças?

Vi-o verdadeiramente preocupado comigo, e isso comoveu-me. Há muito tempo que ninguém reparava em mim o suficiente para se preocupar comigo para lá de um interesse puramente sexual. Encolhi os ombros.

— Estou perfeitamente ciente da minha situação, Alex... Nunca quis mais nada. Esta é a minha realidade e, embora te custe acreditar, sou feliz assim.

Abanou a cabeça e olhou para outro lado. Aproximei-me dele devagar e voltei a abraçá-lo. Demorou uns segundos a devolver-me aquele gesto. Fechei os olhos, apoiada contra o seu peito, inalando o seu odor.

— Apetece-te vir a minha casa? — perguntei, inclinando a cabeça para trás.

Observou-me em silêncio por alguns instantes.

— Estava a ver que nunca me convidarias — disse com um sorriso a despontar.

Subimos para a sua mota e atravessámos a ilha juntos. Havia pessoas a jantar nos restaurantes e nos *warungs* da rua principal, mas deixámos tudo para trás até chegarmos à minha pequena casa.

À exceção do meu tio, do Gus e do Eko, nunca tinha deixado homem nenhum entrar em minha casa. Quando subimos as escadas e

abri a porta, tive uma sensação estranha. Acendi as luzes e mostrei-lhe onde podia deixar o capacete. O Alex pareceu observar cada pormenor com atenção.

— Estava à espera de que estivesse mais arrumada — a rmou, sorrindo.

Fitou um monte de roupa que estava em cima de uma cadeira e alguns pratos que ainda não tivera tempo de lavar. Pelo menos a cama estava feita, mas a verdade é que havia coisas espalhadas por todo o lado. Por um instante, senti vergonha quando pensei que podia car com uma impressão errada a meu respeito.

— Costumo ser organizada, mas não tenho muito tempo para limpar... Quando chego a casa, estou tão cansada que como algo rapidamente, tomo um duche e vou dormir.

O Alex virou-se para mim. Pareceu-me enorme naquele espaço tão pequeno. Era estranho tê-lo ali. A sua energia ocupava toda a divisão e senti umas cócegas no estômago quando me lembrei do que tínhamos feito na noite anterior e que, seguramente, íamos repetir, desta vez, em minha casa.

— Como estás hoje em termos de cansaço? — quis saber.

Aproximou-se sorrateiramente do sítio onde eu estava, apoiada contra a mesa da cozinha.

— Bastante cansada — respondi-lhe, a sorrir.

Agarrou-me pela cintura e levantou-me até me sentar em cima do tampo da mesa. Esta rangeu um pouco, mas pareceu aguentar. As suas mãos subiram até aos meus ombros e massajaram-nos levemente.

Fechei os olhos quase sem me aperceber.

— E se, desta vez, fosses tu a receber uma massagem? — indagou.

— Estás a falar a sério? — Abri os olhos.

O Alex assentiu, divertido, pelo meu tom de voz entusiasmado.

— Quando quero, consigo ser um galã inglês que põe as necessidades da sua miúda à frente de outra coisa qualquer. O que achas? —
repliquou, divertido, embora mostrasse um ar sério.

Estremeci quando ele disse que era «a sua miúda», mas não me deixei iludir.

— Então, agora sou a tua miúda? — perguntei, alinhando na brincadeira.

— Enquanto este namoro fugaz durar, sê-lo-ás, sim.

Sorri tanto que me doeu o rosto.

O Alex riu-se.

— Tens óleo ou algo do género? — questionou, olhando em volta.

Revirei os olhos.

— Qualquer balinês que se preze tem óleos aromáticos em casa, Alex

— retorqui.

Desci da mesa e abri uma gaveta de uma mesinha na sala. O Alex pegou no frasco de óleo que lhe estendi.

— Óleo de gerânio — leu, abrindo o frasco e aproximando-o do nariz.
— Cheira muito bem.

— E é perfeito para uma massagem relaxante.

O Alex guardou o frasquinho no bolso de trás das calças e aproximou-me dele.

— Diga-me onde ca o seu quarto, menina — pediu-me. Vi que aquilo o entusiasmava.

— Por aqui — indiquei.

Peguei-lhe na mão e puxei-o até à minha cama. Os seus olhos percorreram a divisão e o seu olhar pareceu mudar para uma expressão que eu já começava a conhecer bem.

— Muito bonito. Agora tem de se despir, menina — repetiu, dirigindo-se a mim.

Arqueei as sobrancelhas num gesto inquisitivo.

— Não sei em que género de massagem está a pensar, senhor — juntei-me a ele no jogo, divertida.

— Estou a pensar numa massagem à Alexander Lenox — respondeu.

As suas mãos puxaram a minha blusa para cima e retiraram-na pela cabeça. Fitou o sutiã desportivo que eu usava por baixo da roupa com alguma desilusão.

— Há alguma coisa que não lhe agrade, senhor? — perguntei, rindo-me.

— A menina já me tinha habituado mal, só isso — replicou.

Puxou o cinto que segurava as minhas calças e deixou-as cair no chão quando caram soltas. Fiquei em roupa interior à frente dele.

— Na massagem à Alex Lenox, a prioridade é a satisfação da cliente, em todos os sentidos da palavra — disse.

Por breves instantes, olhou-me cheio de desejo, ao mesmo tempo que a sua mão direita me desabotoava o sutiã. Despi-o e quei com o peito exposto. A sua boca não tardou a descer e a abocanhar o meu mamilo. Fechei os olhos quando senti uma contração no estômago. A sua boca subiu até me beijar o pescoço e me morder o ombro ao de leve. Agarrei-me a ele quando comecei a notar que os joelhos fraquejavam.

— Não me distraia, menina — avisou, dando um passo atrás. —

Uma coisa de cada vez — disse, retirando o frasquinho do bolso. — Se me permite, vou começar por lhe tirar a roupa interior para que possa desfrutar mais.

Os seus dedos introduziram-se por baixo do elástico das minhas

cuecas e zeram-nas deslizar até aos pés. Levantou-me uma perna e, depois, a outra, até car completamente nua à frente dele. Os seus

lábios não conseguiram resistir-me. Enquanto as mãos me agarravam o rabo, a boca beijou a minha entrada, apesar de ser apenas um beijo fugaz.

Quando se afastou e voltou a erguer-se, senti a temperatura do quarto subir até aos quarenta graus. Ou, pelo menos, foi essa a impressão que tive. Durante todo esse tempo, os seus olhos percorreram-me o corpo. Vi-o engolir a saliva e as suas virilhas caram mais marcadas. Também estava a sofrer com aquilo, e gostei de o saber.

— Deita-te de barriga para baixo — ordenou-me.

Tudo nele pareceu mudar. A sua voz rouca e o facto de ter parado de me tratar por «você» diziam que o jogo tinha sido posto em pausa e agora aquilo era a sério. Porque é que aquela mudança de registo me excitou ainda mais?

Obedeci-lhe. Deixei-me cair em cima dos lençóis brancos, tal como ele me instruíra. Senti-o sentar-se ao meu lado e abrir o frasquinho do óleo. As suas mãos não tardaram a começar a massajar-me as costas.

Dedicou-se completamente a desfazer as contraturas dos meus músculos. Fiquei surpreendida. Não se saía nada mal.

Ele tinha umas mãos enormes, mas exerciam apenas a quantidade certa de pressão. Não me magoava e ajudava-me a livrar-me das contraturas que sabia que tinha. Fechei os olhos para me deixar levar.

A fragrância do gerânio inundou todos os meus sentidos e o meu corpo relaxou-se completamente, da cabeça aos pés. Suspirei, extasiada e a desfrutar mais do que imaginara.

A nal, precisava mais daquilo do que, no princípio, tinha julgado.

Não sei quanto tempo estive concentrado a desfazer-me as contraturas, mas, a certa altura, a sua massagem mudou. Começou a tocar-me de outra forma...

Abri um pouco os olhos. Saí do transe relaxante e comecei a sentir uma coisa completamente diferente. As suas mãos untadas de óleo desceram até ao meu traseiro e começou a massajá-lo, apertando-o, por vezes, com força. A certa altura, deslizou-as para um sítio onde nunca ninguém tocaria durante uma massagem de relaxamento, pelo menos, não num estabelecimento decente. Mas aquele homem era tudo menos decente.

— Agora que já estás mais relaxada — começou a explicar-me —, vou mostrar-te a minha especialidade nesta zona. — Então, senti os seus dentes a morder-me a nádega esquerda. — O teu rabo põe-me louco, nem sabes as coisas que lhe faria — disse-me.

As suas palavras zeram-me corar imediatamente. A sua mão xou-se debaixo do meu estômago e obrigou-me a levantar as pernas até car de joelhos. Voltou a untar-me com o óleo, e, desta vez, a massagem passou a realizar-se noutra parte muito diferente do meu corpo.

Fechei os olhos e soltei um suspiro entrecortado. As suas mãos pareciam estar em todo o lado, mas nunca chegavam ao sítio onde eu verdadeiramente precisava que estivessem. Torturou-me durante vários minutos até eu já não aguentar mais. Virei-me e pus-me de barriga para cima. Fulminei-o com o olhar.

— Vejo que estás inquieta... — comentou com um sorriso diabolicamente sensual.

— Isto já não é relaxante, é uma tortura — admiti.

Ajoelhei-me e ordenei-lhe que despisse a blusa, o que o fez sorrir. Vi-

lhe o tronco nu e deliciei-me ao observá-lo e às suas feições tão atraentes. Mordi os lábios sem ter consciência do que fazia, até que a sua mão desceu e os seus lábios se apoderaram dos meus. Comeu-me a boca, literalmente, com um beijo que mostrava bem que tinha estado a conter-se.

— Quero continuar a torturar-te, Nikki — confessou.

Afastou-se, sem desviar os olhos de mim, e voltou a abrir o frasco do óleo. Deixou cair umas gotas por cima das minhas mamas e fechou-o.

Desta vez, as mãos começaram a massajar completamente aquela parte da minha anatomia que ele parecia adorar. Deixou que a sua boca interviesse. Empurrou-me para trás até car deitada em cima da cama. Os seus lábios beijaram-me, morderam-me e chuparam-me onde mais lhes apeteceu.

Tudo estava a ser diferente da noite anterior. Aquilo já não era novo nem desconhecido. Apesar de só o termos feito uma vez, era como se o meu corpo tivesse memória. Os meus dedos pareciam conhecer o seu corpo melhor do que o meu e a vergonha tinha desaparecido.

Sentia-me em casa, como nunca me tinha sentido antes em lugar

nenhum. Creio que isso tinha que ver com o facto de eu ainda não me conhecer completamente. Aquela faceta minha que existia com ele e tudo o que me fazia sentir eram coisas novas para mim, mas, ao mesmo tempo, era como se tivesse sido um animal adormecido que, nalmente, saía da hibernação.

As minhas mãos viajaram até às suas calças e começaram a desabotoá-las para que ele as despisse. Não me deteve. Aguentava-se há bastante tempo. Levantou-se da cama para me ajudar e cou totalmente nu à minha frente.

— Por favor... — pedi.

Não sabia pelo que suplicava nem do que precisava, mas estava ciente de que ele responderia logo aos meus desejos, mesmo sem saber quais eram. Reparei que pegava num preservativo e o colocava por cima da sua ereção.

Ajudou-me a posicionar-me como queria, de gatas em cima da cama.

Não me agradou, naquela posição, não o conseguir ver, mas penetrou-me antes de me poder queixar.

— Não me tinhas dito que querias que eu zesse ioga? Então vamos a isso.

Deixei escapar um grito de prazer.

— Gostas? — perguntou-me.

Inclinou-se para conseguir falar mais perto do meu ouvido. Voltou a mover-se e não conseguiu dizer nada. Empurrou-me com a mão até a minha cabeça car apoiada nas almofadas. Assim estava mais confortável, e ele começou a mexer-se. A partir daí, não consegui pensar com clareza.

Deixei-me levar. Na verdade, foi como se a minha mente se apagasse e o meu corpo assumisse o controlo. Deixei que me zesse o que queria. Agradou-me ceder-lhe o controlo daquela forma e descobri que isso o deixava louco.

Foi um pouco bruto em determinados momentos, mas gostei que me compensasse com uma carícia, um beijo ou uma pergunta para saber se estava a gostar. Percebi que me tentava ensinar como ele era na cama, do que gostava e do que não gostava, mas não deixou de se preocupar com o prazer de ambos.

Naquela noite, liguei-me a ele de mil formas distintas. Fomos verdadeiros amantes, já tínhamos criado um vínculo e uma conexão que di cilmente podíamos ignorar. Levou-me ao êxtase duas vezes, demonstrando-me aquilo de que o meu corpo era capaz quando era tratado com carinho e dedicação.

Quando acabámos, estávamos ambos suados e cheios de óleo de gerânio. O Alex puxou-me para ele e aconcheguei-me contra o seu corpo.

— Que tal a massagem à Alex Lenox, menina? — indagou.

Ri-me.

— Desde que a tenha reservada para mim, tudo bem, senhor Lenox.

Só tive consciência do que tinha dito quando ouvi as minhas palavras em voz alta. Instalou-se um silêncio momentâneo entre nós.

O Alex fez-nos girar até car em cima de mim com as palmas das mãos de ambos os lados da minha cabeça, mantendo o tronco elevado para não me esmagar.

— Desculpa, não quis dizer... — comecei a dizer.

O Alex abanou a cabeça.

— Não, Nikki... — disse, de sobrolho franzido. — Não me peças desculpa.

— Podes fazer o que quiseres, Alex.

No entanto, ao dizer aquilo, percebi que mentia a mim mesma. Sabia que a nossa relação era passageira, mas também sabia que não queria que se viesse com outras enquanto estivesse comigo. O Alex olhou-me de sobrolho franzido e afastou-se de mim até se sentar na beira da cama.

— Estás a dizer que não somos exclusivos?

Por um instante, receei dizer-lhe a verdade. Eu sabia perfeitamente que apareciam muitas turistas. Também conhecia as regras que a Maggie me tinha dito para não esquecer, mas tinha-as quebrado de imediato.

— Alex, eu não sou ninguém para te pedir para seres exclusivo

comigo.

Algo no seu olhar mudou. De repente, senti-o a mil quilómetros dali.

— Gostaria de tomar um banho — mudou de conversa num abrir e fechar de olhos.

Primeiro, pestanejei, confusa.

— Claro... A casa de banho é ali — disse-lhe, apontando para a porta.

O Alex levantou-se da cama e dirigiu-se para lá. Fechou a porta e não percebi nada. Será que as minhas palavras o tinham ofendido?

Mas, se assim era, então signi cava que ele pensava como eu, mas também não se tinha atrevido a dizê-lo em voz alta, certo?

Fitei a porta da casa de banho durante uns segundos até que me enchi de coragem, atravessei o quarto e entrei. Sabia que estava a tomar um duche, porque, no quarto, ouvia o barulho da água.

Con rmei-o quando o vi debaixo do chuveiro, todo molhado.

Olhou para mim, e juntei-me a ele com alguma timidez. Deu um passo para o lado para deixar que a água caísse por cima da minha cabeça. Puxei o cabelo para trás e olhei-o. Contemplámo-nos em silêncio durante alguns segundos até as suas mãos me tocarem no rosto.

— Não quero que mais ninguém te toque, Nikki — disse, muito sério.
— Pelo menos, durante o tempo que a nossa relação durar.

Porque senti que me despedaçavam a alma ao pensar que só nos restavam menos de duas semanas?

— Eu quero o mesmo. O que eu disse antes... Foi por julgar que era o que tu querias.

O Alex abanou a cabeça, negando-o.

— Mesmo que assim fosse, não mintas em relação a isto, Nikki.

Quando se trata de sexo e de relações, deves ser sincera sobre o que queres.

— Eu sei...

Beijou-me debaixo da água e tomámos banho juntos pela primeira vez,

alimentando aquela intimidade que não parava de crescer entre nós. Naquela noite, também o deixei dormir comigo. As regras não importavam, visto que parecíamos ser peritos em quebrá-las.

CAPÍTULO 26

ALEX

No dia seguinte, a Nikki saiu cedo para ir trabalhar. Deixei-a no sítio onde daria a sua primeira aula de ioga e fui para o meu hotel descansar, porque não tinha conseguido dormir muito. Tê-la nua nos meus braços era uma distração bastante tentadora, e o sono pareceu car em segundo plano.

Deixei-a descansar, porque tinha de trabalhar o dia todo, mas também não ofereceu muita resistência quando, a meio da noite, voltei a procurá-la, com a cabeça enterrada no meio das suas pernas. Estava a car viciado nela e a pôr de parte todas as minhas normas e regras relacionadas com as raparigas com quem convivía. A Nikki era diferente e de nitivamente especial. Sabia que estava a dar cabo de tudo ao envolver-me tanto com ela, mas não o conseguia evitar.

Dormi cerca de duas horas no meu quarto e, quando acordei ao meio-dia, reparei que tinha várias mensagens. Uma delas era do Nate.

Encontramo-nos na praia daqui a dez minutos.

Bem, não tinha nada melhor para fazer. Vesti o fato de banho, passei uma blusa branca pela cabeça e fui até ao nosso sítio preferido para fazer *surf*. Quando lá cheguei, vi-o sentado na areia em cima da prancha, à minha espera.

— Já cá estou — disse-lhe, cumprimentando-o.

Reparei que o Nate tava o mar com tanta intensidade que me fez voltar para ver o que o perturbava. Várias pessoas surfavam.

— O que se passa? — perguntei.

O Nate continuou com os olhos cravados naquela direção.

— É ele — foi tudo o que disse.

— Quem?

— Ele, o novo namorado da Maggie. Está ali com ela. Estão a fazer *surf*.

— É o marido dela, Nate. Chamar-lhe outra coisa não vai mudar quem ele é na realidade.

Foi então que levantou a cabeça para olhar para mim.

— Às vezes, consegues ser muito cruel.

Revirei os olhos.

— Estás a pensar car aí sentado a observá-los com olhos de carneiro mal morto?

— E o que queres que faça?

— Mete-te na água e ignora o que se passa. Lembras-te do que falámos?

O Nate suspirou e voltou a tar o oceano.

— Indiferença.

— Exato.

— Não sei se vou conseguir fazer isso.

— Vais, sim senhor.

Não esperei que me respondesse. Despi a blusa e quei só com o fato de banho vestido. Peguei na prancha, que estava ao lado da sua, e detive-me um instante a passar a cera nela. Depois, comecei a caminhar para a água. Quase no mesmo instante, senti o meu amigo atrás de mim.

O objetivo de fazermos aquela viagem era surfarmos, desfrutarmos e descontraírmos. Algo me dizia que não íamos regressar a casa com a mente desanuviada nem renovada, muito pelo contrário. Não conseguia tirar várias coisas da cabeça, nomeadamente, a ameaça do tio da Nicole e a sensação de que me estava a escapar qualquer coisa importante. Estava preocupado com ela. Era tão feliz, alegre e incrivelmente boa que não queria que nada nem ninguém a magoasse.

Por outro lado, a forma como o seu tio nos tinha falado...

Faltavam peças de um *puzzle* que eu não sabia que estava a tentar montar. Além disso, a cada minuto que passávamos juntos, os meus sentimentos pareciam querer multiplicar-se.

Entrei na água e comecei a nadar. Naquele dia, havia bastantes

nuvens, a água estava quente e nem era preciso usar um fato de neopreno. Senti o Nate atrás de mim. Enquanto nos fomos aproximando do sítio onde estavam as boas ondas, fomos encontrando com bastantes pessoas à espera da sua vez. Também ali estavam vários locais, que eram umas máquinas, notava-se que já faziam aquilo desde crianças. Um pouco mais adiante, não muito longe de nós, o cabelo ruivo da Margot destacava-se contra o azul-celeste do mar. Ao seu lado, estava um tipo magro que não usava um fato e tinha o cabelo escuro e curto. Ambos falavam conforme aguardavam que chegasse uma boa onda.

— Preciso de saber quem é, ver quem me substituiu — disse o Nate ao meu lado.

— Nate, ela não te substituiu. — Não pude deixar de revirar os olhos.
— Ela seguiu com a sua vida e...

O tipo que estava ao lado da Maggie virou-se o suficiente para que conseguíssemos vê-lo. Ficámos em silêncio, interrompido apenas pelo barulho do mar. Não podia ser verdade.

Antes de conseguir assimilar o que os meus olhos viam ou de poder fazer alguma coisa para deter o Nate, já ele remava para lá.

CAPÍTULO 27

NATE

Tive de fechar os olhos e voltar a abri-los para perceber o que estava a ver. Quase gritei para que alguém me beliscasse. Não podia ser. O

que estava a ver tinha de ser um engano. O homem que estava ao lado da Maggie não podia ser o Malcolm. Era impossível que fosse o meu melhor amigo, o nosso terceiro mosqueteiro. Tinha desaparecido, dizendo que estava a viajar pelo mundo, e já não o víamos desde...

Que lho da puta, pensei.

Comecei a remar naquela direção, como se alguma coisa ou alguém se tivesse apoderado do meu corpo.

Não voltara a ver a Maggie desde que tínhamos feito amor no meu quarto, quando ela tinha largado a bomba, dizendo que estava casada.

Depois, desaparecera durante uns dias sem me dizer mais nada. Não

tinha sabido mais nada dela, nem uma palavra, nem uma explicação.

Não mereces nenhuma explicação, disse-me uma voz dentro de mim, mas ignorei-a. Naquele mesmo instante, acabava de ser possuído pela pior versão de mim próprio. Era uma parte de mim que não conhecia, mas acabava de sair do fundo do meu ser para se manifestar e destruir tudo.

Não podia ser real. Nadei até chegar ao lado da Maggie.

— O que raio fazes aqui, Malcolm? — perguntei-lhe.

Sobressaltaram-se. A Maggie virou-se para mim e reconhecia a

preocupação e o medo no seu semblante. O Malcolm observou-me durante alguns instantes, como se não acreditasse que eu que estava ali, na água, a poucos metros de distância.

— Nate... — disse, incrédulo, e os seus olhos voaram da Maggie para mim.

— Estás surpreendido por me veres aqui? Parece-me que podia dizer o mesmo. O que me disseste a última vez que falámos? Ah, pois, que estavas no Egito.

A Margot olhou para o Malcolm, confusa, e, depois, outra vez para mim.

— Nate, tem lá calma — pediu-me com uma voz forçadamente tranquila.

— Queres que eu tenha calma? — perguntei. Dei uma gargalhada e tei o lho da puta do Malcolm. — Casaste-te com ela?!

— Nate... — começou a Maggie a dizer.

— Deixa que seja ele a responder — pedi, sem desviar os olhos do meu suposto amigo.

O Malcolm endireitou os ombros antes de o fazer.

— Se já sabes a resposta, não perguntes — disse com uma calma ngida.

Olhei para a Maggie, que estava atónita.

— Em que altura decidiste começar a andar com uma pessoa que era

como um irmão para mim? — perguntei-lhe.

Por um segundo, deixei em suspenso a raiva e o ódio para dar lugar à incredulidade. A Maggie hesitou.

— Tu deixaste-me, e ele andava por aí — respondeu. — Ajudou-me...

Criámos uma ligação...

— Criaram uma ligação? — repeti as suas palavras, incrédulo, e dei uma gargalhada amarga. Voltei a tar aquele lho de uma grande puta. — Contaste-lhe que me incentivaste a deixá-la, dizendo que nunca poderíamos ser felizes? Ela sabe a quantidade de vezes que tentaste fazer-me ver que nunca se adaptaria a uma vida na cidade? —

vociferei com veneno na voz.

A Maggie olhou para o Malcolm e percebi que sustinha a respiração.

— Contaste à tua mulher que, há um ano, desapareceste, dizendo que andavas a viajar pelo mundo?!

O Malcolm nem pestanejou quando olhou xamente para mim para me responder.

— O que conto ou não à Maggie não é da tua conta. Deixou de o ser a partir do momento em que decidiste voltar a abandoná-la.

As minhas mãos cerraram-se em punhos e voltei a fazer um esforço enorme para me controlar. Precisava de saber mais coisas antes de lhe partir a cara.

— Durante quanto tempo achavas podias continuar a mentir? — perguntei-lhe. — Tu mentiste-nos, a mim, ao Alex...

Quando referi o nome do meu amigo, virei-me para o procurar.

Estava poucos metros atrás de mim, sentado na sua prancha, tenso.

Olhava para o nosso amigo sem acreditar na grande mentira que tínhamos ouvido durante um ano.

— Já decidi há muito tempo que o que zesse da minha vida era um assunto meu e de quem quisesse fazer parte dela — disse o Malcolm, forçando-se a permanecer calmo.

Grandessíssimo lho da mãe.

— E nós não fazemos parte da tua vida? — O Alex intrometeu-se na conversa.

Dei uma gargalhada cheia de veneno.

— Não percas o teu tempo, Alex. A única coisa que este cabrão sempre quis na vida foi conseguir o que não era dele.

De seguida, o Malcolm riu-se e perguntou, olhando só para mim:

— Com uma coisa tua, referes-te à Maggie?

Ela cou calada, com os olhos cravados em mim.

— Se tivesses alguma decência na merda dessa tua cabeça, não te referias a ela como se fosse uma coisa material, imbecil — respondi entre dentes.

— Se tivesses alguma coisa na cabeça, nunca a terias deixado escapar. Porque voltaste? Para a reconquistares, só para voltares a deixá-la? Lamento muito, meu amigo, mas agora a Maggie é minha mulher.

A corrente levava-nos para a costa sem que nos apercebêssemos.

Sabia onde estava a meter-me quando disse as próximas palavras, mas já nada me importava. Sentia-me traído, não só pelo meu melhor amigo, mas também pela Margot. Como fora capaz de se casar o meu amigo de longa data?

— Então pergunta à tua mulher o que estava a fazer a tremer debaixo de mim há uma semana, quando a fodi até car sem forças.

— Nate! — gritou a Maggie, levando a mão à boca.

Senti uma estocada de culpa, mas ignorei-a, sentindo-me furioso. Saí de cima da prancha ao mesmo tempo que o Malcolm.

— Vou-te matar, seu lho da puta — disse, lançando-se para mim.

— Não se for eu o primeiro a fazê-lo.

Um conselho: não comecem uma discussão em pleno mar. Não é nada fácil dar nem levar murros sem ter os pés em solo rme.

O primeiro golpe chegou da sua parte, mas esquivei-me dele. O

Malcolm nunca tinha sido bom a lutar, mas eu, pelo contrário, andava

metido em brigas desde que me lembrava. Levantei o punho e esmurrei-lhe o nariz. Envolvemo-nos numa luta que poderia ter acabado mal para qualquer um dos dois, mas não tivemos tempo de provar quem era o mais forte nem quem tinha mais raiva.

Senti o Alex a agarrar-me por trás. À nossa volta, reunira-se mais gente, e só me apercebera disso naquele momento. Com a ajuda de várias pessoas, conseguiram separar-nos. Só consegui dar-lhe dois murros, mas foram suficientes para descarregar a minha raiva. No processo, magoei-o e vi-o a sangrar.

— Para com isso imediatamente! — gritou-me o Alex.

Continuei a tentar libertar-me para poder alcançá-lo outra vez.

Então, observei-o com atenção e vi que tinha um golpe no lábio e sangrava. Tinha sido eu o responsável?

Quando consegui acalmar-me e recuperar o fôlego, reparei que vários locais me olhavam com desdém. Não falavam inglês, portanto, só via como gesticulavam e me amaldiçoavam no seu idioma. Tinham pegado no Malcolm e tinham-no levado para longe de mim.

Deixei-me cair na areia com o coração a bater descontroladamente.

No entanto, só pensava no desgosto que sentia pelo que tinha acabado de descobrir. Nem conseguia acreditar.

Então, apareceu a Margot. Estava furiosa, aliás, tentou bater-me, mas o Alex afastou-a.

— Porque zeste aquilo?! Porque tiveste de lhe dizer?! — gritou-me.

Pus-me em pé, a tremer de ira.

— Casaste-te com o meu melhor amigo!

— E tu abandonaste-me depois de me pedires em casamento!

Não liguei nenhuma ao que me disse. Era-me indiferente. A culpa que sentia por ter confessado era muito menor do que o sentimento de traição.

— Como pudeste car com ele? Como?!

— Isso não te diz respeito, já não tens nada que ver com isso! Conto os dias para que te vás embora daqui! Quero que desapareças, não quero que aqui voltes!

As suas palavras magoaram-me, mas a minha raiva era ainda maior.

— Achas que estou a pensar cá voltar?! Julgas que vou continuar a desperdiçar o meu tempo contigo? Espero que apodreças nesta ilha de merda!

— Nate! — repreendeu-me o Alex, mas ignorei-o.

Já nada me importava. A Margot cou calada por um momento, tando-me. Quando falou, fê-lo com calma. Estava serena e fria como um icebergue.

— Às vezes, dou por mim a pensar no que raio vi em ti para ter passado os últimos quatro anos da minha vida a chorar e à espera do teu regresso. Ficaria muito satisfeita se hoje conseguisse apagar tudo para não voltar a passar por aquele inferno, mas sabes uma coisa?

Dou graças a Deus por me ter posto à frente do tipo de homem de que tenho de fugir durante o resto da minha vida. És um ser desprezível e isso nunca mudará.

Agitou-se para que o Alex a soltasse, virou-nos as costas e foi-se embora. Antes de deixar de ver a sua cara, vi que os seus olhos se enchiam de lágrimas. Não me importou. Naquele momento, quis magoá-la, não vou mentir. Quis vê-la sofrer, porque me doía tanto o coração que não o conseguia aguentar sozinho.

Dirigi a atenção para ela. O seu cabelo ruivo molhado oscilava ao vento enquanto a sua gura curvilínea se afastava de mim mais uma vez. Quando consegui desviar os olhos dela e xá-los noutra coisa, o

Alex olhava-me com cautela.

— Tens de te acalmar. Já — aconselhou-me.

Tentou fazer com que eu recuperasse algum sentido de humor. Olhei-o cheio de raiva e ira.

— Não me digas o que tenho de fazer.

Virei-lhe as costas e afastei-me do meu amigo e de todos os outros.

Que se lixasse a ideia de agir como se nada fosse e de tentar recuperá-

la. Merda para tudo. Ia-me embora.

CAPÍTULO 28

ALEX

Tudo o que acabava de acontecer era inacreditável e inaceitável. O

Malcolm sempre tinha sido nosso amigo. Era lho do melhor amigo do pai do Nate, tinham crescido juntos e permitido que me juntasse a eles. Tínhamos cometido barbaridades pelo mundo, mas, há quatro anos, eu abandonara o meu lado mais selvagem e assumira outras responsabilidades. Eles tinham continuado a viajar e a percorrer o mundo para fazer alpinismo, saltar de paraquedas, percorrer países inteiros de mota e viajar de catamarã. Sempre tinha tido uma inveja saudável deles, porque eu já não dispunha de tempo para continuar a fazer o mesmo, nem sequer me atrevia a arriscar a vida como chegara a fazer noutros anos.

Há um ano, mais ou menos, o Malcolm contara-nos que ia viajar sozinho pelo mundo, porque precisava de se distanciar de tudo. Eu ainda tinha no telemóvel as fotogra as que nos tinha enviado dos sítios por onde ia passando. Nunca imaginei que o encontraríamos nesta ilha de Bali, casado com a mulher que, pelos vistos, tinha dado a volta à cabeça do meu melhor amigo.

Isso não se faz. Não se toca nas namoradas, ou ex-namoradas, dos amigos. Ponto. Não há discussão sobre isso.

Fiquei a olhar para o Nate. Ia-se embora cabisbaixo e furioso.

Percebi que a sua história com a Maggie não ia terminar como ele desejava. Ela também o tinha traído. Estaria justificado, tendo em conta que o meu amigo a tinha abandonado? Talvez, mas isso não apagava o facto de ter sido apunhalado pelas costas.

Sabia que, naquele momento, a última coisa que o Nate queria era falar com alguém, por isso, decidi dar-lhe o seu espaço. Voltei para a *suite* e olhei para o golpe que me tinha dado acidentalmente.

Começava a car roxo, por isso, fui ao frigorífico buscar gelo para o aplicar na ferida.

Como não tinha muito que fazer, decidi pôr-me a par de alguns assuntos de trabalho. Tinha inúmeros *e-mails* da empresa e apenas um

pessoal. Abri este último, que dizia o seguinte: *Prezado senhor Lenox,*

Escrevo-lhe a propósito da sua solicitação sobre o quarto da menina Lilia. Embora não seja nosso hábito, reconsiderámos a nossa recusa inicial depois de muita insistência da sua parte, apoiada por uma doação tão generosa. Passamos a informá-lo de que, por m, este assunto não se tornará um problema, nem para o senhor, nem para nós, e a Lilia terá um quarto só para ela.

Espero que compreenda que só disponibilizámos este tratamento preferencial, porque, na verdade, compreendemos que as necessidades da menina se sobrepõem às regras do centro e compreendemos os motivos da sua insistência.

Aguardamo-los com entusiasmo no próximo dia 6 de setembro e contamos com a sua participação no dia do acolhimento.

Cumprimentos,

ASHLEY SIMMONS

Pelo menos, alguma coisa corria bem. Tinha-me reunido três vezes

com eles, sem chegar a lado nenhum. Mas depois de ter doado cem mil dólares ao estabelecimento, recebi este *e-mail*. Não pensei em como era moralmente incorreto tentar alcançar alguma coisa através do suborno nem no facto de eles o terem aceite. Há muito tempo que eu tinha percebido como o mundo funcionava, não pensava deixar que ninguém passasse por cima de mim.

«O dia do acolhimento», li outra vez. Valente treta.

Continuei a ver a caixa de entrada. Os outros *e-mails* podiam esperar. Escrevi uma resposta breve à diretora a agradecer-lhe e desliguei o computador.

Depois de acabar o trabalho, a Nikki veio diretamente para o meu quarto.

— O que aconteceu?! — perguntou-me, alarmada, quando viu a ferida no meu maxilar, por isso, expliquei-lhe o que se tinha passado na praia. — Oh, meu Deus! — exclamou sem acreditar.

— Foi muito desagradável carmos a saber assim do Malcolm...

— Não sabia que era assim tão vosso amigo — disse a Nikki, também

espantada. — A Maggie deve estar destroçada, devia ir ter com ela...
— acrescentou, preocupada.

Apressei-me a segurar-lhe a cintura.

— Não te vás embora... não te vi o dia inteiro — pedi.

— Vou enviar-lhe uma mensagem para saber se quer que vá lá ter com ela. Não posso deixá-la sozinha neste momento — explicou-me.

Anuí com um aceno de cabeça, soltando um suspiro, mas compreendia a sua posição.

A Maggie disse-lhe que não podia falar, porque estava com o Malcolm. Nem queria imaginar a discussão que aqueles dois estavam a ter depois de ele ter cado a saber que ela lhe tinha posto os cornos.

Por sorte, a Nikki cou disponível e aproveitámos até ao último minuto que tínhamos para estar juntos. Jantámos, vimos um lme e adormecemos no sofá.

Acordei às três da manhã e levantei-a com cuidado para a levar para a minha cama. Observei-a enquanto dormia, perguntando-me o que pensaria se conhecesse todos os meus segredos. Continuará a gostar de mim?

Adormeci com aquela dúvida a ocupar cada recanto dos meus pensamentos.

Quando me levantei, no dia seguinte, a Nikki já não estava ali, mas tinha-me deixado um pequeno bilhete na almofada: Não te quis acordar. És mesmo adorável quando estás a dormir.

Encontramo-nos esta tarde ao sunset. ;)

Revirei os olhos ao ler a palavra «adorável». Ignorava a picada incomodativa que começava a sentir por só poder desfrutar dela algumas horas por dia.

A Nikki passou a exercer a profissão de veterinária o dia todo e nem sequer podíamos ir tomar um café a meio da manhã. Aproveitei para ler um pouco na praia e praticar desporto. Não soube nada dela até a tarde já ir quase a meio, tal como também não obtive resposta do Nate quando, à tarde, bati à sua porta. Dar-lhe-ia mais algum tempo e espaço.

Fui para a praia com a minha prancha e surfei até quase desaparecer a luz natural. Quando saí da água, já passava das sete e meia.

Regressei ao meu quarto, tomei um duche e vesti-me com a intenção de ir buscar a Nikki, mas, então, bateram à minha porta.

Quando abri, deparei-me com três homens. Um deles tinha estado com o tio da Nikki à porta de sua casa, poucos dias antes.

— Alexander Lenox? — perguntou o mais alto.

— Sou eu — respondi.

— Gostaríamos que nos acompanhasse, senhor.

Franzi o sobrolho sem me mexer do sítio onde estava.

— Acompanhá-los onde? — perguntei.

— Gostaríamos de lhe fazer umas perguntas, senhor.

— Se tem alguma coisa a perguntar-me, pode fazê-lo aqui — disse, tendo um mau pressentimento.

Os três olharam-me com impaciência.

— O senhor esteve envolvido numa luta com os senhores Nathaniel Olivieri e Malcolm Cooper? — questionou um deles.

— Eu não estive envolvido em nada — a rmei, tranquilo, mas, por dentro, vociferava. — Tentei separá-los, é tudo...

— Portanto, o senhor esteve envolvido — replicou o tipo sem alterar o tom de voz.

— Se por envolvido se refere a tentar que não se matassem, então sim, estive envolvido.

— O senhor deve acompanhar-nos.

— Acompanhá-los onde? — perguntei num tom gélido.

— Nesta ilha, temos tolerância zero para qualquer tipo de violência, senhor.

— Eu não andei à pancada com ninguém — retorquii.

— O seu maxilar diz o contrário — respondeu o que estava atrás, aquele que eu já conhecia da vez anterior.

Não mexi um único músculo.

— Fui golpeado quando tentava separá-los, não tive nada que ver com aquilo.

— Não é o senhor quem decide isso.

— E quem é que o decide?

— Acompanhe-nos, senhor.

— Eu não... — comecei a dizer de novo, mas, de repente, vi a Maggie aparecer por atrás daqueles homens.

— Acompanha-os, Alex — pediu-me, olhando para mim com pressa.

Não acreditava naquilo. Também não sabia o que raio faziam ali quando alguém não cumpria a lei, as normas ou o que quer que fosse que regia a ordem na ilha.

Por m, segui-os até um carro e tive de me acomodar nos bancos trás. Não sabia para onde me levavam nem quais eram os meus direitos naquele país. Não sabia mais nada, além de que a melhor amiga da rapariga pela qual tinha começado a sentir alguma coisa me pedia que o zesse.

Começaram a passar-me pela cabeça imensas possibilidades, e quase nenhuma delas era boa. Ainda assim, senti alguma calma ao ver que o carro parava num edifício que parecia mais ou menos o cial.

Ao entrar, deparei-me com um espaço bastante austero. Poderia passar perfeitamente por uma esquadra da polícia, só que estava em pior estado do que estaria uma europeia. Primeiro, vi o Nate e o Malcolm. Estavam sentados em cadeiras, cada um num lado da sala.

Fulminavam-se com o olhar e viraram-se para mim quando me viram entrar. De frente e junto a uma janela, estava o tio da Nicole e, ao seu lado, o imbecil do Jeremy, o ex da Nikki.

— Voltamos a encontrar-nos, senhor Lenox — disse o Kadek, em jeito de cumprimento.

O idiota do Jeremy sorriu.

— Espero que a visita seja curta, senhor — respondi com seriedade.

O Kadek esboçou um sorriso breve. Reparei que o Nate fazia menção de se levantar, mas o homem que estava de pé ao seu lado empurrou-o e cou onde estava. Aquilo não me parecia ser nada bom.

— Creio que devo recordar de que deixei muito claro o que aconteceria se infringisse as normas da ilha — disse o Kadek.

— Eu não infringi nenhuma norma. Não z nada — repliquei, impávido e sereno.

— Os meus colegas dizem o contrário.

— É-me indiferente o que os seus colegas dizem — a rmei.

O Kadek varreu aquele sítio com o olhar e voltou a concentrar-se em mim.

— É mentira que o senhor esteve na praia ontem às doze horas da manhã?

— Não — respondi.

— É mentira que se viu envolvido, direta ou indiretamente, numa rixa com estes dois homens aqui presentes?

— Ajudei a separá-los.

— Portanto, viu-se envolvido — a rmou.

Parecia estar a desfrutar de tudo aquilo.

— Ouça, o que raio quer? — perguntei, dando um passo em frente.

Tinha perdido a pouca paciência que me restava. — Desconheço o poder que o senhor tem, mas não creio que nada disto seja legal.

Acredite — ameacei, dando outro passo —, não vai querer arranjar problemas comigo, senhor. Num abrir e fechar de olhos, posso contar com a representação do escritório de advogados de maior prestígio do meu país.

— Do seu país, foi o senhor que o disse — reforçou, não o tinha

intimidado minimamente. — E mais, chegou-me aos ouvidos que, há dois dias, o senhor repreendeu este rapaz aqui presente, estou

enganado?

Olhei para o Jeremy com vontade de lhe apagar o sorriso da cara com um murro.

— Estava a importunar a sua sobrinha, senhor — disse-lhe, sereno.

O Kadek pareceu car muito mais sério no momento em que a sua sobrinha veio à baila naquela conversa.

— Há quatro testemunhas que garantem ter visto que o senhor ameaçou o amigo da minha sobrinha sem motivo num dos estabelecimentos de maior renome da ilha.

Dei uma gargalhada.

— Também lhe contaram que foi ele quem tentou dar-me um murro?

O Kadek olhou para o Jeremy.

— Bateste-lhe, Jeremy?

Ele negou-o, abanando a cabeça.

— Evitei-o, empurrando-o, a sua técnica está longe de ser a correta

— disse sem desviar os olhos daquele imbecil. Sentia-me como se estivesse no pátio do colégio.

— Empurrando-o... — repetiu o tio da Nicole. — Teria esperado melhores maneiras de um empresário inglês como você, senhor Lenox.

Começou a caminhar com as mãos atrás das costas.

— As regras são claras. Nada de violência nem de alterações nesta ilha. — Deteve-se à frente do Malcolm. — O senhor, por possuir terras e ser coproprietário de um estabelecimento, deverá pagar a multa correspondente que os meus colegas terão o prazer de lhe transmitir dentro de poucos minutos — disse, tando com um ar sério, e, depois, virou-se para nós. — Vocês os dois deverão abandonar a ilha de

imediato. Disponibilizaremos um barco que os levará a Sanur.

— O senhor perdeu a cabeça — a rmei, sem mexer um único músculo.

O Kadek deu um passo na minha direção. Era muito mais baixo do que eu, mas não pareceu deixar-se intimidar minimamente.

— Não me provoque, senhor Lenox. Estou a ser o mais condescendente que posso, tendo em conta a relação que o senhor tem com a minha sobrinha.

— A Nicole sabe que está a correr connosco a pontapé?

— A minha sobrinha não tem voz nem voto nesta matéria.

— Não penso ir a lado nenhum — a rmei, sem me alterar, embora tivesse vontade de lhe dar razões a sério para me expulsar dali.

O tio da Nicole olhou-me xamente nos olhos.

— Nesse caso, deverei deixar-me de amabilidades.

Dito isto, apontou para os homens que estavam atrás de mim. Fiquei atento quando zeram menção de me prender à força. Antes que pudesse começar a distribuir murros, a porta abriu-se. Era a Nikki.

Atrás dela, apareceu a Margot. Ambas varreram o espaço com o olhar.

Arregalou os olhos, surpreendia, quando me viu ali no meio de punhos cerrados.

— O que raio pensas que estás a fazer? — perguntou, dirigindo-se diretamente ao seu tio.

— A manter a ordem na ilha, como sempre z — respondeu com calma.

— O Alex não fez nada! — gritou-lhe.

— Não és tu quem decide se fez alguma coisa ou não! — respondeu-lhe o tio, imitando o mesmo tom que a sua sobrinha tinha usado.

A Nikki apontou para os homens que estavam à porta e postou-se ao meu lado.

— Vais expulsá-lo por ter tentado parar uma discussão?

— Isso é o que ele diz — respondeu.

— Quantos bêbados já andaram à pancada nesta ilha, tio?! Quantos turistas já armaram escândalo e tiveste de fazer vista grossa? Esta ilha é sustentada pelo turismo! Se tivesses de expulsar todos os que desrespeitavam as tuas normas estúpidas, não vinha para aqui ninguém!

— Disseste normas estúpidas?! — respondeu o tio, dando um passo para ela.

Coloquei-me instintivamente à frente da Nikki. Não permitiria que aquele idiota se aproximasse nem mais meio metro. O Kadek lançou-me um olhar envenenado.

— Estás a protegê-la de mim? — indagou com sarcasmo.

— Vou protegê-la de si e de qualquer outro que se atreva a aproximar-se demasiado dela.

Ele deu uma gargalhada amarga.

— Passei a vida toda a protegê-la de gentalha como tu. Passei toda a minha vida a zelar por ela e pelo seu bem-estar.

— Fico satisfeito por ouvir isso, mas, se voltar a levantar-lhe o tom de voz, terá razões de sobra para me expulsar da ilha.

— Alex... — disse a Nikki. Pôs uma mão nas minhas costas e deu um passo para o lado, para enfrentar o tio. — Está tudo bem, o meu tio não me fará nada.

— Explica-lhe que aqui as coisas não se fazem como no país dele — insistiu o outro.

A Nikki deu um passo em frente. Tive de controlar o meu instinto mais primitivo para não levantar a mão, agarrá-la e puxá-la para trás pela blusa até a colocar ao meu lado.

— Sempre foste justo, tio. Zelaste pela segurança de todos, preocupas-te com a ilha e com as pessoas que vêm para aqui desfrutar dela. O que estás a fazer esta noite não tem justí cação. Estás a abusar do teu poder só porque não queres que eu esteja perto dele.

— Fazer com que pare de se aproximar de ti é muito um benefício extra.

— O Alex não vai a lado nenhum se não quiser fazê-lo.

O Kadek pôs as mãos atrás das costas e observou a sobrinha com cuidado.

— Tu não ditas as regras, Nicole — a rmou, categoricamente. —

Nunca desisti quando tive de tomar decisões como esta, nem me enganei a avaliar as pessoas. Este aqui já fez o suficiente nos anos passados — disse, apontando para o Nate, e, logo em seguida, olhou para a Maggie, que estava ao pé da porta, calada. — Não permito que agora o seu amigo venha para aqui arruinar-te a vida, como arruinaram a da tua melhor amiga. Nem pensar nisso!

A Nicole recebeu o grito de ombros levantados. Fez-se um momento de silêncio e depois decidiu falar:

— Se ele se for embora, então, eu também vou.

Não foi só o seu tio que cou surpreendido ao ouvi-la dizer aquelas palavras. Era óbvio que não estava à espera daquilo, mas eu também não. Depois de a ouvir, o meu coração bateu com força.

Essa ideia tinha-me agradado bastante. De repente, pareceu-me que ela vir comigo era a coisa mais natural do mundo.

Se aqueles pensamentos me assustavam? De maneira nenhuma. Mas queei aterrorizado ao saber que, embora ela quisesse vir comigo, só chegaria onde o mar a pudesse levar.

— Perdeste o juízo? — retorquiu o Kadek, furioso.

— Perdi a vontade de seguir as tuas regras, tio — respondeu, cruzando os braços.

— As minhas regras são as que te mantêm viva! — voltou a gritar-lhe.

A Nikki deu um passo atrás.

— Isto está a car fora do teu controlo. Uma coisa é quererem proteger-me e outra muito diferente é quererem meter-me numa redoma de vidro. As férias do Alex ainda não acabaram e eu vou estar com ele até que terminem. Decide se as vamos passar aqui ou se temos de procurar um sítio em Bali.

Por mais estranho que pareça, a sua irritação diminuiu quando a sobrinha disse as últimas palavras. Olhou para mim e, em seguida, para ela. Depois, percorreu com o olhar as restantes pessoas que ali estavam presentes.

— Muito bem — aceitou. — Se é isso o que tu queres. Pega nas tuas coisas e vai-te embora com ele.

Ficámos todos surpreendidos. O Kadek contornou a sobrinha para poder avançar e saiu pela porta.

CAPÍTULO 29

NIKKI

Não acreditei quando a Maggie veio à minha procura na clínica veterinária para me contar tudo o que se tinha passado. Sabia que o assunto Malcolm-Nate ia dar muito que falar e que ia acabar por ser um problema. Estava ciente de que, de uma forma ou de outra, se confrontariam, mas nunca imaginei que acabassem à pancada. Nem que o *banjar* se envolvesse, muito menos que o Alex casse prejudicado.

O meu tio tinha perdido a cabeça. Ele levava as regras muito a sério, mas fazia sempre vista grossa em relação a determinados assuntos. Em férias, as pessoas relaxavam e faziam coisas estúpidas, sobretudo quando havia álcool, e ele sabia bem disso. A atitude de expulsar o Alex e o Nate tinha sido completamente exagerada. A sua única motivação era querer afastar-me dele. Não o ia permitir, e, por isso, ameaçara-o, dizendo que me ia embora.

Não me podia ir embora de nitivamente, aquela era a minha casa, mas iria ausentar-me para estar com o Alex até ele ter de regressar ao seu país. Quando lhe disse aquilo, senti-me bem e completamente segura da minha decisão, mas, quando o meu tio se foi embora e eu pude relaxar, apercebi-me da realidade. Acabava de me juntar a umas férias que não eram minhas, mas do Alex e do Nate. Acabava de decidir, sem o consultar primeiro, que iria com ele para onde quer que

fosse para passar o resto dos seus dias livres.

Quando me virei para ele, vi que continuava tenso devido à situação, mas estendeu o braço, puxou-me para ele e abraçou-me.

— Estás bem? — perguntou baixinho, só para que eu pudesse ouvi-lo.

Assenti com a cabeça e separei-me dele para me concentrar no Nate, na Maggie e no Malcolm.

A minha amiga estava devastada e continuava junto à porta.

Quando o seu marido se levantou, preparando-se para sair, ela caminhou até ele. Tentou falar com ele, mas este olhou-a com desprezo.

— Afasta-te de mim, Maggie — disse e saiu pela porta.

O Nate não afastou o olhar de nenhum deles em momento algum.

Quando o seu ex-amigo se foi embora, levantou-se, disposto a fazer o mesmo.

Os olhares da Maggie e do Nate cruzaram-se por um segundo.

Consegui ver claramente a dor, o ódio, o rancor e, ao mesmo tempo, o amor com que o Nate olhava para ela, antes de também ele sair, afastando-se de todos.

O Jeremy observava-me da outra ponta da divisão com uma mistura de raiva e ciúmes. Abanou a cabeça várias vezes antes de falar.

— Perdeste completamente a cabeça — disse.

Caminhou atrás do Nate, assumindo que, devido à presença dos colegas do meu tio, nada lhe podia acontecer. Um deles dirigiu-se a mim antes de nos irmos embora.

— Amanhã deves apanhar o primeiro barco que sair para a cidade.

Não disse nada. O Alex, a Maggie e eu avançámos. Dirigimo-nos em silêncio para o parque de estacionamento das motas.

— Então, vais-te embora, Nikki? — A Maggie quebrou o silêncio.

Por um instante, quei sem saber o que devia responder. Olhei para o Alex e questioneei se as minhas intenções tinham sido acertadas.

— A sério, achas que não quero que venhas comigo?

Aquilo foi bastou-me. Sorri-lhe e ele retribuiu o sorriso.

— Devia voltar para casa — disse a Maggie.

Senti-me mal por ela. Sabia que precisava de mim. Senti-me dividida entre a minha melhor amiga e o homem que ocupava todos os meus pensamentos.

— Não te preocupes comigo, Nikki — declarou, como se me lesse a mente. — Eu co bem. Preciso de tempo para re etir sobre tudo o que aconteceu e para estar com o Malcolm e tentar explicar-lhe...

Custava-me ver a minha amiga assim. Sofria por amor quando merecia

que a quisessem e amassem acima de tudo. Aproximei-me dela e abracei-a.

— Pede-me para voltar e fá-lo-ei — disse-lhe, olhando-a diretamente nos olhos. — Vou levar o telefone, liga-me e... Vai correr tudo bem, Mags. Tudo se há de resolver, mesmo que agora não pareça.

A minha amiga anuiu e forçou-se a sorrir.

— Divirtam-se em Bali — a rmou e virou-se logo para o Alex. —

Trata bem dela, Lenox. Caso contrário, não haverá lugar neste mundo onde possas esconder-te.

O Alex sorriu e assentiu com a cabeça.

— Vou fazê-lo.

A minha amiga subiu para a sua mota e foi-se embora. Não desejei estar no seu lugar, mas sabia e acreditava que seria capaz de arranjar uma solução para tudo aquilo.

Primeiro, o Alex e eu fomos diretamente à minha casa. Eu, na minha

mota, e ele, na sua. Viu-me a arrumar tudo aquilo de que precisaria para passar quase duas semanas com ele em Bali. Pus um pouco de tudo na bagagem, porque não sabia muito bem o que devia levar comigo. Além dos dias que tinha passado fora com a Maggie, o Gus e o Eko, há anos que não tirava férias. Já não sabia muito bem o que isso era e, portanto, não tive de me preocupar com o trabalho.

Compreenderiam, não podiam dizer-me que não.

Ter de fechar a clínica veterinária incomodou-me, mas liguei ao Gus e expliquei-lhe a situação. Disse-me que podia car de sobreaviso caso acontecesse alguma coisa e que faria as minhas rondas pelos animais que precisassem de ajuda imediata.

A parte mais difícil foi falar com a minha avó. Tive de lhe ligar, sobretudo para lhe pedir para cuidar do *Batú* na minha ausência.

Ainda tentou convencer-me a car, porque não era uma boa ideia. Ela também não via com bons olhos a minha relação com o Alex, mas fui rme ao dizer-lhe que ia fazer o que queria, que já era crescadinha.

Mostrou-se relutante, mas aceitou cuidar do *Batú*, e eu quei muito mais tranquila. Seriam só duas semanas!

Depois de já ter a mala pronta e tudo resolvido, fechei a porta e subi para a mota do Alex. Deixei a minha estacionada à frente da minha casa e fomo-nos embora juntos para a sua *suite*. Quando entrámos, tive uma sensação estranha. Não era assim tão fácil contrariar a minha família. Além disso, tinham-se empenhado tanto para evitar aquela situação que, por um segundo, me perguntei se estava a fazer o que estava correto.

— Tens a certeza de que queres que vá contigo? Não te sintas obrigado...

— Tenho cem por cento de certeza, Nikki — garantiu.

Tirou-me a mala da mão e pousou-a no chão. Pôs as duas mãos na minha cintura e puxou-me para ele.

— Lembras-te do que me disseste há uns dias? — perguntou, olhando-me nos olhos.

Fitei-o, franzindo o sobrolho, sem saber muito bem a que se referia.

— Disseste-me que uma parte de ti gostaria de viver em Bali, como fazem os turistas.

Certo. Eu tinha dito aquilo.

— Deixa-me oferecer-te essa experiência, Nikki. Nada me faria mais feliz do que ver-te de férias — disse, sorrindo, divertido.

Fiz um sorriso de esguelha e ele beijou-me.

Naquela noite, envolvemo-nos novamente. Foi diferente, sem medos e com mais con ança, como se nos conhecêssemos desde sempre. Era isso que eu sentia com o Alex, como se soubesse quem ele era desde sempre, como se soubesse exatamente aquilo de que eu precisava.

Adormecemos nos braços um do outro. Na minha mente, precisamente antes de me deixar levar pelo sono, só consegui pensar em quão feliz estava.

Deixámos a ilha cedo. Ajudei o Alex a preparar a sua mala, e, às oito da manhã, estávamos no porto. O Nate também lá estava e comunicou-nos que ia voltar para Inglaterra. Senti-me mal por ele e pela Maggie.

Sabia que aquela história não tinha cado encerrada. Tinha-se

separado, deixando feridas abertas, e isso não era bom. Nunca é numa situação daquelas, sobretudo se queremos seguir em frente com a nossa vida, mas, às vezes, as coisas não correm como queremos.

Embarcámos e a ilha foi cando cada vez mais pequenina. O Nate pôs os auscultadores e ignorou-nos da forma mais educada possível.

Também não o culpava. No seu lugar, eu também não queria falar com ninguém.

O meu tio não apareceu no porto. Essa possibilidade tinha-me passado pela cabeça, mas agradeci que não o tivesse feito. Não me apetecia vê-lo naquelas circunstâncias, estava muito chateada com ele.

Quando voltasse, devíamos ter uma conversa muito séria se queria continuar a manter uma boa relação comigo.

Quando chegámos a Sanur, fomos recebidos pelo caos geral que há neste tipo de portos. Havia turistas por todo o lado, as mercadorias dos barcos e as malas ocupavam a praia e muitos locais disponibilizavam o serviço de táxis.

Fiquei surpreendida ao ver que um senhor com um cartaz que dizia «Lenox» nos esperava, escrito com uma letra bonita e cuidada.

Seguimo-lo e voltei a surpreender-me ao ver um bom carro à nossa espera para nos levar ao nosso próximo destino.

Senti-me um bocado estranha. Nas vezes em que tinha viajado para Sanur, tivera de molhar os pés para arrastar a mala pela areia e pôr-me na la do autocarro para me levar à faculdade. Aquilo era muito diferente. O carro cheirava a novo, os estofos eram de couro e o ar condicionado estava ligado no máximo. Quando, por m, começámos a subir, o motorista afastou-se do porto.

— O meu voo parte esta noite, podem deixar-me no aeroporto —
pediu-nos o Nate e comunicámo-lo ao motorista.

Despedi-me dele com um abraço e esperei dentro do carro enquanto o Alex falava com ele e se despediam. Não sei muito bem o que lhe disse, mas demorou o tempo de que precisou antes de o deixar ir-se embora. O Nate parecia estar arrasado. Abraçaram-se e o Alex entrou novamente no carro.

— Está tudo bem? — perguntei-lhe.

O Alex suspirou alto.

— Foi um golpe duro e muito feio da parte do Malcolm.

— Nunca imaginei que o Nate não soubesse que ele estava cá. Não percebo como pôde mentir durante um ano inteiro.

— Nem eu — respondeu.

Depois disso, seguimos até Ubud. Na noite anterior, tínhamos feito alguma pesquisa sobre os sítios que queríamos visitar. Eu tinha dado ao Alex algumas indicações, sobretudo de sítios bonitos e bastante económicos que já conhecia por ter viajado pela ilha anteriormente.

Ele encarregou-se logo de fazer as chamadas e as reservas, por isso, quando chegámos ao nosso destino, duas horas depois, quei surpreendida por não reconhecer aquele sítio.

— Acho que o motorista se enganou...

Ao meu lado, o Alex sorriu, divertido.

— Acredita em mim, não se enganou.

Sáímos do carro e tivemos de caminhar uns cinco minutos pelo meio de uma oresta. Ubud é uma povoação linda, caracterizada por uma vegetação incrível, é ideal para o cultivo do arroz e aqueles socalcos são a sua maior atração, sobretudo para os turistas, que procuram uma paisagem bonita. É um dos meus lugares preferidos, porque é como entrar num conto de fadas. Está quase sempre nublado e chove, mas isso dá-lhe um toque misterioso. As suas cores intensas de diferentes tons de verde e as suas palmeiras gigantes são uma coisa que, de facto, tira o fôlego a qualquer um.

Fiquei paralisada quando nos detivemos numa clareira. Suspensa por quatro pilares, erguia-se uma cabana no cimo de uma árvore. A

oresta e os arrozais cavam aos seus pés.

— O que fazemos aqui? — perguntei, sem conseguir acreditar.

— É a nossa cabana para os próximos dias — disse o Alex, alegre. —

Achavas mesmo que te ia levar para um pardieiro barato? Prometi-te umas férias de sonho e vou cumprir a promessa.

Sorri como uma idiota sem parar de olhar para cima. O motorista encarregou-se de levar as nossas malas lá para cima e disse ao Alex para o chamar se precisasse de alguma coisa. Subimos as escadas íngremes que nos levaram até à porta da cabana. Assim que entrei, quei completamente fascinada com aquilo, não tinha palavras.

Aquele sítio era demasiado bonito. Nunca tinha visto nada tão espetacular nem tão distante das minhas possibilidades. Era verdade que fazia uma ideia do que as ilhas ofereciam aos turistas, mas para nós, que tínhamos sido criados no arquipélago, a realidade era completamente diferente. Éramos um povo trabalhador, a maioria dos balineses ganhava a vida na apanha do arroz ou de algas no mar.

Estávamos habituados a acordar antes do amanhecer e a trabalhar arduamente por cada rúpia que ganhávamos. Estar num sítio daqueles, com uma pessoa como o Alex, era um *cocktail* de emoções que me custava desvendar.

— É demasiado — a rmei.

Entre numa divisão cuja janela ia do chão ao teto e deixava ver toda a vegetação que se estendia aos seus pés.

— Não é — disse o Alex atrás de mim.

Continuámos a percorrer a casa. Não era nem muito grande nem muito pequena, era perfeita. Tinha uma cozinha americana à esquerda, um sofá verde-musgo no centro e, à direita, com uma vista igualmente impressionante do salão, cava o quarto. A cama era gigante,

perguntei-me quantas pessoas conseguiriam dormir ali calmamente e sem se tocar. Tinha dossel e um mosquiteiro branco à volta. No entanto, a cereja no topo do bolo era o terraço. Ali, suspensa a dez metros de altura, havia uma espécie de rede para nos deitarmos, com toda aquela paisagem aos nossos pés. Tinha visto fotogra as de sítios como aquele, sempre me tinham parecido surreais, apesar de serem lindas, mas nada se comparava a vê-lo com os meus próprios olhos.

— Gostas? — perguntou o meu acompanhante.

Virei-me para ele, tinha cado sem palavras.

— Como poderia não gostar?

Beijámo-nos. Depois de voltar a percorrer aquela que seria a nossa

casa durante os próximos dias, decidimos ir tomar um banho. Havia um jacuzzi ao ar livre, e, ainda por cima, estava calor, embora não fosse tão asqueroso como o da minha ilha.

O Alex não tardou a encher uma espécie de banheira de água quente. Despimo-nos e metemo-nos lá dentro. Foi muito bonito e especial tomarmos banho juntos, a desfrutar daquela vista. O pôr do sol era impressionante, mas não consegui vê-lo todo. Quando o céu se tingiu de cinco tons diferentes de púrpura, o Alex começou a beijar-me, a tocar-me e a fazer-me fechar os olhos de puro êxtase.

Fizemos amor ali, era outro sítio novo para mim. O Alex parecia saber exatamente onde me tocar para me arrancar um gemido e eu deixava-o fazer o que desejava ao meu corpo. Não sabia em que momento me tinha transformado naquela pessoa, capaz de fazer sexo com um homem que nunca nas minhas fantasias poderia ter acreditado que iria reparar em mim.

Pedi-me para olhar para ele quando, com a cabeça inclinada para trás, tentava reprimir um gemido que ameaçava transformar-se num

grito. Estava sentada de pernas abertas em cima dele, a mexer-me para sentir mais prazer.

Fiz o que me pediu. Abri os olhos e vi-nos verdadeiramente pela primeira vez naquele sítio perdido no meio da orresta. Agarrou-me na nuca e puxou o meu tronco para o seu.

— Não quero que isto acabe — disse-me, cravando-se dentro mim enquanto me agarrava para que casse quieta. — Sinto que és minha, Nicole... Dói-me só de pensar que não vais sê-lo.

Estremeci perante as suas palavras, porque eu sentia o mesmo. Era um sentimento agriçoce, acreditava ter encontrado a minha outra metade, mas sabia que nunca seria minha.

— A mim também, Alex — a rmei junto à sua boca, inspirando o seu hálito, que me encheu de oxigénio mais do que qualquer ar puro.

— Contigo, sou o que nunca julguei poder ser com ninguém — disse.

Baixou as mãos até me agarrar com força pela cintura. Senti os seus dedos rmes na minha pele, como quem agarra num balão para que não escape.

— Tenho medo de que, um dia, descubras como sou na realidade e te

arrependas do que somos agora — sussurrou-me.

Naquele momento, não tive consciência do que quis dizer, apenas registei aquelas suas palavras com o tempo.

Tornei a mexer-me, desta vez, devagar.

A palavra estava na ponta da língua, o sentimento crescia dentro de mim, diziam-nos os nossos gestos, mas não nos atrevíamos a verbalizá-lo. Mal nos conhecíamos, não nos podíamos ter apaixonado tão depressa, certo?

Naquela noite, fundimo-nos num só, tanto física como mentalmente.

Dissemos tudo um ao outro com o olhar, os gestos e as carícias.

Fizemos amor com as estrelas a observar-nos. Quando acabámos, restava pouca água, e já estava bastante fria. Passámo-nos pelo chuveiro na escuridão da noite, com a lua a olhar para nós de forma intrusiva.

O Alex abraçou-me por trás. A água quente caía-nos em cima da cabeça e a brisa fria da noite deixava-nos com pele de galinha.

— Parece-me que agora é que começaram mesmo as minhas férias — disse-me ao ouvido.

Estávamos nus e abraçados naquele sítio impressionante, sob as estrelas noturnas, a água a ensopar-nos... As palavras que não tínhamos dito pairavam no ar.

Pela primeira vez, senti medo quando pensei que os meus dias com ele eram limitados. Em breve, aquela aventura chegaria ao m.

Nos seus braços, compreendi que aquilo não era simples atração, mas que se transformava numa coisa que eu nunca tinha sentido. Mal tinha começado a perceber o que signi caria.

Com a pele enrugada devido à água e os dentes a bater, o Alex envolveu-me num roupão de banho grande, macio e que cheirava a jasmim. Entrámos na casa, também usava um roupão como o meu.

— Pedi que enchessem o frigorí co e, se mo permites, vou-te fazer um dos melhores esparguetes que já provaste na vida.

Ri-me, mas deixei que o zesse. Sentei-me num banquinho e, de

seguida, observei-o a manejar os ingredientes com bastante desenvoltura. Cortou um pouco de queijo e abriu uma garrafa de vinho branco para irmos ingerindo enquanto ele cozinhava e conversávamos sobre tudo.

Contou-me que, em pequeno, era muito endiabrado. Durante algum tempo, o seu passatempo preferido foi pôr balões de água, cheios de

farinha, por cima das portas, e ver quem as abria a car coberto do pó branco. Aos onze anos, os pais meteram-no num colégio interno.

Olhei-o bastante admirada e a minha primeira pergunta foi se tinha sido assim tão mau para os pais tomarem aquela decisão.

— Era mau, mas isso não teve nada que ver com o meu comportamento. Em Inglaterra, é muito comum estudar-se em colégios internos. Recebi uma educação muito boa, e, acredita, diverti-me muito mais do que em minha casa. Fiz bons amigos e travei amizades importantes.

Creio que foi aí que comecei a ter consciência de quão diferentes os nossos mundos eram. Sabia que ele tinha dinheiro, bastava ver a maneira como se vestia, mas a sua fortuna e a sua posição eram muito mais importantes do que eu tinha imaginado no princípio.

Serviu o esparguete em dois pratos fundos, polvilhou-os com parmesão e convidou-me a prová-lo.

— Meu Deus, isto está incrível — declarei.

O Alex pareceu estar muito satisfeito consigo mesmo. Anuiu com um aceno de cabeça e murmurou um «Bem te disse».

Continuou a contar-me coisas sobre o seu colégio e as travessuras que fazia com os amigos. Aquela conversa avançou para a decisão que tomou de ser piloto, coisa que os pais não aceitaram nada bem.

— Porque não? — perguntei.

— Já vais ver... — hesitou por um instante. — Lembras-te de quando te contei que trabalhava para uma empresa de jatos privados?

Assenti, embora não soubesse muito bem onde queria chegar com aquilo.

— Bem, a minha família é a dona e fundadora da empresa.

Abri os olhos, atônita. Não sabia nada sobre empresas de aviões

privados, mas aquilo parecia-me importante.

— Os meus pais desejavam que me envolvesse na administração da empresa, ao passo que eu decidi pilotar os seus aviões. Hoje em dia, continua a ser uma eterna discussão.

— Não queres gerir a empresa? — perguntei-lhe.

O Alex levou o copo de vinho aos lábios e bebeu um gole antes de falar:

— Aceitei estudar Economia em Oxford e fiz um mestrado em Gestão em Harvard para satisfazer o meu pai, mas nunca deixei de voar. Essa é a minha paixão, não gerir um bando de funcionários.

De repente, senti-me muito, mas mesmo muito, pequenina ao ouvir o nome das universidades em que se tinha formado.

— Não perdeste tempo, hum... — disse, espantadíssima.

Levei o copo de vinho aos lábios, como que para tragar aquela informação. Sorriu e pegou-me na mão.

— Parece mais importante do que, na realidade, é — tentou aliviar o peso do assunto.

Não disse nada, continuava a assimilar o que me contava.

— Posso fazer-te uma pergunta? — indagou depois de fazer uma pausa.

Assenti com um aceno de cabeça silencioso.

— Achas que o teu tio estava a falar a sério quando disse aquilo de não voltar a deixar-me pisar a ilha? — perguntou muito preocupado.

Sorri, embora ocultasse a minha verdadeira dúvida.

— Vou falar com ele.

— Não me agrada a ideia de não poder regressar para te visitar...

— Para me visitares? — repliquei com um sorriso inocente.

O Alex imitou-o.

— Pois é, menina, não pense que se vai ver livre de mim assim tão depressa.

Falou de uma forma bonita e sincera, mas ambos sabíamos qual seria a realidade de tudo aquilo. Quantos amores de verão acabavam por ser apenas isso?

Senti-me angustiada só de pensar que talvez não o voltasse a ver, mas escondi essa sensação. Forcei um sorriso que sabia que não me tinha chegado aos olhos.

Levantámos a mesa juntos e fomos para a cama. Debaixo dos lençóis, voltámos a procurar-nos. Era como se nunca tivéssemos o su ciente, os nossos corpos não conseguiam estar tão perto sem iniciar aquele jogo de que começávamos a gostar tanto.

Derreti-me nos seus braços. Apesar de nunca ter estado tão bem e feliz em toda a minha vida, naquela noite, tive pesadelos.

CAPÍTULO 30

ALEX

Estivemos quatro dias em Ubud. Recordar-me-ia sempre deles por me ter sentido tão feliz e verdadeiramente em paz. Não o podia comparar com nada que tivesse vivido até àquele momento. Estar com a Nikki signi cava sentir-me em sintonia comigo mesmo e em contacto com elementos de que nunca julguei necessitar. Ajudava-me a estar em paz e a esquecer-me dos problemas que me aguardavam em casa. Sobretudo, contribuía para que eu fosse uma versão muito melhor de mim mesmo.

Não me lembrava de nenhum momento da minha vida em que tivesse sido verdadeiramente feliz, como estava a ser naquela viagem.

A plenitude era dormir com ela nos meus braços todas as noites, caminhar pelo meio dos arrozais, improvisar jantares nos melhores restaurantes que conseguisse encontrar.

Vê-la rir era o meu passatempo preferido e convenci-a a fazer tudo o que aquele lugar nos oferecia. Fizemos tirolesa pelo meio da oresta, andámos em baloiços incrivelmente altos, cujas vistas nos tiravam o fôlego, dormimos ao relento sob as estrelas e dançámos à chuva com a música do meu telefone no fundo.

Deixámos Ubud com pena e nostalgia. Durante quatro dias, naquela

cabana, tínhamos criado uma cumplicidade e uma conexão únicas.

Era como se nos conhecêssemos desde sempre.

Nos dias seguintes, dedicámo-nos à parte mais cultural de Bali.

Percorremos e visitámos templos impressionantes, purificámo-nos na fonte sagrada do templo Tirta Empul, percorremos as praias de Seminyak e madrugámos para ver o amanhecer a partir do templo de Uluwatu.

Quanto mais visitava aquela ilha, mais me apaixonava por Bali. A Nikki aproveitava, contando-me as lendas de cada lugar e explicando-me os nomes e as tradições.

Era como se namorássemos há anos. Caminhávamos de mãos dadas pelas ruas, tirávamos fotografias juntos e eu tirava-lhe a ela, porque era linda. Ficava bem, mesmo quando não posava, e procurávamo-nos a cada segundo para nos beijarmos.

Desejava-a como nunca tinha desejado outra mulher na vida e disselhe isso mesmo todas as noites e todas as manhãs.

Fomos deixando para trás o sexo básico à medida que a fui empurrando um pouco mais para os meus gostos. Fiquei satisfeito quando pareceu gostar de tudo o que fazíamos e lhe ensinava.

Nunca me hei de esquecer da inocência com que me perguntou se podia devolver-me o favor quando consegui fazê-la atingir o orgasmo usando apenas a minha língua. Partilhar o sexo oral com a Nikki foi a minha perdição. Quando ela se soltou, perdeu a vergonha e se deixou levar... Estava no paraíso e ainda não me tinha apercebido.

Passámos uma noite na ilhota de Gili Trawangan e levantei-me de madrugada cheio de sede. Fui até ao pequeno frigorífico do quarto.

Tínhamos ido à procura de um pouco de paz. Como a Nikki nunca ali tinha estado, não hesitei em reservar um bom hotel.

Era um lugar muito pitoresco, só se podia percorrer a ilha de bicicleta e tínhamo-lo feito no dia em que tínhamos chegado. Nos

outros dois, limitámo-nos a não fazer nada, a deitarmo-nos na areia e a ler um bom livro. O único exercício que zemos, além de, obviamente, foder, foi nadar com tartarugas-marinhas enquanto fazíamos o melhor *snorkeling* que alguma vez tinha feito.

Enquanto bebia água, observei a Nikki enrolada nos lençóis. O seu cabelo castanho sobressaía da cor das almofadas. O tom bronzeado-caramelo dava-me vontade de a beijar em todo o lado.

Pensei na conversa que tínhamos tido antes de adormecer. Pareceu-me que não tinha agradado a nenhum dos dois.

— Vem comigo — sussurrei-lhe depois de se ter aconchegado sobre o meu peito de olhos fechados.

Levantou a cabeça para me olhar diretamente.

— O quê? — perguntou.

Não sorri, mantive-me sério quando repeti o pedido.

— Sei que não tenho direito nenhum de te pedir isto. Nem sequer passou um mês desde que nos conhecemos, mas só sei que sou mais feliz ao teu lado... Vem comigo para Londres, Nikki.

Ouviu as minhas palavras e inspirou, enchendo os pulmões de ar.

Ergueu o tronco e sentou-se ao meu lado antes de falar.

— Não posso — disse, com tristeza.

— Vamos tentar — pedi-lhe, apesar de saber que era uma loucura.

As nossas vidas eram completamente diferentes. Não só nos separavam dez mil milhas de distância, como toda uma cultura e um conjunto de crenças e de obrigações.

— Não funcionaria, e tu sabe-lo bem — sussurrou.

Segurei-lhe o rosto e aproximei-me dela.

— Conseguiremos fazer com que funcione. Podemos fazer o que

quisermos. Não te faltará nada, Nikki, temos sorte nisso. Ajudar-te-ei a encontrares trabalho lá como veterinária ou como aquilo que quiseres...

— E o que acontecerá à vida que tenho aqui? — replicou com tristeza.

Fiquei calado, sem saber o que dizer. Estava a ser egoísta, pedindo-lhe que viesse comigo, mas, dos dois, era ela quem podia fazê-lo. Eu não podia abandonar a empresa, nem deixar de voar, nem deixar a...

— Sou piloto... Sou o dono da melhor empresa de aviões privados do mundo. Poderás voltar quando quiseres, Nikki.

Isso era verdade, mas ela abanou a cabeça.

— Não vou entrar em nenhum avião, Alex.

Disse-o com tanta rmeza que a sua resposta me irritou. Aquele assunto incomodava-me bastante, porque não havia forma de a chamar à razão. Levantei-me da cama e fui até à janela.

— Tens de superar os teus medos, Nicole — disse-lhe, olhando lá para fora.

— Porquê? — perguntou depois de um longo silêncio. — Nem todos os medos têm de ser superados. Nem todos somos super-heróis nem super-heroínas, eu, pelo menos, não sou. Tenho uma fobia, e então? De certeza que tu também tens uma.

— Mas não deixo que controle a minha vida! — gritei-lhe sem me conseguir controlar.

A Nikki olhou para mim, impassível. Respirei fundo para me tentar acalmar.

— Devias ao menos tentar fazê-lo — disse, por m.

— Não se pode tentar entrar num avião, Alex. Ou entras ou não.

— Então, estás a dizer-me que nunca vais sair deste arquipélago?

Não sentes curiosidade pelo que existe lá fora? O mundo é enorme, Nicole! Devias estar mortinha para o conheceres!

— Morro de vontade de o fazer! — gritou-me. — Achas que gosto de me sentir assim? Achas que não desejaria conhecer a cidade onde o meu pai nasceu, descobrir as minhas raízes ou visitar todos esses lugares de que me falaste?

Aproximei-me da cama e enredei os dedos no seu cabelo.

— Então vem comigo! Eu posso ensinar-te tudo o que quiseres!

Vi como os seus olhos se enchiam de lágrimas e comovi-me tanto com a sua tristeza como se me tivessem magoado a mim mesmo.

— Dizes isso tudo, porque estás a deixar-te levar por esta bolha em

que temos vivido durante as últimas semanas. No entanto, tu não me conheces, nem eu a ti. Um mês não basta, Alex. Não é o su ciente.

— Claro que é — interrompi-a, olhando-a nos olhos. — Nem trinta dias, Nikki, nem sequer precisei de trinta pores do sol para me apaixonar perdidamente por ti.

Ficou presa ao meu olhar e às minhas palavras, mas abanou a cabeça, negando-o.

— Não estás a falar a sério...

— Vais dizer-me que não sentes o mesmo? — perguntei.

Vi medo nos seus olhos, o mesmo que eu sentia. Ficava paralisado só de pensar que, dentro de dois dias, tinha de me ir embora e deixá-la ali.

Não a deixei responder, porque vi que cava aterrorizada ao reconhecê-lo. Beijei-a e fundimo-nos um no outro. Às vezes, não é preciso mais nada para dizer tudo. Os acordos tácitos e as palavras que não se pronunciam, por vezes, são os que melhor se compreende.

Isso aconteceu-nos naquela noite. Dissemos tudo um ao outro através de carícias. Quando acabámos, ela adormeceu e eu já não consegui dormir.

Com um copo de água na mão conforme a observava, só consegui sentir pena. Não podia deixar de pensar no momento em que teria de lhe dizer adeus.

E, precisamente nesse instante, ligaram-me.

Era o Carter. Quando atendi o telefone, pelo seu tom de voz, pareceu-me um mau presságio.

— Podes falar? — perguntou-me.

— Um momento — pedi em voz baixa. Saí do quarto e fui para o jardim privado com vista para o mar. — O que foi?

— Tenho novidades, mas não te vão agradar.

— Encontrei o acidente? — indaguei, tenso.

— Não só o encontrei, como tu sabes perfeitamente que acidente foi.

Permaneci calado por um instante, sem perceber nada daquilo.

— O que queres dizer? Como é que sei que acidente foi?

— Fizeste-me ir ver os acidentes com destino a Inglaterra, entre 2002 e 2004. Estas datas não te dizem nada?

O meu corpo cou tenso. Cheguei à mesma conclusão que o Carter, mas foi como se o meu corpo o compreendesse primeiro que a minha cabeça.

— Tu devias ter uns dez anos, não?

Demorei uns segundos a assimilar o que tentava dizer-me, mas, apesar disso, não conseguia encaixar as peças todas. Neguei-o, abanando a cabeça. Não podia ser.

— Estás enganado — disse num tom de voz contido.

— Não — garantiu-me o Carter. — Revi todos os registos e todos os aviões comerciais. Não há nenhum acidente, apenas o... — continuou a explicar-me, mas interrompi-o.

— Estás a dizer-me que o único acidente registado com destino a Inglaterra, no ano de 2003, foi o *Gulfstream V*? — perguntei-lhe.

Comecei a sentir a cabeça a mil à hora. Juntei os dados, comparando as datas e a considerar milhares de possibilidades. Aquilo não combinava de maneira nenhuma com a rapariga que eu tinha conhecido na outra ponta do mundo.

— É exatamente isso que te estou a dizer — respondeu, cortante.

Respirei fundo.

— Não é possível. Continua a procurar.

Estava prestes a desligar, mas ouvi o Carter falar e voltei a levar o telefone ao ouvido.

— Não sei no que andas metido nem o que pretendes encontrar, mas sabes perfeitamente que não te convém nada remexer neste assunto. A morte do Jacob Leighton foi bastante discutida naquela época. Tu és a pessoa menos indicada para meter o nariz nesse assunto. Queres pôr os serviços secretos ingleses contra ti? A tua família já sofreu o su

ciente com este assunto...

— A minha família não teve culpa desse acidente, Carter.

— Bem, não vamos debater isso. A versão oficial é que o avião não estava em perfeitas condições para voar e, por isso, despenhou-se.

— A versão oficial? — Dei uma gargalhada amarga. — Mandaram o avião abaixo e tu sabes disso. Toda a gente o sabe!

— A questão é que as tuas perguntas nos trouxeram até aqui. Aqui tens a resposta para o que quer que andavas a tentar averiguar. O

único acidente registado nesses anos foi o do *Gulfstream V*, da Lenox Executive Aviation, o avião que transportava o Jacob Leighton, lho mais velho de uma das famílias mais ricas de Inglaterra, e o seu lho de sete anos.

— Eu sei perfeitamente quem ia nesse avião, Carter — murmurei.

Tentava perceber e ligar todos os acontecimentos.

— O que esperavas encontrar, Alex? — perguntou-me então.

Demorei mais alguns segundos a responder.

— Tudo menos isto — repliquei e desliguei a chamada.

Precisava de pensar. Há vinte anos, a minha família vira-se envolvida num assunto muito mediático. Um dos nossos melhores aviões tinha-se despenhado no mar do Norte quando fazia uma rota de Amesterdão para Londres. Levava o Jacob Leighton e o lho pequeno, Adam.

Não preciso de explicar o que um acidente daqueles signi cou para a empresa. Sobretudo quando o mundo inteiro descobriu que o herdeiro do império Leighton tinha morrido com o seu único lho vivo. Os Leighton tinham empresas farmacêuticas espalhadas pelo mundo, eram o principal rival da Johnson & Johnson. Destacava-se o seu importante trabalho de bene cência no estrangeiro, sendo um dos principais fornecedores de vacinas em zonas de extrema pobreza da África subsaariana e do Sul da Ásia.

Após a sua morte, foi iniciada uma investigação que quase arruinou a nossa empresa. As pessoas e os meios de comunicação social queriam um culpado, independentemente de quem fosse. Escapámos por falta de provas, mas o meu pai continuou a investigar por sua conta e risco

o que se tinha passado. Encontraram a caixa negra e ouviram as conversas dos pilotos, parecendo que algo estranho se tinha passado. Os peritos privados chegaram à conclusão de que alguém tinha manipulado o avião para provocar o acidente.

Houve um julgamento, mas os juízes não aceitaram as provas

apresentadas pelo meu pai. Não as tinha obtido por uma via o cial nem podia apresentar a sua versão. Muitos culparam-nos, enquanto outros inventaram várias teorias, inclusive, chegou-se a acreditar que tinha sido um ataque terrorista. Atualmente, o Devon Leighton, o irmão mais novo do Jacob, era o único herdeiro vivo do império Leighton e geria a empresa.

Respirei fundo e olhei para o horizonte. Pus-me a pensar em como a Nikki encaixava naquele assunto.

Liguei outra vez para o Carter e z-lhe uma pergunta, apesar de, no fundo, achar que sabia a resposta.

— Podes con rmar-me quem ia no avião, Carter?

Ele concordou e pediu-me para aguardar um momento.

— Além da tripulação, há registo de três passageiros. O Jacob Leighton, o Adam Leighton e uma mulher asiática, que, pelos vistos, era a ama do lho do Leighton.

Sustive a respiração quando z a pergunta seguinte.

— Como se chamava?

— Bom, espera... — Aguardei uns segundos. — Que nome tão estranho! Aqui está uma tal Ni Luh Annisa.

Afastei o telefone do ouvido. Aquela mulher não podia ser a mãe da Nicole, certo? Mas os dados encaixavam. O pai da Nikki chamava-se Jacob, embora ela tivesse dito que o apelido era Brown.

— Qual era o nome de solteira da mãe do Jacob? — perguntei.

— Como? — replicou o Carter.

Resmunguei entre dentes.

— O apelido da mãe do Leighton, Carter, concentra-te.

— Não faço a menor ideia, pá. Porque queres saber isso?

— Tenho de desligar.

Primeiro, entrei no Google. Apareceram todo o tipo de entradas quando escrevi o apelido do magnata farmacêutico, incluindo o obituário do Jacob Leighton. Continuei a procurar até encontrar um artigo que falava da árvore genealógica da família. Os pais do Jacob Leighton eram o Edward Leighton e... A Charlotte Brown.

Meu Deus, tudo encaixava.

Aquela rapariga que estava a dormir entre os lençóis e que eu tinha conhecido no outro lado do mundo era a pessoa menos materialista e também a mais doce, simples e carinhosa... E era a única lha viva do defunto Jacob Leighton. Era a legítima herdeira do maior império farmacêutico do país e não fazia a mínima ideia disso.

Porém, isso não era o pior. Se todas as minhas suposições acabassem por ser verdade, a minha empresa teria sido a principal causadora daquele acidente de avião em que a Nicole tinha perdido não um, mas ambos os pais.

CAPÍTULO 31

NIKKI

Naquela manhã, quando abri os olhos, sabia que seria um dia complicado. O Alex partiria no dia seguinte. Quem sabia quando nos voltaríamos a encontrar, se é que o faríamos. Havia a possibilidade de nunca mais nos voltarmos a ver. Este pensamento provocou-me tanta dor que senti uma angústia no peito e uma vontade súbita de desatar a chorar. Estava completamente apaixonada pelo Alex Lenox...

Com um ar muito sério, tinha-me pedido para ir com ele, vira-o nos seus olhos, mas não era capaz de abandonar tudo por ele. Não era só pela minha fobia de voar, mas... Como poderia deixar a minha vida toda para trás?

Por amor, cometem-se muitas loucuras..., disse-me o meu subconsciente. No fundo, eu sabia que aquilo era verdade. Que melhor razão para arriscar tudo do que o amor por outra pessoa?

Levantei-me da cama e não quei surpreendida por não o ver ao meu lado. Naquelas duas semanas, tinha desfrutado de não ter horários e dormira durante as horas de que o meu corpo necessitava, sem

interrupções. Não me tinha apercebido de quão maravilhoso era abrir os olhos quando o sol já ia alto no horizonte. Eu era uma pessoa madrugadora, mas por obrigação, e, naqueles dias, tinha sido maravilhoso dormir até o meu corpo decidir que era su ciente. O Alex permitira-me descansar conforme precisava, e, muitas vezes, quando

abria os olhos, encontrava-o lá fora a tomar um café ou a fazer exercício.

No entanto, nem conseguia acreditar que aquele homem tinha reparado em alguém como eu. Também não percebia como nos tínhamos ligado daquele modo tão íntimo e próximo, por mais incrível que fosse. Com ele, sentia-me em casa.

Quando fui até ao jardimzinho privado que pertencia ao quarto, encontrei-o sentado numa cadeira, a olhar para o mar. Estava sem blusa, apenas usava umas calças de fato de treino cinzentas. Tinha o cabelo despenteado, como sempre, puxado para trás. Reparei nos seus músculos, nas suas costas torneadas, em como era incrivelmente sensual...

Assim que me ouviu chegar junto dele, virou-se. Vi o ar de preocupação no seu rosto, embora tentasse dissimulá-lo depressa, e eu mesma o senti. Passou a mão pelo cabelo e despenteou-o ainda mais.

Era um gesto que eu começava a reconhecer, fazia-o quando estava nervoso.

— O que foi? — perguntei, sentando-me ao seu lado.

O Alex esboçou um sorriso forçado.

— Nada. Está tudo bem — disse. Julgo que foi a primeira vez que senti que me mentia. — Como é que dormiste?

— Como um bebé — respondi e não pude deixar de franzir o sobrolho.
— Passa-se alguma coisa contigo... Podes contar-me.

O Alex desviou os olhos para o oceano. Instintivamente, levantei a mão e acariciei-lhe o cabelo. Inclinou-se sobre a palma da minha mão, apoiando a face nela, e beijou-a e apertou-a com a sua.

— Tenho de te dizer uma coisa — confessou e o seu tom de voz assustou-me. Fiquei imediatamente alerta.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Descobri uma coisa... É tão inaudito e pouco provável que juro que passei a noite toda a tentar encontrar outra explicação, mas não existe — a rmei, cautelosamente. — Preciso de te fazer uma pergunta e quero que sejas sincera.

Assenti em silêncio, ao mesmo tempo que na minha mente acendia um sinal de alarme. Todo o meu corpo reagiu, cando tenso.

— A tua mãe chamava-se Ni Luh Annisa? — perguntou.

Fiquei sem fôlego por um instante, porque não estava nada à espera daquela pergunta.

— Como é que sabes? — respondi, surpreendida e descon ada.

O Alex fechou os olhos apenas por um instante.

— Esperava estar enganado... — murmurou para si mesmo.

— O que aconteceu, Alex? Estás a assustar-me — disse, perdendo a paciência.

O Alex virou-se mais para mim e pegou nas minhas mãos.

— Primeiro, quero que saibas que o que te vou contar vai seguramente mudar a tua vida para sempre — disse-me.

— O que raio queres dizer com isso? — Afastei as minhas mãos das suas.

O Alex pareceu magoado com a minha rejeição, mas começou a falar.

— Fiquei curioso com o acidente aéreo em que os teus pais morreram. Como sou piloto, tenho contactos no departamento que regista esses acontecimentos. Juro que comecei a investigar apenas para poder perceber o que tinha acontecido e ajudar-te a superar a tua fobia de voar...

Pus-me em pé. Não acreditava no que me dizia.

— Quem te deu autorização para ires à procura de alguma coisa sobre a minha vida? — repliquei, irritada.

— Tens razão... Só queria saber como tinha sido o acidente. Julguei que se te explicasse as razões pelas quais o avião tinha caído, se calhar...

— O quê? — perguntei, atônita. — Entraria num?

— Só queria ajudar-te. — Olhou-me, constrangido.

— Não preciso da tua ajuda — declarei.

Quis ir-me embora, mas o Alex estendeu o braço e agarrou-me na mão.

— Não te vás embora, por favor. Senta-te, preciso de te contar o que descobri.

Os alarmes voltaram a soar na minha cabeça uma e outra vez.

Sempre tinha desconhado de alguma coisa, mas tinha apagado os sinais. Não os tinha valorizado por causa dos meus medos e da minha pouca vontade de descobrir como os meus pais tinham morrido.

— Não paraste para pensar que, se calhar, não quero saber? —

respondi, tentando conter as lágrimas. — Não tinhas o direito de te meter na minha vida desta forma...

— Tens razão... — assentiu sem desviar os olhos de mim. — Mas tens de saber o que tenho para te contar.

Apetecia-me gritar-lhe para se ir embora ou fugir dali, mas algo me disse para car e me impeliu a ouvi-lo. O Alex tomou o meu silêncio como uma autorização para falar e foi o que fez.

— Ao início, acreditei que seria fácil encontrar coisas sobre aquele acidente. Quando isso acontece com um voo comercial, é normal tornar-se uma notícia mundial. No entanto, não encontrei nenhum acidente deste tipo que coincidissem com o destino nem com a data que me disseste.

O coração batia-me a mil à hora... Na minha mente, reproduziam-se imagens de um avião a cair e dos meus pais a gritar. Não conseguia sequer imaginar o que tinham sofrido.

— Não encontrei nada na Internet e recorri a um colega meu que trabalha no Registo de Colisões Aéreas — a rmei, tranquilo. — Ele também não encontrou nenhum acidente de um voo comercial registado com aqueles dados. Então, começámos a discutir a possibilidade de o avião ser privado.

Abanei a cabeça, negando-o.

— Isso é impossível — disse-lhe.

— Foi precisamente isso o que eu pensei, Nikki — concordei com ela.

— Mas as coisas não encaixavam, por isso, pedi ao meu colega para continuar à procura... — Fez uma pausa para inspirar e encher os pulmões de ar. — Nikki, ele encontrou o acidente.

Com a respiração suspensa, esperei que continuasse.

— Não foi um acidente qualquer... Reconheci-o assim que soube o nome do avião.

— O que queres dizer com isso?

— Há vinte anos, um avião privado *Gulfstream V* caiu quando sobrevoava o mar do Norte, vindo de Amesterdão e com destino a Londres. Não houve sobreviventes, mas os passageiros eram pessoas importantes.

Sem dizer nada, aguardei que continuasse. A minha mente só o escutava e apontava tudo o que me dizia.

— Nesse avião, viajavam o Jacob Leighton, o seu lho Adam, de sete anos, e a suposta ama do menino... — Fez uma pausa antes de continuar. — Uma tal Ni Luh Annisa.

No princípio, quei calada, mas depressa o neguei com a cabeça.

— A minha mãe não era essa mulher... É por isso que estás tão a ito? A minha mãe não era uma ama...

— Nicole... Tudo encaixa, querida.

— O que é que encaixa, exatamente? — perguntei, chateada. Não estava a perceber nada...

— Disseste-me que o teu pai se chamava Jacob.

— Jacob Brown, não Leighton.

O Alex assentiu com paciência.

— A mãe do Jacob Leighton chama-se Charlotte Brown, Nicole.

Senti um sinal de alarme na minha cabeça, mas ignorei-o.

— E? Quantos Brown já existiram em Inglaterra? Ou no mundo? —

indaguei. Não queria ver o que ele queria que eu visse.

— Penso que o teu tio está a par de tudo isto. Sabe quem era o teu pai, e, para te proteger, disse-te que Brown era o seu apelido.

— O meu tio estava a proteger-me de quê? — perguntei-lhe.

O Alex aguardou um segundo antes de falar.

— Os Leighton não são uma família comum... São os donos de uma das empresas farmacêuticas mais importantes do mundo.

Levantei-me e afastei-me dele. Olhei para o oceano.

— Isso é uma loucura. Estás a divagar, vês coisas onde elas não existem, queres confundir-me...

O Alex também se levantou e aproximou-se de mim.

— Só te quero ajudar — declarou.

— Eu não te pedi ajuda, Alex! — gritei.

E ele aguentou o meu grito com estoicidade.

— Explica-me como é que no único avião que sofreu um acidente mortal em 2003 viajavam precisamente um tal Jacob, tanto faz que seja Brown ou não, e uma mulher que tinha exatamente o mesmo nome que a tua mãe. E, desculpa que te diga, mas acho que Ni Luh Annisa não é o nome mais comum do mundo. Não percebes?

Abanei a cabeça enquanto me afastava dele, mas veio atrás de mim.

— É uma mera coincidência — a rmei. No entanto, não queria aceitar aquilo nem vê-lo.

— Não é, Nicole, e isto não é tudo — declarou. O seu tom de voz tornou-se tão condoído que tive de me virar para o encarar. — Até hoje, ninguém conseguiu explicar o que aconteceu ao avião, mas descono o que o acidente tenha sido provocado.

— O que estás a dizer? — perguntei sem fôlego.

Desta vez, o Alex não se aproximou de mim e senti-me grata por isso,

mas quei assustada com o olhar que me devolveu.

— Muitos consideraram essa possibilidade... O teu pai era um homem muito importante.

— Não sabes se era meu pai!

— Nicole, era. E o rapazinho que também ia no avião, o Adam, era o teu irmão mais velho. E a mulher que ia com eles era a tua mãe, tens de o aceitar.

— Estás enganado! Em tudo! Não eram os meus pais nem provocaram o acidente!

— Não é cem por cento certo que isso tenha acontecido, mas o avião estava em perfeitas condições para voar, poria as mãos no fogo por isso, Nikki. Se alguma coisa aconteceu, não teve nada que ver com o seu funcionamento.

— Porque estás tão certo disso? Onde foste buscar essa informação?

O Alex olhou para mim por um instante antes de falar.

— Pertencia a uma companhia aérea chamada Lenox Executive Aviation, Nikki. É a empresa da minha família.

CAPÍTULO 32

ALEX

A sua expressão começou por ser de incredulidade. Achou que eu estava a brincar. Ao ver que falava a sério, olhou-me como se eu tivesse assassinado a sua família. Gostava que o seu belo rosto nunca tivesse feito aquele beicinho. Fiz menção de me aproximar dela, mas deu um passo atrás.

— Não te aproximes de mim, Alex — avisou com a voz trémula.

— Nikki, juro que eu não fazia ideia...

— O que estás a fazer... Todas estas mentiras — disse, abanando a cabeça.

Mostrei-me resoluto conforme insistia que eu mentia.

— É verdade, Nicole... Bate tudo certo, está registado, está docum...

— Não quero saber! — gritou.

— A realidade não vai desaparecer só porque não a queres ver! Tens de me ouvir!

Continuou a negá-lo.

— Se o que dizes é verdade, tu... A tua família, os teus aviões...

— O meu pai conhecia o teu, Nikki, era um dos seus principais clientes. Viajava com a nossa empresa há vários anos...

— Até o seu avião o matar, a ele e à minha mãe.

Detive-me um segundo e, depois, a rmei:

— Creio que não estamos perante um mero acidente de avião,

Nicole. Estou convencido de que se passava muito mais e de que ninguém sabia que existias... O teu pai divorciou-se da mulher quando o seu lho tinha três anos, podia ter estado com a tua mãe. Talvez não quisesse torná-lo público para os proteger aos dois. O teu pai era um homem muito poderoso.

A Nikki observava-me como se eu fosse um estranho. Tudo o que tínhamos criado nas últimas semanas parecia ter-se evaporado do seu olhar. Já não havia con ança, carinho, nem cumplicidade.

— Se o que dizes é verdade, se aqueles passageiros eram mesmo da minha família... Que oportuno dizeres agora que provocaram o acidente, não é? Que oportuno, vindo do dono dessa empresa! O

mesmo que me garantiu que havia uma possibilidade num milhão de se ter um acidente!

— Por favor — pedi, aproximando-me dela e pegando-lhe nas mãos.

— Não penses dessa forma, Nikki. Não tenho qualquer intenção de te enganar nem justicar nada, apenas me preocupo contigo. Há algo muito estranho neste assunto. O teu tio Kadek disse-me à tua frente para parar de fazer perguntas a teu respeito, porque não ia gostar de conhecer a resposta. Ele sabia o que eu andava a tentar descobrir, Nicole!

— O meu tio quer apenas que eu esteja a salvo!

— A salvo de quem, Nikki? — A nal, eu tinha percebido tudo. —

Não conheço lugar mais seguro para ti do que esta ilhota onde vives.

Não te surpreende que o teu tio seja tão obstinado em relação à tua segurança? Nunca te perguntaste porque insiste tanto para que não te relaciones com nenhum estrangeiro?

— Evita que me aconteça o mesmo que à minha mãe.

— Exato! — assenti, nisso estávamos de acordo. — Porque

morrerias se namorasses com um estrangeiro? A não ser que arriscasses a vida por algo que ainda não sabemos ou compreendemos.

— O que queres dizer com isso? — perguntou, insegura.

— Não posso pôr as mãos no fogo, mas suponho que o teu tio teme pela tua vida. Deve descon ar ou saber que o acidente foi provocado.

Tal como muitos britânicos, deve estar consciente de que alguém queria livrar-se do teu pai e do seu herdeiro. Talvez esse alguém seja a pessoa que gere agora a empresa farmacêutica.

Ao pôr o meu pensamento em palavras, percebi que não podia estar muito longe da verdade. As coisas encaixavam.

— Quem gere a empresa? — quis saber a Nikki.

— O irmão do teu pai, o Devon. Por não haver herdeiros diretos, o império voltou para as suas mãos. Nikki — disse, procurando o seu olhar —, estás a perceber o que te digo?

Ficou muito quieta antes de eu voltar a falar.

— Se o que descobri estiver correto, e apostaria que está... Nicole, tu serias a legítima herdeira do império Leighton, entendes? Seria tudo teu.

— Eu não preciso de nenhum império, Alex — retorquiu.

Vi perfeitamente o medo estampado nos seus olhos ao perceber a magnitude do que eu acabava de lhe contar.

— Mas é teu, Nikki!

— Não o quero! — gritou, zangada comigo, embora isso não zesse sentido nem tivesse lógica nenhuma.

— Estás a deixar que o medo fale por ti.

— Estás enganado.

Olhei para ela. As suas palavras deixavam-me estupefacto.

— Tens medo, sempre tiveste. Deixas que ele te anule e te bloqueie.

— Nem todos temos de ser tão corajosos como tu!

Aproximei-me dela e agarrei-a pelos ombros.

— Não podes ignorar isto, Nicole. É uma coisa muito grave. Se aparecesses como legítima herdeira dos Leighton, se fosse aberta uma investigação... Não estás a perceber? Podíamos tentar provar que alguém provocou o acidente e fazer justiça pelos teus pais.

Voltava a abanar a cabeça, negando-o, uma e outra vez.

— Não! — gritou, soltando-se de mim. — Não quero continuar a ouvir-te.

Dei um passo atrás. Estava dececionado.

— Não me olhes assim, Alexander, tu não sabes... Nunca vais saber o que é perder alguém. Não fazes ideia do que é perder a tua família e roubarem-te a possibilidade de teres a vida que merecias...

Imagens do que aconteceu há dois anos começaram a surgir diante dos meus olhos como se fosse um lme.

— Tu não és a única que sofre, Nicole. Tu é que não fazes ideia, não és a única a quem roubaram um ente querido...

As minhas palavras captaram a sua atenção, mas não queria ter aquela conversa. Não ia puxar aquele assunto, já não tinha importância. O seu, em contrapartida, podia ter outro desfecho.

Por um instante, parei de me sentir como o homem que tinha sido naquela ilha. Deixei que o verdadeiro Alexander Lenox regressasse do sítio para onde o tinha mandado durante aquelas últimas semanas.

— Agora, tens duas possibilidades — disse, olhando-a com seriedade.

— Podes ser corajosa, entrar num avião, encontrar as respostas que te andam às voltas na cabeça desde que descobriste e reclamar o que, legitimamente, te pertence... Ou podes ser uma

cobarde, regressar à tua ilha e continuar a viver com uma venda nesses teus lindos olhos verdes.

Ficámos calados, olhando-nos sem nos atrevermos a dizer nada. Eu aguardava a resposta que desejava ouvir com todas as minhas forças.

Ela debatia-se com todos os seus medos ao mesmo tempo que queria averiguar se era su cientemente forte para escolher a opção correta.

Depois de uns minutos de silêncio, por m, falou.

— Escolho ser uma cobarde.

Contornou-me, afastou-se e entrou no quarto sem dizer mais uma palavra.

CAPÍTULO 33

NIKKI

A sua expressão de desilusão perseguia-me todas as noites. As horas que se seguiram foram difíceis. Passámos de estarmos apaixonados a trocar olhares como se fôssemos estranhos. Eu descon ava dele, porque não queria ver a realidade. Ele, por sua vez, estava magoado, não conseguia acreditar na decisão que eu tinha tomado, e, ao mesmo tempo, desiludira-o.

Em retrospectiva, compreendo os dois lados. Estávamos apaixonados, mas ainda não nos conhecíamos su cientemente bem, continuávamos a ser estranhos. Não sabíamos quem éramos fora daquela bolha em que nos tínhamos fechado desde o preciso instante em que nos tínhamos conhecido.

Eu não sabia quem era o Alexander Lenox. Não sabia nada sobre a sua vida, a sua família ou o seu passado. Ignorava quais eram os seus medos, as suas dúvidas, os seus gostos e os seus piores pesadelos.

Apesar de ter descoberto tudo aquilo sobre os meus pais, também ele tinha visto apenas uma Nikki alegre, divertida, carinhosa e risonha.

Mostrara-lhe algum medo e insegurança, mas só nos tínhamos encontrado há trinta dias.

Há quem diga que nos podemos apaixonar por outra pessoa só ao olhar para ela. Outros acreditam em metades de laranjas, em almas gémeas ou num o vermelho que une duas pessoas e as leva a

encontrar-se... Não fazia ideia se o Alex era o amor da minha vida.

Naquela altura, sabia apenas que me tinha apaixonado, e, no meu momento mais vulnerável, tinham despejado sobre mim aquele balde de água fria. Ainda estava a tentar assimilar o que acabara de descobrir, graças a ele.

Fui egoísta ao zangar-me daquela forma. Agi erradamente, afastando-o e responsabilizando-o pelo modo como me sentia.

Culpava-o por me ter arrancado a venda dos olhos, pois ela tinha-me proporcionado segurança e uma infância pacífica, longe de tudo aquilo que me podia ter causado sofrimento, apesar de ter crescido sempre cheia de dúvidas, medos e inseguranças...

Recolhemos as nossas coisas, zemos as malas e pedimos ao motorista para me levar ao porto de Sanur. Nenhum dos dois disse nada. Eu estava irritada e magoada, e, à medida que nos íamos aproximando do nosso destino, comecei a perceber que a minha vontade de chorar era cada vez maior.

Antes de chegar, tive de limpar algumas lágrimas com a mão, numa tentativa de me acalmar. Não parei de repetir para mim mesma que devia respirar e que, em breve, estaria em casa.

Quando o carro parou à entrada do edifício que havia junto à praia, onde devia comprar o bilhete, pensei que o Alex não ia sair do carro, mas fê-lo. Ajudou-me a pegar na mala, pediu ao motorista para aguardar ali e acompanhou-me ao porto. Pagou-me o bilhete, apesar de eu insistir que não queria que o zesse. Quando estávamos a chegar ao sítio a partir do qual ele já não poderia passar, tivemos de enfrentar a realidade. Chegara o momento de nos despedirmos.

Chegara o momento de pôr fim ao mês cheio de momentos bonitos e apaixonantes. Devia dizer adeus a uma pessoa por quem o meu

coração já tinha começado a sangrar, apesar de ainda não nos termos separado.

— Isto não me agrada, Nikki — admitiu em voz baixa.

Levantou-me o queixo para me obrigar a olhá-lo nos olhos.

— Ambos sabíamos que este momento ia chegar — disse, encolhendo os ombros. Tentava mostrar que eu não era assim tão importante para ele e que estava bem.

Nos olhos do Alex, vi uma dor profunda que nem se deu ao trabalho de disfarçar.

— Gostava de não ter de me ir embora e poder car mais um pouco para esclarecer as coisas e ajudar-te a perceber...

— Não preciso da tua ajuda, Alex — respondi calmamente. — Estou bem.

Todavia, o meu lábio inferior tremeu, não o consegui evitar. O Alex ignorou a frieza com que o tratara nas últimas horas, puxou-me e envolveu-me nos seus braços.

— Podes sempre mudar de opinião, Nikki — sussurrou-me ao ouvido. — Se o zeres, procura-me em Londres. Estarei à tua espera, disposto a auxiliar-te em tudo aquilo de que precisares. Se acabar por ser o que desejas, ajudar-te-ei a descobrir o que aconteceu verdadeiramente aos teus pais e ajudar-te-ei a provar que és a lha legítima do Jacob Leighton.

Dei um passo atrás.

— Há assuntos que devem permanecer enterrados, Alex. Não pretendo provar nem reclamar nada... — Engoli em seco. — Agora só quero voltar para casa.

A decepção voltou a aparecer nos seus olhos, embora, desta vez, julgasse vê-la misturada com compaixão e mágoa. Tomou a minha face nas suas mãos e olhou-me nos olhos.

— Vou ter saudades tuas.

Tentei manter-me firme, mas vacilei quando os seus lábios procuraram os meus. Fechei os olhos e obriguei-me a captar mentalmente aquele momento. Quando se separou de mim, consegui ver quão afetado estava.

Antes de me virar e me afastar dele, aproximou-se uma vez mais e pegou-me no braço com suavidade.

— Fala sobre isto com o teu tio, Nikki — disse-me e vi o desespero nos seus olhos castanhos. — Pergunta-lhe se sabe quem é o Jacob Leighton e presta muita atenção à sua reação. Exige-lhe respostas.

Precisas de saber de onde vens e quem era o teu pai.

Avaliei o que me pedia e anuí com um aceno de cabeça.

— Vou fazer isso — repliquei. — Vou falar com ele.

O Alex pareceu car mais tranquilo.

— E nunca te esqueças de que vou estar a uma mensagem de distância, está bem?

Concordei com um aceno de cabeça, mordendo o lábio. Fez um sorriso de esguelha, sem que a alegria lhe chegasse aos olhos.

— Obrigado por estes trinta dias, Nikki — disse, mas sem conseguir deixar-me ir embora. — Sem o sabes, ajudaste-me da maneira mais bonita que é possível. Graças a ti, recordei-me de que, às vezes, as pequenas coisas são in nitamente mais bonitas e valiosas, sobretudo quando se tem a companhia de alguém tão puro como tu.

Inclinou-se, tocou-me na testa com os seus lábios e virou-se sem olhar para trás. Observei-o enquanto entrava no carro e vi-o desaparecer pela rua abaixo.

O meu coração sangrava e o corpo doía-me por vê-lo ir-se embora.

Deixei as lágrimas escorrer-me pelo rosto, nalmente livres para seguir o seu caminho. Já estavam cansadas de ser retidas contra a sua vontade.

Subi para o barco que me levaria de regresso a casa. Não deixei de me perguntar se, de facto, o era quando, pelos vistos, tinha crescido rodeada de mentiras. Também tinha curiosidade em saber se voltaria a ver o Alex, e a resposta que o meu subconsciente conseguiu dar-me foi apenas o derramar de mais algumas lágrimas.

Seria capaz de retomar a minha vida como se nada tivesse acontecido? Cumpriria a minha palavra e questionaria o meu tio sobre o Jacob Leighton? E se descobrisse que tudo o que o Alex me tinha dito era verdade? Teria a coragem de superar os meus piores medos e encarar o desconhecido?

Cheguei à minha ilha com todas aquelas perguntas às voltas na cabeça. Regressar pareceu-me estranho agora que cada recanto me recordava do Alex.

Quando cheguei a casa, vi que estavam três motas estacionadas à minha porta.

Intrigada, subi as escadas e, à porta, deparei-me com a Maggie, o Eko e o Gus. Receberam-me com expressões lívidas, e a Maggie estava lavada em lágrimas. O meu coração parou assim que vi a minha amiga naquele estado.

— O que aconteceu? — perguntei sem fôlego.

— Nikki... — começou a Maggie a dizer, mas interrompeu-se durante uns segundos para inspirar antes de falar. — Querida... O teu tio Kadek morreu.

O meu mundo apagou-se. Demorei a assimilar e a perceber o que me dizia. Desabei, caindo de joelhos no chão.

Os meus amigos continuavam a falar. Conseguiram levantar-me e levar-me para dentro. Continuaram a tentar fazer-me reagir, mas eu não conseguia ouvir nada do que diziam. A minha cabeça só prestava atenção aos meus batimentos cardíacos. Latejavam uma e outra vez contra os meus ouvidos. Ouvia-os perfeitamente, como se quisessem recordar-me de que ainda estava viva.

EPÍLOGO

ALEX

Não tive muito tempo para descansar nem para tentar desanuviar.

Não estava preparado para o que sabia que devia encarar com boa cara e atitude.

Tinha-me ido embora há trinta dias para fugir dos problemas. Tinha-me apaixonado como nunca tinha acontecido nos meus trinta anos de vida, mas tinha chegado o momento de assumir os meus erros e os meus próprios problemas. Não vou mentir, dizendo que a Nikki não continuava a ocupar praticamente todos os meus pensamentos, mas tive de me forçar a metê-la numa pequenina gaveta dourada para me concentrar no que era importante naquele momento. No que, durante meses, evitara.

Deixei a minha casa de Primrose Hill na tarde após o meu regresso de Bali, entrei no meu *Tesla* azul-marinho e dirigi-me para o aeroporto. Tinha recusado o convite dos meus pais para ir comer com eles, tal como a sua insistência para me acompanharem. Também declinei os convites dos meus colegas para sair para almoçar.

Já tinha perdido a conta às vezes que tinha feito aquele percurso de

carro. Heathrow cava a uma hora de caminho, menos tempo se não houvesse trânsito, embora fossem poucas as vezes em que tivera essa sorte. Deixei o carro no parque de estacionamento e saí.

Interiormente, ia-me motivando para dar um passo após o outro.

Sê corajoso! , disse a mim mesmo. Não podia entrar em pânico nem deixar que a situação me ultrapassasse. Fui direto à zona das chegadas e olhei para o painel pendurado no centro daquele espaço. O voo de Boston tinha aterrado sem atraso.

As portas abriram-se e, de trás delas, foram saindo os passageiros acabados de chegar. Uns corriam para abraçar os familiares, outros saíam à pressa, alguns com o telefone na mão, preocupados com os seus problemas profissionais... Também havia pessoas com um ar perdido, provavelmente, turistas, tentando perceber para onde se deviam dirigir.

Sustive a respiração assim que a vi. Vinha acompanhada de uma comissária de bordo, como lhes tinha ordenado que zessem. Apontou para mim, para mostrar à comissária onde eu estava, porque me tinha visto assim que saíra. Também não era difícil, porque eu estava mesmo no meio à sua espera. Apesar disso, estranhei um pouco ter-me reconhecido tão depressa. Aí, tínhamo-nos visto apenas uma vez.

Não tinha mudado muito desde então, embora me tivesse parecido mais alta.

A comissária de bordo também me sorriu e ambas se aproximaram de mim.

— Senhor Lenox? — perguntou a jovem.

Anuí com um aceno de cabeça silencioso.

— Foi uma passageira exemplar, senhor. O seu comportamento foi excelente.

Olhei para a minha lha de onze anos e nem sequer fui capaz de esboçar um sorriso forçado.

— Olá, Lilia — disse, forçando o meu tom de voz a parecer tão jovial quanto conseguia.

— Olá — respondeu simplesmente.

Os seus olhos azuis pareciam tristes. Perguntei-me se não seria demasiado crescida para trazer um peluche agarrado com força debaixo do braço, mas também não tive tempo nem vontade de o expressar em voz alta. A comissária de bordo puxava uma grande mala que já tinha visto melhores dias e a Lilia carregava uma mochila às costas. Era quase tão grande como ela e temi que pudesse cair para trás com o peso.

Usava umas *leggings* roxas, uma camisola que quase lhe chegava aos joelhos e umas sapatilhas brancas. Para meu grande desgosto, era muitíssimo parecida comigo. A única coisa que tinha da mãe eram os olhos. Tinha os mesmos lábios e as mesmas maçãs do rosto... Era completamente ruiva, exatamente como eu e o meu irmão tínhamos sido em crianças. Quem nos visse, não hesitaria em afirmar que eu era o seu pai. Apesar disso, obrigara-a a ser submetida a três testes de paternidade diferentes.

— Despede-te da senhora comissária — instruí.

A Lilia virou-se para a mulher e esta baixou-se para a abraçar.

— Gostei muito de jogar contigo à força — disse-lhe. — Para a próxima, a ver se me deixas ganhar, nem que seja uma vez!

A Lilia mostrou um sorriso tímido, devolveu-lhe o abraço e a comissária de bordo também sorriu antes de seguir o seu caminho.

— Tens as tuas coisas todas? — perguntei-lhe com algum incómodo.

O Nate devia ter vindo comigo. Ele era o simpático, o risonho, aquele que fazia as pessoas rir, mas o grandessíssimo cabrão tinha-me deixado sozinho.

— Todas as que consegui pôr na mala — respondeu a menina.

— Posso fazer com que enviem o resto pelo correio, se quiseres — propus.

A Lilia abanou a cabeça, recusando.

— Trago tudo o que é importante.

— Muito bem, então, podemos ir embora — declarei.

Peguei na sua mala e pedi-lhe também a mochila, que me entregou sem reclamar. Caminhámos lado a lado até ao sítio onde estava o meu

carro. Ela arregalou os olhos assim que o viu.

— É um *Tesla*? — perguntou.

Fiquei surpreendido por o reconhecer.

— É um modelo S, sim — respondi. — Percebes alguma coisa de carros?

A menina levantou os olhos para mim e abanou a cabeça, negando-o.

— Não. Nada — replicou.

Não consegui deixar de me sentir desiludido. Não fazia a menor ideia do que devia dizer à minha lha de onze anos... Falar sobre carros podia ter aligeirado a hora de caminho de regresso a casa.

Fechei o porta-bagagens e entrámos no carro. Observou cada coisa, analisando tudo. Arranquei e avançámos para a autoestrada.

— Daqui a poucos dias, vais começar as aulas no colégio — a rmei depois de alguns minutos de silêncio incómodo. — O teu avô informou-te daquilo que discuti com ele? — perguntei-lhe.

A Lilia não desviou os olhos da janela quando me respondeu.

— Consequiste o quarto individual? — questionou em voz baixa.

— Sim — respondi. — Tive de fazer um donativo bastante considerável, mas depois acabaram por aceitar.

Virou-se para mim.

— Foi por isso que a minha mãe se apaixonou por ti? Porque tinhas muito dinheiro? — A sua pergunta deixou-me morti cado.

— Lilia... A tua mãe e eu éramos muito jovens quando nos conhecemos...

— O meu avô disse que ela gostava muito de ti, mas que tu a deixaste.

— Como já te disse, éramos muito jovens. Eu estava na faculdade, a tua mãe era uma mulher muito querida, mas só saímos algumas vezes.

— E deixas grávida uma mulher com quem só saíste algumas vezes?

Mantive o olhar xo na estrada antes de responder.

— Foi um acidente.

— Eu fui um acidente? — indagou.

— Não foi isso que quis dizer. Às vezes, nascem crianças de que não se estava à espera. Nós não tentámos ter-te, porque... Bem, éramos jovens e ainda não sabíamos muito bem o que fazíamos.

— Porque é que a minha mãe nunca me falou de ti?

Não fazia a menor ideia.

— Suponho que pensou que eu não estaria à altura. Compreendo, mas enganou-se. Devia ter-mo dito.

— Terias casado com ela se tivesses sabido? — perguntou.

Santo Deus, isto não estaria a acontecer se o Nate estivesse sentado no banco ao meu lado.

— Teria cuidado de ti, Lilia — disse, tando-a por um instante.

Parecia estar muito concentrada nas minhas palavras.

— A minha mãe, quer dizer, toda a gente me chama Lili — declarou.

— Preferes que te trate por Lili?

Não demorou sequer um segundo a responder.

— Não — a rmou, olhando para a frente. — Tu chamas-me Lilia.

A maneira categórica como a rmou aquilo mostrou-me que eu não

fazia parte do seu círculo mais próximo. Não a levei a mal, a nal, não nos conhecíamos.

Quando estávamos quase a chegar a Primrose Hill, voltou a falar. A sua voz soou trémula ao pronunciar cada palavra.

— Se tivesses sabido... — perguntou. Precisamente nesse momento, parei num semáforo vermelho e virei-me para ela, vi que o seu lábio inferior tremia um pouco. — Se tivesses sabido que ela estava doente...

Tê-la-ias ajudado a curar-se? Terias pagado o tratamento?

Senti o meu coração partir-se ao ouvir a sua dor.

— Teria vendido tudo o que possuo para a salvar.

A Lilia limpou as lágrimas com a mão direita e assentiu em silêncio.

Continuei a conduzir até chegarmos a casa. Parei o carro na entrada e apontei lá para fora.

— Vivo aqui — disse.

Baixou-se para conseguir observar a casa toda. Saímos do carro, peguei na sua bagagem e, juntos, transpusemos o portão. Subimos as escadas e abri a porta para a deixar passar.

O meu maior medo acabava de se tornar realidade. Eu, o insensível, eu, o sério, o que odiava crianças, porque não as conseguia perceber, o mesmo que amava a solidão e o silêncio em casa, o mesmo que tinha jurado a si próprio que nunca seria pai...

Reparei na forma como a Lilia entrava em casa e tava tudo o que a rodeava.

— Não passas muito tempo aqui, pois não? — perguntou, virando-se para mim.

Hesitei antes de lhe responder.

— Viajo muito em trabalho.

A Lilia abanou a cabeça e cou em silêncio.

— Quando tu viajares... Eu vou dormir no colégio? — quis saber.

Reparei que estremecia e aproximei-me rapidamente dos botões do termóstato, que estavam junto à porta, para ligar o aquecimento.

Apesar de estarmos em setembro, em Londres, já começava a arrefecer.

— Viverás lá durante o ano e virás a casa nas férias.

Mais uma vez, assentiu em silêncio e pensativa.

— Então, o melhor é não desfazer as malas. O ano letivo vai começar

daqui a poucos dias, não é?

Con rmei-o com um aceno de cabeça e uma pequena parte de mim sentiu-se culpada por a mandar logo para o colégio. Nem sequer a ia deixar passar algum tempo comigo antes disso nem lhe ia dar uns dias para se adaptar à mudança. Porém, era precisamente isso que me assustava mais: passar tempo com ela.

Não lhe faltaria nada. Tinha-o jurado desde que cara a saber da sua existência, mas eu não era um pai.

— Vou pedir à Hannah para te levar ao teu quarto. Ela vai cuidar de ti e fazer-te a comida que lhe pedires — expliquei precisamente quando a empregada apareceu, a limpar as mãos ao avental.

— Senhor Lenox! Menina Lenox! — disse a Hannah com um grande sorriso.

Era ela que tinha toda a alegria daquela casa. Tinha-me criado desde criança e, quando lhe pedi para vir comigo para Primrose Hill, não hesitou.

A Lilia virou-se para ela e escapou-se-lhe um breve sorriso. Eu compreendia-a. A Hannah tinha esse efeito nas pessoas. Era como um desenho animado: com alguns quilos a mais, olhos pequenos e uma expressão risonha. Já tinha mais de cinquenta anos, mas isso não a condicionava quando chegava a hora de fazer o trabalho na perfeição.

— Olá — cumprimentou-a a Lilia.

— Apetece-lhe comer alguma coisa, senhor Lenox?

Vi que a menina ergueu o olhar, como que a chamar a minha atenção.

— De certeza que a Lilia tem fome. Vai com ela para a cozinha e prepara-lhe o que ela quiser. Eu como qualquer coisa no escritório.

A Hannah sorriu, apesar de me olhar de uma forma estranha.

Despedi-me das duas e fui para o escritório. Sentei-me no meu grande cadeirão de couro, atrás da enorme mesa de madeira de teca, e liguei o computador.

No centro do ecrã, apareceu uma noti cação, o que me surpreendeu.

Cada letra tinha um formato e um fundo diferente, imitando os recortes de jornal. Lia-se uma única frase:

E

, L

.

AGRADECIMENTOS

Creio que estes são os agradecimentos mais difíceis que vou escrever.

Não que não tenha muito que agradecer a muita gente, mas porque me emociono quando penso que cheguei a pensar que não voltaria a ser capaz de chegar à última página de outro livro.

Presumo que já todos ouviram falar do famoso «bloqueio do escritor». Nos últimos anos, parece-me que disse estas palavras inúmeras vezes, mas nunca cheguei a compreendê-las tão bem como precisamente antes de começar a escrever este romance. Julguei que tinha batido no fundo e já não seria capaz de criar uma história que vos pudesse agradar ou que pudessem adorar. Se eu não sentia isso enquanto escrevia, como conseguiria fazer com que vocês o sentissem?

Nos últimos meses, pensei muito sobre o que é e não é importante.

Apercebi-me de que a mente pode ser muito perigosa, sobretudo quando vai contra nós mesmos. Descobri que pedir ajuda quando não estamos bem é algo corajoso e que saber dizer que não, às vezes, é o caminho certo para podermos dizer que sim a muitas outras coisas que se seguem.

Tenho muito que aprender, mas, pelo menos, sei que não vou estar sozinha. Aqueles que me leem com entusiasmo são a razão pela qual decidi continuar a fazer o que mais amo. Sempre que houver um leitor por aí à procura de um livro meu, tudo o resto terá valido a pena.

Especialmente quando vocês me dizem por entre lágrimas que os meus livros vos ajudaram tanto ou até que vos salvaram a vida.

Compreendo o poder que as palavras têm e que uma história nos pode ajudar a abstrairmo-nos da nossa própria realidade.

Não sei quanto tempo vai durar este sonho, nem durante quanto tempo poderei continuar a escrever, mas, por agora, venci. Derrotei um gigante que se atravessou no meu caminho e saí mais forte para poder enfrentar outros no futuro, mas não teria sido capaz de o fazer

sem a ajuda e o apoio das pessoas que se seguem.

Agradeço às minhas editoras, Rosa e Ada. Obrigada por me compreenderem quando tive de fazer marcha-atrás, por me apoiarem, acreditando em mim e no meu talento.

Agradeço à Conxita, ao Jose e à Natalia por batalharem e conseguirem mostrar o melhor dos meus livros. Vocês têm sido um apoio incondicional ao longo destes meses e tornaram-se em verdadeiros amigos.

À equipa da Penguin, em geral, por ter feito um trabalho maravilhoso. Continuo a car maravilhada com tudo o que vocês fazem e como trabalham em equipa para obter o melhor de cada livro e de cada autor.

Agradeço ao Joaquín. Não deve ser fácil conviver com uma gémeos como eu que, ainda por cima, escreve histórias tão doidas como a minha personalidade. Amo-te e obrigada por estares lá quando mais precisava de ti.

Agradeço à minha família, que são os meus fãs número um. É genial ver o entusiasmo que mostram com cada um dos meus sucessos, como se fossem vossos, porque, em parte, também o são.

Agradeço às minhas leitoras zero, a minha irmã Belén, a minha prima Bar, a Sandra e a minha bloguista preferida, Belén. Vocês leram-no com um enorme entusiasmo e ajudaram-me para que este livro

chegasse à sua melhor forma. Obrigada!

Agradeço à minha família de Bali: Neri, Germán, Romy, Belén e, claro, ao nosso cãozinho adotado, *Batú*. Vocês inspiraram esta história e tornaram-na real. A vossa essência está em cada uma destas páginas.

E obrigada a ti, leitor. Devo-te o meu mais sincero agradecimento.

Obrigada por continuares aqui, por te maravilhares com cada página, por te meteres numa la, por recomendar os livros, por chorares de entusiasmo e por sentires cada palavra como se fosses o protagonista da história. Não duvides, porque és mesmo!

Document Outline

- FICHA TÉCNICA
- PRÓLOGO
- CAPÍTULO 1
 - ALEX
- CAPÍTULO 2
 - NIKKI
- CAPÍTULO 3
 - ALEX
- CAPÍTULO 4
 - NATE
- CAPÍTULO 5
 - NIKKI
- CAPÍTULO 6
 - MAGGIE
- CAPÍTULO 7
 - ALEX
- CAPÍTULO 8
 - NIKKI
- CAPÍTULO 9
 - NIKKI
- CAPÍTULO 10
 - ALEX
- CAPÍTULO 11
 - NIKKI
- CAPÍTULO 12
 - MAGGIE
- CAPÍTULO 13
 - NIKKI
- CAPÍTULO 14
 - ALEX
- CAPÍTULO 15
 - NIKKI
- CAPÍTULO 16
 - NIKKI
- CAPÍTULO 17
 - ALEX
- CAPÍTULO 18
 - NIKKI
- CAPÍTULO 19
 - ALEX

- CAPÍTULO 20
 - NATE
- CAPÍTULO 21
 - NIKKI
- CAPÍTULO 22
 - ALEX
- CAPÍTULO 23
 - NIKKI
- CAPÍTULO 24
 - ALEX
- CAPÍTULO 25
 - NIKKI
- CAPÍTULO 26
 - ALEX
- CAPÍTULO 27
 - NATE
- CAPÍTULO 28
 - ALEX
- CAPÍTULO 29
 - NIKKI
- CAPÍTULO 30
 - ALEX
- CAPÍTULO 31
 - NIKKI
- CAPÍTULO 32
 - ALEX
- CAPÍTULO 33
 - NIKKI
- EPÍLOGO
 - ALEX
- AGRADECIMENTOS